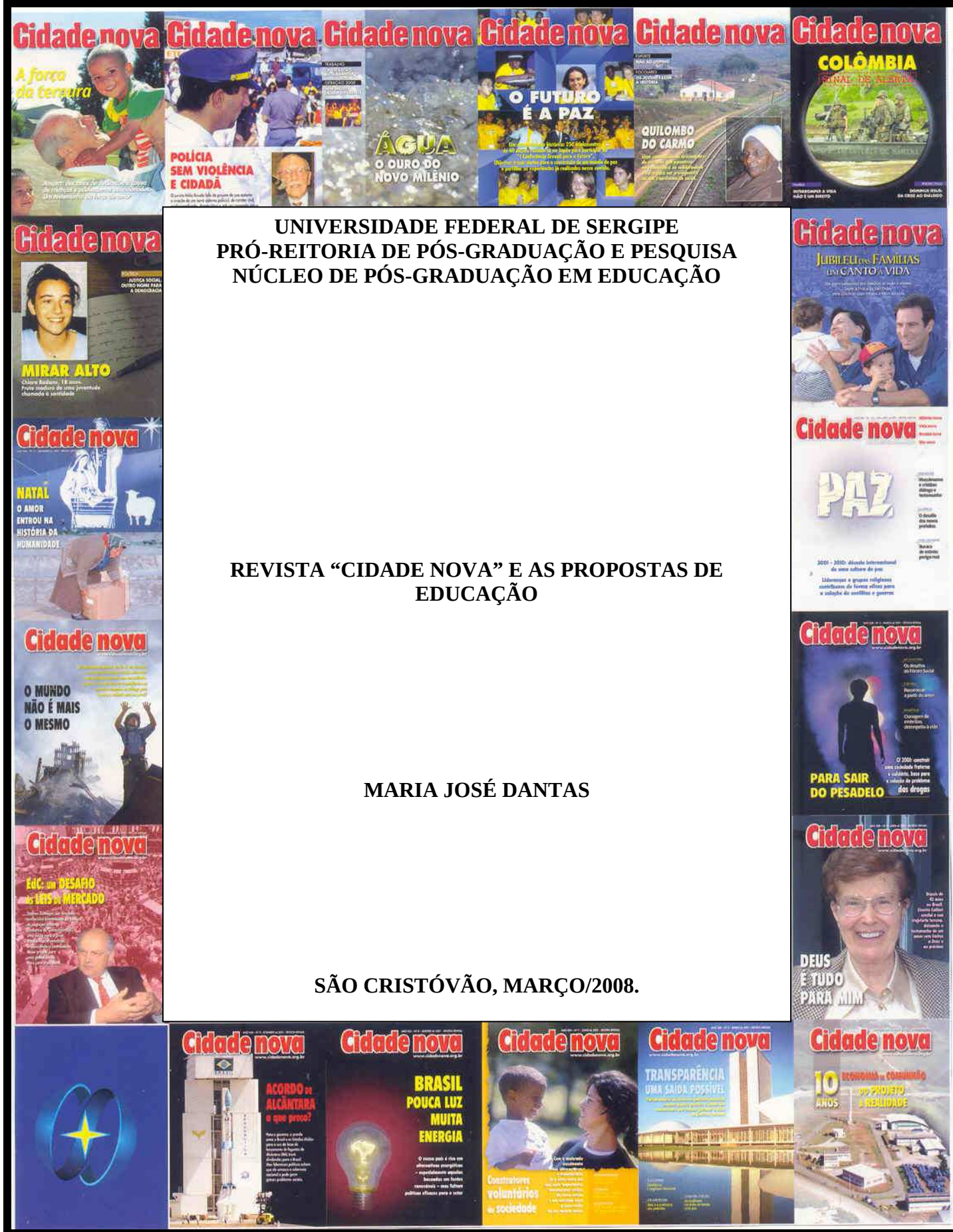




**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

REVISTA “CIDADE NOVA” E AS PROPOSTAS DE EDUCAÇÃO

MARIA JOSÉ DANTAS

Dissertação apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas.

SÃO CRISTÓVÃO, MARÇO/2008.

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

D192r Dantas, Maria José
Revista “Cidade Nova” e as propostas de educação / Maria José Dantas. – São Cristóvão, 2008.
XLIII, 173 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, 2008.

Orientador: Prof^a Dr^a Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas

1. Educação – Historiografia educacional. 2. Impressos – Revista Cidade Nova. 3. História cultural. I. Título.

CDU 37(091):050

Ao Mons. José Carvalho de Sousa, pelo tão importante apoio e incentivo

e

À Professora Dr^a. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, por acreditar em meu projeto e por tudo que representa para mim...

À Memória de:

Pe. José Everaldo Lima Vianna, que fez
desabrochar meu interesse pelos estudos

e

Manoel Domingos Dantas, meu querido pai.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, por Seu infinito amor e por me proporcionar tantas graças em cada dia de minha existência.

À Chiara Lubich, que através de sua consagração a Deus me possibilitou conhecer o Movimento dos Focolares e encontrar a revista “Cidade Nova”.

Ao Mons. Carvalho, para mim um grande pai, pela compreensão, apoio, conselhos e por tudo que proporcionou para que me fosse possível trilhar essa caminhada.

À professora Dr^a. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, minha querida orientadora, um obrigado infinito pela compreensão, paciência, incentivo, ajuda, sugestões e, sobretudo, pela presença constante no dia-a-dia de minha pesquisa.

Ao professor Dr. Jorge Carvalho do Nascimento, por suas sugestões e incentivo, desde o início do trabalho.

Ao professor Dr. Luiz Carlos Barreira, pela atenção, disponibilidade, gentileza e indicações de leitura.

Ao professor Dr. Josenildo Luiz Guerra, pela leitura do texto e sugestões, quanto às questões ligadas ao jornalismo.

À professora Dr^a. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, por suas contribuições no exame de qualificação;

Ao Professor Dr. Antônio Donizetti Sgarbi, pela prontidão em atender às minhas solicitações de envio de sua Dissertação e Tese.

À professora Dr^a. Ana Clara Bortoleto Nery, pelo envio de sua Dissertação e Tese.

Ao professor Dr. Samuel de Souza Neto, pela entrevista e sugestões de leitura.

Ao professor Dr. Miguel André Berger e às professoras. Dr^a. Sônia Meire Santos A. de Jesus e Dr^a. Eva Maria Siqueira Alves, por suas contribuições ao texto, na Disciplina Seminário de Pesquisa.

Aos demais professores do Núcleo de Pós-Graduação em Educação, a Edson, Geovânia, Vera.

Aos colegas de minha turma e a tantos outros com os quais cruzei durante este percurso;

À Evelyn Orlando, companheira fiel, com quem, em muitos momentos, até mesmo nas madrugadas, troquei idéias sobre os Impressos Católicos.

A Andrés Soto Tello, pela prontidão em me auxiliar no trato com a informática.

À Simone Paixão, com quem troquei idéias sobre as questões ligadas à Educação e Igreja Católica.

Aos amigos e amigas, que como em um grande mutirão de anjos, com toda disponibilidade, incentivaram-me e ajudaram-me de uma forma ou de outra, cada um sabe como: Suely, Graziella, Katiane, Walléria, Júnior Macário, Célia, Nivaldo, Karenina, Ceíça, Ilenildo, Ricardo Lima, Márcia Signorelli e família, Elza, Josivan, Sandra, Analu, Clarinha, Ana Paula Dantas, Manoela, Joanita e família, Ana Paula Lima, Fernanda Lima, Suzana, Luciene, Agnaldo, Edna, Elizier, Lena, Nadir, Rita de Cácia, Adilene, Cynara, Rosana, Luciano Teles, Zélia Kimura, Helena Távora, Maria Almeida, Norma, Henrique Magno, Antônio Mota, dentre outros que fazem parte da minha vida, a todos um obrigado infinito.

Ao querido Felipe César Freitas Monteiro, por abrir mão da presença materna nos muitos momentos em que ela precisou me orientar e por todas as vezes que me fez sorrir durante esse processo.

À Simone Salmeron e Edmilson Nascimento, por colocarem sua casa e seus funcionários à minha disposição e por tudo que me proporcionaram durante esse período.

À minha madrinha Maria Helena e ao seu esposo Jailton, pelo carinho e pelas orações constantes.

Ao Dr. Carlos Augusto Alcântara Machado, por disponibilizar sua casa e seu acervo pessoal para minha pesquisa.

A Enzo Morandi (Volo), conselheiro e co-responsável pelo Movimento dos Focolares no Brasil, pela sua disponibilidade em me conceder entrevistas e por colocar, à minha disposição, parte do material histórico.

À Ana Lúcia e Ivanaldo, responsáveis pelo Movimento dos Focolares na região Nordeste, pelo apoio e incentivo.

À Dorinha Luna e Márvia Regina, pela leitura, correção e sugestões quanto às questões ligadas ao Movimento dos Focolares.

À Dejanira e Ângela, responsáveis pelos arquivos do Movimento dos Focolares no Nordeste, que com toda dedicação me auxiliaram na busca de fotos e documentos imprescindíveis para a realização deste trabalho.

À Corinne, Bete, alunos, professores e demais funcionários da Escola Santa Maria em Igarassu-PE;

À Ada Lúcia e a todas que moram no Focolare Astro, em Salvador, pelo material que me forneceram e tudo que fizeram por mim.

À Maria do Carmo Costa de Moraes (Cacá) e seu esposo Leônidas Siqueira, pelo apoio e grande amor. Através deles, agradeço a todos os membros do Movimento dos Focolares em Sergipe e no Brasil, pelas orações e acolhida em todos os lugares por onde passei nestes anos de pesquisa.

À Gicelma e Manoel, meus pais do coração, pela acolhida em sua casa durante o período da pesquisa em Pernambuco.

À Diletta e Luciana Simões, pela colaboração nas traduções em italiano.

A Vladimir Mota e Christine Arndt, pelo empenho e dedicação nas traduções em francês e, particularmente, à Christine, pela rigorosa correção ortográfica.

À professora Tereza de Lisieux, pelo abstract.

À Arquidiocese de Aracaju, pela colaboração e apoio.

À Capes pela bolsa que me possibilitou dedicação exclusiva à pesquisa.

A Ekkehard Andreas Schneider, pela acolhida na Editora “Cidade Nova”, sugestões e prontidão em atender às minhas solicitações.

A José Antonio Faro, diretor de redação da revista “Cidade Nova”, por ter se colocado à disposição, desde os primeiros momentos da pesquisa, pela entrevista concedida e por todo material que forneceu.

À Andréa Vilela, secretária de “Cidade Nova”, grande colaboradora deste trabalho, a quem muito recorri pedindo artigos, informações e que sempre me ajudou.

A Alexandre Araújo, Marcello Benittes, Luiz Eduardo e aos demais funcionários da Editora “Cidade Nova”, pela acolhida, disponibilidade e colaboração constante.

Aos funcionários do Colégio Arquidiocesano, em Aracaju, particularmente àqueles que colaboraram diretamente com este trabalho: Solange Guedes, Marlon Moura, Lílían, D. Zélia, D. Elisa, Cláudia Gomes, Karine Belchior, Bárbara, Lucivânia, Lourdes, Ana Moraes, Evanilde, Míriam, Manuel Moraes, Graciene, Aldinete, Cláudia Regina, Anderson, Débora, Isabel, Cristina Rodrigues, Marcos, Cleanto e Airton Rocha.

Por fim, um obrigado carinhoso à minha “filha do coração”, Carolina Maciel, que me ajudou digitando os fichamentos, e ao meu pequeno Sávio, com quem brinquei nos poucos intervalos da pesquisa. Através deles, agradeço a toda minha família: mãe, irmão, irmãs, sobrinhos, tios, primos e afilhados.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mons. Antônio Fernandes da Silveira.....	27
Figura 2: Chiara Lubich.....	36
Figura 3: Chiara Lubich e família	37
Figura 4: Cópia do primeiro exemplar de <i>Città Nuova</i>	43
Figura 5: Primeiros focolarinos na viagem ao Brasil.....	45
Figura 6: Primeiro focolare masculino do Brasil.....	48
Figura 7: Enzo Morandi.....	50
Figura 8: Conceição Lins e Indaiá.....	53
Figura 9: Inauguração da nova sede de “Cidade Nova”	54
Figura 10: Prédio onde fica a sede da “Cidade Nova”.....	55
Figura 11: Coleção completa da revista “Cidade Nova”.....	56
Figura 12: Exemplar de agosto de 2005 no empacotamento.....	59
Figura 13: Logomarca da revista “Cidade Nova”	62
Figura 14: Capa da revista “Cidade Nova”.....	65
Figura 15: Encontro informal de Chiara Lubich com os Delegados do Movimento dos Focolares.....	69
Figura 16: Mapa do Brasil com os Centros de Difusão do Movimento dos Focolares...71	
Figura 17: Cartaz da Campanha da Fraternidade 1998.....	77
Figura 18: Escola Santa Maria em Igarassu - PE.....	85
Figura 19: Alguns alunos e um professor da Escola Santa Maria.....	85
Figura 20: Seção Educação.....	96
Figura 21: Chiara Lubich em seu escritório.....	110
Figura 22: Página 3 da seção “Diálogo com o leitor”	112
Figura 23: Cartas enviadas, recebidas e arquivadas pela redação.....	113

LISTA DE QUADROS

Quadro I – Artigos sobre Educação e Relações Familiares.....	90
Quadro II – Artigos sobre Escolarização, Disciplinas e Práticas Educativas.....	91
Quadro III – Artigos sobre Sistema Educacional, Legislação, Analfabetismo, Tecnologia e Educação.....	93
Quadro IV – Artigos sobre Educação e valores do Movimento dos Foculares.....	95
Quadro V – Artigos sobre Trabalho Docente.....	97
Quadro VI – Artigos sobre Intelectuais da Educação.....	97
Quadro VII – Artigos sobre Educação na “Seção Família”	101
Quadro VIII - Cartas dos leitores com críticas.....	121
Quadro IX - Cartas da redação em resposta às críticas.....	122

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
PRIMEIRA PARTE – A TRAJETÓRIA DOS IMPRESSOS.....	09
<u>CAPÍTULO 1. OS IMPRESSOS NA HISTÓRIA.....</u>	<u>10</u>
1.1.- A REVISTA.....	10
1.2 - IMPRESSOS CATÓLICOS.....	16
1.3 - DOM LEME: O CENTRO D. VITAL E A REVISTA “A ORDEM”	22
1.4 – CONCÍLIO VATICANO II – DECRETOS E DECLARAÇÕES.....	23
1.5 – IMPRESSOS EM SERGIPE.....	24
1.6 - D. JOSÉ THOMAZ.....	29
<u>CAPÍTULO 2. A REVISTA “CIDADE NOVA”</u>	<u>35</u>
2.1 - O MOVIMENTO DOS FOCOLARES.....	35
2.2 - CHIARA LUBICH.....	35
2.3 - O CONCEITO DE CIDADE.....	39
2.4 – “CIDADE NOVA” NO BRASIL:.....	44
2.5 – OS PIONEIROS.....	46
2.6 - CICLO DE VIDA, MATERIALIDADE E COLABORADORES DA REVISTA “CIDADE NOVA”	55
2.7 - A CULTURA DA FRATERNIDADE.....	66
2.8 – O MOVIMENTO DOS FOCOLARES ATUALMENTE.....	67
SEGUNDA PARTE – AS PRÁTICAS EDUCACIONAIS NA REVISTA “CIDADE NOVA”.....	74
<u>CAPÍTULO 3. A EDUCAÇÃO.....</u>	<u>75</u>
3.1 - A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO RELIGIOSO.....	76
3.2 – A EDUCAÇÃO E O MOVIMENTO DOS FOCOLARES.....	80
3.3 - OS ARTIGOS PUBLICADOS NA REVISTA.....	88
<u>CAPÍTULO 4. AS CARTAS DOS LEITORES.....</u>	<u>107</u>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	135
ANEXOS.....	158

RESUMO

O presente estudo pretende analisar os temas educacionais publicados na revista “Cidade Nova”, no período de 1980 a 2005, através dos artigos e das cartas de seus leitores. Tem como aportes teóricos as categorias de representação, apropriação e materialidade, de Roger Chartier; civilização, de Norbert Elias; campo, de Pierre Bourdieu e carisma, de Max Weber; além da produção local e nacional sobre imprensa periódica educacional e católica. A investigação vincula-se aos pressupostos da Nova História Cultural e da História da Educação e contribui para a compreensão das relações entre práticas educacionais e impressos no período analisado.

Palavras-chave: Impressos; Educação; Historiografia Educacional; Revista “Cidade Nova”; História Cultural.

ABSTRACT

The present study intends to analyze the educational subjects in the “Cidade Nova” magazine, within the period of 1980 through 2005, based on articles and letters of the readers. It has as theoretical support the categories of representation, appropriation and materiality, of Roger Chartier; civilization, of Norbert Elias; field, of Pierre Bourdieu and charism, of Max Weber; beyond the local and national production on educational and catholic periodic press. The investigation is associated to estimated matters on the New Cultural History and the History of the Education and contributes for the understanding of the linkings between educational practices and printed matters in the analyzed period.

Keywords: Printed matters; Education; Educational Historiography; Magazine “Cidade Nova”, Cultural History.

INTRODUÇÃO

O aparecimento da imprensa, no século XV, desencadeou o surgimento de novas possibilidades de comunicação entre os homens. Gutenberg idealizou a tipografia móvel. Porém, a técnica foi se aperfeiçoando cada vez mais e os impressos ganharam formas diversificadas: livros, jornais, revistas e uma infinidade de publicações.

A revista é um veículo de grande circulação em nossa sociedade. Nos diferentes lugares por onde passamos, encontramos exemplares em suas várias categorias: pedagógicas, científicas, infantis, de variedades, entre outras. Existe uma relação de proximidade entre o leitor e esse tipo de publicação, o que tornou fato corriqueiro ver alguém andando, naturalmente, com algum dos seus impressos favoritos debaixo do braço.

Atualmente, vários estudiosos têm se voltado para a análise das contribuições de determinados jornais e revistas para a sociedade. A Nova História Cultural vem possibilitando ao pesquisador dessa área um aporte teórico para as pesquisas em História da Educação, bem como para o estudo dos impressos. Isso tem levado muitos historiadores a enveredar por este caminho, em busca de ampliar as fontes tradicionais de pesquisa. Segundo Galvão e Lopes,

A “revolução” provocada no campo da História, sobretudo pela Escola dos *Annales* e, posteriormente, pelo que se convencionou denominar de Nova História, que buscou alargar os objetos, as fontes e as abordagens utilizados tradicionalmente na pesquisa historiográfica, aos poucos influenciou os historiadores da educação... Passa-se cada vez mais a valorizar os sujeitos “esquecidos” da História, como as crianças, as mulheres e as camadas populares. Sentimentos, emoções e mentalidades também passam a fazer parte da História e fontes até então consideradas pouco confiáveis e científicas também passam a constituir indícios para a reconstrução de um passado. (GALVÃO; LOPES, 2001, p.39).

É nesse sentido que se delinea esta investigação, na busca, através da análise da coleção de uma revista – uma série documental - a verificação de práticas, conceitos educacionais, inovações metodológicas, entre outros.

Grande parte das revistas que conhecemos hoje foi lançada após a década de 50, do século XX. Uma delas é a revista “Cidade Nova”, publicação mensal, vinculada ao

Movimento dos Focolares¹. Esse impresso aborda vários assuntos das diferentes áreas do conhecimento, com destaque para a educação, e apresenta como objetivo a pretensão de contribuir na formação de “homens novos”². Por isso, contempla, em suas edições, artigos para a formação espiritual, bem como artigos relacionados à cultura, à economia, ao esporte, à política e à educação.

Neste trabalho, pretendemos investigar a produção e circulação da revista “Cidade Nova”, de 1980 a 2005, no tocante às questões educacionais. Para isso, foi realizado um levantamento dos artigos publicados sobre educação, analisando seu conteúdo, historicidade, dimensão social, mudanças de percepção, envolvimento com a realidade educacional brasileira, e outros aspectos.

O marco inicial da análise se justifica pelo fato de que foi a partir de 1980 que começaram a ser publicados artigos voltados para aspectos da educação nacional, visto que as publicações anteriores, em sua maioria, eram tradução de *Città Nuova*³. Em 1982, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) indicou como tema da Campanha da Fraternidade⁴: “Educação e Fraternidade” e a revista publicou um artigo sobre a importância dessa Campanha. O marco final, por sua vez, deve-se ao seguinte fato: em maio de 2005, a CNBB concedeu, à revista “Cidade Nova”, a Menção Especial do prêmio Dom Hélder Câmara de Imprensa, justificada não apenas pelos artigos publicados, mas pelo conjunto da obra e pela linha editorial.

Assim, esta análise se configura, com o olhar desde as primeiras publicações da revista com relação aos textos da CNBB que enfatizam a educação, até o reconhecimento da própria Conferência dos Bispos quanto ao impresso.

Para viabilizar essa abordagem, fez-se necessário, em alguns momentos, uma ampliação do marco temporal da análise, no sentido de possibilitar a compreensão das relações entre impressos, educação e Igreja Católica, no Brasil e em Sergipe, como também a compreensão dos aspectos históricos da revista “Cidade Nova”.

¹ Um movimento de espiritualidade nascido no âmbito católico, mas de abertura ecumênica e de diálogo inter-religioso e intercultural. Está difundido em 186 países dos cinco continentes. Focolares vem do nome oficial em italiano *focolari*, que significa lareira, calor, fogo no lar.

² Expressão usada inicialmente por São Paulo, em suas cartas, para designar a profunda renovação que o Evangelho, pela ação do Espírito Santo, provoca no ser humano (LUBICH, 1993, p.186).

³ Revista do Movimento dos Focolares publicada na Itália.

⁴ É uma atividade ampla, de evangelização, desenvolvida pela Igreja Católica, através da CNBB, no período da quaresma, para ajudar os cristãos e as pessoas de boa vontade a viverem a fraternidade em compromissos concretos, no processo de transformação da sociedade, a partir de um problema específico, que exige a participação de todos na sua solução. (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs -CONIC, 2000, p. 17).

O estudo das práticas educativas, através dos impressos católicos, é significativo para a área de História da Educação. Com relação a este trabalho, especificamente, a relevância se justifica, dentre outros aspectos, pelo fato de que não existia, anteriormente, nenhuma pesquisa sobre os conteúdos educacionais apresentados pela revista “Cidade Nova”; como também, por conta da inexistência em Sergipe, de um estudo voltado para a análise de uma revista católica, que apresenta propostas pedagógicas. Dá-se em razão disso, o valor desta pesquisa, para a História dos impressos neste Estado, bem como para a própria imprensa católica no Brasil e, certamente, também, para o campo da educação⁵.

A pesquisa tem como objetivos investigar as propostas educativas, presentes na revista “Cidade Nova” e veiculadas através de artigos e cartas dos leitores, no período de 1980 a 2005, verificando sua postura editorial, em quais pressupostos se baseia, que critérios utiliza e o interesse pela educação.

A investigação consiste, ainda, em estudar os objetivos desta revista de variedades, não especializada na área da educação, bem como em tentar entender o carisma⁶ que a fundamenta, visto que a revista “Cidade Nova” teve sua origem no âmbito católico e tem um forte vínculo pedagógico porque Chiara Lubich⁷, a fundadora do Movimento dos Focolares, do qual esse impresso é uma expressão, é uma professora e, ao longo da história do Movimento, tem se preocupado com as questões relacionadas

⁵ Neste estudo, compreende-se o conceito de campo a partir de Bourdieu. Segundo este autor, campo “é um espaço estruturado de posições cujas propriedades dependem das posições neste espaço [...] para que ele funcione é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo [...] que conheçam e reconheçam as leis imanentes do jogo e dos objetos de disputa [...]. A estrutura de campo é um estado de relações de forças entre os agentes e as instituições engajadas na luta [...] tudo aquilo que constitui o próprio campo, o jogo e os objetos de disputas, todos os pressupostos que são tacitamente aceitos”. (BOURDIEU, 1980, p.89-91).

⁶ Max Weber apresenta um conceito de carisma que significa “‘dom da graça’, usado para caracterizar o líder auto-indicado, seguido pelos que estão em desgraça e seguem-no por acreditarem ser ele extraordinariamente dotado”. (WEBER, 2002, p. 37). Segundo Weber, os fundadores das religiões mundiais, profetas, heróis militares e políticos são exemplos de líderes carismáticos. Para Bourdieu, o nome carisma deve ser reservado para “designar as propriedades simbólicas (em primeiro lugar, a eficácia simbólica) que se agregam aos agentes religiosos na medida em que aderem à ideologia do carisma, isto é, o poder simbólico que lhes confere o fato de acreditarem em seu próprio poder simbólico”. (BOURDIEU, 2005 p. 55). Já Chiara Lubich enfatiza que “Deus não esquece os seus filhos e através da história da humanidade procura levar uma palavra Sua, através de um filho fiel que a encarne na Igreja e na humanidade”. (LUBICH, 1988, p. 26). Isso pode ser exemplificado através de: São Francisco de Assis, cuja palavra de ordem era “pobreza”; Inácio de Loyola, que baseou a vida de sua Ordem religiosa na “obediência”; Tereza D’Ávila, que enfatizou a “Oração”; e, no século XX, Chiara Lubich, que através do Movimento dos Focolares tem como meta a “unidade”.

⁷ Maiores informações sobre Chiara Lubich na p. 35 desse estudo ou consultar, dentre outras fontes: DANTAS, Maria José. “Chiara Lubich e a Cultura da Fraternidade.” In: **Anais I Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais: Desafios históricos e saberes interdisciplinares**. 4 a 6 de setembro de 2007. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba. (Trabalho completo).

à educação, tanto na formação dos membros dos focolares, como na difusão de seus ideais através das práticas educativas.

Esta análise parte da seguinte hipótese: a revista serviu como meio para divulgar o Movimento dos Focolares e, conseqüentemente, difundir os valores educativos enfatizados pelo mesmo.

A relação do tema deste trabalho com a linha “História, Sociedade e Educação” do Núcleo de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Sergipe – UFS, vincula-se à perspectiva de compreender o processo de apropriação e divulgação de artigos sobre educação em um periódico de circulação nacional, tendo seus pressupostos teóricos embasados na História da Educação e na História Cultural.

O significado de História, nesta pesquisa, remete ao sentido, empreendido por Le Goff (2003), de “procurar saber”, “informar-se”, e nesta busca pela informação, nessa procura, os documentos escritos são importantes fontes a serem estudadas.

Nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. Todo documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado. O historiador não deve ser apenas capaz de discernir o que é “falso”, avaliar a credibilidade do documento, mas também saber desmistificá-lo. Os documentos só passam a ser fontes históricas depois de estar sujeitos a tratamentos destinados a transformar sua função de mentira em confissão de verdade (LE GOFF, 2003, p.110).

Existe uma ampliação da noção de documento. O próprio Le Goff diz que “a palavra documento pode ser tomada no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, imagem, ou de qualquer outra maneira” (2003, p.531). Nesse sentido, pode-se entender os impressos como documentos, visto que no caso específico das revistas são documentos escritos e, geralmente, apresentam imagens. Ainda segundo Le Goff, “só a análise de um documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa” (2003, p.536).

Para Vilela, a relevância de estudos feitos a partir do conteúdo de revistas educacionais extrapola os limites de interesse da História da Educação. Os historiadores da família, os da Igreja, do trabalho; enfim, qualquer pesquisador interessado na História da Cultura, pode se beneficiar dessas informações (2000, p. 7).

O interesse com relação ao estudo dos impressos surgiu quando cursávamos a disciplina Política e Educação, do Núcleo de Pós-Graduação em Educação - UFS, à qual possibilitou o conhecimento de dados sobre a História da Imprensa e dos Impressos e

fez aflorar o desejo de aprofundar estes temas. Manuseando várias edições da revista “Cidade Nova”, brotou a curiosidade em verificar o interesse do periódico com relação à educação, e assim, delineou-se essa investigação.

Os aportes teóricos da pesquisa se fundamentam nos conceitos de representação, apropriação e materialidade de Roger Chartier. Para este pesquisador, “a apropriação tal como a entendemos visa a uma história social dos usos e das interpretações, relacionada às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem” (2002, p.68). Desta forma, o processo de apropriação nada mais é do que a maneira como cada leitor se apropria da leitura de um impresso, projetando nela as suas idéias e a sua interpretação. Com relação à representação, para Chartier “é a exibição de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa” (2002, p.74). Quando o leitor se apropria de alguma informação veiculada em um impresso, ele constrói uma representação daquela realidade, formula uma imagem para si mesmo ou para outros. É através do processo de apropriação que o leitor constrói as representações.

Quanto à materialidade, para Chartier, são os suportes e veículos dos textos. Segundo esse pesquisador, “deve-se lembrar que as formas que os dão a ler, a ouvir, ou a ver participam elas também da construção de sua significação.” (2002, p. 256), ou seja, a compreensão de um texto depende das formas pelas quais ele chega ao leitor. Por isso, para Chartier, ao se estudar um impresso deve-se estar atento às particularidades de seus suportes.

O conceito de civilização de Norbert Elias, contribui para este estudo na medida em que,

Refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às leis religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma civilizada ou incivilizada (ELIAS, 1990, p.23).

Apresentando esse conceito de civilização, o sociólogo se remete ao processo vivido pelo indivíduo em uma sociedade, para ser moldado dentro do conjunto de costumes e valores, que se apresentam de forma muito peculiar. Assim sendo, as leis ligadas à religiosidade, bem como todas as nossas ações, são permeadas de conteúdos civilizatórios.

O estudo visa contribuir com a sociedade e com a educação no sentido de possibilitar o conhecimento de um periódico que tem, como meta, aumentar a socialização entre os homens, bem como procura verificar a contribuição desse impresso no campo da educação brasileira. Este trabalho analisa uma revista que surgiu na Europa, com uma conotação católica, mas que com o passar do tempo adquiriu uma abertura para os diversos campos do conhecimento. Ela circula no Brasil desde 1958 e, no Estado de Sergipe, desde 1970. Diversas pessoas deste Estado colaboram com o impresso enviando cartas e, até mesmo, artigos. Por várias vezes, Sergipe já foi tema de notícia em “Cidade Nova” que, atualmente, tem como redator um sergipano.

Através da leitura, fichamento e análise dos artigos e cartas publicados na revista, procuramos identificar aspectos inovadores apresentados pelo impresso, tendo em vista a perspectiva educacional. Um outro ponto a ser observado é a questão da materialidade do periódico, bem como seu ciclo de vida. Através do estudo e observação das revistas foi possível verificar o seu processo de evolução material ao longo do tempo, desde as folhas mimeografadas até o moderno papel *couchê* usado atualmente.

A análise do “ciclo de vida” de “Cidade Nova”, no referido marco temporal, busca acompanhar a evolução do periódico diante do contexto histórico, religioso e educacional do Brasil, como também com relação às demais transformações sociais, abordando a postura do impresso frente aos fatos.

Para o estudo dos artigos sobre educação, construímos quadros para análise temática. Nestes quadros, constam número da edição, seção, nome do autor, título do artigo e uma pequena síntese. Para esta análise foram utilizadas 57 revistas com artigos publicados sobre educação.

Nas revistas, também verificamos as cartas dos leitores, a fim de observar os processos de representação e apropriação de quem a lê, com relação aos temas educacionais veiculados pela publicação. Para esta análise foram utilizadas 88 cartas de leitores. A justificativa para o exame das cartas se dá pelo fato de que desde as primeiras publicações deste impresso a presença do leitor, através de correspondências, sempre foi constante.

A pesquisa documental foi realizada nos seguintes acervos: Arquivo e revistoteca da Editora “Cidade Nova”, localizado no Município de Vargem Grande Paulista - SP; na Escola Santa Maria em Igarassu – PE; nos arquivos do “Centro Regional” do Movimento dos Focolares em Igarassu – PE; na Biblioteca do Colégio

Arquidiocesano, em Aracaju – SE; no Seminário Maior N. Sr^a. da Conceição, em Aracaju – SE; no Acervo do Programa de Documentação e Pesquisa Histórica – PDPH - Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe; no Acervo do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – NPGED-UFS; no Acervo pessoal do Mons. José Carvalho de Sousa, em Aracaju – SE; no Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Sergipe – IHGS; em arquivos particulares de assinantes do periódico e em fontes eletrônicas listadas nas referências bibliográficas.

Entrevistamos seis autores de artigos sobre educação, com a intenção de elaborar os perfis daqueles que escrevem para o periódico (anexo 1). Como também, foi entrevistado o diretor da editora (anexo 2), o diretor de redação (anexo 3), demais profissionais e colaboradores engajados com o tema proposto (anexos 4 e 5)⁸.

De acordo com isso, para melhor compreensão de todas essas abordagens, a Dissertação está dividida em duas partes: a preliminar, enfatiza o contexto histórico dos impressos e da revista “Cidade Nova”. A segunda parte trata do tema central, a leitura e análise dos artigos e das cartas publicados no periódico.

A primeira parte foi dividida em dois capítulos. O primeiro discorre sobre a trajetória dos impressos na História, fazendo uma contextualização do itinerário das publicações católicas, do surgimento da imprensa em Sergipe, bem como da circulação dos principais jornais e revistas ligados ao catolicismo.

Dentro dessa análise histórica, o segundo capítulo é dedicado ao estudo do “ciclo de vida” e materialidade da revista “Cidade Nova”, enfatizando o seu surgimento, a vinculação ao Movimento dos Focolares, os preceitos religiosos, alguns traços biográficos sobre Chiara Lubich, a chegada do impresso ao Brasil, sua divulgação, os pioneiros, alguns colaboradores e a sede editorial.

A segunda parte também está dividida em dois capítulos. O capítulo terceiro volta-se para as práticas educacionais na revista “Cidade Nova”. A proposta foi investigar o aspecto educativo, situando a educação no contexto religioso, através dos documentos pontifícios, dos textos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e na perspectiva cristã, enfatizada pelo Movimento dos Focolares. O foco, neste capítulo, é a análise dos artigos publicados na revista sobre educação.

⁸ Para maior clareza e visibilidade do texto, algumas partes do material de estudo selecionado e dos documentos que subsidiaram a pesquisa poderão ser encontradas nos anexos.

O quarto capítulo é dedicado às cartas dos leitores. Diante das inúmeras correspondências que a revista recebe desde o seu surgimento, procuramos, de acordo com o marco temporal de análise, aquelas que abordam os artigos sobre educação, as que tecem comentários sobre a revista, as que tratam sobre a utilização do impresso na prática educacional de estudantes e professores e, ainda, aquelas que tecem críticas à revista, para assim tentar verificar como se configura esse diálogo do impresso com o leitor e qual a representação e apropriação dos leitores com relação à revista.

As considerações finais apontam na direção de que os periódicos são importantes ferramentas pedagógicas e, também, que os impressos católicos, em Sergipe, desempenham um papel significativo na História da Educação.

Esperamos que este trabalho sirva como instrumento útil a todos aqueles que desejam conhecer mais sobre a trajetória dos impressos católicos no Brasil, e em Sergipe, sua contribuição para a História da Educação, bem como sobre as propostas de educação publicadas na revista “Cidade Nova”.

PRIMEIRA PARTE

A TRAJETÓRIA DOS IMPRESSOS

CAPITULO 1

OS IMPRESSOS NA HISTÓRIA

Entendemos por impressos todos os livros, as revistas, os jornais, os folhetos, os catecismos, os manuais de devoção, as encíclicas e demais objetos advindos da tipografia. Nesta investigação, traçaremos um panorama geral dessas publicações; porém, vale ressaltar, que o impresso “revista” será priorizado.

1.1 – A REVISTA

Em nossa sociedade, pelo menos uma parcela da população tem o hábito de ler o jornal, diariamente, ou uma revista semanal, para manter-se informada. É comum também a visão de mãos que folheiam revistas em uma banca, em um consultório médico ou até mesmo em casa, visto que muitos desses impressos trazem assuntos que interessam aos seus leitores.

A primeira revista que se tem notícias, segundo Scalzo (2004), apareceu em 1663, na Alemanha, e chamava-se *Erbauliche Monaths Unterredungen* (ou *Edificantes Discussões Mensais*). Tinha aspecto de livro e só foi considerada revista porque trazia vários artigos sobre o mesmo assunto – Teologia – e era voltada para um público específico.

O modelo de revista parecido com o que existe hoje, surgiu quase um século depois, na Inglaterra, e se chamava *The Gentleman's Magazine*. Para Scalzo (2004), a revista era inspirada nos grandes Magazines – lojas que vendiam um pouco de tudo – e reunia vários assuntos, apresentando-os de forma leve e agradável. Foi a partir daí que o termo Magazine começou a ser utilizado para designar revistas.

No que diz respeito à realidade brasileira, elas chegaram no começo do século XIX junto com a Corte Portuguesa. O primeiro título foi “As Variedades” ou “Ensaio de Literatura”. Este passou a ser editado, em 1812, em Salvador, na Bahia. Esse impresso:

[...] propõe-se publicar discursos sobre costumes e virtudes morais e sociais, algumas novelas de escolhido gosto e moral, extratos de história antiga e moderna, nacional ou estrangeira, resumos de viagens, pedaços de autores clássicos portugueses - quer em prosa, quer em verso - cuja leitura tenda a formar gosto e pureza na linguagem, algumas anedotas e artigos que tenham relação com os estudos científicos propriamente ditos e que possam habilitar os leitores a fazer-lhes sentir a importância das novas descobertas filosóficas [...] (SCALZO, 2004 p. 27).

A segunda revista publicada no Brasil foi “O Patriota”, em 1813, no Rio de Janeiro. A “Revista da Semana”, de Álvaro Teffé, segundo Luca (2006), foi publicada também no Rio de Janeiro, no início do século XX, e é unanimemente apontada como marco do surto das revistas ilustradas ou de variedades⁹.

A pesquisadora Ana Luiza Martins (2001) conceituou esse gênero de impresso, através do livro, que foi resultado de sua tese de doutorado, intitulado “Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempo de República, São Paulo (1890-1922)”. Ela mapeou o processo de difusão das revistas, além de ter apresentado a diversidade de publicações que circularam pela cidade de São Paulo, na última década do século XIX e nas primeiras do século XX.

As revistas nasceram, por um lado, sob o signo da mais pura diversão – quando traziam gravuras e fotos que serviam para distrair seus leitores e transportá-los a lugares aonde jamais iriam, por exemplo. Por outro, ajudaram na formação e na educação de grandes fatias da população que necessitavam de informações específicas, mas que não queriam – ou não podiam – dedicar-se aos livros (SCALZO, 2004 p. 13).

No que diz respeito às revistas pedagógicas, segundo Martins (2001), elas tiveram ênfase após a Proclamação da República. No entanto, essa produção coube à iniciativa de associações interessadas em promover e levar avante a criação de revistas da área, respondendo praticamente pela produção editorial a ela pertinente, na maioria das vezes sem o apoio do Estado.

Em sua análise, Martins (2001) investigou também as publicações religiosas. Ela destacou tanto as revistas católicas, como as evangélicas, que circularam no Brasil no final do século XIX e início do século XX. Quanto às revistas católicas, nos primeiros

⁹ A locução adjetiva “de variedades” é aplicada para dar conta de uma gama extremamente diversa de situações. No entanto, ainda que grande parte das revistas se autodenominasse “de variedades”, segundo Luca (2006), é possível distinguir entre as publicações, que circularam nas primeiras décadas do século XX, a intenção de atingir públicos diversificados. Eram revistas de variedades, mas ao mesmo tempo femininas, masculinas, infantis, esportivas, pedagógicas e educacionais, humorísticas, religiosas, entre outras (LUCA, 2006, p. 122).

anos da República, segundo a pesquisadora, embora sem inscrever-se na rubrica de publicação religiosa, as revistas constituem-se em porta-vozes da Igreja, indiretamente subordinadas a seus valores e princípios, voltadas à sua divulgação e propagação.

O periodismo católico era favorecido pelo fato da Igreja possuir gráficas próprias. Assim, na virada do século XIX para o século XX, segundo Martins (2001), independente das publicações terem trazido a marca do pensamento católico, surgiu uma imprensa de fins explicitamente religiosos. Revistas como “O Estandarte Católico”, “O Farol”, “A Crença”, dentre outros, circulavam muitas vezes distribuídas gratuitamente. No entanto, o marco do periodismo católico no Brasil foi a revista “A Ordem”, criada em 1921, por Jackson de Figueiredo.

Atualmente, diante do relevante avanço e proliferação dos impressos na sociedade, podemos perguntar: Qual o atrativo e interesse que estas folhas de papel coloridas, e por vezes em preto e branco, desencadeiam?

Segundo Martins:

Ao longo do século XIX, a revista tornou-se moda e, sobretudo, ditou moda. Sem dúvida, essa tendência tinha uma explicação, referendada na Europa pela conjuntura propícia, definida pelo avanço técnico das gráficas, aumento da população leitora e alto custo do livro; favoreceu-a definitivamente, o mérito de condensar, numa só publicação, uma gama diferenciada de informações, sinalizadoras de tantas inovações propostas pelos novos tempos. Intermediando o jornal e o livro, as revistas prestaram-se a ampliar o público leitor, aproximando o consumidor do noticiário ligeiro e seriado, diversificando-lhe a informação. E mais – seu custo baixo, configuração leve, de poucas folhas, leitura entremeada de imagens, distinguia-a do livro, objeto sacralizado, de aquisição dispendiosa e ao alcance de poucos (MARTINS, 2001, p.40).

A autora sugere algumas pistas para responder à pergunta feita anteriormente. Certamente, o colorido atrai e o pequeno volume de páginas também; juntando-se a isso, a possibilidade de estar informado sobre atualidades. E ainda, essa pesquisadora cita um estudo de Clara Rocha, no qual esta afirma que revista “é uma publicação que, como o nome sugere, ‘passa em revista’ diversos assuntos o que [...] permite um tipo de leitura fragmentada, não contínua e por vezes seletiva” (MARTINS, 2001, p.45).

Mas, certamente existe algo mais que faz com que determinados periódicos encantem. No caso específico da revista, entendemos também que ela tem um papel complementar na educação, pois pode manter um relacionamento próximo entre a ciência e a cultura e ainda tornar-se um veículo atraente para o leitor.

Com o passar do tempo, as revistas sofreram transformações. O advento da tecnologia e o aperfeiçoamento das artes gráficas possibilitaram melhores informações e lucros, respondendo às demandas do mercado e ao gosto dos leitores.

Levando em conta a grande contribuição que estas publicações dão ao campo educacional, muitos historiadores, além de Martins (2001), têm se voltado para o estudo dos impressos de modo particular, para analisar determinado tipo de publicação. Tânia Regina de Luca (2006), através do artigo “História dos, nos e por meio dos periódicos”, apresenta um trabalho que trata da importância da escrita da História, tendo a imprensa como objeto de estudo. Parte do texto é dedicada à revista, à qual ela destaca os estudos que têm sido realizados por diferentes pesquisadores sobre aspectos diversificados dessa publicação. Maria Celeste Mira (2001), através do livro “O leitor e a banca de jornal”, traz um histórico da trajetória do impresso revista, no país. Ela analisa os modelos de revista mais importantes, no Brasil, construindo um diálogo com as publicações estrangeiras.

No caso específico da imprensa periódica educacional, podemos citar pesquisadores como: Denice Barbara Catani (2003), que fez um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo; também Denice Barbara Catani, juntamente com Maria Helena Câmara Bastos (2002), que organizaram o livro “Educação em Revista”, visando divulgar pesquisas de estudiosos da História da Educação, no Brasil e no exterior; Marize Carvalho Vilela (2000) que apresentou a revista “Educação”, órgão oficial da Diretoria Geral da Instrução Pública de São Paulo, editada de forma mais ou menos regular, de 1927 a 1961. Marize trouxe contribuições sobre a abordagem de revistas em sentido geral. Essas pesquisadoras têm privilegiado o periodismo educacional como fonte.

Jorge Carvalho do Nascimento (2001) escreveu sobre a imprensa de educação e ensino no Brasil. No artigo intitulado “Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX: a biblioteca do povo e das escolas”, ele fez uma abordagem sobre a História da Educação Brasileira através dos impressos.

Luiz Carlos Barreira (2001) escreveu um trabalho sobre “Escola, periodismo e vida urbana: educação popular e imprensa operária em São Paulo”; Samuel de Souza Neto (s/d), fez um estudo sobre a revista “Educação Physica”; Ana Clara B. Nery (1993), defendeu uma dissertação de mestrado sobre a “Revista Escolar”, um impresso que circulou em São Paulo no início do século XX. A tese de doutorado dessa autora (1999) é uma análise sobre aspectos da estruturação do campo educacional paulista a

partir dos principais conflitos, nos quais se envolveram membros da Sociedade de Educação e integrantes do magistério de São Paulo, entre 1922 e 1931. Para isso, a autora utiliza quatro periódicos educacionais publicados no período.

A dissertação de mestrado (1997) e a tese de doutorado (2001), de Antonio Donizetti Sgarbi, aproximam-se bastante da investigação que ora se realiza. Na dissertação, ele trata das questões ligadas à Igreja Católica e a Educação, divulgadas pela Revista Brasileira de Pedagogia. Sgarbi (1997) debruçou-se sobre uma revista católica, que circulou em meados da década de 30 do século passado, chegando à conclusão que existiu no Brasil, nas décadas de 20 e 30, um escolanovismo católico. A Confederação Católica Brasileira de Educação e o seu órgão de divulgação, a “Revista Brasileira de Pedagogia”, são os principais focos de interesse da pesquisa desse autor. Na tese de doutorado, Sgarbi (2001) analisa duas revistas católicas, produzidas entre 1929 e 1938, por duas instituições: o Centro D. Vital e a Confederação Católica Brasileira de Educação. Em sua análise, ele apresenta a trajetória da Igreja Católica em relação aos impressos, já desde o século XV. Para ele, as publicações católicas funcionavam como estratégias¹⁰ da Igreja para construir uma civilização cristã e conformar o campo pedagógico através do impresso.

Percebemos que alguns historiadores elegem determinado periódico para o estudo de sua historicidade, enquanto outros analisam aspectos específicos ligados à educação, à Igreja¹¹ ou a determinadas áreas do conhecimento. Esses estudos possibilitam a compreensão de que:

Tal modalidade de fonte tem contribuído para ampliar a pesquisa histórico-educacional, dando-lhe contornos e vitalidade há pouco não observados. Há que se ressaltar ainda a potencialidade que tal modalidade de fonte revela para os estudos histórico-educacionais de caráter regional e local (SCHELBAUER; ARAÚJO, 2007, p. 5).

Constatamos que revistas e jornais, particularmente as revistas pedagógicas, têm sido enfocados por muitos pesquisadores. Analete Regina Schelbauer e José Carlos

¹⁰ Certeau chama de estratégia “o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ambiente. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta”(CERTEAU, 1994, p. 46).

¹¹ Sobre a perspectiva de estudar a Igreja Católica e suas práticas culturais, Marlúcia Menezes de Paiva (2006) organizou um livro no qual são apresentados estudos de vários autores. Essa coletânea focaliza diversos aspectos, dentre eles: a descontinuidade de posturas assumidas universalmente pela Igreja na construção do *ethos* cristão. Outros trabalhos analisam o papel modernizador da Igreja, com as Missões Rurais, Escolas radiofônicas e o Sindicalismo Rural. Dentre os textos que enfatizam a postura moralista assumida em alguns centros de educação de menores e de sacerdotes, destaca-se um estudo sobre o Seminário Sagrado Coração de Jesus em Aracaju-SE.

Araújo (2007) organizaram uma coletânea composta por trabalhos de vários autores que enfatizam pesquisas advindas da imprensa de cunho pedagógico, e também de investigações em outros impressos que não expressam teor educacional.

Com relação à revista “Cidade Nova”, também foram localizados no decorrer deste trabalho, alguns estudos já realizados. Contudo, enfatizando temáticas diferentes daquela que foi investigada nesta pesquisa. Emanuela Silva Ribeiro (2003), fazendo um estudo sobre a revista “Cidade Nova”, abordou a maneira como esse impresso trata a questão política; José Antônio Faro (2002) tem uma pesquisa sobre “A Fraternidade na proposta da revista ‘Cidade Nova’ e na percepção dos leitores”; Cláudio Sampaio Barbosa (2005) escreveu sua dissertação de Mestrado, sobre “A Intertextualidade e o Dialogismo que ocorre entre a revista ‘Cidade Nova’ e o Movimento dos Focolares”; Bruna Vieira Guimarães (2006) produziu um trabalho sobre o “O Movimento social ‘focolarino’ e as matérias de capa da revista ‘Cidade Nova’”.

Todos esses trabalhos são importantes formas de divulgação da cultura brasileira, bem como de construção do conhecimento. Vale ressaltar ainda que eles oferecem contribuições significativas para a História da Educação e, que, pesquisadores dessa área continuam incentivando a busca por essas fontes:

Eleger periódicos como objeto de estudo permite que o historiador amplie suas fontes tradicionais e, assim, tenha acesso aos dispositivos discursivos que configuram determinados campos do saber. [...] No que diz respeito aos estudos sobre História da Educação Brasileira, esse tipo de documentação permite que se ultrapasse a mera história das idéias pedagógicas. Ao relacionar o texto e o uso a que foi submetido, o pesquisador consegue fazer o que Chartier (1987) designa por ‘captar a história de determinado impresso’ e assim, perceber os conflitos, maiores ou menores que ocasionou desde sua produção até sua circulação e sua apropriação pelos leitores (BARREIRA, 2004, p.402).

Com relação à contribuição no processo educativo, segundo análise de Souza (2003), os impressos que circularam na Primeira República “foram importantes como veículo de divulgação dos textos sobre educação, pois eles são responsáveis pela publicação de 90% destes textos, sendo que 77% foram impressos em jornais e 12%, em revistas”(2003, p.40).

No entanto, segundo Araújo (1999), “a circulação da imprensa periódica nunca transcorreu de forma pacífica no Brasil.” A repressão ideológica foi responsável pela proibição da circulação de muitas publicações. Como também, durante muito tempo, houve um rígido controle por parte da Igreja Católica sobre o que era publicado. Para

isso, existia a censura eclesiástica, que tinha a intenção de impedir a publicação de obras que influenciassem negativamente a moral cristã.

1.2 - IMPRESSOS CATÓLICOS

A trajetória da Igreja com relação aos impressos começa, basicamente, com a invenção da imprensa, visto que esse meio de comunicação foi uma forma utilizada pela instituição para catequizar, conservar, defender e construir uma civilização cristã. Segundo Josaphat (*apud* SGARBI, 2001), em 1487 apareceu o primeiro documento oficial da Igreja com relação à imprensa. Foi a constituição do papa Inocêncio VIII, de 17 de novembro, intitulada *Inter múltiples*. Esse documento tratava de assuntos como missão pastoral, ambigüidade do livro, multiplicado pela descoberta da imprensa, entrega da lista dos livros e folhetos já impressos, punição dos impressores culposos, dentre outros¹².

De acordo com Dantas e Orlando:

O texto impresso de fácil circulação se difundiu com o intuito de disseminar a fé tanto católica quanto protestante e conformar ambos os campos. Em um âmbito mais popular, o catecismo¹³ foi o impresso que ganhou maior relevo, mas outras publicações de destinação educativa também se disseminaram como livros, revistas e folhetos de jornal (DANTAS; ORLANDO, 2007).

¹² Em 1515, durante o V Concílio de Latrão (1512-1517), o papa Leão X publicou a constituição *Inter sollicitudines* com determinações para a imprensa, inclusive o exame prévio dos escritos e a permissão eclesiástica para imprimir-los (*Imprimatur*); a proibição dos livros contrários à fé e das brochuras difamatórias; além das penalidades espirituais, como a excomunhão; e temporais, como multas, suspensão do direito de imprimir, queima dos livros e apelo ao braço secular (DALE *apud* SGARBI, 2001, p.306).

¹³ Para maiores informações sobre os catecismos católicos e sua importância na História da Educação consultar: DANTAS, Maria José; ORLANDO, Evelyn de Almeida. “A Educação nos impressos católicos.” In: **Anais do III Seminário Internacional de Educação – A pesquisa em educação: abordagens e inclusão social**. UFS, 2007 (Resumo CD-ROM); ORLANDO, Evelyn de Almeida. **Os manuais de catecismo e a História da Educação**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, (s/d), (Texto inédito); ORLANDO, Evelyn de Almeida. “A Pedagogia do catecismo e a modernização do ensino religioso.” In: **Anais II Seminário Internacional de Educação - A pesquisa em educação: dilemas e perspectivas**. Universidade Federal de Sergipe/NPGED, 2006. (Texto completo); ORLANDO, Evelyn de Almeida. “Os 10 mandamentos e as práticas civilizatórias no Catecismo de João Paulo II.” In: XVII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte Nordeste, 2005, Belém - PA. **Anais do XVII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte Nordeste**. Belém - PA: Universidade Federal do Pará, 2005. (Texto completo); ORLANDO, Evelyn de Almeida. “Guias catequísticos: ferramentas didáticas para o ensino da fé.” In: **Anais do I Seminário Internacional de Educação: a Escola Nova, os impressos e a Educação brasileira**. São Cristóvão-SE: Universidade Federal de Sergipe, 2005, p. 1-11. (Texto completo).

Na disputa pelo campo religioso¹⁴, a proliferação de impressos, sobretudo dos catecismos, alimentou a busca por uma estratégia mais eficaz de doutrinação da fé. Segundo Nascimento (2006), na cultura protestante, os catecismos funcionaram como um importante veículo de difusão e inculcação dos preceitos religiosos definidos pelos seus líderes. Outros impressos, como panfletos, opúsculos e jornais estavam mais voltadas à propagação da doutrina protestante e ao combate do catolicismo.

Na Igreja Católica, segundo Orlando (2007), após a Reforma, os catecismos proliferaram e assumiram rápida difusão. Adotaram novidades em relação ao passado, adquirindo uma originalidade própria que o tempo e o lugar de circunscrição lhe conferiam e se tornaram o centro da ação pastoral-catequética. Ainda segundo Orlando (2007), a variedade desses textos, publicados em ambos os campos, produziu dissonâncias nos discursos internos, tanto de católicos como de protestantes, que buscavam associar religião e civilização em seus ensinamentos. Do ponto de vista católico, as orientações catequéticas do Concílio de Trento¹⁵ tiveram a finalidade de uniformizar o ensino e diminuir essas dissonâncias, o que resultou na elaboração e publicação do Catecismo Romano ou Tridentino.

Percebemos que, de um lado, crescia a utilização dos escritos através dos devocionários dirigidos aos fiéis, catecismos, manuais de pregadores e sermões; porém, do outro lado, existiam muitas restrições para que determinados livros e artigos fossem publicados e havia uma lista de autores e livros que não podiam ser lidos.

A primeira lista do chamado *Index*, de Paulo IV, foi publicada durante o Concílio de Trento (1545-1563), em que se discutiram, nas sessões de 1562 e 1563, pormenores dessa questão. Como resultado foi elaborada a ‘Constituição Apostólica’ de Pio IV, do dia 24 de março de 1564, denominada *Dominici gregis*. São tratados aqui os temas ‘Da leitura dos livros dos hereges’, ‘Elaboração do Índice,’

¹⁴ Compreende-se campo religioso a partir de Bourdieu. Esse autor esclarece que: “em função da sua posição na estrutura da distribuição do capital de autoridade propriamente religiosa, as diferentes instâncias religiosas, indivíduos ou instituições, podem lançar mão do capital religioso na concorrência pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos inculcando-lhes um *habitus* religioso, princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, ou seja, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social”(BOURDIEU, 2005, p. 57).

¹⁵ As determinações catequéticas, resultantes do Concílio de Trento, tiveram como eixos norteadores a organização da instrução religiosa e a proposta de um catecismo. Do primeiro eixo nasce a proposta de instrução religiosa nas escolas, estabelece-se diretrizes para o exercício dessa instrução na comunidade cristã. Nasce a catequese paroquial para as crianças, a qual vai ter, em Bellarmino, o primeiro escritor de um catecismo voltado especificamente para as crianças em linguagem adaptada. A proposta de um catecismo resultou no Catecismo Romano ou *Cathechismus ad párochos* (DANTAS; ORLANDO, 2007).

‘Aprovação do Índice’ e ‘Penas para os transgressores’(SGARBI, 2001, p. 307).

Ao longo dos séculos, a Igreja, em muitos aspectos, mostrou resistência contra a questão da imprensa. Por conta da proliferação dos escritos ligados ao surgimento da ciência moderna, que se propagou de forma expressiva nos séculos XVII e, sobretudo, no XVIII, a Igreja “condenava a ‘monstruosidade da liberdade de imprensa’ conforme mencionou o papa Gregório XVI na encíclica *Mirari vos*, publicada em 15 de agosto de 1832 (SGARBI, 2001, p. 315)”. Apesar disso, a Instituição tinha consciência que esse veículo de comunicação era um meio de divulgação dos escritos cristãos.

Na verdade, a Igreja fez uso da imprensa desde a sua invenção. Mas, só no século XIX ela prega sobre o uso positivo desse veículo de comunicação. Leão XIII¹⁶, pela primeira vez na História, segundo Sgarbi (2001), recebeu, em audiência, um grupo de jornalistas, em 22 de fevereiro de 1879. Em sua alocução a esses profissionais, o papa enfatizou a necessidade de promover os escritos católicos. Sua estratégia, ao chamar os jornalistas, era formá-los de acordo com os preceitos cristãos católicos e fazer da imprensa uma importante aliada na disputa do campo religioso. Esse pontífice foi um dos papas que mais escreveu documentos sobre a questão da imprensa. De acordo com Sgarbi (2001), uma coletânea desses escritos foi organizada pelos editores das “Atas de Leão XIII da Casa da Boa Imprensa de Paris” e publicada no Brasil, em 1947, pela Editora Vozes, da Ordem dos Frades Menores. Leão XIII ficou famoso como o "papa das encíclicas"¹⁷.

Na *Immortale Dei*, publicada ainda no século XIX, Leão XIII determinou:

A liberdade de pensar e de publicar os próprios pensamentos, subtraída a toda regra, não é em si um bem com que a sociedade tenha a congratular-se; antes, porém, é a fonte e a origem de muitos males... Não é permitido trazer a lume e expor aos olhos dos homens o que é contrário à virtude e à verdade, e muito menos ainda colocar essa licença sob a tutela e proteção das leis (1º de Novembro de 1885, p.03).

O papa se referiu aos escritos que vão de encontro à moral e aos valores cristãos. A Igreja tinha medo que os impressos publicados por pessoas não ligadas ao cristianismo pudessem confundir a fé dos católicos.

¹⁶ O pontificado de Leão XIII durou 25 anos, de 20 de fevereiro de 1878 a 20 de julho de 1903. Ele foi o papa da transição entre o século XIX e o início do século XX.

¹⁷ Encíclica é um documento utilizado pelo Sumo Pontífice para exercer o seu magistério. Trata de matéria doutrinária em variados campos: fé, costumes, culto, doutrina social, moral, educação, etc.

Por conta disso, no fim do século XIX e início do século XX, existia um cuidado maior, por parte da Igreja, em escala mundial com relação à imprensa, principalmente pelo fato de que, em alguns momentos, ela poderia tornar-se uma arma má contra a fé cristã. Por isso, instruíam-se os católicos para não assinarem ou comprarem jornais ímpios. Segundo Souza,

Percebe-se nos discursos proferidos a partir dos primeiros anos do século XX entre a elite eclesiástica católica brasileira uma forte necessidade de incentivar o esforço tanto dos sacerdotes em geral quanto dos chamados ‘bons católicos’ na busca por combater toda a ‘má imprensa’. Partindo da crença de que a leitura mais perigosa fornecida na atualidade seria a dos ‘maus’ jornais, os clérigos como líderes dos ‘bons católicos’ seriam agentes fundamentais para instruírem os fiéis sobre ‘tão grande perigo’, fazendo-os conhecer os males oferecidos pela ‘má imprensa’ para que só a partir de então ela pudesse ser retirada das mãos dos fiéis e substituída pela ‘boa’ (SOUZA, 2005, p.22).

No Brasil, durante o período da Proclamação da República, a Igreja viveu momentos difíceis em sua relação com o Estado e por conta disso, perdeu um certo prestígio nos meios públicos. No início do século XX, existiram algumas possibilidades de reaproximação. No entanto, muitos embates foram travados entre católicos e reformadores, disputas de poder relacionadas a católicos e Governo, sempre visando o predomínio do poder da Instituição, que ao longo dos séculos esteve voltada para a conservação da fé. Segundo Sousa, “ao lado de sua missão específica de esclarecer as inteligências com as verdades, originárias da palavra de Deus, reveladas e dirigidas aos homens, a Igreja Católica não se descuidou da formação intelectual dos seus fiéis” (2006, p. 41).

Para Lustosa,

Com a proclamação da República (1889) e a conseqüente separação da Igreja e do Estado, os católicos experimentam a sensação de insegurança e de abandono por parte dos poderes constituídos, ao contrário do que acontecia no tempo do império, quando se apoiavam no governo e com ele contavam até para a sustentação do culto e dos ministros sagrados. Agora a Igreja se vê ameaçada em muitos dos seus direitos e pretensões. São momentos difíceis nos quais ela lançará mão das armas da Imprensa a fim de esclarecer os fiéis quanto à situação de um Estado religiosamente neutro e a fim de reivindicar alguns de seus postulados (ensino religioso nas escolas oficiais, valor exclusivo do casamento religioso contra o casamento civil etc.) (LUSTOSA, 1983, p. 16).

Os impressos se tornaram fortes aliados da Igreja. Essa instituição acreditou que por meio da difusão de algumas publicações poderia fazer uma recristianização no Brasil. Por isso, através de seus bispos, adotou diversas medidas. Dentre estas, a publicação de jornais e revistas que motivassem e esclarecessem os católicos, bem como defendessem os dogmas da fé. A publicação destes impressos se tornou, também, uma alternativa para que os católicos não utilizassem a “má imprensa”.

Para sustentar a ‘boa imprensa’, em 1910 ficou estabelecida a fundação de uma associação com o título: Associação da Boa Imprensa. Esta deveria contar com o esforço dos párocos para que os impressos por ela divulgados tivessem o maior número de assinantes dentro de cada paróquia. Os párocos teriam por obrigação convencer os fiéis de que as leituras católicas eram preferíveis a qualquer outro tipo de leitura que aparecesse ou que já existisse devendo eles concentrar os seus interesses apenas nas leituras recomendadas pela cúpula diocesana (SOUZA, 2005, p.24).

A imprensa escrita era um dos poucos veículos de comunicação existentes no início do século XX. Desta forma, os jornais, revistas, manuais, catecismos, livros e demais impressos católicos, que começaram a ser publicados, criavam as condições desejadas pela Igreja de evangelizar os cristãos, bem como de lançar uma onda de civilidade.

Vários foram os documentos elaborados pela Igreja com diretrizes quanto à imprensa. A editora Vozes, em 1959, publicou o Documento Pontifício nº. 41, que é uma coletânea dos discursos e alocações de Leão XIII, sobre a imprensa. A Igreja elaborou esses documentos para garantir a legalidade de suas determinações. Parte dessa publicação de 1959 retoma a encíclica do Papa, de 15 de outubro de 1890, que assegura:

Visto que o principal instrumento de que os inimigos se valem é a imprensa, em sua grande parte inspirada e sustentada por eles, é necessário que os católicos oponham a boa imprensa à má imprensa para que a defesa da verdade e da religião e para a salvaguarda dos direitos da Igreja... Já que os perversos, principalmente em nossos tempos, abusam dos jornais para a difusão das más doutrinas e para a depravação dos costumes, considerai como vosso dever usar os mesmos meios: eles, indignamente, para a destruição; vós, santamente, para a edificação. Certamente será de muita utilidade que pessoas instruídas e piedosas se consagrem a publicações cotidianas ou periódicas; uma vez que os erros se vão, assim, dissipando aos poucos e gradativamente, a verdade se espalhará, as almas adormecidas despertarão e hão de professar publicamente e defender com denodo a fé que elas cultivam em si para a sua salvação (Documentos Pontifícios, 1959, p. 9-10).

Ao se referir tanto aos escritos ligados à modernidade, quanto às publicações protestantes, a Igreja demarcou o seu campo. Ao mesmo tempo em que condenou a utilização dos impressos que violavam e denegriam a fé cristã, ela utilizou os benefícios da própria imprensa e dos impressos, de modo geral, para instruir seus fiéis, sobretudo porque existia um amplo projeto de desenvolver uma cultura católica. Nesse sentido, o impresso foi uma ferramenta fundamental, pois podia chegar a diversos ambientes, socializar ideais, favorecer a difusão de padrões de conduta adequados, entre outros aspectos. Em outras palavras, para combater a má imprensa, a Igreja lançou mão da estratégia de publicação de impressos, denominando este processo de “boa imprensa”:

Entre os diversos meios de se socorrer os fiéis estão os livros, os jornais e outras publicações a serem difundidos para a defesa da lei e a salvaguarda dos costumes. Nesta matéria deve-se recomendar muito aos Bispos o que de há longo tempo vimos alentando em nosso coração e sobre o que insistimos com freqüência, isto é: que o trabalho dos escritores católicos, bem regrado e bem ordenado, seja encorajado e desenvolvido. Certamente, em todos os países cumpre reconhecer a estes escritos excelentes diários ou periódicos, uma grande utilidade para os interesses religiosos e civis, quer eles ou sustentem diretamente e os tornem prósperos, quer repilam os ataques dos adversários que procuram prejudicá-los, e que afastam o contágio impuro. Mas, no império austríaco deve-se-lhe atribuir uma utilidade suma: com efeito, uma multidão de jornais estão ali, a serviço dos inimigos da Igreja que, graças às suas fortunas, os propagam mais facilmente e em número maior. É portanto, de absoluta necessidade, para se combater com iguais armas, opor escritos a escritos: poder-se-ia, desta forma, rebater os ataques, desvendar as perfídias, impedir a contaminação dos erros e inculcar o dever e a virtude. Por isso, seria conveniente e salutar que cada região possuísse seus jornais próprios, que fossem como que os campeões do altar e do lar, fundados de modo a não se afastarem jamais da fiscalização do Bispo, com o qual diligenciariam em ir avante justa e sensatamente de acordo. O clero deveria favorecê-los com sua benevolência e levar-lhes os recursos de sua doutrina, e todos os verdadeiros católicos deveriam tê-los em alto apreço e prestar-lhes a sua cooperação, segundo suas forças e suas possibilidades (Documentos Pontifícios, 1959, p.13-14).

Esse documento é praticamente um manual da Igreja. Foi um impulso para que se difundisse a cultura da publicação de impressos nos seminários, entre os movimentos e associações clericais, bem como em outras instituições cristãs, visando manter a comunicação entre os seus membros e, também, reavivar e manter os preceitos cristãos de todos os fiéis.

1.3 - DOM LEME: O CENTRO D. VITAL E A REVISTA “A ORDEM”

Dom Leme desenvolveu um ativo trabalho de evangelização no Brasil, no início do século XX. Como arcebispo de Olinda, exigiu dos poderes públicos um tratamento especial para o catolicismo, visto que o Brasil é um país de maioria católica. Em 1921, foi transferido para o Rio de Janeiro e algumas das suas principais medidas, no tocante à mobilização dos cristãos foram a publicação de cartas pastorais, o lançamento da revista “A Ordem”¹⁸ e a fundação do Centro Dom Vital¹⁹ (HORTA, 2004, p.95).

O cardeal D. Leme, bispo do Rio de Janeiro, teve uma atuação marcante [...] cuidou em especial de educar as lideranças contra os perigos do ateísmo, do anticlericalismo anarquista, do liberalismo e do comunismo, fundando a revista “A Ordem”(1921) e o “Centro de Estudos D. Vital” (1922) para divulgar-lhes o pensamento católico autorizado, em oposição ao dos pioneiros liberais (HILSDORF, 2003, p. 83).

Um importante colaborador nesse projeto de D. Leme foi Jackson de Figueiredo. Motivado pelas idéias do bispo, esse intelectual sergipano, segundo Sgarbi (2001), “fez de sua profissão, jornalista e livreiro, a arma para divulgar seus ideais”, ou seja, liderar um movimento que defendesse os interesses da Igreja Católica. Com cerca de 30 anos, Jackson de Figueiredo convidou um grupo de amigos para cogitar a possibilidade de fundar um periódico pois, segundo ele, “para trabalhar para a Igreja era preciso um jornal onde expusessem as idéias” (NOGUEIRA *apud* SGARBI, 2001, p. 46). Assim aconteceu a fundação da revista “A Ordem”. “A escolha do nome do periódico – ‘A

¹⁸ A Revista “A Ordem” funcionou como um órgão semi-oficial do Cardeal Leme. Nela, estavam envolvidos aqueles indivíduos que sustentaram o processo de construção da doutrina católica sobre a autoridade, em sua grande maioria membros do Centro Dom Vital. Por meio da implementação da revista, podemos notar o significado que a Igreja atribuía à imprensa nesse período. Através deste impresso, os intelectuais católicos coordenaram, enfim, uma batalha num campo em que a liberdade de divulgação de idéias e de exercício do debate deveria primar. Eles pretendiam um confronto com as idéias modernas também por meio de um órgão de imprensa que desempenhasse a tarefa de divulgar a doutrina católica, apontar os inimigos da Igreja e orientar sobre os meios de enfrentá-los. Esta revista estava munida dos argumentos recolhidos nas obras do pensamento contra-revolucionário e nos documentos oficiais do catolicismo mais recente, que davam coerência à pretensão de reordenamento social em bases religiosas (DIAS, 1996, p. 92).

¹⁹ Fundado inicialmente no Rio de Janeiro, teve à frente o sergipano Jackson de Figueiredo, um dos mais atuantes católicos da então capital da República. O Centro Dom Vital tinha como objetivo, segundo Sousa (2006), recrutar e preparar líderes leigos para, com a palavra e o testemunho da vida, levarem o fermento do evangelho à política e à cultura, a fim de que os políticos e intelectuais, imbuídos dos sadios princípios da fé, da justiça, da verdade, da solidariedade e da liberdade, dessem a sua contribuição positiva na construção de uma sociedade justa, fraterna e próspera para todos. O nome dado ao Centro de Estudos é uma homenagem a Dom Vital, que foi Bispo de Olinda na década de 70, do século XIX. Segundo Gilberto Freyre, “Dom Vital foi um conservador-revolucionário. [...] Não era homem de contentar-se com aparências. No que ele mais vivamente se empenhou foi exatamente em dar autenticidade à vida Católica no Brasil [...]” (FREYRE, 1962, p. 575).

Ordem’ – deixa clara a sua posição, uma vez que Jackson de Figueiredo insistia em dizer que, naquela realidade, existia muita desarmonia e desordem. A revista é o modo de reordenar a sociedade” (SGARBI, 2001, p. 46).

1.4 – CONCÍLIO VATICANO II – DECRETOS E DECLARAÇÕES²⁰

Na década de 60, do século XX, foi realizado o Concílio Vaticano II. Aberto em 11 de outubro de 1962, durante o pontificado de João XXIII, e encerrado em 8 de dezembro de 1965, no pontificado de Paulo VI. Voltado para as realidades modernas, o Concílio, em sua dimensão “Pastoral”, pretendeu aproximar o Evangelho da sociedade. Esse evento estabeleceu debates sobre várias questões fundamentais, tais como: ecumenismo, educação, meios de comunicação, entre outras. O Concílio propôs novos direcionamentos quanto a muitas posições da Igreja:

Em nossos dias, arrebatado pela admiração das próprias descobertas e do próprio poder, o gênero humano frequentemente debate os problemas angustiantes sobre a evolução moderna do mundo, sobre o lugar e função do homem no universo inteiro, sobre o sentido do seu esforço individual e coletivo e, em conclusão, sobre o fim último das coisas e do homem. Por isso o Concílio, testemunhando e expondo a fé de todo o povo de Deus congregado por Cristo, não pode demonstrar com maior eloquência sua solidariedade, respeito e amor para com toda a família humana, à qual esse povo pertence, senão estabelecendo com ela um diálogo sobre aqueles vários problemas, iluminando-os à luz tirada do Evangelho e fornecendo ao gênero humano os recursos de salvação que a própria Igreja, conduzida pelo Espírito Santo, recebe de seu Fundador (Compêndio do Vaticano II, Paulo VI, 1968, p. 144).

Um dos objetivos do Concílio era tratar da reintegração da unidade entre os cristãos. Não obstante todos os conflitos vividos durante a Reforma, começou a surgir em meados do século XIX, um movimento no sentido de restaurar a unidade entre católicos e cristãos de outras Igrejas. Esse Movimento Ecumênico ganhou força com o Vaticano II.

Visto que hoje em muitas partes do mundo, mediante o sopro da graça do Espírito Santo, pela oração, pela palavra e pela ação, se empreendem muitas tentativas daquela plenitude de unidade que

²⁰ Diante dos inúmeros documentos do Concílio, a exemplo de Constituições, Decretos e Declarações, optamos por enfatizar apenas dois decretos e uma declaração, pelo fato de fundamentarem, diretamente, algumas questões ligadas a este trabalho; tais como: meios de comunicação, ecumenismo e educação.

Jesus Cristo quis, este Santo Sínodo exorta os fiéis católicos a que, reconhecendo os sinais dos tempos, solicitamente participem no trabalho ecumênico (Compêndio do Vaticano II, *Unitatis Redintegratio*, 1968, p. 314).

Ainda segundo o Decreto Conciliar, com aquele evento, a Igreja estava tomando uma posição a favor do ecumenismo, reconhecendo-o como fruto da ação do Espírito Santo e definindo-o como atividades e iniciativas suscitadas e orientadas a favorecer a unidade dos cristãos (1968, p. 314).

No que se refere à educação, o Documento Conciliar voltado para essa área é a Declaração *Gravissimum Educationis*. Considerando a importância da educação na vida do homem, e sua influência no contexto social, o Concílio elaborou o decreto sobre a Educação Cristã, enfatizando o aspecto da escola como um todo e, especificamente, da escola católica, da família e da função do educador.

A Santa Mãe Igreja tem sua responsabilidade quanto ao progresso e expansão da educação, uma vez que, para cumprir o mandato recebido de seu divino Fundador, a saber, o de ensinar o mistério da salvação aos homens todos e o de tudo restaurar em Cristo, deve cuidar de toda a vida do homem, também da terrena enquanto conexa com a vocação celeste. É por isso que o S. Sínodo emite a declaração sobre alguns princípios fundamentais da educação cristã [...] (Compêndio do Vaticano II, *Gravissimum Educationis*, 1968, p. 582).

Quanto à questão dos impressos, o Decreto *Inter Mirifica*, sobre os meios de comunicação social, abordou várias questões ligadas aos meios de comunicação como um todo e, sobretudo, a imprensa. A Igreja sabia (e ainda hoje sabe), que os meios de comunicação se apresentavam (apresentam), como subsídios que podem ser utilizados tanto para propagar a fé, como para desviar os cristãos dos ensinamentos da Igreja. Por isso elaborou mais um documento enfatizando o assunto. O papa e os padres conciliares frisaram a necessidade de se promover a “boa imprensa” incentivando as publicações verdadeiramente católicas.

1.5 - IMPRESSOS EM SERGIPE

Os estudos produzidos acerca da Imprensa sergipana, até o momento localizados, concentram-se nos séculos XX e XXI, a exemplo de Manoel Cordeiro Armindo Guaraná (1908), que elaborou um catálogo dos periódicos publicados em

Sergipe, do período do surgimento da imprensa até 1908: “Jornaes, revistas e outras publicações periódicas de 1832 a 1908”; Acrísio Torres Araújo (1993) publicou “Imprensa em Sergipe” e fez um inventário da imprensa sergipana no período de 1830 a 1910; Cristiane Vitorio Souza (2003) pesquisou “Os impressos sobre a Educação em Sergipe (1889-1930)”.

Dentro da perspectiva de escrita da História da Educação, por meio dos impressos, Jorge Carvalho do Nascimento (2003), através da Coleção “Educação é História”, publicou a obra “Historiografia Educacional Sergipana: Uma crítica aos estudos de História da Educação”. Através de monografias, dissertações, teses, catálogos de fontes primárias e secundárias, ele fez um levantamento dos estudos sobre História da Educação em Sergipe, no período de 1916 a 2002. Nessa abordagem, aparecem alguns estudos que focalizam os impressos, de modo particular, o livro didático de História. Nascimento (2003) enfatiza, ainda, a contribuição de alguns jornais locais, que publicam textos sergipanos em torno do tema da História da Educação.

Com relação às revistas, - no trabalho de Jorge Carvalho do Nascimento (2002) em co-autoria com Itamar Freitas, “A Revista em Sergipe” -, através do Projeto Catálogo das Revistas Sergipanas, os pesquisadores procuraram escrever o histórico deste impresso no Estado, de maneira mais específica, a temática da educação veiculada em periódicos sergipanos, no período de 1890 a 2002.

Itamar Freitas (2002) fez um estudo sobre “A Escrita da História na ‘Casa de Sergipe’ – 1913/1999”, no qual abordou uma retrospectiva dos temas apresentados pela revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe - IHGS; Fábio Alves dos Santos (2003) escreveu sobre “A Construção da Moral na Revista Sergipe Artífice”; Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas (2003) realizou um estudo sobre “A Revista Renovação e a Educação da mulher Sergipana” (essa revista circulou no período de 1931 a 1934 e foi criada e mantida pela advogada Maria Rita Soares de Andrade, através de assinaturas de colaboradores); Ana Lígia Rodrigues de Farias (2004) elaborou um levantamento sobre 5 revistas da área educacional: 4 delas que circularam em Sergipe, no século XX, e uma que ainda circula atualmente, que é a revista do Mestrado em Educação, da Universidade Federal de Sergipe.

As revistas se tornaram aspecto relevante nos estudos acerca dos impressos sergipanos. Segundo Freitas e Nascimento (2002), a primeira revista sergipana identificada foi a “Revista Literária”(1890), publicada pelo Gabinete de Leitura de Maruim semanalmente, durante dois anos. Maria Lúcia Márquez Cruz e Silva (2006)

realizou uma pesquisa sobre essa revista. A autora procurou verificar o perfil dos autores que escreviam e a proposta pedagógica do impresso. Em Aracaju, segundo Freitas e Nascimento (2002), o hábito de publicar revistas foi inaugurado em 1902, com a revista literária “O Cenáculo”, que se anunciou, inicialmente, como revista bimestral.

Com relação aos impressos ligados à fé cristã, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento (2002) fez uma análise acerca dos impressos protestantes distribuídos no Brasil durante o século XIX. Ela, que estudou “A Escola Americana - As origens da Educação Protestante em Sergipe”(2004), também analisou “A Fé nos Impressos: a palavra impressa como estratégia de difusão do protestantismo no Brasil do século XIX” (s/d), e publicou “Notas sobre os Impressos Protestantes e a História da Educação em Sergipe (2005)” escreveu, ainda, sobre “Instituições, editoras e impressos protestantes no Brasil dos Oitocentos” (2006) e, mais recentemente (2007), publicou artigo sobre “Os Catecismos Protestantes no Brasil (1864-1916)”.

No que diz respeito, explicitamente, aos impressos católicos, Péricles Moraes de Andrade Júnior (2000) tem como objeto de estudo as questões ligadas à criação da Diocese de Aracaju, bem como a importância dos impressos católicos neste processo; Raylane Andreza Dias Navarro Barreto (2004), em sua Dissertação de Mestrado intitulada “Os Padres de D. José: O Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1948)”, pontuou a circulação da revista *Scientia et Virtus*, uma publicação da Academia Literária São Tomaz de Aquino; Valéria Carmelita Santana Souza (2005) investigou o jornal “A Cruzada”; Ana Luzia Santos (2005) pesquisou a difusão da Educação Católica através do Jornal “A Defesa” (1960-1969); Maria José Dantas (2006) analisa a revista “Cidade Nova” e as práticas escolares. Estes estudos se tornaram contribuições significativas na construção da História dos Impressos em Sergipe.

A imprensa sergipana, de modo geral, segundo Nunes (1984), tem seu início no século XIX. Seu berço gerador foi a cidade de Estância, onde o Monsenhor Antonio Fernandes da Silveira instalou sua tipografia.

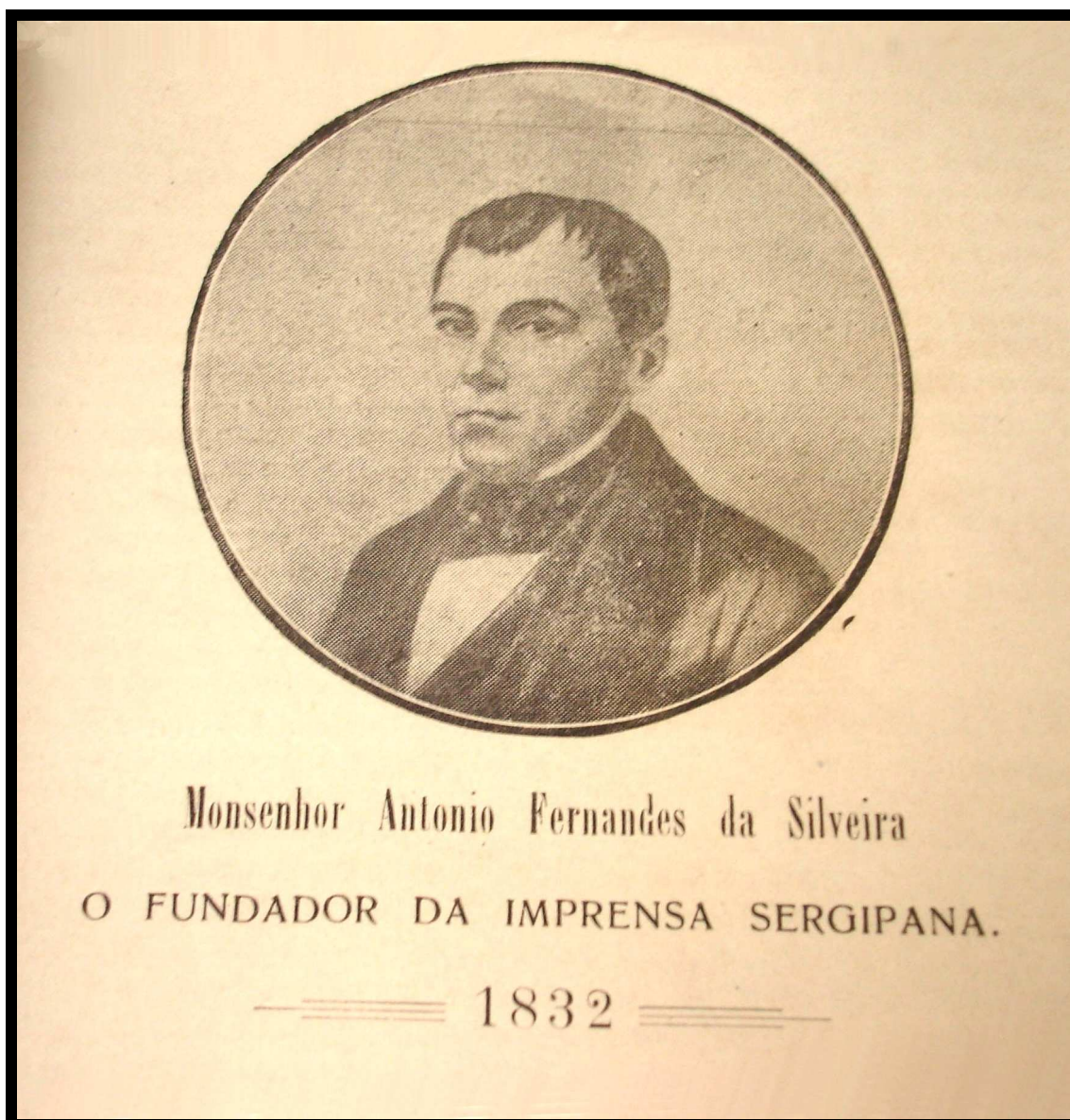


Figura 1: Fonte Revista do IHGS, Aracaju, v.5, n.9, p.65, 1920. Reprodução fotográfica do Monsenhor Antônio Fernandes da Silveira. Foto: Maria José Dantas. Acervo da pesquisadora.

O Mons. Silveira é descendente da nobreza portuguesa e nasceu em Estância, no ano de 1794. Fez o curso de formação no Seminário de São Damasco, em Salvador, e em 1820 ordenou-se sacerdote. Segundo Silva (*apud* Almeida Neto, 2007) ele foi uma liderança política nas Províncias de Sergipe e do Piauí, inclusive como Deputado na Assembléia Provincial. Além disso contribuiu no campo cultural através da criação do jornal.

Marcou o início da década de 1830, em Sergipe, o aparecimento da Imprensa com a circulação, na Vila Constitucional de Estância em setembro de 1832, do jornal o “Recopilador Sergipano”. Até esse momento, como dependíamos, no campo econômico, dos

comerciantes e do porto da Bahia para a exportação e importação de produtos, também a mesma dependência se verificava na imprensa. A divulgação dos fatos econômicos e políticos sergipanos se fazia através dos jornais baianos. A Idade D'Ouro (1811-1823), o Grito da Razão e o Independente Constitucional (após a Independência), pelas notícias inseridas sobre Sergipe, se tornaram indispensáveis para o conhecimento de sua História nessa época. [...] O “Recopilador Sergipano”(1832/1834), era um jornal cujo formato media: 0,25 X 0,15, com quatro páginas e duas colunas, e publicava especialmente temas da política provinciana. O lema desse impresso era uma frase de George Washington: “Sede justos se quereis ser livres, sede unidos se quereis ser fortes”(NUNES, 1984, p.51-2).

Após esse pioneirismo, outras tipografias foram surgindo, até mesmo para suprir as necessidades da província. No advento da República, diversos jornais já circulavam em Sergipe, alguns com pouca duração, outros com uma periodicidade maior. Constatamos, através da História, que a circulação de jornais e revistas possibilitou uma melhor formação da intelectualidade sergipana.

Os salutareos efeitos da feliz iniciativa do Monsenhor Silveira não se fizeram demorar e esse seu único feito por si só o sagraria benemérito, se por outras nobres acções não se tivesse tornado digno da veneração dos sergipanos. Tão assinalados foram os seus serviços que a antiga província do Império, abençoado torrão dos seus affectos filiaes, com generosidade de u'a mãe extremosa soube retribuil-os, elegendo-o ininterruptamente membro do Conselho do Governo, Deputado á Assembléa Provincial e á Assembléa Geral Legislativa (GUARANÁ, 1913, p. 45).

Contudo, esse reconhecimento à figura do Mons. Silveira só veio depois. Visto que este sacerdote “enfrentou os preconceitos de sua época, um meio de limitada cultura intelectual”(GUARANÁ, 1913, p. 44). A intenção dele, segundo Guaraná, “era fazer surgir um *orgam* da imprensa, por onde chegassem até aos poderes públicos os reclamos dos seus patrícios, também de dotar a comunidade de um elemento de civilização e progresso” (1913, p. 44). E esse foi o primeiro passo para que outras publicações fossem surgindo.

Quanto à perspectiva da Igreja de difundir os preceitos cristãos, no Estado de Sergipe, alguns impressos católicos se destacaram no século XX. Dentre eles: os jornais “A Cruzada”, “A Defesa”, “O Recreio”, “O Clarim”, o “Boletim Vitalista”, a revista “*Scientia et Virtus*” e a revista “Cidade Nova”.

1.6 – D. JOSÉ THOMAZ

D. José Thomaz Gomes da Silva²¹ nasceu na cidade de Martins, no Rio Grande do Norte, em 04 de agosto de 1873. Fez seu curso secundário, filosófico e teológico no seminário de Olinda, ordenando-se sacerdote a 19 de novembro de 1896. Sua ação sacerdotal foi desenvolvida no estado da Paraíba. Em 1911, foi sagrado bispo por D. Adauto na Catedral de João Pessoa. Chegou a Sergipe em 04 de dezembro de 1911. Foi o primeiro bispo diocesano de Sergipe, assumindo a diocese até o ano de 1948, quando faleceu, vítima de um derrame cerebral.

Logo nos primeiros meses de sua atuação à frente do bispado, em 21 de dezembro de 1911, dirigiu uma circular ao clero, estabelecendo como primeira medida efetiva a entrega da direção do “Boletim Diocesano”, que passava a chamar-se “A Diocese de Aracaju”, ao Monsenhor Manuel Raimundo de Melo, sendo a solenidade marcada para 1º de janeiro de 1912.

Fora estabelecido pelo bispo diocesano que o boletim eclesiástico seria uma publicação mensal no modelo de revista contendo não menos que dezesseis páginas, o qual deveria editar de maneira “autêntica” os atos da Santa Sé, todos os atos do governo diocesano, os documentos pertinentes ao bispado, matérias referentes à disciplina da Igreja e artigos inspirados neste mesmo intuito, além de notícias de interesse da Diocese e das paróquias. Tal medida chama a nossa atenção para o fato de que havia por parte do primeiro bispo da diocese de Aracaju uma grande preocupação no tocante aos impressos católicos em consonância com os debates que vinham sendo estabelecidos pela Igreja em âmbito nacional (SOUZA, 2005, p. 26).

Em Sergipe, a imprensa católica foi bastante apoiada pela Igreja. Segundo Souza (2005), o padre Solano Dantas, em artigo do jornal “A Cruzada”, chamou atenção dos católicos para que se apoderassem desse maravilhoso invento. Ele via, em Jackson de Figueiredo, um divulgador da necessidade de circulação de órgãos católicos em todo o país. Existiam várias campanhas de incentivo para as assinaturas do jornal “A Cruzada”.

²¹ Maiores informações sobre D. José Thomaz e a criação da Diocese de Aracaju consultar: ANDRADE JUNIOR, Péricles Moraes de. **Sob o olhar diligente do Pastor:** a Igreja Católica em Sergipe (1831-1926). São Cristóvão, SE: Universidade Federal de Sergipe, 2000. (Dissertação de Mestrado); BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. **Os Padres de D. José:** O Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1948). São Cristóvão, SE: Universidade Federal de Sergipe, 2004. (Dissertação de Mestrado).

Esse jornal foi um veículo formativo ligado à Diocese de Aracaju. Segundo Sousa, nasceu para combater:

A agitação social, inquietante exercida na época pelos comunistas em Aracaju. A Cruzada constituiu-se a sua grande arma para levar ao mundo operário a Doutrina Social da Igreja, expressa pelas grandes Encíclicas Sociais: *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII, e a *Quadragesimo Anno*, do Papa Pio XI (SOUSA, 2006, p.46).

Uma outra função do jornal, segundo Sousa (2006, p.33), “era levar à comunidade os ensinamentos obtidos no Centro Dom Vital”²², e também os trabalhos produzidos pelos seminaristas, alunos do Seminário Sagrado Coração de Jesus de Aracaju, que produziam artigos, discursos e composições literárias. Em estudo sobre o referido jornal, Valéria Carmelita Santana Souza (2005) se detém a analisar o discurso proferido sobre o impresso com relação, especificamente, à educação da mulher na primeira metade do século XX. Souza fez sua análise sem perder de vista a hipótese de que “A Cruzada” foi uma estratégia local para concretizar um projeto mais amplo, da Igreja Católica, de difusão de práticas e valores morais através dos impressos (2005, p.16).

[...] a criação do periódico segundo – segundo D. José – resultava de uma “idea vingadora”, consagrada à missão perpétua para disseminar o bem. A partir dessa perspectiva, o prelado ordenava aos vigários – para devida organização do serviço e do êxito que é esperado, respeitante à “sancta cruzada” -, zeladores do Apostolado da Oração e membros da Pia União das Filhas de Maria, a manutenção de uma assinatura do jornal, assim como sua difusão nas paróquias (JOSÉ *apud* ANDRADE JÚNIOR, 2000, p. 121).

Conforme o discurso da Igreja, esse jornal estaria completamente voltado para a defesa dos interesses da religião, da pátria e também, de maneira mais específica, do Estado de Sergipe.

O periódico circulou em três fases: a primeira foi de 1918 até 1925. Em 1935, D. José Thomaz nomeou o “Conselho de Imprensa da Diocese” e a “Cruzada” voltou a circular de 1935-1943. Depois, retomou a circulação na década de 1950, e continuou até meados da década de 1960.

²² O Centro Dom Vital de Aracaju, fundado em 01 de maio de 1932, por Rubens Figueiredo, irmão de Jackson de Figueiredo, em uma sessão solene que aconteceu na Catedral, era uma associação auxiliar da Ação Católica, filiado ao Centro Dom Vital do Rio de Janeiro. Funcionava na sede da Ação Católica, localizada à Rua Itabaianinha, nº 87, nesta cidade, e tinha por finalidade organizar cursos e conferências sobre temas culturais católicos, cooperação direta e indireta no desenvolvimento da imprensa católica, e outros. (Livro de Atas do Centro Dom Vital – 1946, p.8v.).

Outros jornais se destacaram em Sergipe entre a década de 1920 e 1930. Esse foi um momento, segundo Souza (2005), áureo para a imprensa católica nesse Estado. Proliferaram impressos catequéticos, como a “Revista de Sergipe” (1928), o “Boletim Paroquial” (1931), “Monitor Cristão”(1931), “A Boa Nova”(1931-33), “Lino Mariano”, dentre outros.

Um outro impresso importante nesse período foi a revista “*Scientia et Virtus*”, publicada em 1933, com 184 páginas e medindo 22 X 16cm. Ela é uma coletânea litero-apologética da Academia Literária S. Tomaz de Aquino, que funcionava no Seminário “Sagrado Coração de Jesus” de Aracaju. Os artigos publicados nesse impresso foram produzidos pelos membros da Academia, que era composta por alunos do Seminário Maior, dos cursos de Filosofia ou Teologia. Vale ressaltar que esse Seminário foi a instituição que proporcionou ao Estado de Sergipe os primeiros cursos de nível superior.

Foi através da Academia, segundo Barreto (2004, p. 85), “que os seminaristas praticavam o que se aprendia teoricamente nas salas de aula do Seminário. Desse modo ela representou não só uma agremiação estudantil que tinha por objetivo reunir e diversificar as práticas, mas um ambiente propício a materialização da teoria”.

Os artigos publicados na revista “*Scientia et Virtus*” versavam sobre assuntos ligados à Igreja, sobre a questão do ensino religioso, sobre a importância do clero na História da Pátria, além de crônicas, poesias e sonetos. Eram artigos escritos por iniciantes nessa arte de publicação; mas, segundo Villas-Bôas (1933, p. 4), “o que ressumbra, porém, da primeira à última linha é a boa vontade dos jovens levitas, o amor à Santa Igreja e à vocação sacerdotal, o calor na defesa da verdade, o zelo pelo depósito da doutrina, a alegria de seguir a Jesus Cristo”.

Na década de 60, do século XX, há registros de um jornal que circulava internamente no Seminário, mas que também era vendido através de assinaturas. Era escrito pelos próprios seminaristas e, a princípio, chamava-se “O recreio”. Porém, depois, por sugestão do padre José Carvalho de Sousa, então reitor, passou a se chamar “O Clarim” – órgão dos seminaristas do Seminário Arquidiocesano de Aracaju.

No acervo do atual Colégio Arquidiocesano “Sagrado Coração de Jesus”, que funciona no prédio onde anteriormente funcionava o Seminário, foram encontrados exemplares de 1960 até 1965. O jornal era mensal, possuía 4 páginas, com algumas edições especiais de 6 páginas. Era escrito à máquina, com alguns trechos manuscritos e impresso através da utilização de mimeógrafo a óleo, o que algumas vezes dificultava a publicação do Jornal. Na edição nº. 99, de 11 de março de 1962, podemos ler a seguinte

nota da redação para os leitores: “Caro leitor, o nosso jornal “O Clarim” teve sua saída interrompida durante o 2º semestre do ano passado, em virtude de o mimeógrafo ter apresentado um defeito, impossibilitando a impressão desse órgão [...] avisamos, porém que não será necessário renovar a assinatura até o fim deste semestre”. Ou seja, percebemos que existia uma certa dificuldade para impressão do jornal. Dentre os artigos publicados, os assuntos mais contemplados eram educação, escotismo, religião, cultura, futebol, coluna literária e advinhas.

Outro impresso católico que circulou no Estado de Sergipe foi o “Boletim Vitalista”. Ele era um *organ* do Centro D. Vital, de Aracaju. Essa associação foi fundada inicialmente, no Rio de Janeiro, em 12 de maio de 1922. Segundo seus estatutos, “era uma associação civil que tinha como objetivo a defesa dos interesses da Religião Católica [...] propagando e defendendo as suas doutrinas por meio do livro e da Imprensa” (Ata de fundação do Centro D. Vital, livro de Atas, p. 47 *apud* SGARBI, 2001).

Em Aracaju, o Centro D. Vital funcionava como uma agência do Centro D. Vital do Rio de Janeiro e tinha assistência religiosa do Pe. Avelar Brandão (Livro de Atas do Centro D. Vital de Aracaju, 1932, p. 02). Visava desenvolver a cultura católica mediante o seguinte programa:

Organização de cursos e conferências sobre temas culturais católicos; promoção de círculos de estudo do mesmo gênero; manutenção duma biblioteca dotada dum serviço de informações bibliográficas e de divulgação de obras católicas; publicação dum periódico que será o órgão oficial do centro e cooperação direta e indireta no desenvolvimento da imprensa católica (Livro de Atas do Centro D. Vital, 1946, p.8v).

Percebemos que uma das funções do Centro era voltar-se para o desenvolvimento da cultura do impresso. Na ata da sessão do dia 22 de setembro de 1933, foi ressaltado que estava em circulação o “Boletim Vitalista”, “cuja elaboração espera melhorar e enriquecer nos números seguintes quando, acolherá a colaboração de todos, desde que esteja dentro das exigências do seu programa” (Livro de Atas do Centro D. Vital, 1932, p. 30). Não foram encontradas, nesta análise, exemplares do impresso; no entanto, diversas atas de sessões se referem à circulação do boletim.

A revista “A Ordem”, que era uma publicação do Centro D. Vital do Rio de Janeiro, também circulou em Sergipe. Na ata da sessão do dia 26 de janeiro de 1934, o presidente falou, a todos os vitalistas, sobre a importância de manter a publicação da

revista “A Ordem”, consagrada como a melhor no gênero, instrumento pelo qual o Centro D. Vital defendia os ideais católicos e fazia divulgação de suas atividades, como também esperava a colaboração, através de artigos sobre assuntos da atualidade católica (Livro de Atas do Centro D. Vital, 1932, p. 42v). Na revista de março-abril de 1946, saiu uma nota elogiosa sobre o Centro D. Vital de Aracaju (Livro de Atas do Centro D. Vital, 1946, p. 05).

Em 1960, Aracaju foi elevada à categoria de Arquidiocese e foram criadas as Dioceses de Propriá e Estância. Com a criação da Diocese de Propriá e a chegada do bispo Dom José Brandão de Castro, um outro impresso católico passou a circular no Estado de Sergipe. Segundo Santos (2006), “o jornal ‘A Defesa’ tornou-se órgão oficial de imprensa na Diocese de Própria”. Esse periódico surgiu, em 1932, naquela época, como um jornal paroquial, mas em razão das dificuldades financeiras, segundo Santos (2006), “teve sua publicação interrompida em vários momentos”. Voltou a circular com a criação da Diocese, como um instrumento usado para difundir o pensamento educacional e evangelizador da Igreja no Baixo São Francisco.

Além de assumir a função de combater os grupos ou indivíduos que fazem oposição ao catolicismo, a imprensa católica tem sido vista como um importante recurso para oferecer boas leituras, assim como para promover diversões sadias e difundir a doutrina e os ensinamentos católicos. Nessa perspectiva de utilizar a ‘boa imprensa’ para difundir os discursos católicos e, consequentemente, moldar o pensamento, o comportamento e as ações dos fiéis em conformidade com os princípios do catolicismo, foram criados diversos impressos católicos, a exemplo do periódico “A Defesa” (SANTOS, 2005, p.02).

A Igreja constantemente procurou, através dos impressos, instruir; bem como manter informada a população e, principalmente, os cristãos. Segundo Santos (2006), “Dom José Brandão de Castro atribuía grande importância à imprensa, especialmente à sua função educativa”. Por conta disso, no jornal “A Defesa”, encontramos discursos educacionais que se voltaram para a formação da juventude.

Diante da tentativa de promover uma educação fundamentada nos preceitos católicos, o clero que compunha a Diocese de Propriá na década de 1960, passou a utilizar o periódico “A Defesa” como um importante dispositivo pedagógico. Vale ressaltar que sua função pedagógica não se limitou aos discursos e às propostas direcionadas à educação escolar. O jornal “A Defesa” esteve voltado especialmente para a ‘educação geral dos cristãos’, ou, tomando por base o conceito de civilização de Norbert Elias, pode-se afirmar que ele foi um dos dispositivos utilizados para civilizar os fiéis em conformidade com os

princípios e propósitos da Igreja daquela região. Para tanto, se preocupou em oferecer as bases para a educação espiritual e moral dos católicos leigos (SANTOS, 2005, p.04).

Essa autora procurou investigar a difusão da Educação Católica no jornal “A Defesa”, bem como verificar se os discursos educacionais se manifestaram de forma implícita ou explícita na imprensa católica.

A imprensa católica não se propõe somente a informar, mas também a formar os cristãos. Apesar de não serem tidos oficialmente como instrumentos pedagógicos, os impressos católicos têm um caráter educativo, enunciando e buscando a consolidação de discursos que estão direta ou indiretamente voltados para a educação dos fiéis. Tais discursos estão presentes na edição do jornal católico “A Defesa” (SANTOS, 2006, p.30).

Ou seja, também no estado de Sergipe, os impressos se tornaram veículos que auxiliaram na evangelização dos fiéis.

[...] a imprensa católica podia prestar grandes serviços. Nos locais em que o “púlpito dorme e não fala”, o jornal torna-se o suplemento da homilia ou da palavra do pároco”, o “catecismo”. Na Diocese de Aracaju isto ocorreu inicialmente com o boletim A Diocese de Aracaju – Orgam Oficial, criado em 1912 (ANDRADE JÚNIOR, 2000, p. 118).

Diante do enfoque dado a esta investigação, é possível verificar que:

Todo o esforço em editar e fazer circular impressos que defendessem os interesses da religião católica tinha como objetivo último a recristianização da sociedade ou a construção da civilização cristã brasileira (SOUZA, 2005, p. 24).

Dentro desse contexto das práticas pedagógicas evidenciadas nos impressos católicos, atualmente, a revista “Cidade Nova”, uma publicação ligada ao Movimento dos Focolares, tem sido relevante por mostrar artigos voltados para as diversas áreas do conhecimento, com destaque para educação. Nessa revista, que é o objeto deste estudo, buscamos aspectos inovadores, apresentados por um veículo de comunicação ligado à Igreja e transmissor de discursos educacionais.

CAPÍTULO 2

A REVISTA “CIDADE NOVA”

A revista “Cidade Nova” surgiu com o objetivo específico de manter ligados os membros do Movimento dos Focolares. Este é um Movimento eclesial e civil, iniciado em 1943, na cidade de Trento, norte da Itália, durante a Segunda Guerra Mundial.

2.1 - O MOVIMENTO DOS FOCOLARES

No dia 07 de dezembro de 1943, véspera da festa da Imaculada Conceição, em meio aos bombardeios da Segunda Guerra Mundial, em uma manhã fria e chuvosa, Chiara Lubich consagrou-se inteiramente a Deus. Só ela e seu confessor sabiam sobre esse fato. Ela fez voto de castidade perfeita e perpétua. “Esse dia será considerado a data de nascimento do Movimento dos Focolares”(LUBICH, 2003, p.437). Um movimento de espiritualidade que nasceu no âmbito católico mas, atualmente, possui abertura ecumênica, diálogo inter-religioso e intercultural. Está difundido em 186 países dos cinco continentes. Segundo Chiara, “alguém começou a chamar assim as pequenas comunidades e o nome ficou, caía muito bem para nós”(LUBICH, 1991, p.79).

2.2 - CHIARA LUBICH

A História da Educação através de seus pesquisadores tem se dedicado no sentido de estudar a vida de pessoas, homens e mulheres, intelectuais e educadores que contribuíram ou contribuem, de alguma forma, na questão educativa²³.

No caso específico da biografia, ela é definida por Borges (2001) como “uma espécie de história que tem por objeto a vida de uma só pessoa”. Baseando-nos nestes preceitos em meio à essa investigação, procuramos conhecer mais sobre a vida de

²³ Galvão e Lopes (2001) fazem referência à maneira como essa disciplina aborda estas questões.

Chiara Lubich para, assim, tentar verificar como se evidencia a prática pedagógica dessa personalidade contemporânea, fundadora do Movimento dos Focolares e idealizadora da revista “Cidade Nova”.

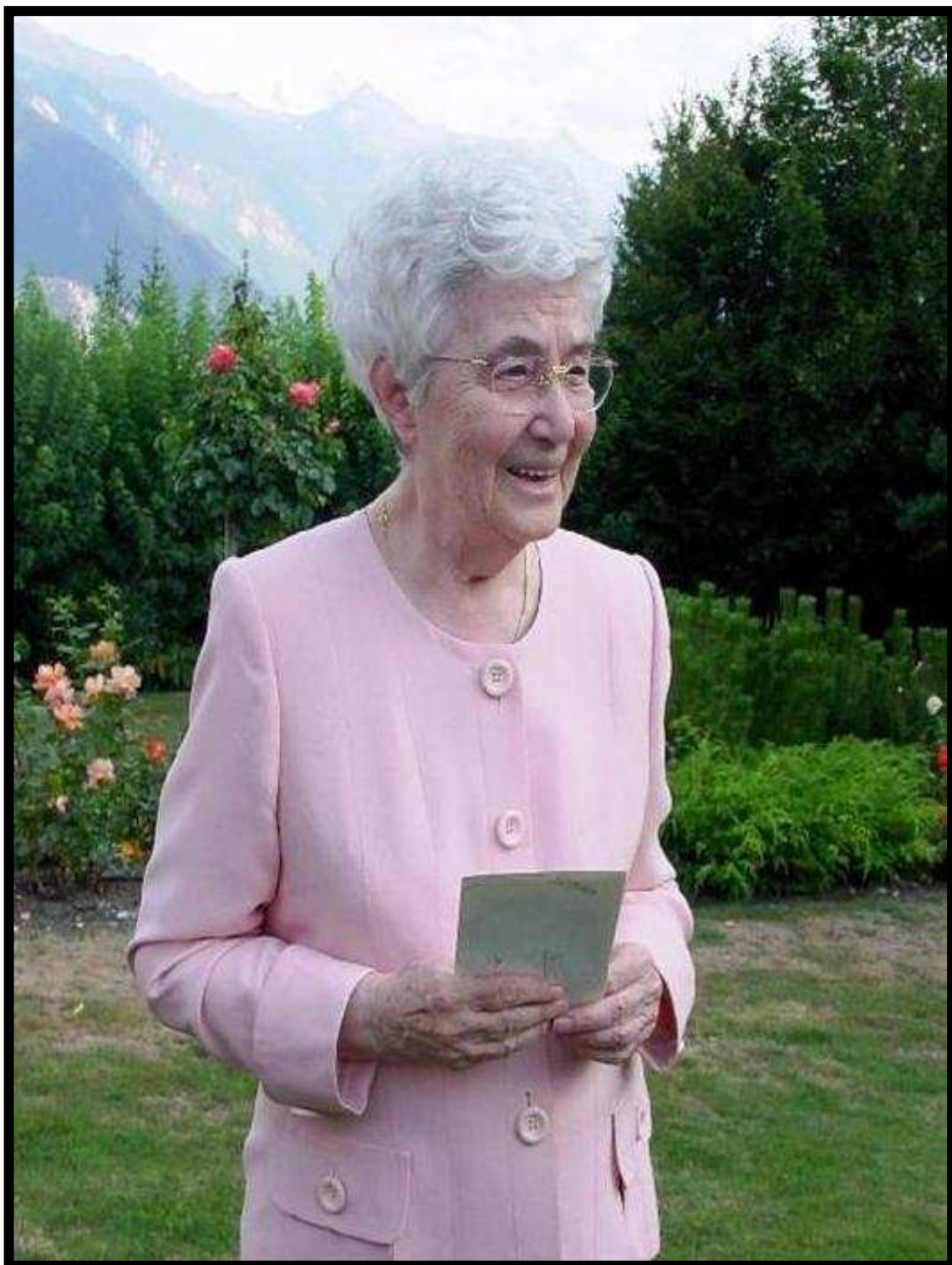


Figura 2: Chiara Lubich em Mollens-Suíça. Fonte: Documentário “Sejam uma família”, 11 de agosto de 2007. Acervo da pesquisadora.

Chiara nasceu em 22 de janeiro de 1920, na cidade de Trento, norte da Itália, dois anos após o fim da primeira Guerra Mundial. Ela foi batizada na igreja de Santa Maria Maggiore, que ficava nas proximidades do apartamento onde nascera e que, por muito tempo, seus pais moraram. Seu pai se chamava Luigi e era socialista; “mais tarde, sob a influência dos filhos, retomou a frequência à Igreja” (LUBICH, 1991, p.33). A mãe Luigia, segundo Lubich (1991), “era uma mulher muito piedosa”. Os pais se conheceram na tipografia do jornal *Il Popolo*, onde trabalhavam. “[...] ele era o chefe da seção tipográfica e ela tipógrafa, neste jornal que era o órgão dos socialistas trentinos [...] tiveram quatro filhos: Gino, o mais velho; Chiara, a segunda; depois Lilliana e Carla” (LUBICH, 1991, p.34).

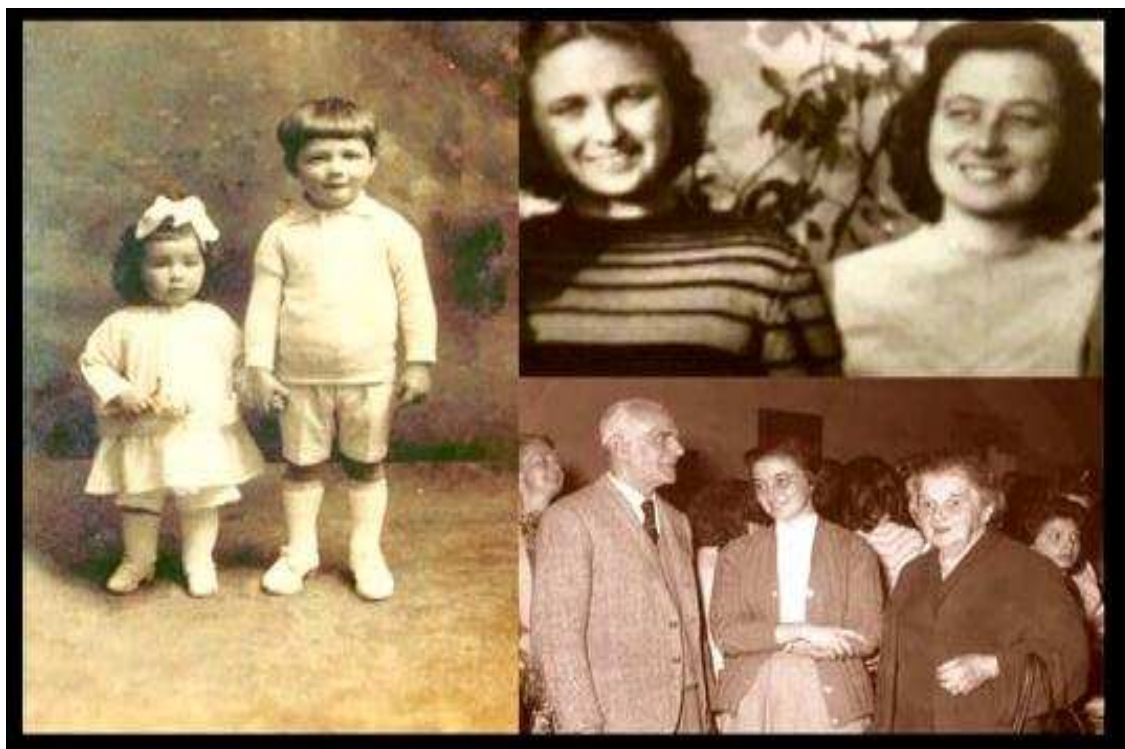


Figura 3: Chiara com seu irmão Gino na foto maior. À direita, em cima, Chiara com Giosi, uma de suas primeiras companheiras do Movimento dos Focolares. Embaixo, com os seus pais. Fonte: Documentário “*Per Sempre*”. *Centro Vita*, 11 de agosto de 2006. Acervo do Centro Regional do Movimento dos Focolares, em Pernambuco.

Ela, desde sua adolescência, dava aulas particulares para pagar seus estudos, e em 1938, recebeu o diploma de professora primária. Anos mais tarde, iniciou o curso de Filosofia na Universidade Católica de Veneza, que não conseguiu concluir por conta da Guerra. Nesse período, Chiara tinha confidenciado a algumas amigas suas aspirações, seu desejo de fazer algo concreto pela humanidade.

Chiara Lubich, professora, junto com algumas companheiras, fez uma grande descoberta: Deus é o “TUDO” de sua vida, o “único Ideal²⁴ que não passa”. Ela entendeu que devia deixar de lado sua dor pessoal - sua casa que havia desmoronado por conta da guerra, seus pais que deixaram a cidade - para assumir as dores da humanidade, representada ali pelos pobres, pelos mutilados, pelos sem-teto, doentes e vítimas da Segunda Guerra. Assim, enquanto famílias perdiam os parentes, escolas e casas eram destruídas, Chiara, juntamente com algumas jovens, abdicaram dos seus ideais para ajudar as pessoas feridas e desabrigadas, colocando em risco suas próprias vidas em meio aos bombardeios.

Durante aquele período de guerra, elas liam o Evangelho e ajudavam a muitos que precisavam de roupas, remédios, comida e casa. Foi assim que teve início o que mais tarde veio a se chamar Movimento dos Focolares, baseado no ideal de fraternidade, unidade e solidariedade. A Experiência de amor concreto vivida entre aquelas primeiras pessoas era forte e muitos outros jovens começaram a aderir àquele grupo.

O Movimento dos Focolares, desde o seu surgimento, esteve voltado para o campo social, isso porque a sua mola propulsora sempre foi o amor. A experiência vivida naquele período, de colocar em comum bens materiais e espirituais, contribuiu para o surgimento da primeira comunidade entorno dos Focolares. Uma comunidade onde se podia viver como os primeiros cristãos “não havia nenhum indigente entre eles”²⁵ – uma comunidade cujo aspecto se apresentava harmonioso diante da sociedade.

Chiara Lubich propôs um estilo de vida baseado no Evangelho, enfocando principalmente o mandamento do amor mútuo, sublinhado na prática por uma concretização da comunhão entre os seus membros, tanto através de uma partilha de bens materiais, como da troca de experiências e necessidades.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o espírito de solidariedade permaneceu vivo naquele grupo que ia crescendo cada vez mais. Aos poucos, outros jovens eram atraídos por aquele estilo de vida, assim como famílias, sacerdotes, freiras, políticos, dentre outros. Anualmente, essas pessoas se encontravam para passar um período de férias juntos nas montanhas e, assim, aprofundar aquela espiritualidade que estava

²⁴ Palavra usada, desde os primórdios do Movimento, para designar todo o conjunto da sua espiritualidade, que teve origem justamente na escolha de Deus como Ideal de vida (LUBICH, 1993, p. 186).

²⁵ Expressão Bíblica que pode ser encontrada no livro dos Atos dos Apóstolos, capítulo 2, versículo 44.

surgindo. Esses encontros são chamados de “Mariápolis”²⁶ e, inicialmente, duravam dois meses.

Foi a partir desses momentos em grupo que surgiu a necessidade de fazer um informativo que pudesse, constantemente, manter em contato aquelas pessoas. O nome “Cidade Nova” vem justamente por conta da experiência vivida durante esses dias na Mariápolis, todos inseridos no clima de fraternidade e solidariedade. Brotou o desejo de levar a outros ambientes aquele mesmo espírito vivenciado naquela cidade temporária, por acreditar que se as pessoas no mundo vivessem daquela maneira, poderia-se construir verdadeiras “cidades novas” em cada ponto da Terra.

2.3 - O CONCEITO DE CIDADE

A cidade, caracterizada por grandes aglomerações humanas, segundo Ávila (1991), é uma invenção relativamente recente²⁷ do homem e remonta a um passado não superior a uns sete mil anos.

Ao longo da história do catolicismo, a idéia de cidade pode ser frequentemente encontrada. Santo Agostinho (2003), teólogo e filósofo, considerado um dos “doutores da Igreja”, salienta, em uma de suas principais obras, “Cidade de Deus”, a importância dessa categoria. O livro, escrito no século V, mostra, através dos textos sagrados do Antigo Testamento, que a cidade está presente através da narrativa de juízes, profetas e reis. No Novo Testamento, ela é caracterizada pelos aspectos da vida de Jesus nas diversas cidades por onde passou e, também, através do Apóstolo Paulo, que viajou e escreveu para várias comunidades.

Segundo Agostinho, existem duas cidades: a cidade terrena e a cidade celestial. A cidade terrena vem da idéia do Paraíso, basicamente relacionado a “Caim e Abel”. Caim seria pertencente à cidade dos homens, cidade do pecado e da morte e Abel participante da cidade de Deus. A cidade celestial é a da graça e da bênção de Deus, tem origem teológica, está ligada à existência da sociedade.

²⁶ A palavra Mariápolis quer dizer Cidade de Maria. A finalidade das Mariápolis é construir um esboço de sociedade permeada pela prática do Mandamento Novo de Jesus (“Amai-vos uns aos outros”; Jo 15,17) na sociedade (LUBICH, 1993, p.187).

²⁷ O homem primitivo apareceu a cerca de um milhão de anos. Nas pequenas comunidades primitivas predominavam as relações de parentesco e eram organizadas à base de costumes e tradições. As cidades apareceram somente 5.000 anos antes de Cristo, às margens dos rios Nilo, Tigre, Eufrates e Sena (AVILA, 1991, p. 78).

Dois amores fundaram, pois, duas cidades, a saber: o amor próprio, levado ao desprezo a Deus, a terrena; o amor a Deus, levado ao desprezo de si próprio, a celestial. Gloria-se a primeira em si mesma e a segunda em Deus, porque aquela busca a glória dos homens e tem esta por máxima glória a Deus, testemunha de sua consciência (AGOSTINHO, 2003, p. 169).

Cidade tem tamanha força para o catolicismo que existe uma bênção papal chamada *Urbi et Orbi*²⁸, que atualmente é dada durante as festas do Natal²⁹ e na Páscoa. João Paulo II introduziu o costume de, por ocasião desta bênção, saudar os católicos do mundo inteiro em dezenas de línguas. “As cidades desempenham um papel decisivo na evolução dos povos, porque é nelas que se elaboram as doutrinas, as ideologias e os sistemas que inspiram as grandes transformações sociais” (ÁVILA, 1991, p. 79).

Historicamente, muitas formas de compreender a cidade surgiram ao longo do tempo: a cidade conceituada como “fortaleza”, onde predominava a existência de muralhas, para proteção e defesa; as cidades com visão estrelada, colocando em evidência a centralidade, predominaram durante o Renascimento; e a idéia de cidade como máquina, como um meio de produção, presente, principalmente, no início do século XX, com a revolução industrial.

Ao longo da história, as cidades foram cenários de trabalho, de trocas, de negócios, e também de encontros nas ruas, de conversas nas praças, de manifestações políticas, de festas. De uma certa forma, nas cidades materializou-se a criatividade humana, quase sem limites, no ardor de vencer a natureza. As cidades foram também os espaços onde foram disseminados a escola, a escrita, a imprensa, o livro e a pedra – templos e monumentos que em sua arte perpetuaram idéias e valores. *Stadtluft macht frei*, o ar da cidade liberta, uma conhecida expressão alemã dos tempos medievais, evidencia para a cidade como o lugar da produção da autonomia, da liberdade, do indivíduo, dos gostos (VEIGA, 2003, p. 399).

²⁸ É uma bênção solene à cidade de Roma (*Urbi*), onde o catolicismo se consolidou e que continua sendo uma cidade importante, em se tratando do aspecto católico; e ao mundo (*Orbi*).

²⁹ Os Papas, até Pio IX, costumavam dar esta bênção especial na Quinta-Feira Santa e na festa de São Pedro e São Paulo, e ainda por ocasião de grandes acontecimentos (eleição ou entronização do Papa, anos santos, entre outros). Com a tomada de Roma pelo exército de reunificação da Itália (1870), o Papa Pio IX, e os seguintes, ao se considerarem prisioneiros, suspenderam esta bênção. Só Pio XI, no dia da sua eleição, a retomou. A esta bênção está anexada uma indulgência plenária, nos termos habituais, que pode ser alcançada mesmo através da rádio e da televisão. A mesma bênção papal também pode ser dada pelo bispo, aos seus diocesanos, em três festas do ano, à sua escolha. (http://www.agencia.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.asp?id_entrada=1935 12 de dezembro de 2007).

É na cidade onde a vida acontece, na cidade estão mergulhados todos os desafios presentes na humanidade: conflitos entre gerações, miséria, anseios sociais, entre outros. A cidade é, antes de tudo, um local de concentração de diversificados agentes sociais.

Le Goff (1998), acreditando no dinamismo urbano, fez uma abordagem sobre essas questões. Coloca a cidade como um lugar de troca e de diálogo, lugar de cobiça, lugar de poder, que quer fundar o bom governo, preocupada com a Justiça, mas multiplica as injustiças e os marginalizados.

Com relação ao Movimento dos Focolares, o conceito de “Cidade” foi algo muito presente na vida de Chiara Lubich, já desde o início: nas primeiras Mariápolis, nos Alpes, no título da revista e, em seguida, nas “Cidadelas” ou Mariápolis permanentes³⁰ que nasceram em todo o mundo.

Um primeiro fato, nesse sentido, foi evidenciado na noite de 13 de maio de 1943, quando, em meio às lágrimas, Chiara deixou que seus pais partissem, para se proteger em abrigos seguros, e optou por ficar em sua “Cidade”. Além disso, podemos pensar nas diversas cidadanias que lhe foram conferidas e nas “iniciativas”, promovidas por ela, como “Roma Amor”, “Trento Ardente”; além dos seus escritos: “A ressurreição de Roma”, “Uma Cidade não basta”, dentre outros. Verifica-se que existe um percurso na trajetória dessa espiritualidade que conduz ao conceito de Cidade.

Na década de 50 do século XX, pessoas do Movimento nascente, de diversas idades e categorias sociais, encontravam-se, durante o verão, no *Vale de Primiero*, nas montanhas Dolomitas, no norte da Itália, para passar um período de férias e aprofundar aquela nova espiritualidade, um estilo de vida diferente. Formavam-se, ali, as primeiras Mariápolis, cidadezinhas temporárias. Mas, Chiara intuiu que aquela experiência original se tornaria permanente. Isso porque, no final das Mariápolis, as pessoas

³⁰ As Mariápolis permanentes são as cidadezinhas testemunho onde moram, por determinado período, famílias, sacerdotes, religiosas, jovens, crianças e adultos. Para formação dessas pessoas, nos princípios do Movimento, existem cursos nas diversas modalidades e, também, diversos trabalhos nos quais os habitantes desenvolvem suas potencialidades. Geralmente, também, existem espaços para conferências, inclusive com salas, refeitórios e quartos para hospedagem. Atualmente, são 34 em todo o mundo, cada uma com características próprias, de acordo com o país ou a região onde estão localizadas. A Mariápolis de Ottmaring, na Alemanha, testemunha a unidade e o ecumenismo através da convivência entre católicos e luteranos; a de Tagaytay (Manila), nas Filipinas, enfatiza o diálogo inter-religioso; em Fontem, na República dos Camarões, o testemunho é, sobretudo, através do campo da saúde, onde médicos e outros profissionais dessa área se dedicam aos cuidados com o povo bangwa, atingido por muitas doenças e com alto índice de mortalidade infantil; No Brasil, em resposta aos problemas sociais, são três as Mariápolis, conforme mapa na página 71: “Ginetta”, em Vargem Grande Paulista-SP, “Santa Maria”, em Igarassu-PE e “Glória”, em Benevides-PA. Maiores informações consultar: <http://www.focolare.org/page.php?codcat2=1076&codcat1=268&lingua=PT>.

chegavam para ela e diziam: “já acabou?” “Não se poderia fazer uma Mariápolis que não acabasse mais?”

Depois de alguns anos, Chiara, com algumas de suas companheiras, estava na Suíça e durante um passeio, do alto de uma colina, olhou a Abadia de Einsiedeln, uma Abadia Beneditina. Chiara teve a impressão que ali estava vivo São Bento, que vivera 1500 anos atrás. Vivo no seu Ideal *Ora et Labora* (ora e trabalha). A Igreja, bem no centro, as casas, os campos onde os monges ainda hoje rezam, trabalham, estudam. Ela teve a idéia e o desejo de que também a espiritualidade do Focolare conseguiria, exprimir um dia, algo parecido, não tanto em forma de mosteiro, mas de uma pequena cidade, com a vida e as obras de uma Mariápolis permanente. Essa cidade deveria ser o esboço da sociedade renovada pelo Ideal da unidade, e poderia conter todos os elementos de uma cidade moderna: casas, escolas, Igreja, lojas, oficinas, editora. Uma pequena amostra de sociedade nova, de um mundo unido, para que se pudesse ver como seria o mundo se todos procurassem viver a lei do amor.

Segundo Morandi (1997), Chiara baseou-se no Paraíso celeste porque a idéia da cidade está ligada a uma idéia de participação comunitária dos cristãos; porém, comunitária não apenas do ponto de vista humano, mas do ponto de vista sobrenatural; isto é, de fazer com que seja Cristo, no meio da comunidade, que age. Esta é a novidade apresentada pelo Movimento dos Focolares. Percebemos que essa realidade que Chiara aponta não está condicionada apenas a um pensamento católico, mas ao pensamento daqueles que buscam e acreditam em valores: da vida, da igualdade, da fraternidade.

Certa vez, perguntaram a Chiara como surgiu a idéia de colocar *Città Nuova* como título da revista e ela disse, em outras palavras, que a Mariápolis era uma cidade renovada pelo Evangelho. Logo, deveria surgir um informativo que mantivesse o mesmo propósito e que pudesse servir como um meio de contato entre os participantes da Mariápolis (MORANDI, 1997).

Com relação à utilização dos impressos, desde o início do Movimento dos Focolares foi construída uma relação próxima com os meios de comunicação. Chiara Lubich via como uma exigência concreta, para sua difusão e a articulação da comunicação entre os seus membros, a necessidade dos recursos da imprensa escrita. É importante lembrar que ela nasceu e cresceu em um ambiente propício ao contato com os impressos: seus pais foram tipógrafos e um de seus irmãos tornou-se jornalista.

Desta forma, no dia 14 de julho de 1956, um sábado, teve início a revista, como um informativo quinzenal, com notícias, meditações e cartas. Essa primeira edição foi, ainda, mimeografada, conforme figura 4, e teve uma tiragem de 70 cópias.

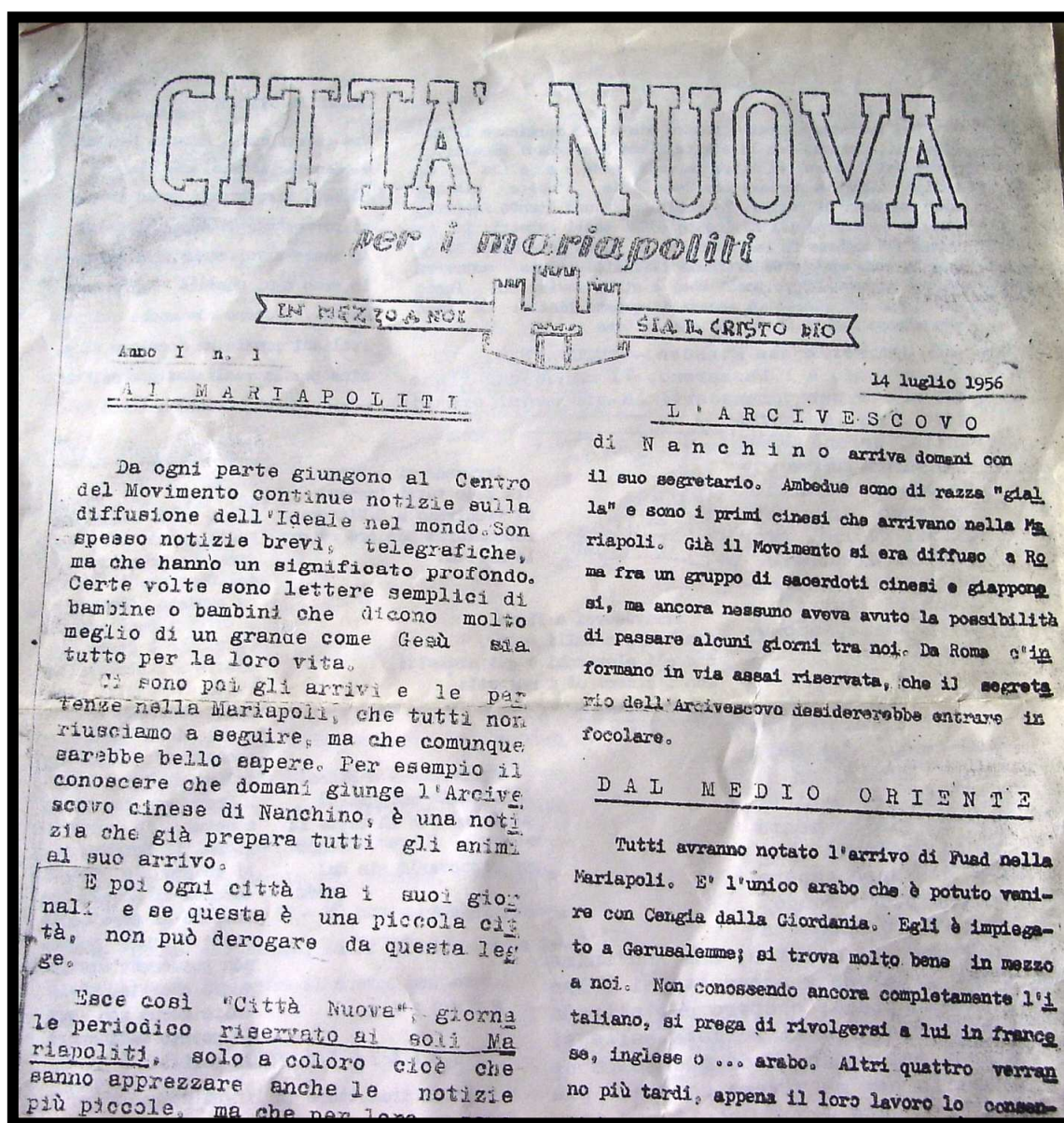


Figura 4: Cópia do primeiro número de *Città Nuova*. Foto: Maria José Dantas, janeiro 2007. Acervo da pesquisadora.

O primeiro editorial foi escrito por Chiara Lubich, enfatizando os objetivos centrais do impresso:

Da ogni parte giungono al Centro del Movimento continue notizie sulla diffusione dell'Ideale nel mondo. Son spesso notizie brevi, telegrafiche, ma che hanno un significato profondo. Certe volte sono lettere semplici di bambine o bambini che dicono molto meglio di un

grande come Gesù sia tutto per la loro vita. Ci sono poi gli arrivi e le partenze nella Mariapoli, che tutti non riusciamo a seguire, ma che comunque sarebbe bello sapere. Per esempio il conoscere che domani giunge l'Arcivescovo cinese di Nanchino, è una notizia che già prepara tutti gli animi al suo arrivo. E poi ogni città ha i suoi giornali e se questa è una piccola città, non può derogare da questa legge (LUBICH, 14 luglio 1956).³¹

Para Chiara, esse informativo deveria ser algo onde todos pudessem escrever: religiosos, leigos, trabalhadores, homens, mulheres. Inicialmente, ela não tinha em mente reunir escritores famosos. No entanto, sabia que para manter *Città Nuova* precisaria da colaboração de especialistas. Um dos primeiros colaboradores foi Gino Lubich³² que era jornalista. Também de significativa contribuição para a criação da revista foi a experiência de Aldo Gadotti, que antes de conhecer o Movimento trabalhava em um jornal. Iginio Giordani, escritor e influente político italiano, também apoiou a iniciativa, tendo sido, durante muitos anos, o editor da revista.

2.4 – “CIDADE NOVA” NO BRASIL

O primeiro exemplar, em português, encontrado durante esta investigação foi de 20 de setembro de 1957: um folheto mimeografado, trazido por um sacerdote brasileiro que foi à Itália para conhecer a experiência daquela comunidade que se formava ao redor de Chiara Lubich. “Em 15 de janeiro de 1958, teve início em terras brasileiras a circulação do informativo ‘Cidade Nova’ em língua portuguesa” (FARO; LÒRIGA, 2008, p. 21). O impresso vinha para aquele sacerdote e para alguns leitores brasileiros, que conheceram a revista na Itália, em uma Mariápolis. *Città Nuova* era traduzida lá mesmo, na Europa, por padres e seminaristas do Brasil que estudavam em Roma. Em 1959, a pedido do então Arcebispo de Recife Dom Antonio de Almeida Moraes Júnior,

³¹ De toda parte chegam ao Centro do Movimento contínuas notícias sobre a difusão do Ideal no mundo. São, muitas vezes, notícias breves, telegráficas, mas que têm um significado profundo. Outras vezes são cartas simples de meninas e meninos, que comunicam muito melhor, do que um adulto, como Jesus é tudo para a vida deles. Depois, temos também as chegadas e as partidas na Mariápolis, que não conseguimos acompanhar todas, mas das quais, de qualquer modo, seria maravilhoso tomar conhecimento. Por exemplo, sermos informados de que amanhã chegará o arcebispo chinês de Nanquim, é uma notícia que já prepara todos os corações para a sua vinda. E, além do mais, toda cidade tem os seus informativos, e se esta é uma pequena cidade, não pode renunciar a essa lei (LUBICH, 14 de julho de 1956).

³² Irmão de Chiara Lubich. Era comunista convicto, e só se converteu ao cristianismo quando viu as transformações sociais que o Ideal vivido e anunciado por sua irmã provocaram ao seu redor.

alguns membros do Movimento dos Focolares, dentre eles Enzo Morandi³³ e Gianni Busellato, vieram morar em Pernambuco.³⁴ Com a vinda deles, a revista começou a chegar com mais frequência, dando início, assim, à circulação regular de “Cidade Nova”.



Figura 5: Primeiros focolarinos na viagem ao Brasil. Da esquerda para direita: Marco, Rino, Marisa, Violetta, Ginetta, Enzo e Fiore. Fonte: Acervo do Centro Regional do Movimento dos Focolares em Pernambuco.

³³ Conselheiro e Co-responsável pelo Movimento dos Focolares no Brasil e um dos pioneiros da revista “Cidade Nova”. Maiores informações consultar: DANTAS, Maria José. Dos céus alpinos ao porto de Recife: Enzo Morandi (Volo) um grande vôo, muitas aventuras e páginas de Cidade Nova. **Anais II Cipa – Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) biográfica:** tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. 10 a 14 de setembro de 2006, Salvador – Bahia – Brasil; DANTAS, Maria José. Eram quatro folhas mimeografadas... In: **Cidade Nova**, ano L, nº. 1, janeiro 2008. p. 23-25.

³⁴ Primeiro Estado brasileiro onde a espiritualidade do Movimento dos Focolares se organizou.

Segundo Morandi (2007), esta foto foi tirada por Gianni, durante a viagem, no navio que os trouxe ao Brasil. O uso do colete foi durante uma simulação de emergência. “Fomos instruídos sobre como fazer em caso de acidente, então nos deram aquela roupa para vestir, por isso que estamos assim, todos ‘fardados’” (MORANDI, 2007).

As revistas também vinham de navio e era preciso ir ao Porto de Recife buscar as caixas nas quais os folhetos eram transportados. Como as pessoas que conheciam o Movimento ainda eram poucas, inicialmente esse impresso era vendido na porta das Igrejas. Essa foi uma das maneiras também de divulgar e tornar conhecido esse novo estilo de vida em Pernambuco e nos Estados vizinhos “muitas pessoas conheceram o Movimento através da revista, ela foi um meio de expansão, porque atingiu pessoas que talvez nunca tivéssemos chegado a conhecer”(MORANDI, 2005).

2.5 – OS PIONEIROS

Dentre os primeiros responsáveis e incentivadores da revista “Cidade Nova” no Brasil, Enzo Morandi foi um dos que mais se destacou. Ele nasceu em Trento, norte da Itália, no dia 27 de novembro de 1930 e, em 1958, durante um congresso realizado nos Alpes, teve o primeiro contato com brasileiros. “[...] eu estava presente quando chegaram aquelas pessoas, vindas da América, me lembro a alegria estampada nos seus rostos. Eles cantavam, ‘vento que balança as palhas do coqueiro’ e eu nem sonhava que depois de alguns dias seria escalado para ir para o Brasil”(MORANDI, 2005).

Um outro pioneiro muito importante para a revista “Cidade Nova” é Gianni Busellato:

Éramos jovens, não conhecíamos a cultura brasileira nem falávamos o português. Mas, para nós, a conquista do mundo era uma coisa lógica. Sentíamos-nos responsáveis pela difusão da espiritualidade da unidade em toda a América, desde o Alasca até a terra do Fogo (BUSELLATO *apud* LUCCAS, 1998, p.21).

E eis que eles atravessaram o oceano rumo ao Brasil, em uma viagem que durou onze dias; desses, três de tempestade. E, finalmente, chegaram a Recife:

Do porto fomos para um alojamento provisório na Igreja paroquial do Espinheiro, em um grande quarto no primeiro andar, próximo ao altar principal, o qual víamos através das janelas em arco, por sorte cobertas com cortinas. Depois de cerca de três semanas de procura,

alugamos um apartamento de três quartos no bairro de Casa Amarela, a dois passos do Colégio das irmãs de Santa Catarina, onde logo se iniciaram os encontros dominicais com a comunidade que nascia. Contemporaneamente Gianni e Rino encontraram um emprego, o primeiro (dada a sua experiência específica) em uma pequena fábrica de sapatos do centro e o segundo como empregado administrativo de uma faculdade de filosofia (MORANDI, s/d., p.54).

Enzo Morandi nunca escreveu artigos, nem chegou a ser redator, mas foi um ponto de referência para os que gostariam de entrar em contato com a revista ou com o Movimento dos Focolares. Ele era o responsável pela revista e tinha a função de coordenação e direção.

Nas revistas, havia sempre uma indicação de endereço para contato e para assinaturas. Inicialmente, era o endereço de Roma. Enzo Morandi, quando chegou ao Brasil, trouxe o endereço de um jovem chamado Eraldo, que morava em Palmeira dos Índios (AL). Ele recebia os exemplares da revista através de um sacerdote, amigo seu, que havia morado na Europa. Eraldo era dono de uma pequena tipografia, movida manualmente, porque na época não havia ainda energia elétrica naquela cidade.

Aos poucos, aquelas pessoas recém-chegadas de outro continente foram convivendo com a nova realidade, em um contexto totalmente diferente daquele em que estavam habituadas.

A começar pelo clima (que estranho aquela missa de Natal em pleno verão, pingávamos de suor) até o aspecto étnico e social; um ambiente que, como se pode imaginar, nos reservava cada dia novas surpresas, às vezes um tanto cômicas, como a compra de álcool em mercearias e ddt (Dicloro-Difenil-Tricloroetano) em farmácias (MORANDI, s/d., p.54).

A adaptação alimentar foi mais uma tarefa difícil:

Os hábitos alimentares da população - pela falta de modernas possibilidades de comunicação e troca - se baseavam quase exclusivamente nos escassos produtos disponíveis localmente: carne fresca ou salgada, seca no sol, arroz, feijão, farinha de mandioca e uma ausência quase total de verdura. Como se pode imaginar, também para nós não foi fácil adaptarmo-nos a este novo regime alimentar, para não falar do aspecto sanitário: das insidiosas doenças tropicais, das quais se tornou indispensável aprender a nos defender. Basta pensar que nos primeiros 18 meses de permanência no Recife, entre uma indisposição ou outra, cheguei a perder 12 quilos! (MORANDI, s/d., p.54).



Figura 6: Primeiro focolare masculino do Brasil. Marco, à esquerda; Rino, ao centro e Morandi, à direita. Fonte: Acervo do Centro Regional do Movimento dos Focolares em Pernambuco.

De acordo com Morandi (2007), esta foto foi no primeiro focolare masculino, perto do hospital Agamenon Magalhães e do Colégio Santa Catarina, em Recife, onde aconteciam as reuniões com as pessoas que começavam a conhecer o Movimento. “Fui ver recentemente. Está lá ainda o edifício, mas agora tem arranha-céus por toda parte. Naquela época era tudo baixinho, tudo perdido no meio das plantas. Esse era o único prédio com dois andares. Nós morávamos no segundo andar e essa era a sala” (MORANDI, 2007).

O Brasil do início da “Cidade Nova” era bem diferente do atual. Tinha no Governo Juscelino Kubitschek, um presidente que representava otimismo e que almejava o desenvolvimento. Mas, existiam as contradições, visto que os campos da educação e alimentação não foram contemplados com o tão sonhado progresso.

Do ponto de vista social, o setor estudantil das universidades era invadido por uma ânsia insuprimível de justiça social, que arriscava explodir em luta armada. Também nos ambientes da Juventude Universitária Católica era muito grande essa tensão, essa ânsia de empenho e justiça social, a ponto de justificar – talvez sem plena consciência – comportamentos e práticas de lutas incompatíveis com o Evangelho (MORANDI, s/d., p.53).

Com relação aos problemas sociais encontrados no Brasil, os mais evidentes foram a miséria, a fome, as desigualdades sociais. Os membros do Movimento estavam acostumados com o ambiente de guerra na Europa e, chegando ao Brasil depararam com pessoas que apesar de não estarem em guerra, viviam em completo abandono, passando fome e à margem da sociedade.

O primeiro local onde o Movimento assumiu um trabalho social, na cidade de Recife, foi a localidade denominada, naquela época, “Ilha do inferno”, devido à grave situação de indigência da população. Aos poucos, essa realidade mudou, seus moradores readquiriram sua própria dignidade, graças ao trabalho de promoção social desenvolvido até hoje pelo Movimento dos Focolares. O local, atualmente, é chamado Ilha Santa Terezinha.

Quanto à aceitação do Movimento por parte da Igreja ou das autoridades civis, de acordo com Morandi (2007), eles não tiveram muitos problemas visto que foram convidados pelo Arcebispo:

Fomos acolhidos imediatamente de braços abertos. Os bispos locais viram em nós, pessoas que vinham para evangelizar, na absoluta obediência à Igreja. Foi uma grata surpresa. Portanto, nenhuma oposição, muito pelo contrário, uma acolhida cordialíssima...

Isto se deu também com o povo. Nós nunca caímos num proselitismo que estava as antípodas do nosso estilo de vida. Apresentávamos simplesmente uma experiência de vida, deixando todo mundo livre para aceitar ou não, como achasse melhor. Não fazíamos violência a ninguém, por isso não tivemos problemas, não tivemos oposições.

Naquela época, no entanto, vinha muito em relevo a Teologia da Libertação que pregava um engajamento social que levaria a uma verdadeira revolução. Nós pelo contrário apresentávamos um estilo de vida que aparentemente parecia desligado dessa ânsia social, o que não era absolutamente verdade. Nós nos limitávamos a afirmar que também o engajamento social devia basear-se num comportamento realmente cristão, para evitar o risco de cair numa luta armada que não tinha nada a ver com o cristianismo. Por isso alguns olhavam para nós com um sorrisinho de compaixão, achando-nos pessoas meio utópicas, perdidas no céu. Esta foi, talvez, a única forma de oposição...

A própria Luiza Erundina, que nos conheceu desde a nossa chegada ao Brasil, num primeiro momento ficou entusiasmada, mas como tinha essa fortíssima ânsia social e, por outro lado, o Movimento

estava ainda longe de apresentar uma concreta encarnação do Ideal na vida social – basta citar o Movimento Político pela Unidade³⁵ ou o projeto de uma Economia de Comunhão³⁶, etc. – terminou se afastando.

Depois de anos, quando o Movimento amadureceu e conseguiu expressar-se concretamente também no campo social e político - não para criar novos partidos políticos mas para apresentar um novo estilo de fazer política – a deputada Luiza Erundina voltou com um renovado entusiasmo (MORANDI, 2007).

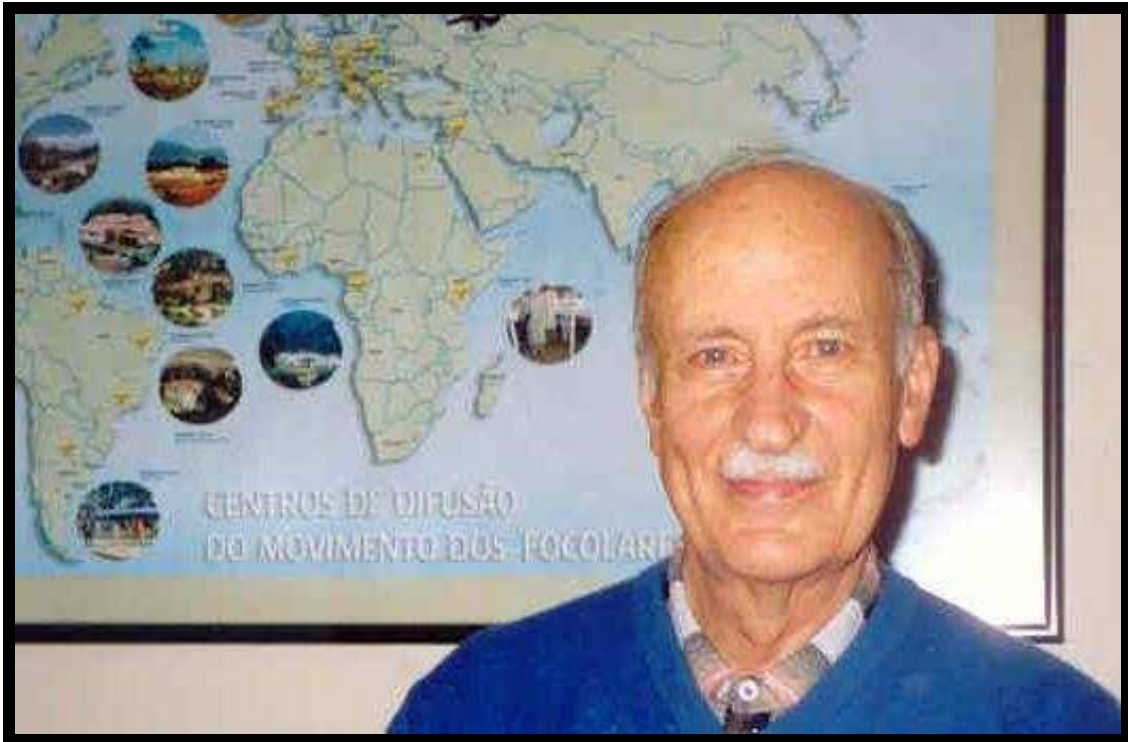


Figura 7: Enzo Morandi. Foto: Maria José Dantas. Vargem Grande Paulista, julho de 2005. Acervo da pesquisadora³⁷.

Todos os finais de semana, Enzo Morandi com os outros companheiros viajavam para alguma cidade próxima, a fim de encontrar pessoas e falar sobre esse novo carisma³⁸ que estava surgindo na Igreja. Em uma destas viagens,

³⁵ Surgido em 1996 e já difundido em vários países da Europa e da América Latina, especialmente no Brasil, visa promover uma política de comunhão.

³⁶ Projeto Econômico surgido em 1991. É caracterizado por um forte senso social. Inspira a gestão de centenas de empresas em todos os continentes, que se empenham em repartir os eventuais lucros para reinvestimentos, para ajudar as pessoas necessitadas e para apoiar iniciativas que desenvolvem a cultura da partilha.

³⁷ A foto foi tirada durante o primeiro momento de entrevista em sua residência, na Mariápolis Ginetta, em Vargem Grande Paulista, SP. O mapa-múndi ao fundo, com as ilustrações, representa as partes do planeta onde existem as Mariápolis permanentes e os principais centros de difusão do Movimento dos Focolares.

³⁸ Os focolarinos de vida comunitária não constituem família matrimonial. Tal como os padres e religiosos, eles fazem três votos: obediência, pobreza e castidade. Com relação a isso, Weber (2002) enfatiza que numerosos portadores de um carisma profético ou artístico são, na realidade, solteiros.

Estávamos em Garanhuns, denominada por alguns a ‘Suíça brasileira’. Por conta do calor de Recife fomos descansar um pouco lá e também encontrar a comunidade. Em um desses dias, saindo da missa, ficamos parados em uma praça, em frente a uma rural que tinha a placa de Palmeira dos Índios. Enquanto olhávamos a placa veio o proprietário querendo saber por que estávamos tão interessados no carro. Dissemos que era porque estávamos com o endereço de uma pessoa de Palmeira dos Índios (Eraldo, um tipógrafo). Prontamente ele nos disse que estava indo para lá naquele momento e nos ofereceu carona. Também nesta distante cidadezinha às margens do sertão privada de rede hidráulica, luz elétrica, estradas pavimentadas, a providência nos fez conhecer um grupo de pessoas generosíssimas, algumas das quais vieram a se tornar autênticas colunas do Movimento, verdadeiros apóstolos do Ideal naquela região (MORANDI, s/d., p.55).

Enzo Morandi, atualmente, é um dos responsáveis pelo Movimento dos Foculares no Brasil. Viajando freqüentemente por todas as regiões, em julho de 2007 estive em Maceió e quis saber como estava o Eraldo. Conseguiram o número do telefone da residência e Enzo teve a possibilidade de saudá-lo. “Foi uma grande alegria, poder falar com aquele senhor que havia conhecido à tantos anos”(MORANDI, 2007)³⁹.

Enzo recordou vários acontecimentos de suas viagens nos primeiros tempos do Movimento no Brasil:

Quanto acontecimentos no curso destas freqüentes viagens, caracterizadas por fatos singulares e imprevisíveis... Como aquela vez em que Rino, tranqüilamente sentado próximo à janela do ônibus que o conduzia a Palmeira dos Índios, viu subir um matuto com um porquinho no braço e uma arcaica espingarda a tiracolo. Ao ser informado pelo cobrador sobre a proibição de se viajar com uma arma carregada, o novo passageiro, imperturbável, colocou o porquinho sobre os joelhos de Rino, com um educado “dá licença”, mirou a cânula do fuzil no vão da janela, descarregou estrondosamente a arma no canavial próximo, a um palmo do nariz do nosso aterrorizado espectador com o porquinho nos braços (MORANDI, s/d., p.56).

Aventuras à parte, aos poucos, o Movimento foi se desenvolvendo cada vez mais no nordeste e era necessário chegar, também, a outras regiões do país. A edição, em português, da revista “Cidade Nova”, a princípio, era impressa na Itália; mas, “em um

Segundo o sociólogo, para fazer justiça à sua missão, os portadores do carisma, o mestre bem como seus discípulos e seguidores, devem se manter distantes das obrigações rotineiras da vida de família (WEBER, 2002, p. 173).

³⁹ Ele também estive em Sergipe, no mesmo período e, mais uma vez, gentilmente, dispôs-se a colaborar com esse estudo, fornecendo fontes e concedendo mais uma entrevista.

belo dia chegou a notícia de que cessaria a impressão em Roma e que deveríamos nos organizar localmente para imprimir a revista”(MORANDI, 2005).

Assim, como o Movimento estava se expandindo bastante naquela região, e por conta da necessidade de um local central para que o periódico fosse publicado, em 1962, Gianni Busellato e Henrique Aragão se transferiram para São Paulo e, ali, o Movimento dos Focolares abriu a primeira casa naquele grande centro urbano, visto que a convicção que se tinha era de uma cidade considerada o coração industrial e financeiro do país e, assim, daria melhores condições para a publicação da revista.

Quando chegamos em São Paulo não havia ninguém que conhecesse o Movimento. Então, lembrei-me de um sacerdote que eu tinha conhecido casualmente na Itália em 1957, durante uma Mariápolis, e fui à sua procura. Ele era assistente dos universitários que se reuniam no mosteiro de São Bento. Lá pude conversar com alguns estudantes e fazer os primeiros contatos. Em outra circunstância um ex-seminarista alemão fez uma assinatura de Cidade Nova para si e para outros jovens da faculdade de Ciências Naturais. O passo seguinte foi uma reunião com aqueles leitores da revista e outros jovens [...] (BUSELLATO *apud* LUCCAS, 1998, p.23).

Foi lá em São Paulo que teve início, de fato, a atividade editorial do impresso aqui no Brasil. No entanto, segundo Busellato (*apud* LUCCAS 1998), foram necessários alguns meses de trabalho até que a revista pudesse ser impressa na capital paulista. “Após o aluguel de um pequeno apartamento no bairro central da Bela Vista, Gianni rapidamente se empenhou para viabilizar a abertura da editora, publicar o primeiro número trimestral da revista “Cidade Nova” (que saiu de fato com uma tiragem anual de 1.200 cópias)” (MORANDI, s/d. p.59).

Em pouco mais de dois anos, em 1965, a revista já tinha 1.500 assinantes. Foi uma experiência extraordinária porque, de repente, precisei aprender como fazer uma revista sozinho, pois não havia ninguém para me ensinar. Fazíamos os textos, a revisão do português, as fotos, a paginação, a expedição, a contabilidade... (BUSELLATO *apud* LUCCAS, 1998, p.23).

O primeiro local de redação da revista, segundo Busellato (*apud* LUCCAS, 1998), “era uma pequena despensa, sob um vão de escada, com uma mesa de um metro, no máximo, e uma prateleira para os livros”. Depois foram para a Rua Caio Prado: “um sobrado perto da Consolação, depois passamos para a Pio XII e ali a redação cresceu um pouquinho mais” (MORANDI, 2005). A revista, em São Paulo, começou a circular já com assinaturas, mas também era vendida nas portas das igrejas. Ela era enviada,

também, para Recife e demais cidades do Nordeste, do Sul e das outras regiões do Brasil que já conheciam o impresso.



Figura 8: Conceição Lins e Indaiá. Fonte: Acervo do Centro Regional do Movimento dos Focolares, em Pernambuco.

Na foto podemos observar duas jovens que conheceram o Movimento em Recife, na década de 1960. Da esquerda para a direita: Conceição Lins e Indaiá. Elas estão com uma revista “Cidade Nova” de 1961, ano em que o periódico apresentou, como característica diferente dos demais, o formato de 42 cm x 21cm. Atualmente, Conceição mora no Centro do Movimento, na Itália; e Indaiá, em uma comunidade do Movimento, na África.

No início, os próprios focolarinos⁴⁰ que trabalhavam na editora iam, com uma bolsa a tiracolo, vender a revista nas portas das igrejas. Do mesmo modo os membros da comunidade ajudavam a difundir “Cidade Nova” vendendo assinaturas entre os amigos e nas portas das igrejas. Além de se esforçar em vender, os membros da comunidade eram os primeiros a fazer a própria assinatura da revista, motivados

⁴⁰ São leigos consagrados, casados ou não, que assumem o compromisso de viver integralmente a espiritualidade da unidade (LUBICH, 1993, p. 185).

pelo anseio de ter algo nas mãos que falasse do novo Ideal, para difundi-lo às outras pessoas (BUSELLATO *apud* LUCAS, 1998, p.23).

Por volta do ano 1967, foi comprado um terreno nas proximidades da cidade de Vargem Grande Paulista-SP, onde começou a ser construída uma das três Mariápolis permanentes, existentes atualmente no Brasil.⁴¹ Ali, começou o empenho para que fosse construída uma sede definitiva e altamente moderna para a revista que, em 27 de junho de 1997 foi inaugurada. Esta sede está localizada, hoje, à Rua José Ernesto Tozzi, 198, na Mariápolis Ginetta, município de Vargem Grande Paulista, a 47 km do centro de São Paulo.



Figura 9: Inauguração da nova sede de “Cidade Nova”. Da esquerda para direita, Ginetta Calliari, Enzo Morandi e Corrado Martino. Fonte: revista “Cidade Nova”, ano XXXIX, nº. 8, agosto de 1997. p. 28.

⁴¹ No Pará, Mariápolis Glória; em Pernambuco, Mariápolis Santa Maria e em São Paulo, Mariápolis Ginetta, conforme explicação da nota 30, p. 41.



Figura 10: Prédio onde fica a sede da revista “Cidade Nova”. Foto: Maria José Dantas, janeiro de 2007. Acervo da pesquisadora.

A ampla estrutura física que abriga, atualmente, a sede da revista, possui um ambiente acolhedor e muito bem delimitado, onde podemos perceber um clima fraterno e solidário entre os funcionários e colaboradores. Segundo depoimentos de alguns, na redação eles vivem como numa família. Fazem contínuos encontros para discutir a pauta do mês, conversam sobre os artigos e existe uma contribuição mútua⁴².

2.6 - CICLO DE VIDA, MATERIALIDADE E COLABORADORES DA REVISTA “CIDADE NOVA”

No estudo dos impressos, além da compreensão do conteúdo é importante conhecer a forma e variação da aparência, para um entendimento da produção dos saberes pedagógicos que emanam da publicação. Lembrando Chartier (1994), segundo o

⁴² De acordo com a espiritualidade do Movimento dos Focolares, as dificuldades, desuniões, separações entre si, ou com os outros, que por ventura possam acontecer, encontram a solução em Jesus crucificado e abandonado, que na cruz gritou: “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?” (Evangelho de Marcos, capítulo 15, versículo 34 e Evangelho de Mateus capítulo 27, versículo 46). Ele superou todas as dores, abandonando-se nos braços do Pai; então, deve ser o modelo, para os membros do Movimento, em cada dificuldade que se apresentar (Estatutos Gerais, 2007, p. 17).

qual “não há texto fora do suporte que o dá a ler ou a ouvir”, nos empenhamos em verificar também o aspecto material da revista, de acordo com seu ciclo de vida.

As primeiras edições de “Cidade Nova”, que foram traduzidas para o português no ano de 1957, mais pareciam um jornal. Foram 7 números com texto mimeografado, que variavam entre 2 e 4 páginas. Logo após o título, vinha uma frase com o local da redação para os leitores de língua portuguesa: Via Tigré 1 – Roma. Na revistoteca da editora, foi encontrado um volume com todas estas primeiras publicações, devidamente encadernadas.



Figura 11: Coleção completa da revista “Cidade Nova”, na revistoteca da editora, em Vargem Grande Paulista. Foto: Maria José Dantas, 13 de julho de 2005. Acervo da pesquisadora.

As revistas estão distribuídas, na estante, da seguinte maneira: as primeiras publicações encontram-se na parte superior, seguidas pelas revistas da década de 60 e 70. Na terceira e quarta prateleiras encontram-se as revistas mais recentes, inclusive as do marco temporal estudado nesta pesquisa.

Em 1958 a revista, ainda em formato de jornal, publicou 10 edições quinzenais até maio. A nº. 1, de 15 de janeiro de 1958, apresentava 4 páginas, em preto e branco, com o título em vermelho. Em termos de conteúdo, era formada basicamente por: editorial, meditação, experiências dos leitores e informação sobre assinaturas. Depois, ela passou a ser mensal, exceto as publicações de outubro e novembro, que foram unidas em um único volume. Quanto ao número de páginas, na primeira fase – quinzenal - a revista era composta por uma variação entre 4 e 6 páginas, com o formato de 32cm x 21cm. O endereço para correspondências continuava o de Roma. Em julho de 1958, nasceu, definitivamente, a revista, que passou a ser mensal. Começou a ser impressa já em um caderninho com 12 páginas, com nova diagramação, adição de gravuras e um vermelho mais forte na faixa do título. Quanto ao conteúdo, apresentava informativo sobre a Mariápolis (da Itália), meditação, testemunhos e informações sobre assinaturas. Posteriormente, em 15 de agosto, a revista foi impressa composta por 16 páginas, com gravuras mais definidas. A primeira foto publicada foi *La Pietà*, de Michelangelo. Nessa edição, apareceu o primeiro artigo sobre educação. A publicação de outubro e novembro, em um único exemplar, apresentava 20 páginas. Já a edição de dezembro, apenas 16 páginas. Vale ressaltar que essa edição mostrou a primeira capa com imagem. Este exemplar media 22cm x 16cm.

Na década de 80,⁴³ a revista já era bastante diferente daquele pequeno caderno de 1958. Ela tem se modernizado bastante. O *layout* passou a ser simplesmente “Cidade Nova”. Anteriormente, tinha sido, dentre outros: “Cidade Nova” - Revista Católica Internacional e “Cidade Nova” revista bimestral da Editora Cidade Nova Ltda. O formato continuou basicamente, o mesmo 27cm x 20cm, variando para 28cm x 21cm em alguns exemplares. Nesse período, a revista permaneceu mensal, com publicação de 11 números, exceto no ano de 1987, que publicou apenas 10. Nesse referido ano, os meses duplos foram junho e julho, bem como novembro e dezembro. Em 1980 e 1981, como também de 1994 até 2000, os meses duplos foram janeiro e fevereiro. De 1982 a

⁴³ As décadas de 60 e 70, embora com alterações significativas na materialidade da publicação, não serão comentadas nesta análise, visto que existe uma opção definida pelo marco temporal de 1980 a 2005.

1993, foram novembro e dezembro. A publicação de um único exemplar para dois meses, atualmente, é justificada pelo fato de que, geralmente, no mês de dezembro ou janeiro, os funcionários da editora recebem férias coletivas.

Merece destaque a edição nº. 11/12, de novembro e dezembro, de 1988, que comemora os 30 anos da revista “Cidade Nova.” Nos anos 1990, o impresso foi elaborado com seções mais delineadas. A edição de outubro de 1992 deu início a um novo estilo de revista: apresentou 20 páginas em cores, a título experimental, e utilizou papel *couchê*. Concretizou-se assim, um sonho que também era uma exigência dos leitores. No ano seguinte, a novidade foi implantada em definitivo. Um novo projeto gráfico, moderno deu vida e colorido à revista. Em 1996, ela passou a ter 44 páginas e, em 1998, foi composta por 52 páginas, número que permanece até os dias atuais. A edição nº. 1/2, de janeiro e fevereiro, deste ano, foi uma edição comemorativa dos 40 anos de circulação da revista no Brasil.

A revista atualmente possui 35 edições, espalhadas nos cinco continentes, sendo publicada em cerca de 22 línguas. A edição brasileira de “Cidade Nova” possui uma tiragem média de 30 mil exemplares. Contudo, não existe venda avulsa da revista nas bancas de jornal.



Figura 12: Exemplar de agosto de 2005 no momento em que estava sendo empacotado e etiquetado com o endereço dos assinantes. Foto: Maria José Dantas, Vargem Grande Paulista, 14 de julho de 2005. Acervo da pesquisadora.

A revista trabalha com uma rede de promotores voluntários que se empenham no contato pessoal com os leitores para, dessa forma, efetivarem as assinaturas. Essas pessoas reconhecem a importância de “Cidade Nova” e querem levar a todos a possibilidade de conhecer e adquirir essa publicação.

Conversando com algumas dessas pessoas responsáveis por assinaturas da revista em Aracaju, verificamos que existe empenho e seriedade:

Eu amo muito a revista “Cidade Nova” e essa é uma oportunidade que eu tenho de fazer chegar aos outros uma coisa boa, saudável [...] para mim ela representa um meio de comunicação puro, importantíssimo e que ajuda aos outros. Eu tenho um amor muito

grande pela “Cidade Nova” e quando chega a época de renovar as assinaturas, é como se eu não tivesse mais nada para fazer. Eu faço um roteiro de endereços dos assinantes e saio de casa só para fazer as assinaturas, para dizer o quanto ela é importante para mim (MORAES, Maria do Carmo, 2007).

Outra pessoa, a esse respeito, assim se manifesta: “tudo aquilo que é bom para nós, a gente gostaria que o outro também conhecesse, então é neste sentido que eu procuro oferecer às pessoas a revista ‘Cidade Nova’”[...] (MORAES, Tereza, 2007).

Segundo o diretor de redação, os temas diversificados contribuem para atrair mais leitores:

A linha editorial da revista se pauta na dimensão do homem na sua integralidade, por isso ela trata também de assuntos relacionados à psicologia, fotografia, cinema, literatura, cultura, arte e tem uma seção para entretenimento. Apresenta em suas páginas grandes temas como a paz, a justiça, a solidariedade, a ecologia, questões internacionais e também temas ligados às realidades do Brasil: problemas sociais, reforma agrária, vida da Igreja etc. Também tem em destaque especial a formação espiritual dos leitores (FARO, 2002).

Com relação ao diretor responsável, inicialmente, a revista era uma tradução da *Città Nuova*; nesse sentido, aparecia o nome do editor de Roma, que era Igino Giordani. Depois, aqui no Brasil, esse trabalho começou com Milton Mariano, ainda na época de Gianni Busellato e, posteriormente, o nome que apareceu, de forma recorrente, foi o de Celso Frioli, que é Jornalista. O nº. 9, edição de setembro de 1999, trouxe, pela primeira vez, o nome de Ekkehard A. Schneider (anexo 6 - Figura A) como diretor; mas, segundo ele (2005), “na verdade já trabalhava na revista desde 10 de janeiro de 1990”.

A atividade na revista não tinha muito a ver com a minha profissão (Engenheiro Mecânico). Foi uma experiência bem diferente da que eu tinha tido até então. Um dos aspectos aos quais me dediquei bastante desde o início e continuo até hoje é a revisão de textos, porque curiosamente eu sempre gostei da língua portuguesa, desde o ensino fundamental. E creio que esse também foi um dos fatores que motivou a minha vinda para cá. Naturalmente, do ponto de vista editorial, gráfico, meus conhecimentos eram nulos. Mas, tendo bons colaboradores, não foi difícil. Minha função era mais de coordenar, administrar, fazer com que tudo fluísse de maneira harmoniosa (SCHNEIDER, 2005).

Em 1997, José Antonio Faro (anexo 7 - Figura B), que é jornalista, começou a trabalhar em “Cidade Nova” como editor geral e permanece até os dias atuais. Faro é especializado em Processos de Gestão Comunicacional. Já trabalhou no “Jornal da

Manhã”, em Aracaju-SE, e foi Assessor de Comunicação na Câmara dos Vereadores de Fortaleza-CE.

Eu conhecia a proposta da revista “Cidade Nova” desde o período da universidade e já colaborava com a revista desde então. Sempre quis unir a minha profissão a um projeto de vida: fazer algo pela fraternidade universal. Via no trabalho em “Cidade Nova” a possibilidade de realizar esse projeto.

Coincidentemente depois de deixar o meu trabalho na Câmara de Vereadores de Fortaleza fui convidado para trabalhar aqui. Depois soube que a revista já tinha planos de me contratar a muito tempo e estava esperando somente que eu adquirisse uma certa experiência em outros jornais e tivesse o tempo para fazer uma pós-graduação na área de comunicação (FARO, 2005).

Como diretor de redação, Faro procura desenvolver um trabalho de mediador do processo de diálogo, em todas as etapas da revista. É alguém que cria pontes entre as diversas sensibilidades e idéias.

Naturalmente cabe ao editor pessoalmente tomar as decisões relacionadas ao projeto editorial de cada número, aos temas tratados na revista, aos contatos com colaboradores e leitores. Mas tudo isso é mediado por um amplo processo de diálogo com os membros da redação e com o Conselho de Redação com o qual me encontro uma vez por mês. Por isso, a experiência mais interessante que faço como editor é a de me sentir parte de um corpo que, naturalmente, eu devo administrar, mas com o mesmo espírito que marca a proposta da revista (FARO, 2005).

Agora são quase 50 anos de circulação do impresso e, fazendo uma rápida retrospectiva, podemos verificar que a revista já passou por vários formatos. Inicialmente, parecia um jornal; depois, um caderninho e, aos poucos, foi ganhando a forma que existe atualmente. Já foi quinzenal, trimestral, bimestral e mensal, com a publicação de 11 números. Ganhou nova forma, cores e tem um projeto especial para o ano de 2008, em comemoração aos 50 anos de circulação no Brasil: publicar 12 números.



Figura 13: Logomarca da revista, gentilmente cedida, à pesquisadora, pela redação, via e-mail.

Esse é o atual *layout* da revista em comemoração aos 50 anos de circulação no Brasil. O subtítulo “Fraternidade em fatos” diz respeito à proposta, do periódico, de divulgar o princípio da fraternidade enfatizado por Chiara Lubich e pelo Movimento dos Focolares.

A revista “Cidade Nova” sempre se empenhou na formação humana de seus leitores, como também em divulgar a espiritualidade do Movimento dos Focolares. Segundo Morandi,

O espírito da revista atualmente, continua o mesmo daquele primeiro caderninho inicial. Uma espiritualidade da unidade que a gente oferecia à sociedade e a Igreja que sabia que era moderna, fruto de um carisma do Espírito Santo e que como todos os carismas são dados através de uma pessoa, mas são dons de Deus para toda a Igreja e para a humanidade, naturalmente esse espírito pode se encarnar nas realidades humanas. A formação humana faz parte do ideal que nos anima, o espírito da unidade forma profundamente o homem, seja do ponto de vista individual, sobretudo do ponto de vista relacional, faz com que ele aprenda a viver inserido numa comunidade, o homem é um ser relacional e isso se reflete em todas as páginas da revista (MORANDI, 2005).

Para a publicação e a edição de suas matérias, “Cidade Nova” conta com um Conselho de Redação e cerca de 130 colaboradores espalhados por todo o Brasil, Europa, América do Sul e Estados Unidos. Em geral, são especialistas nos diversos setores da vida social, que aderiram ao espírito e ao estilo de “Cidade Nova”. Pela própria experiência no Movimento dos Focolares, eles fazem uma leitura da realidade a partir da perspectiva do mundo unido.

Dentre os colaboradores que trabalham no Conselho de Redação da revista, destacamos aqueles que foram entrevistados no decorrer desta pesquisa: Alexandre Araújo, Marcello Riella Benites, Maria do Carmo Gaspar e Cláudio Sampaio Barbosa⁴⁴.

Alexandre Araújo (anexo 8 - Figura C) é formado em Letras Português/Inglês. Ele sempre trabalhou como professor; mas, certa vez, chamaram-no para ser revisor de uma revista em Florianópolis. Em 2001, começou a trabalhar em “Cidade Nova”. Segundo ele, como revisor “tenho o cuidado de observar o perfil da pessoa que escreve os artigos. Em alguns momentos dou uma ou outra sugestão e confrontamos juntos”(ARAÚJO, 2005).

Marcelo Riella Benites (anexo 9 – Figura D) é formado em Jornalismo, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, e tem Pós-Graduação em Assessoria de Imprensa, pela Estácio de Sá, também do Rio de Janeiro. Marcelo não tem experiência específica na área educacional, mas segundo ele, o que o motivou a escrever sobre aspectos ligados ao campo pedagógico foi, de acordo com suas palavras:

Fiquei sensível para estas questões da educação depois que comecei a ter filhos. Como repórter sempre fui interessado em tudo, e por conta das crianças passei a escrever alguns artigos sobre essa temática e também porque o editor da revista certa vez me convidou para escrever sobre família (BENITES, 2005).

Maria do Carmo Gaspar (Anexo 10 - Figura E) é professora. No entanto, nunca trabalhou diretamente no ambiente da escola, sempre se dedicou à casa e à família. Ela é viúva e tem cinco filhos. No Movimento dos Focolares, dedica-se ao setor “Famílias Novas”⁴⁵ e aos jovens. Segundo ela:

Eu sempre continuei me interessando muito pelo aspecto da educação, porque via a necessidade de formar o homem integral, não só intelectualmente, mas em todo o seu ser. Então isso tomou muito o meu tempo, tanto em leitura, como em busca de atualizações e por conta disso participei de vários congressos formativos sobre planejamento familiar, educação dos filhos, e certa vez vindo de um desses eventos escrevi o relatório ainda no avião. Chegando aqui ele foi transformado em artigo e publicado na revista. Assim comecei a ser colaboradora de “Cidade Nova”. E como me interessava pela formação humana continuei a escrever aquilo que vivenciava. Escrevi muito sempre no campo da família e da educação (GASPAR, 2005).

⁴⁴ Outros colaboradores serão citados, nas próximas páginas deste estudo, no capítulo que trata especificamente sobre educação.

⁴⁵ Ramificação de amplo alcance do Movimento dos Focolares que se dedica ao âmbito da família e de seus problemas específicos (LUBICH, 1993, p.188).

Dentre os artigos analisados nesta pesquisa, 9 foram escritos por Maria do Carmo Gaspar; representado quase 16% do total pesquisado. Atualmente, ela desenvolve, também, atividades formativas e sociais, dentro do Movimento dos Focolares.

Cláudio Sampaio Barbosa (Anexo 11 – Figura F) já foi membro do Conselho de Redação. Porém, atualmente, não trabalha diretamente na revista, pois agora mora em outro Estado. Contudo, continua colaborando com o impresso, através da escrita de artigos. Ele é graduado em Letras pela Universidade Federal do Amazonas; fez curso de Jornalismo, voltado para a área textual, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Mestrado em Lingüística, também na PUC-SP.

Quanto à experiência na área educacional, foi professor de Língua Portuguesa durante algum tempo, tanto no Amazonas como em São Paulo, antes de trabalhar na revista. Para ele, educação é uma área fundamental e essencial para a formação de uma sociedade nova e mais justa. Esse pensamento está, segundo Cláudio, em sintonia com o desejo do Movimento dos Focolares: construir o mundo unido.

Diante deste sintético perfil dos colaboradores, podemos observar que eles estão ligados à área de Letras, Jornalismo e Pedagogia. Dois deles possuem experiência docente. Quanto a Maria do Carmo, que é professora, mas nunca assumiu nenhuma atividade no ambiente escolar, na verdade, ela possui experiência formativa devido ao seu contato com famílias e ao empenho na formação de jovens.

A revista “Cidade Nova” é lida por um público diversificado: crianças, adolescentes, jovens, adultos, empresários, políticos, profissionais liberais, juizes, donas de casa, professores, comerciantes, sacerdotes, estudantes e por membros de diversas Igrejas e religiões.

Com a crescente revolução tecnológica, “Cidade Nova” tem se modernizado cada vez mais. Atualmente, dispõe de um site que possibilita aos internautas navegar por suas páginas⁴⁶. A revista online está disponível, em sua totalidade, para os assinantes e, parcialmente, para o público em geral. Possui um banco de dados sobre os mais variados assuntos, publicados a partir de 1992. Muitos dos artigos sobre educação estão disponíveis ao grande público.

⁴⁶ <http://www.cidadenova.org.br>

Exemplar 477 – ANO XLVII – Nº 11 – NOVENBRO de 2005

Cidade nova

www.cidadenova.org.br

Cobertura política

A crise atingiu a mídia

Crescimento econômico

O desafio da desigualdade social



EDUCAÇÃO

APOSTA NA FRATERNIDADE

Com uma prática pedagógica baseada no amor ao próximo, educadores de diversas áreas revolucionam a vida da escola

Figura 14: Capa da revista “Cidade Nova”, ano XLVII, nº. 11, novembro de 2005. Acervo da pesquisadora. Os alunos e a professora fotografados na capa são da Escola Aurora, localizada nas proximidades da Mariápolis Ginetta, em Vargem Grande Paulista-SP.

2.7 – A CULTURA⁴⁷ DA FRATERNIDADE

Para o Movimento dos Focolares, a Cultura da Fraternidade introduz-se na sociedade por várias maneiras: uma delas é através da revista “Cidade Nova”; outra é através do folheto mensal “Palavra de Vida⁴⁸”, que é distribuído para milhões de pessoas no mundo inteiro. Essa cultura ingressa na política através do Movimento Político pela Unidade; penetra, na economia, através da Economia de Comunhão; entra, no campo da educação, da arte, da medicina e das diversas áreas do conhecimento, através do Movimento Humanidade Nova. Ingressa, nos diversos setores da sociedade, através de programas de rádio e televisão. Além disso, está sendo implantada uma Universidade – Instituto Superior Sophia –, que tem como tarefa comunicar essa cultura, formar alunos e professores para a fraternidade. Desta forma, muitas pessoas que não conhecem a estrutura do Movimento têm a possibilidade de viver segundo essa proposta cultural.

No Movimento dos Focolares existe um conjunto de valores e práticas que se diferencia dos modos de vida existentes na sociedade: o princípio de estar juntos, que tem como base a frase de Jesus “Onde dois ou mais estiverem reunidos no Meu nome, Eu estarei no meio deles⁴⁹.” Nesse sentido também se diferencia a maneira de falar, a maneira como as pessoas se dispõem a escutar, o modo de fazer comédias, de decorar os ambientes, de vestir, dentre outros. Essa cultura consiste na abertura ao diálogo com pessoas das diferentes nações e religiões. Certa vez, fizeram a seguinte pergunta a Chiara:

Somos um grupo de pessoas que crêem na igualdade, na solidariedade, na fraternidade e em todos aqueles valores primários do homem, que o “tornam um” com os outros homens. Convictos de que a unidade só pode ser construída com o reconhecimento e o respeito pela identidade cultural de cada membro da sociedade, como se deve posicionar o Movimentos dos Focolares no diálogo com mulheres e homens de culturas diferentes? (LUBICH, 2003, p. 410).

⁴⁷ Neste estudo, compreende-se cultura a partir de suas diferentes concepções, como adverte Peter Burke: “O termo cultura costumava se referir às artes e às ciências. Depois, foi empregado para descrever seus equivalentes populares – música folclórica, medicina popular e assim por diante. Na última geração, a palavra cultura passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar)” (BURKE, 2005, p.43).

⁴⁸ É uma frase do Evangelho, comentada por Chiara Lubich, (geralmente tirada de alguma das leituras propostas na liturgia do mês). É escolhida para ser meditada e vivida por um período determinado. Atualmente, esse comentário é mensal e impresso, além da revista, em noventa e cinco línguas e idiomas, com uma tiragem de cerca de três milhões e quatrocentas mil cópias. (anexo12).

⁴⁹ Expressão bíblica encontrada no Evangelho de São Mateus, capítulo 18, versículo 20.

E ela respondeu: “é preciso posicionar-se na abertura máxima, mas não para fazer um ato de caridade! Colocamo-nos na abertura máxima para nos enriquecer. Por que queremos a presença de vocês no nosso Movimento? Porque sabemos que nele vocês portam valores que sentimos necessidade de que sejam colocados em evidência” (LUBICH, 2003, p. 411). Essa resposta confirma a abertura do Movimento ao diálogo com a diversidade⁵⁰, entre outras ações já mencionadas anteriormente.

Chiara Lubich desempenha um relevante papel como construtora da unidade nos diversos setores da sociedade. Um reconhecimento brasileiro, pelo seu trabalho de promoção da unidade entre os povos, através do diálogo inter-religioso, foi o doutorado em Humanidades, concedido pela Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP, em 1998. Chiara conseguiu reunir, junto a si católicos, mulçumanos, judeus, anglicanos, budistas. Em suas diversas viagens pelo mundo, ela encontrou importantes personalidades ligadas a todas essas religiões, e com todas elas, manteve profundos diálogos. O intercâmbio com os cristãos de outras denominações se fez presente, levando em consideração o que existe em comum entre eles. Já com relação ao diálogo com as outras religiões, e com aqueles que não têm fé, a base é a chamada “regra de ouro”: “Faça aos outros aquilo que gostaria que os outros lhe fizessem”. Essa regra está presente em quase todas as religiões e deveria servir como uma regra básica na convivência entre as pessoas, de modo geral, como o próprio Cristo ensinou: “Como quereis que os outros vos façam, fazei também a eles”(Lc 6,31)⁵¹.

2.8 – O MOVIMENTO DOS FOCOLARES ATUALMENTE

A cronologia do Movimento dos Focolares, em síntese, tem os seguintes marcos: iniciou-se em 1943, espalhando-se desde 1952, na Europa. A partir de 1958, expandiu-se para a América Latina e América do Norte. Em 1966, foi para a África e Ásia e em 1967 chegou à Austrália. O Movimento dos Focolares nasceu dentro da Igreja Católica

⁵⁰ Chiara Lubich, através do Movimento dos Focolares, abriu as portas da Igreja a um novo horizonte no qual o povo, coletivamente, adquire uma consciência madura, reconhecendo-se, para além das diferenças confessionais, em tudo aquilo que já o torna unido. Diante de todas as divisões atuais, Chiara Lubich se pergunta: “De quem é a culpa?” E ela mesma responde: “Certamente de circunstâncias históricas, culturais, políticas, geográficas, sociais... mas também do fato de ter esmorecido entre os cristãos um elemento unificador que lhes é característico: o amor”(LUBICH, *apud* RIBEIRO, 2002, p. 65).

⁵¹ Expressão bíblica encontrada no Evangelho de Lucas, capítulo 6, versículo 31.

e seu Estatuto Geral⁵² foi revisado e aprovado pela Santa Sé várias vezes sucessivas, à medida que o Movimento ia crescendo e se desenvolvendo, sendo que a aprovação da última atualização traz a data de 15 de março de 2007”⁵³.

O objetivo geral do Movimento dos Focolares é a perfeição da caridade, a ser alcançada pela vivência de sua espiritualidade evangélica de acordo com os Estatutos e os regulamentos dos diversos setores. Desta forma, o artigo 6º, dos Estatutos Gerais do Movimento, assegura que ele se dedica:

Ao trabalho por uma unidade cada vez mais profunda entre os fiéis católicos individualmente, bem como entre instituições eclesiais, associações, grupos e movimentos nascidos de novos e antigos carismas na Igreja Católica, incrementando nela a comunhão em todos os níveis; a estabelecer com os cristãos pertencentes a outras Igrejas e Comunidades Eclesiais relações de comunhão fraterna e de testemunho comum, tendo em vista o restabelecimento da comunhão completa e visível; a alcançar, mediante a prática conjunta da “Regra de Ouro”⁵⁴, o diálogo e atividades de interesse comum com pessoas de outras religiões, a união mais profunda possível, em Deus, entre todos os que crêem e, por meio do amor, verdadeiro ágape cristão, difundir a fraternidade universal. [...]; a amar as pessoas que seguem os grandes valores humano-cristãos de justiça social, liberdade, solidariedade, paz, etc., e dialogar com elas, alicerçando-se no mais completo respeito pelas suas convicções não-religiosas, contribuindo assim com a unidade da família humana (Estatutos Gerais, 2007, p.13-14).

Atualmente, a Estrutura do Movimento dos Focolares é composta pela Presidente Chiara Lubich; pelo Co-Presidente Padre Foresi; por Conselheiros Gerais, eleitos entre os membros do Movimento, com votos perpétuos durante Assembléia Geral; por Conselheiros das grandes regiões e por Delegados das regiões menores.⁵⁵ A

⁵² Segundo Weber (2002), um domínio carismático não conhece códigos jurídicos, nem estatutos ou qualquer outro modo formal de adjudicação. Contudo, no carisma da unidade enfatizado pelo Movimento dos Focolares, os Estatutos representam uma espécie de “carteira de identidade” do Movimento, visto que a Igreja aprovou e confirmou o Movimento dos Focolares como associação de fiéis de caráter privado e universal, com personalidade jurídica, na legislação canônica, por decreto da Santa Sé, declarando-o, para todos os efeitos, uma Associação de Direito Pontifício e determinando que seja, por todos, reconhecida como tal. (Decreto de 29 de junho de 1990 - anexo 13).

⁵³ A primeira aprovação do Movimento dos Focolares, Obra de Maria, por parte da Santa Sé, data de 23 de março de 1962. Em 05 de dezembro de 1964, Paulo VI aprovou sua estrutura, delineada por Chiara e, em 1966, aprovou plenamente o Movimento. Em 29 de julho de 1990, (ver anexo 13) o Pontifício Conselho para os Leigos aprovou as modificações e atualizações dos Estatutos, contemplando seus vinte e dois setores que, com o passar do tempo, foram surgindo. Sob os auspícios de João Paulo II, foi aprovado, também, que a presidência do Movimento será sempre leiga e feminina (RIBEIRO, 2006, p. 32). A atualização mais recente dos Estatutos do Movimento foi aprovada através de decreto do Pontifício Conselho para os Leigos, em 15 de março de 2007. (anexo 14).

⁵⁴ Conforme explicação no 2º parágrafo, da página 67 deste estudo.

⁵⁵ A região é a realidade do Movimento dos Focolares presente em determinado território. Por exemplo, o Brasil é considerado uma grande região e tem como conselheiros Enzo Morandi (Volo) e Darci.

Presidente tem autoridade sobre o Movimento, conforme o Código de Direito Canônico e Civil e os Estatutos do Movimento.

Os Delegados do Movimento nas regiões apresentam periodicamente relatórios à Presidente e ao Co-Presidente a respeito da vida do Movimento na região a eles confiada, com suas ramificações, seus aspectos, seus objetivos, suas obras e atividades. Também mantêm a Presidente e o Co-Presidente informados sobre os contatos com as autoridades eclesiais locais e sobre qualquer outro fato ou evento relevante. Os Conselheiros das Grandes Regiões informam a Presidente e o Co-Presidente sobre suas visitas às regiões, apresentado-lhes um relatório (Estatutos Gerais, 2007, p. 49).



Figura 15: Encontro informal de Chiara Lubich com os Delegados do Movimento dos Focolares de todas as regiões do Brasil, em outubro de 2007. (Foto cedida por Ekkehard, o segundo em pé da esquerda para a direita).

Anualmente, em geral durante o mês de outubro, acontece em Rocca di Papa, cidade que fica nas proximidades de Roma, um grande encontro da Presidente, Co-

Geograficamente, o Brasil está dividido por regiões e, também, no Movimento, existe divisão semelhante. Contudo, a região nordeste, no âmbito de organização dos Focolares, é composta por 7 estados: Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia e tem como Delegados Ivaldo e Ana Lúcia. O Piauí e o Maranhão, que geograficamente pertencem à região nordeste, no Movimento estão ligados aos estados da região norte, por conta da maior proximidade em relação ao Centro Regional, que para o norte é em Belém e, para o nordeste é em Igarassu, perto de Recife-PE.

Presidente e Conselheiros Gerais com os Conselheiros das grandes regiões e com os Delegados do Movimento do mundo inteiro. Durante esse evento os representantes de cada região apresentam, a Chiara, os seus relatórios. Após a leitura, ela tece comentários e faz sugestões sobre o que deve ser realizado durante o ano seguinte.

Os membros dos Focolares são mais de seis milhões de pessoas, espalhadas nos cinco continentes, comprometidos em edificar um mundo mais justo, cumprindo, assim, o objetivo do Movimento: realizar a unidade, de forma plena, atingindo todos os setores da sociedade. Para isso, organizam-se em vários setores e Movimentos⁵⁶, nos diferentes âmbitos sociais, tais como: Famílias Novas; Humanidade Nova⁵⁷; Jovens por um Mundo Unido e Movimento Juvenil pela Unidade⁵⁸; Geração Nova (gen – jovens)⁵⁹; Voluntários⁶⁰; Aderentes⁶¹; além de atingir o âmbito eclesial com os gens⁶²; o Movimento sacerdotal; Movimento dos religiosos e das religiosas; Movimento paroquial e o Movimento diocesano. No centro do Movimento, encontram-se os focolarinos de vida comunitária e os focolarinos casados; as focolarinas de vida comunitária e as focolarinas casadas, que assumem o compromisso de viver integralmente a espiritualidade da unidade e dedicam a vida totalmente a Deus⁶³.

Atualmente, o Movimento, no Brasil, conta com quase 20 mil membros internos engajados. Porém, são aproximadamente 300.000 as pessoas que, de norte ao sul, aderiram a esta espiritualidade nas formas mais diversas. O Movimento está presente em todos os Estados do Brasil e são mais de 50 as casas “Focolare” espalhadas nas principais cidades brasileiras.

⁵⁶ Os setores são constituídos por pessoas empenhadas radicalmente; os Movimentos são ramificações de amplo alcance.

⁵⁷ Ramificação de amplo alcance do Movimento dos Focolares que propõe a renovação das estruturas e setores da sociedade conforme os princípios evangélicos, dando particular ênfase à unidade (LUBICH, 1993, p.188).

⁵⁸ Ramificação de amplo alcance do Movimento dos Focolares que envolve jovens e adolescentes cristãos, católicos e não-católicos, de várias religiões e culturas (LUBICH, 1993, p.187).

⁵⁹ São os jovens, adolescentes e crianças que, partilhando a espiritualidade do Movimento, decidem-se a se comprometer radicalmente com a mesma (LUBICH, 1993, p.185).

⁶⁰ Membros adultos do Movimento que “voluntariamente” (isto é, sem um compromisso formal de especial consagração) se comprometem, de modo total, na realização de seus objetivos, atuando em meio à sociedade. São os principais animadores do Movimento “Humanidade Nova”(LUBICH, 1993, p.190).

⁶¹ São pessoas que aderem à espiritualidade do Movimento sem se engajarem formalmente nas suas estruturas.

⁶² Jovens e adolescentes com vocação ao sacerdócio.

⁶³ Conforme nota 38, na p. 50 e nota 40, na p. 53, deste estudo.

Centros de Difusão do Movimento dos Focolares no Brasil

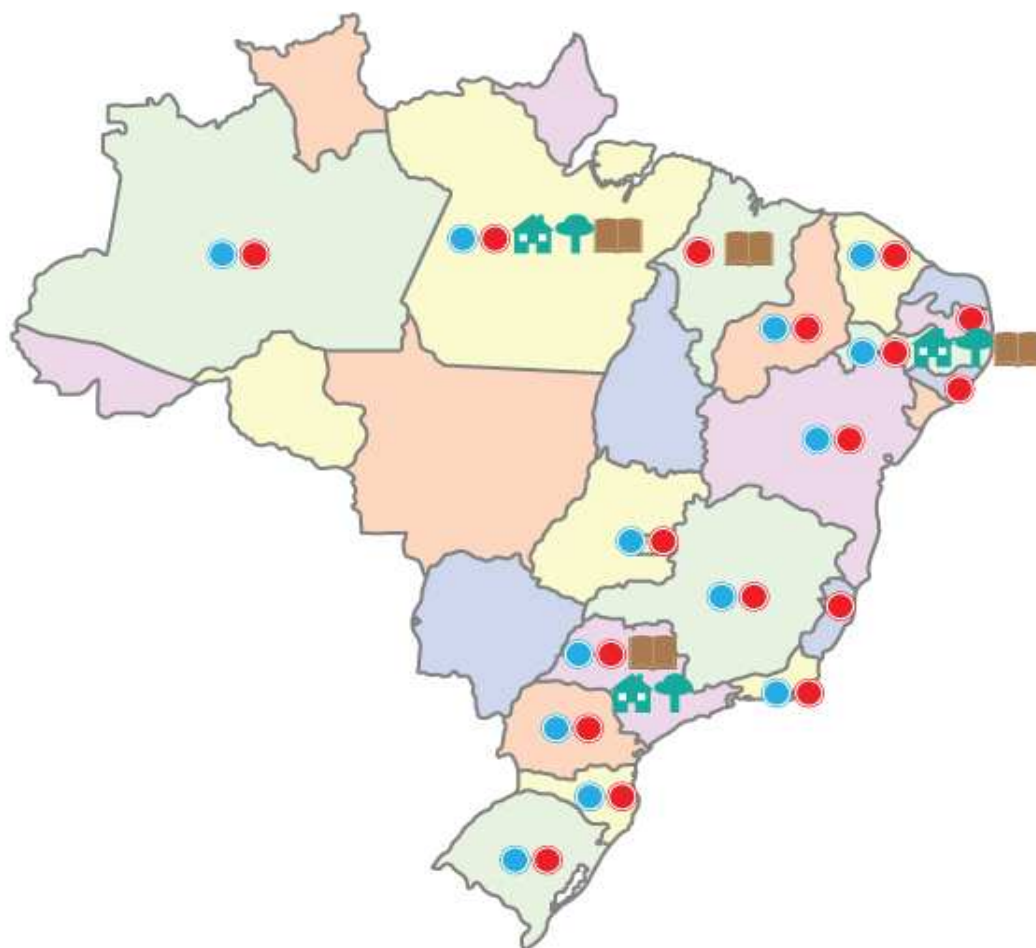


Figura 16: Mapa do Brasil para demonstração da localização dos principais Centros de Difusão do Movimento dos Focolares. Elaborado pela autora com a colaboração do setor de Mídias Educacionais do Colégio Arquidiocesano-SE, 19 de outubro de 2007.

A figura 16 apresenta um panorama que traz a relação das capitais onde existem as casas “Focolare” - casa onde moram membros consagrados do Movimento, representadas no mapa pelas cores vermelho e azul. Em alguns destes estados - a

exemplo de São Paulo, Pernambuco, Pará, dentre outros; e, também, nas Mariápolis permanentes⁶⁴-, existem mais de um focolare. Por conta disso são mais de 50 no total. Nos outros estados, onde ocorre a inexistência do focolare, existem as comunidades, que são acompanhadas por “Focolares” de estados vizinhos, como é o caso de Sergipe. Os habitantes do Focolare “Astro”, localizado na Alameda Catânia, 176 - Pituba e do Focolare “Emaús”, localizado na Rua Félix Mendes, 267-B – Garcia, em Salvador, são responsáveis por acompanhar as atividades e os membros do Movimento presentes nas comunidades da Bahia e de Sergipe.

O início do Movimento, no Brasil, foi impulsionado pelo desejo da solução dos mais graves problemas sociais que foram encontrados no país. Segundo membros do Movimento, esse é um empenho relevante até hoje. A atividade social do Movimento se exprime em obras concretas. Elas não partem de um programa, mas nascem da ação e do empenho dos seus membros. Não são um fim em si mesmas, mas querem testemunhar o amor, para que se realize, entre muitos, a unidade, objetivo do Movimento.

Antes, eu não conhecia a pobreza, a fome; não sabia o que era isso: ver uma pessoa faminta, ver uma pessoa explorada, oprimida, ridicularizada, caluniada, esmagada. [...] Eu acreditava que ao menos os velhinhos estivessem alojados num asilo, ou os doentes em algum hospital, mesmo ruim, talvez abandonados, sem cuidados, mas que tivessem ao menos uma cama... Mas ver as pessoas dormindo nas calçadas, para mim, foi uma coisa fortíssima, fortíssima (GINETTA⁶⁵ *apud* RIBEIRO, 2006, p. 173).

Algumas atividades, significativas neste sentido, são: A Escola ‘*Magnificat*’ em Itapecuru-Mirim-MA, que, inserida em uma experiência de reforma agrária, alfabetiza e forma os alunos para uma vida em comunidade e solidariedade; o Polo Empresarial Spartaco, em Vargem Grande Paulista-SP, que testemunha uma experiência peculiar de economia solidária; a Ação de Promoção Humana, na Ilha Santa Terezinha, em Recife-PE, que atualmente conta com escolas, posto médico e associação de moradores; a

⁶⁴ Rever nota 30 na p. 41.

⁶⁵ Ginetta Calliari, é uma das primeiras companheiras de Chiara Lubich desde o início do Movimento. Veio para o Brasil em 1959 e aqui permaneceu até sua morte em 2001. Está sepultada na cidadezinha do Movimento, que agora tem o seu nome: Mariápolis Ginetta. Pelos seus relevantes serviços prestados à comunidade brasileira, recebeu o título de Cidadã Paulistana, *in memoriam*, conferido pela Câmara Municipal de São Paulo em 23 de abril de 2004; o reconhecimento da Câmara dos Deputados em Brasília, e várias outras homenagens em Assembléias Legislativas de 11 estados, dentre eles Sergipe; além disso, tem seu nome em via pública do município de Sorocaba-SP, em Viaduto na cidade de Osasco-SP e em outros empreendimentos como o Pólo Empresarial Ginetta inaugurado em agosto de 2007 no estado de Pernambuco. Maiores informações sobre Ginetta, consultar: RIBEIRO, Sandra Ferreira. **Ginetta**: uma pioneira do Ideal da Unidade. Vargem Grande Paulista, SP: Editora Cidade Nova, 2006.

Escola Santa Maria, em Igarassu-PE, que surgiu inicialmente para alfabetizar os operários que trabalhavam na construção das casas da Mariápolis; Escola Aurora, em Vargem Grande Paulista-SP, uma escola particular que está inserida no projeto Economia de Comunhão; o Jardim Margarida, também em Vargem Grande Paulista-SP, que desenvolve trabalho social com a população; A Comunidade São Francisco, do bairro Coroa do Meio, em Aracaju-SE, que, coordenada por alguns membros do Movimento, tem desenvolvido um trabalho social na linha da promoção humana e valorização do indivíduo; o Serviço Social da Sagrada Família, em Neópolis-SE, que, além de desenvolver um trabalho educativo com os alunos, bem como acompanhamento de suas famílias, promove, também, seminários e encontros para a formação dos professores dentro da proposta de educar para a fraternidade.

O Movimento dos Focolares chegou a Sergipe na década de 1960 através de algumas pessoas que participaram do congresso anual “Mariápolis”, ocorrido naquele ano, em Garanhuns. Atualmente, em todo estado são, em média, 200 os membros internos engajados que desempenham atividades no Movimento, sem contar aqueles que participam das Mariápolis, jornadas e demais encontros promovidos pelos Focolares. Com relação aos assinantes de “Cidade Nova”, são, aproximadamente, 500 pessoas que assinam regularmente a revista em diferentes municípios sergipanos.

SEGUNDA PARTE

AS PRÁTICAS EDUCACIONAIS NA REVISTA “CIDADE NOVA”

CAPÍTULO 3

A EDUCAÇÃO

A educação é um processo contínuo de formação do indivíduo, que vai do seu nascimento até a morte. Ela é fundamental nos vários ambientes nos quais o ser humano está presente. Dentre esses ambientes, podem ser elencados a família, a escola e a sociedade. Na família, eixo biológico de todos nós, a criança aprende os primeiros passos e conhecimentos da vida; na escola, inicia o processo de socialização letrada, através do contato com a leitura, a escrita e, também, pelo relacionamento com o outro, muitas vezes desconhecido para ela; quanto à sociedade, nela o indivíduo se encontra num processo constante de aprendizagem à medida em que interage com os outros homens.

A formação do indivíduo no ambiente escolar é um componente importante para que ele adquira novos conhecimentos e desperte para o desejo de se tornar um sujeito ativo na sociedade. Por isso, os educadores, de maneira geral, devem ser profissionais atuantes, capacitados e inseridos nesse processo de busca pela informação. Isso requer tanto uma boa formação do professor, bem como um contínuo desejo de desenvolver, com empenho, o trabalho, já que ele é um colaborador ativo em todo processo de ensino e aprendizagem.

Na escola, a criança adquire uma visão de mundo ampla, prossegue em seu processo de socialização e realiza diversas práticas de acesso ao conhecimento sistematizado. Mas, quando se pensa na escola como espaço de educação, significa que seus profissionais também precisam atuar em diferentes campos formativos, desenvolvendo aspectos ligados à afetividade, cidadania, moralidade, civilidade e religiosidade, entre outros.

3.1 - A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO RELIGIOSO

A Igreja e os católicos, ao longo da História, tiveram como preocupação a formação do homem nos preceitos cristãos. O Concílio Vaticano II⁶⁶, apresentou novas diretrizes para o ensino e, segundo Araújo (*apud* Garcia 2001), esse Concílio detém-se no exame de pontos fundamentais na questão da educação, cuidando da fixação clara daqueles a quem incumbe o dever de educar e afirma que a presença da Igreja manifesta-se de modo particular por meio da escola católica.

De acordo com a Declaração *Gravissimum Educationis*⁶⁷:

No cumprimento de sua tarefa educacional, a Igreja se interessa por todos os subsídios que lhe são próprios. Entre estes figura, em primeiro lugar, a formação catequética, que ilumina e fortifica a fé, nutre a vida segundo o espírito de Cristo, leva a uma participação consciente e ativa do ministério litúrgico e desperta para a atividade apostólica. A Igreja tem em alta estima e procura penetrar com sua mentalidade e elevar também os outros meios que pertencem ao patrimônio comum dos homens e contribuem grandemente para aprimorar os espíritos e formar os homens, como sejam os instrumentos de comunicação social, as múltiplas organizações para treino do espírito e do corpo, os movimentos juvenis e sobretudo as escolas (Declaração *Gravissimum Educationis*, 1968, p. 587).

O Documento Conciliar delineia os princípios fundamentais da educação e enfatiza que estes “deverão ser desenvolvidos posteriormente por uma comissão pós-conciliar e aplicados pelas Conferências dos Bispos às diferentes condições Regionais”(1968, p.582).

No Brasil, a Igreja, através da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, tem promovido diversas iniciativas em prol da educação, como as Campanhas da Fraternidade, que em 1982 teve como tema Educação e Fraternidade e, em 1998, Fraternidade e Educação. Segundo o texto base dessa campanha, o tema “Fraternidade e Educação, escolhido a partir de sugestões vindas dos diversos Regionais da CNBB, é de conteúdo muito vasto e rico, pois visa colocar a fraternidade a serviço da educação, e a educação a serviço da cidadania” (1998, p. 113).

Nesse sentido, o cartaz dessa Campanha é bastante sugestivo. Apresenta a figura de uma menina, em um banco escolar, com uma leve menção de sorriso nos lábios,

⁶⁶ Conforme mencionado na p. 23.

⁶⁷ Documento sobre a Educação Cristã, elaborado durante o Concílio Vaticano II, ver p. 24.

segurando uma caneta e com o braço esquerdo sobre o caderno, como mostra a figura 17.

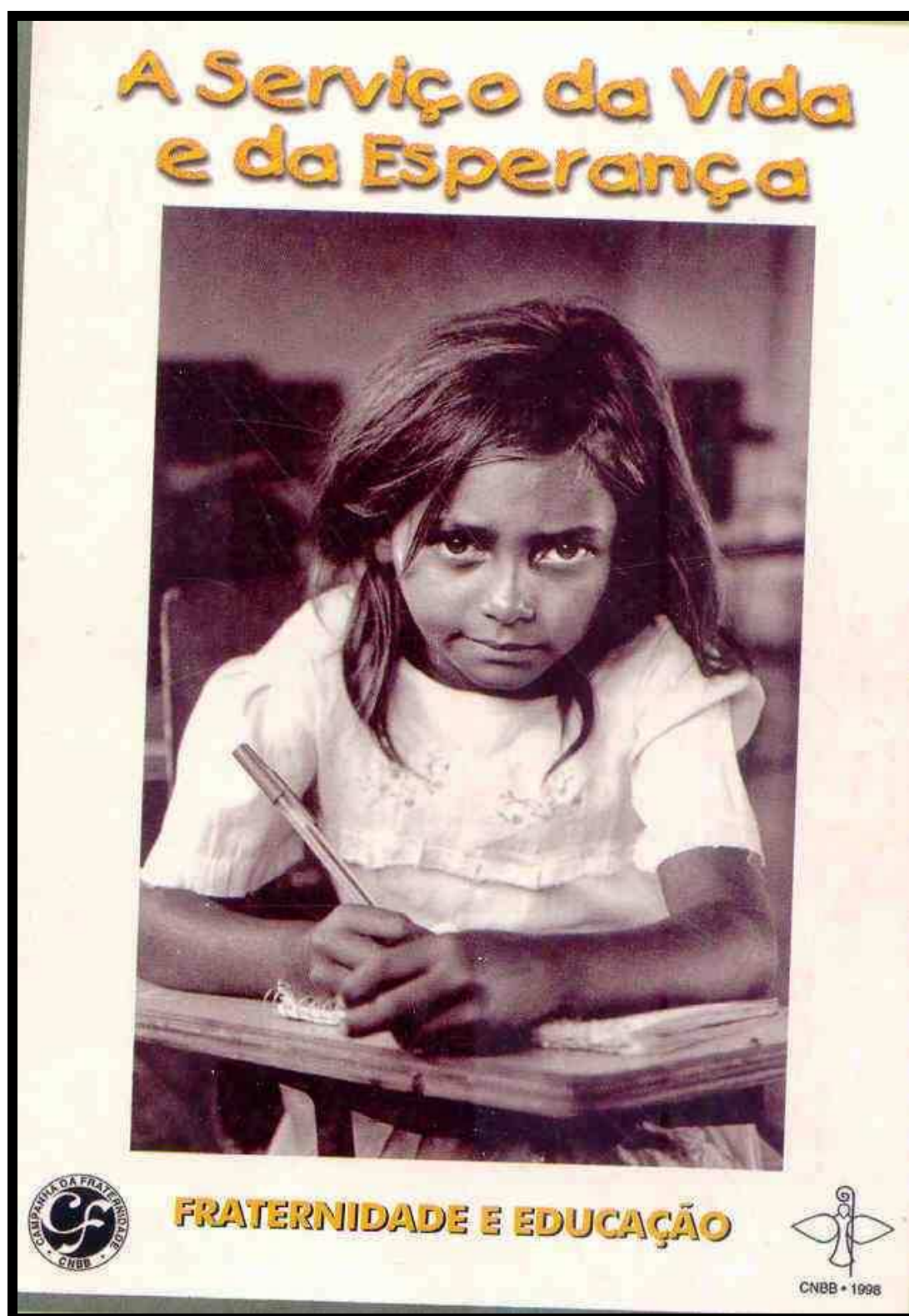


Figura 17: Cartaz da Campanha da Fraternidade, 1998. Foto de Sebastião Salgado. Fonte: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Fraternidade e Educação**: a serviço da vida e da esperança. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1998.

Dom Erwin Kräutler, Bispo de Xingu no Pará, faz a seguinte interpretação dessa figura:

Com seu rosto e cabelos desordenados, esta menina representa milhões e milhões de crianças jovens, do Chuí ao Oiapoque, de Fernando de Noronha a Tabatinga. Pode ser da roça ou das periferias das cidades. Sua posição, suas mãos segurando o lápis, seu olhar e sua boca nos dizem: “olhe, estou aqui! Quero aprender! Quero ver! Quero ter vida digna! É por isso que me esforço, faço até sacrifícios! Mas eu preciso de vocês! Quero que me ajudem!”. Seus olhos, tão expressivos, abrem-se para um futuro que se deseja melhor: justo, fraterno, solidário. São olhos ávidos de amor e compreensão. Seu brilho traduz expressa uma grande esperança: a de que um dia todas as lágrimas serão enxugadas e, finalmente, haverá de surgir um mundo novo, sonhado e querido por Deus (KRÄUTLER, 1998, p.146).

O Bispo faz a leitura do cartaz baseado no desejo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil: incentivar a população, bem como as autoridades civis, quanto a uma mobilização no tocante à educação.

Além dessas iniciativas, documentos foram elaborados pelos bispos, no sentido de chamar atenção de todos, para que cada brasileiro possa alcançar a educação integral que tem direito. Um desses documentos, tem como título, “Educação, Igreja e Sociedade”, foi aprovado pela 30ª Assembléia Geral, de Itaici, em 6 de maio de 1992. Ele aborda os problemas e esperanças na educação brasileira e, ainda, desenvolve uma visão da educação na perspectiva cristã.

O dever de educar que pertence primeiramente à família precisa da ajuda de toda a sociedade. Portanto, além dos direitos dos pais e de outros a quem os pais confiam uma parte do trabalho de educação, há certos deveres e direitos que competem à sociedade civil, enquanto pertence a esta ordenar o que se requer para o bem comum, temporal (GARCIA, 2001, p.77).

Em Sergipe, a Igreja Católica, no século XX, desempenhou um importante papel na formação educacional. Segundo Nascimento (2004), já em 1902, a pedido do monsenhor Olímpio Campos, então presidente do Estado, os padres Salesianos de Dom Bosco fundaram a Escola Agrícola Salesiana São José, conhecida como Escola da Tebaida⁶⁸; o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, foi fundado em 1904, pelas Irmãs Sacramentinas⁶⁹; o Colégio Salesiano N. Senhora Auxiliadora, fundado em 1913,

⁶⁸ Situada em São Cristóvão, a dezoito quilômetros de Aracaju. (NASCIMENTO, 2004, p. 73)

⁶⁹ Maiores informações sobre o Colégio consultar: COSTA, Rosemeire Macedo. **Fé, civilidade e ilustração**: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973). São Cristóvão, SE: NPGED, 2003. (Dissertação de Mestrado).

também pelos padres Salesianos⁷⁰; o Colégio Patrocínio São José, administrado pelas Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição e inaugurado em 1940; o Instituto Dom Fernando Gomes, administrado pelas Irmãs Terezinhas e inaugurado em 1964, dentre outros⁷¹.

Além dessa contribuição, por parte das congregações religiosas, o Seminário Arquidiocesano, criado por Dom José Thomaz, possibilitou que muitos dos sacerdotes ali formados pudessem ser os professores das escolas católicas que foram criadas na capital, como também de escolas públicas, a exemplo do Atheneu Sergipense e a Escola Normal. O Mons. José Carvalho de Sousa (2006), em “Presença Participativa da Igreja nos 150 anos de Aracaju”, tratou justamente sobre a questão da contribuição da Igreja e de sua atuação no processo de formação educacional do povo. Ele fez um elenco das principais instituições de ensino, criadas e mantidas pela Igreja, em Aracaju.

Além da presença da Igreja Católica na história da educação dos aracajuanos, pela instalação dos Colégios Católicos aqui citados, na ausência da faculdade para a formação de professores, quase todos os padres, formados no Seminário, o grande percussor do ensino superior em Sergipe, aliaram à sua ação evangelizadora também a magistral. Muitos sacerdotes, através de exame de suficiência, receberam do Ministério de Educação o registro e a autorização para lecionar em estabelecimentos de ensino secundário, abrangendo os cursos ginasial, médio e pedagógico, na época (SOUSA, 2006, p.44).

⁷⁰ Os padres salesianos, com suas escolas profissionais e agrícolas em diversas regiões do país, desenvolveram um relevante trabalho em prol da educação. A contribuição da congregação salesiana é reconhecida por Gilberto Freyre: “[...] Aqui se deve destacar notável contribuição católica para o desenvolvimento da educação dos brasileiros: a representada pelos colégios salesianos, que foram estabelecidos no país nos fins do século XIX [...]” (FREYRE, 1962, p. 587).

⁷¹ Apesar de não ser objeto desta análise, vale ressaltar a significativa contribuição da Igreja com a educação, durante o século XIX, em Sergipe, através de personalidades como Dom Quirino, que na primeira metade do século XIX defendeu, em Estância, os ideais da educação através do catolicismo; O Vigário Barroso, que na metade do século XIX, em São Cristóvão, desfraldou uma bandeira política contra a transferência do Liceu de São Cristóvão para Aracaju; Olímpio Campos, em 1882, que resolveu ser candidato a deputado para mudar o currículo da Escola Normal, porque não ficou satisfeito com a reforma de Inglês de Souza, que tirou o ensino religioso do curso Normal. Maiores informações sobre estas questões consultar, dentre outros trabalhos: ALMEIDA NETO, Dionísio de. **Pelo Império da Virtude: Formação, saberes e práticas de Dom Domingos Quirino de Souza (1813-1863)**. Aracaju/SE: Gráfica e Editora Triunfo Ltda., 2007; LIMA, Aristela Arestides. **A Instrução da Mocidade no Liceu Sergipense: um estudo das práticas e representações sobre o ensino secundário na província de Sergipe (1847-1855)**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2005. (Dissertação de Mestrado); LIMA, Aristela Arestides; LIMA, Gláriston dos Santos. Aspectos Biográficos de um lente no século XIX, na Província de Sergipe: Vigário José Gonçalves Barroso (1821-1882). **Anais II Cipa – Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) biográfica**: tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. 10 a 14 de setembro de 2006, Salvador – Bahia – Brasil; ANDRADE, Élia Barbosa de. **Nas trilhas da co-educação e do ensino misto em Sergipe (1842-1889)**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2007. (Dissertação de Mestrado); CARMELO, Pe. Antônio. **Olimpio Campos perante a História**. Aracaju: Nossa Gráfica, 2005; SCHNEIDER, Omar. **A circulação de modelos pedagógicos e as Reformas da Instrução Pública**: atuação de Herculano Marcos Inglês de Sousa no final do Segundo Império. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 2007. (Tese de Doutorado).

Para Sousa, a contribuição da Igreja na História da capital, pela formação das novas gerações, foi de inestimável valor (2006, p.44). Dentre os padres professores que lecionaram em escolas públicas de Aracaju, tais como Atheneu Sergipense, Colégio Tobias Barreto e Jackson de Figueiredo, Sousa cita: o Pe. Mário de Miranda Villas Boas e Pe. Avelar Brandão Vilela, professores de Português e Literatura; Mons. Dr. Alberto Bragança de Azevedo, professor de Latim; Pe. José Augusto da Rocha Lima, Pe. Jugurta Franco e Pe. José Ferreira de Azevedo, que exerceram funções do magistério e, posteriormente, abandonaram o exercício do sacerdócio. Padre José de Araújo Mendonça e o Pe. João de Deus Góis, que foram professores de Filosofia (SOUSA, 2006, p. 44).

A Igreja também esteve presente no incentivo ao ensino superior. Dom Fernando Gomes, 2º bispo de Sergipe, incentivou a fundação da Faculdade Católica de Filosofia, que teve como diretor o padre Luciano José Cabral Duarte⁷², que mais tarde, como Arcebispo Metropolitano de Aracaju e membro do Conselho Federal de Educação, empenhou-se pela criação da Universidade Federal de Sergipe.

Ressaltamos, assim, a Igreja como uma instituição que em muitos momentos esteve voltada para a problemática educacional. Aconteceram embates entre essa instituição e o Estado, mas percebemos que ela tem um trabalho relevante no campo educacional e que seus representantes, quase sempre, estiveram inseridos em órgãos do governo responsáveis por esta área.

3.2 - A EDUCAÇÃO E O MOVIMENTO DOS FOCOLARES

A educação sempre foi uma área de atuação para o Movimento dos Focolares. Segundo Chiara Lubich, educação pode ser vista como “o itinerário que o sujeito educando percorre, com a ajuda do educador, em direção a um dever ser, uma finalidade considerada válida para o homem e para a humanidade”(2003, p.275). Por isso, ela vê como importante uma boa formação familiar, bem como um processo de escolarização que possa ser um suporte para o educando. Chiara é uma professora e, didaticamente,

⁷² Maiores informações sobre a trajetória de D. Luciano consultar: LIMA, Fernanda Maria Vieira de Andrade. Contribuições de um representante da Igreja Católica em prol do Ensino Superior Sergipano. **Anais II Cipa – Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) biográfica:** tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. 10 a 14 de setembro de 2006, Salvador – Bahia - Brasil. Ou <http://www.institutodmlucianoduarte.com.br>.

ensina os passos a serem dados no campo educacional. E isso se constata pelas iniciativas do Movimento nessa área, pela criação de escolas e pelos congressos promovidos.

Para entender os desafios da atividade educativa, é bom lembrar a origem latina da palavra. Etimologicamente, educação é *educatio* (reprodução, continuidade do modelo e dos valores sociais), mas é também *ducere* (levar, conduzir, guiar) e *educere* (tirar para fora, fazer sair). É portanto, um conjunto de ações que devem, ao mesmo tempo, levar o aluno a desenvolver as capacidades intelectuais, os valores, mas também a produzir e aprender conhecimentos importantes para a sua inserção no meio social em que vive (LUCCAS, 1999, p.18)

As motivações para realizar essa proposta são de natureza religiosa, mas segundo Lubich (2003), "seus efeitos no plano educacional são extraordinários". Para ela, mais do que palavras, é um novo caminho para a educação, cujos alicerces se solidificam no exercício contínuo de compreensão, do respeito e do diálogo.

Em várias ocasiões, Chiara Lubich expôs seu pensamento sobre educação através de conferências proferidas em seminários e em homenagens recebidas. A mais recente foi em 2000, quando recebeu o doutorado *honoris causa* em Pedagogia, pela Universidade Católica da América, em Washington. Esse doutorado foi um reconhecimento pela contribuição do Movimento à formação da pessoa e da sociedade no campo da educação.

Para Lubich (2003), a finalidade do processo educativo deve ser entendida como a mesma finalidade de Jesus: "que todos sejam um"⁷³, uma unidade profunda e sincera entre Deus e os homens. Para ela, como a unidade tem sido uma necessidade dos tempos, está implicada em todos os planos do agir humano uma ação educativa coerente com as exigências da unidade.

[...] Parece um projeto utópico, mas cada pedagogia autêntica é portadora de um objetivo utópico, a ser entendido como uma idéia reguladora que constitui entre nós aquela sociedade que ainda não existe, mas que deveria existir; a educação, nessa perspectiva, é vista como meio para nos aproximarmos do objetivo utópico (LUBICH, 2003, p.275).

⁷³ Expressão bíblica encontrada no Evangelho de São João, capítulo 17, versículo 21.

Dentro dessa perspectiva de formação humana, o Movimento dos Focolares possui diversas iniciativas; dentre estas, uma referência mundial é a “*Escola Abba*”⁷⁴, na qual especialistas de diferentes áreas (Teologia, Ecumenismo, Medicina, Moral, Filosofia, Direito, Pedagogia, Psicologia) se reúnem com Chiara Lubich e ali redigem temas os específicos de cada disciplina. Uma outra iniciativa, segundo os Estatutos do Movimento, é a “promoção de cursos de cunho universitário e de especialização, mediante os quais se objetiva oferecer uma leitura unitária dos diversos campos do saber à luz do carisma da unidade” (Estatutos Gerais, 2007, p. 47).

No campo da Pedagogia, são vários os escritos de Chiara Lubich e também de outros especialistas. Em um destes escritos de Lubich, cujo tema é “O único Mestre”, ela traça um perfil do educador, tendo como modelo a figura de Jesus. Segundo ela, Ele foi o Mestre por excelência. Em razão disso, ela traça algumas de suas características, dentre as quais, o fato de que Ele coloca em prática aquilo que pede aos outros e que, nesse sentido, os professores devem ser um exemplo para seus alunos. Lubich observa que Jesus intervém para ajudar concretamente, basta lembrar de todas as vezes que curou pessoas, que acalmou tempestade, multiplicou os pães. Ele deposita a confiança naqueles a quem ensina, pois disse à adúltera: “vai e não peques mais”; e aos discípulos: “Ide por todo o mundo, ensinai o Evangelho...”. Lubich lembra, ainda, que Jesus também dá liberdade e responsabilidade de decisão, como fez com o jovem rico. Ela afirma que, Ele também corrigiu e usou o diálogo para ensinar tudo a todos e em todos os lugares por onde passou. Por fim, Lubich conclui enfatizando a necessidade do educador cristão de imitar Jesus. “Se Jesus vive em nós, o nosso comportamento será irrepreensível. Se dermos espaço a Ele como educador nas nossas escolas teremos cumprido perfeitamente o nosso dever” (LUBICH: 1987, p. 3).

Outros estudiosos também fazem uma abordagem semelhante. Franco Cambi (1999), em “História da Pedagogia”, traça um perfil histórico, dentro dessa concepção cristã. Para tratar a educação, ele parte da antiguidade, chegando ao cristianismo e apontando esta religião como uma revolução educativa. Para ele, dentre outros itens abordados:

Quanto aos Evangelhos, são evidentes alguns aspectos fundamentais da educação cristã: que é projetada e guiada por um mestre-profeta (como Cristo), que fala contra os hábitos correntes e quer provocar

⁷⁴ Assim denominada porque aqueles que fazem parte dela, colocando-se na escola de Jesus como filhos no Filho, são movidos, pelo Espírito Santo, a dirigirem-se ao Pai com a mesma invocação de Jesus: “*Abbá, Pai*”(Estatutos Gerais, 2007, p. 47).

uma catástrofe interior, uma renovação espiritual, através de uma mensagem que inquieta e que desafia a tradição e a indiferença subjetiva; mensagem exemplificada, por exemplo, no Sermão da montanha, com suas referências aos “pobres de espírito”, aos “que têm sede de justiça”, aos “puros de coração”, para ativar uma regeneração interior, mas também as invectivas de Cristo contra a hipocrisia dos fariseus e dos escribas, “sepulcros caiados” que vivem a religião apenas como ato formal, contra os mercadores do templo etc. (CAMBI, 1999, p. 123-4).

Entendemos que todas essas propostas estão em sintonia com o Concílio Vaticano II, cuja intenção era conscientizar bispos, padres, autoridades e os fiéis leigos sobre a importância da educação.

A história da educação católica foi profundamente alterada pelas novas diretrizes da Igreja, advindas do Concílio Vaticano II. Para a Igreja, educar o homem é parte integrante de sua missão evangelizadora, continuando assim a missão de Cristo Mestre (GARCIA, 2001, p. 76).

No Brasil, alguns educadores têm procurado colocar em prática essa proposta educativa, baseada no Evangelho. Dentre estes estudiosos, uma referência é a professora, do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, Vânia Carvalho de Araújo (anexo 15 – figura G) que, além de organizar congressos para educadores em nível local e nacional, escreve diversos artigos sobre essa temática, sendo desses artigos, alguns publicados na revista “Cidade Nova”. Ela também organizou um livro com temas dentro desse projeto educativo do Movimento e faz conferências em várias partes do Brasil. Vânia é Doutora em Educação, pela Universidade de São Paulo⁷⁵, e desenvolve suas funções de docente na Universidade do Espírito Santo. É uma colaboradora assídua da revista “Cidade Nova” e das questões ligadas ao “mundo da educação” no Movimento dos Focolares.

Também Samuel de Souza Neto (anexo 16 – figura H), da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, em Rio Claro-SP, tem desenvolvido notável trabalho tanto através de conferências, participação em congressos, dentre outras atividades desenvolvidas na comunidade acadêmica e na sociedade, como na publicação de temas educacionais em diversos impressos, inclusive na revista “Cidade Nova”. É

⁷⁵ Esta sintética apresentação da formação acadêmica dos profissionais de educação é uma continuidade do perfil dos colaboradores da revista “Cidade Nova” (conforme páginas 63 e 64), visto que um dos objetivos do trabalho consiste, justamente, em verificar o perfil dos autores de artigos sobre educação do periódico em questão.

também incentivador de projetos e propostas pedagógicas com os alunos e professores, voltados para a dimensão da unidade e fraternidade.

Desenvolvo projetos ligados a grupos de ensino e pesquisa em termos de produção de material didático e pedagógico ou pesquisa interdisciplinar. Tenho um projeto chamado “O Corpo na Escola” e tenho um projeto de extensão chamado “Escola de Educadores”, onde trabalho a formação inicial e continuada dos professores de qualquer área. Esse projeto gera cursos de extensão de 180 horas, onde tenho 4 módulos, o primeiro se chama, “A Fraternidade como prática pedagógica”, o segundo “Educação para a Paz, oportunidades pedagógicas”, o terceiro é “Escola, construindo espaços de fraternidade” e o último é a “Cidade educadora”. (SOUZA NETO, 2007)

Os Congressos de Educadores, promovidos pelo Movimento dos Focolares, acontecem em nível mundial (geralmente em Castel Galdolfo - Itália) e em nível nacional, em São Paulo, quase sempre de dois em dois anos (anexo 17 – figura I). Em nível regional, ocorre em Pernambuco e em nível estadual, na cidade de Neópolis.

No ano de 2007, além do encontro de educadores em Neópolis, foi promovido um evento em Propriá, por conta da existência de uma quantidade significativa de educadores, na região do baixo São Francisco, que conhecem a proposta do Movimento dos Focolares. Estes eventos se tornaram uma oportunidade para que os alunos exponham seus trabalhos, as escolas mostrem suas atividades e os professores possam estabelecer momentos de convivência e troca de experiências.

Tais encontros possibilitam repensar a formação do indivíduo no ambiente escolar. Formar deve ser sinônimo de crescimento, desenvolvimento das diversas faculdades (inteligência, vontade, liberdade) e dimensões (cognitiva, afetiva, relacional, espiritual) que constituem o cerne do ser humano, segundo o Movimento dos Focolares.

Na prática pedagógica do Movimento, existe o desejo de evidenciar uma proposta educativa baseada na fraternidade. Isso fez com que surgissem as escolas, que estão localizadas dentro das Mariápolis permanentes ou nas proximidades, exceto a do Maranhão⁷⁶.

⁷⁶ Conforme figura 16, na p. 71.



Figura 18: Escola Santa Maria, em Igarassu-PE. Foto: Maria José Dantas, 28 de maio de 2007. Acervo da pesquisadora.

Lembrando Veiga (2003), as palavras que se vinculam à cidade exprimem educação, cultura, bons costumes, civilidade e elegância. A escola, desta forma, com o objetivo de educar para a cultura da fraternidade, desenvolve um importante papel, no intuito de moldar as práticas civilizatórias. A educação, nesse sentido, é uma ferramenta fundamental para a formação dos habitantes das cidades.



Figura 19: Alguns alunos e um professor da Escola Santa Maria, em Igarassu-PE. Foto: Maria José Dantas, 28 de maio de 2007. Acervo da pesquisadora.

Mas, podemos pensar: o que motiva uma prática pedagógica voltada para a fraternidade? A proposta educativa vinculada aos princípios do Movimento dos Focolares consiste na dimensão de formar o indivíduo para a vida em sociedade, para ser construtor de unidade no espaço onde está inserido, ou seja, no seu relacionamento com o outro.

O sociólogo Norbert Elias aborda essa questão do indivíduo na sociedade e, para ele,

Ao nascer, cada indivíduo pode ser muito diferente, conforme sua constituição natural. Mas é apenas na sociedade que a criança pequena, com suas funções mentais maleáveis e relativamente indiferenciadas, se transforma num ser mais complexo. Somente na relação com os outros seres humanos é que a criatura impulsiva e desamparada que vem ao mundo se transforma na pessoa psicologicamente desenvolvida que tem o caráter de um indivíduo e merece o nome de ser humano adulto (ELIAS, 1994, p.27).

Se a criança crescer isolada dos demais seres humanos, ela pode se desenvolver fisicamente, mas a sua composição psicológica permanecerá como de uma criança pequena. Sendo assim, segundo Elias (1994), somente ao lado de um grupo de adultos é que ela conseguirá desenvolver sua sagacidade e controle de instintos. E tudo que a criança aprende, em companhia desse grupo, como a língua, depende da estrutura do mesmo, de sua posição nesse grupo e do processo formador, pois mesmo pertencendo ao mesmo grupo, as relações conferidas a duas pessoas, e suas histórias individuais, nunca são exatamente idênticas.

É preciso enfatizar que para que possamos recuperar o autêntico espírito do processo educacional, é preciso um trabalho em conjunto de toda a sociedade: governo, professores, pais e alunos. E ‘como o direito à educação passa pelo exercício da cidadania’, os professores não podem perder a sua autonomia pedagógica. Necessitam, por isso, revigorar suas associações, estabelecendo programas de conteúdo em consonância com as diretrizes oficiais de ensino. Como professores, são convidados, mais uma vez, a professarem o seu saber como um ato público e como um serviço para as novas gerações (SOUZA NETO, 2000, p.9).

Assim sendo, cabe ao professor, como também à escola, a responsabilidade de conduzir o processo educativo de maneira dinâmica, prazerosa, como um crescimento do aluno também nos valores morais, dando-lhe uma formação voltada para uma cultura de paz e harmonia entre as pessoas, bem como fazer com que ele se sinta parte ativa da sociedade na qual está inserido.

É preciso que de simples transmissores de conhecimentos estanques o professor e a escola passem a ter a responsabilidade de formar o homem, o cidadão. Na escola o aluno aprende a aprender. Essa nova perspectiva é fundamental se levarmos em conta que o sistema de ensino vive o drama de ter que educar cidadãos para viverem em um futuro ainda desconhecido, mesmo o mais imediato (LUCCAS, 1999, p.20).

Mas como fazer para que o professor adquira essa consciência? Sabemos da existência de várias possibilidades de atualizações pedagógicas, a exemplo de treinamentos, planejamentos, capacitação, congressos e seminários. Além destes eventos, existe, também, uma vasta imprensa de ensino que auxilia o professor no seu dia-a-dia.

A revista “Cidade Nova”, apesar de não ser específica do campo da pedagogia, publica diversos artigos que podem se tornar de grande contribuição para a educação, tanto com relação à formação do professor, como em colaboração nas pesquisas escolares e na aprendizagem dos alunos. Segundo Dantas:

Observando toda a trajetória de “Cidade Nova”, é possível reconhecer que é uma revista diferente da maioria que conhecemos. Ela surge basicamente com o objetivo de propagar as idéias de um movimento eclesial, mas aos poucos, como essa nova espiritualidade não ficou presa apenas à religiosidade, a revista começou a publicar artigos das diversas áreas do conhecimento, dentre elas a educação. Os artigos de “Cidade Nova” impulsionam os leitores, educadores, pais, alunos, políticos e a sociedade como um todo, a buscar soluções, a ver o positivo nas situações (DANTAS, 2005, p.07).

A revista “Cidade Nova”, atualmente, é composta por diversas seções. Algumas são fixas, a exemplo do comentário da “Palavra de Vida”, “Espiritualidade”, “Editorial” e “Diálogo com o leitor”. Outras, modificam-se de acordo com os acontecimentos marcantes e a pauta do mês. Observando o corpo da revista, encontramos a Educação inserida em diversas seções. Não existe um autor específico que escreve para essa área, mas sim diversos educadores, que colocam em comum suas pesquisas e estudos visando difundir a cultura de mundo unido e a proposta de educar para a fraternidade, unidade e solidariedade. São enfatizados, nos artigos, acontecimentos relevantes, fatos importantes do Brasil e do mundo que os meios de comunicação de massa muitas vezes não noticiam.

A finalidade do processo educacional ligado ao Movimento dos Focolares é realizar a unidade. Por isso, existe um empenho, através dos seus impressos, em colaborar nesse sentido. Para melhor entender, na prática, como isso funciona,

procuramos relacionar, por categorias temáticas, os artigos publicados sobre educação, na revista “Cidade Nova”, dentro do marco temporal da investigação.

3.3 - OS ARTIGOS PUBLICADOS NA REVISTA

Após a pesquisa - no arquivo da editora, em bibliotecas escolares e em acervos particulares, dentre um universo de inúmeras publicações, procuramos aqueles artigos que interessam, especificamente, aos objetivos desta investigação. Destarte, foram selecionados 57 textos que enfatizam a educação no marco temporal da análise. A partir desta seleção e da conseqüente leitura, formamos diferentes categorias de análise, tais como: “Artigos selecionados sobre Educação na ‘Seção Educação’ da revista Cidade Nova” e “Artigos selecionados sobre Educação na ‘Seção Família’”.

O levantamento dessas categorias possibilita, ao leitor, uma melhor visibilidade do conteúdo abordado em cada artigo. Portanto, para visualização desse trabalho, foram construídos dois modelos diferentes de quadros, que apresentam os textos selecionados durante a pesquisa. O primeiro modelo, o quadro “A” (anexo 19), apresenta a “Seção Educação”⁷⁷, com os 31 artigos que foram encontrados de 1980 até 2004. É a seção com maior quantidade de artigos publicados durante o marco temporal que nos propomos a estudar. Os outros 26 artigos estão em seções diversificadas e serão apresentados posteriormente.

No quadro “A”, limitamo-nos apenas a fazer uma abordagem geral, apresentando o autor, o título do artigo, o número da publicação, ano e o número da página. Desta forma, foi possível observar que na “Seção Educação” alguns autores escreveram mais de um texto nesse período, a exemplo de Catarina Ruggiu, com três artigos. Dois desses em co-autoria com Maria do Carmo Gaspar que, além desses, publicou mais cinco individuais e um outro em co-autoria com Márcio Peixoto. Já o professor Samuel de Souza Neto e o Jornalista Cláudio Sampaio Barbosa divulgaram dois artigos respectivamente.

Com relação ao perfil dos autores, segundo o levantamento anteriormente realizado, podemos observar que alguns são professores de universidades, outros são jornalistas e outros especialistas em educação ou, até mesmo, colaboradores de outras áreas, como padres e sociólogos.

⁷⁷ Verificar anexo 19, quadro A, p. XX.

Verificando a continuidade das publicações, percebemos que, na década de 1980, são 12 artigos, com predomínio dos textos da Pedagoga Maria do Carmo Gaspar que, aliada ao seu trabalho profissional, tem também experiência como mãe e avó. Como ela mesma relatou, foi o próprio relacionamento com os filhos e netos que proporcionaram subsídios para que escrevesse a maioria destes artigos. Por conta disso, podemos observar que mesmo se os textos estão inseridos na seção educação, alguns temas são voltados para questões familiares, a exemplo de “Brigas entre irmãos”(Revista Cidade Nova nº. 3 de 1989, p.17-19) e a “Solidariedade entre irmãos” (Revista Cidade Nova nº. 4 de 1989, p.16,17 e 34).

Na década de 90, também são publicados 12 artigos. Porém, a problemática predominante é a questão do analfabetismo, da escola, e da dignidade do profissional de educação. No ano 2000 e seguintes, ainda nessa perspectiva da valorização educacional, abre-se um novo leque para mostrar propostas e experiências de práticas educativas que apresentam resultados positivos. Observando o volume de páginas, podemos constatar que cada artigo, em sua maioria, possui duas ou três em cada edição.

Dentro ainda da seção “Educação”, realizamos uma subdivisão, uma vez que é na análise específica dos artigos publicados nesta seção que reside o interesse deste estudo. Assim, dividimos os textos, desta vez, por temas mais recorrentes. Foram encontradas 6 categorias, tais como: artigos que enfatizam “Educação e Relações Familiares (Crianças, Adolescentes e Planejamento Familiar)”; artigos sobre “Escolarização, Disciplinas e Práticas Educativas”; sobre “Sistema Educacional, Legislação, Analfabetismo, Tecnologia e Educação”; aqueles que focalizam a “Educação e valores do Movimento dos Focolares”; sobre o “Trabalho Docente”; e sobre os “Intelectuais da Educação”. Para dar uma melhor visibilidade ao leitor, os artigos serão apresentados de forma um pouco mais completa, com a referência da publicação, o nome do autor, título do artigo e, ainda, uma pequena síntese.

A primeira categoria, apresentada no quadro I, diz respeito à educação em meio às relações familiares de pais e irmãos, discute a importância da formação familiar nos primeiros anos de vida da criança e os conflitos da adolescência. Examina, ainda, a educação voltada ao planejamento familiar.

QUADRO I

Educação e Relações Familiares (Crianças, Adolescentes e Planejamento Familiar)

EDIÇÃO	AUTOR	TÍTULO	SÍNTESE
Ano XXX, nº. 4, abril de 1988. p. 06 a 09.	Catarina Ruggiu e Maria do Carmo Gaspar	Pré-adolescentes, um enigma?	A degradação social, cultural e moral, existente nas periferias de nossas grandes cidades, provoca, numa grande massa de adolescentes, uma série de reações em cadeia: rejeição, isolamento e rebelião. O testemunho de pré-adolescentes revela uma imagem pouco conhecida dessa idade de contrastes.
Ano XXX, nº. 7, julho de 1988. p. 13 a 15.	Catarina Ruggiu e Maria do Carmo Gaspar	Pré-adolescência: idade da socialização.	O artigo aborda questões referentes ao período da pré-adolescência, no qual o pré-adolescente enfrenta reações contraditórias, busca relacionamentos verdadeiros e seu lugar na sociedade. O artigo apresenta, ainda, alguns depoimentos de pré-adolescentes do Movimento Juvenil para a Unidade, um dos setores do Movimento dos Focolares.
Ano XXX, nº. 9, setembro de 1988. p. 20-21.	Maria do Carmo Gaspar	Educar sem proibições?	Não é muito difícil dizer “não” a uma criança. Difícil é manter coerente a proibição. Poucos, claros e decididos “não” são indispensáveis para que a criança aprenda a discernir entre o bem e o mal.
Ano XXXI, nº. 03, março de 1989. p. 17-19.	Maria do Carmo Gaspar	Brigas entre irmãos.	Motivo de preocupação, a rivalidade entre irmãos, segundo alguns especialistas, apresenta alguns aspectos positivos que levam ao amadurecimento da personalidade. Esses elementos precisam ser considerados e valorizados no processo educativo.
Ano XXXI, nº. 4 abril de 1989. p. 16,17 e 34.	Maria do Carmo Gaspar	A Solidariedade entre irmãos.	A convivência fraterna, ao calor do ambiente familiar, estimula o desenvolvimento das características individuais e favorece o relacionamento social da criança.
Ano XXXI, nº. 6, junho de 1989. p. 18-19.	Maria do Carmo Gaspar	O medo na criança.	O artigo aborda a questão do medo infantil, problematizando algumas situações em que esse sintoma se faz presente, bem como apresentando alguns lembretes para os pais e educadores, como proposta de uma orientação educativa segura e tranqüila.
Ano XXXI, nº. 11/12, nov./dez. de 1989. p. 11-13.	Maria do Carmo Gaspar e Márcio Peixoto	Planejamento natural e educação.	O artigo volta-se para a questão familiar, apresenta a educação para a vida de família e o planejamento natural, itens que foram abordados em um Congresso Internacional, em Nairobi, Quênia.
Ano XLVI, nº. 06, junho de 2004. p. 19-21.	Miriam Pina	Livres e únicos.	A autora fala sobre sua experiência familiar, como educar os filhos e, também, apresenta a experiência de como alguns casais, que se encontram periodicamente, descobrem respostas para as questões; como educar os filhos para a liberdade, formando-os para a responsabilidade?

Quadro elaborado pela autora. Fonte: Coleção da revista “Cidade Nova” – arquivo particular e acervo das bibliotecas do Colégio Arquidiocesano - SE, da Escola Santa Maria - PE, bem como, acervo de assinantes.

Nessa categoria, encontramos oito artigos; sete deles escritos com a participação de Maria do Carmo Gaspar (quatro individuais e três em co-autoria). O outro artigo é da educadora Miriam Pina.

A educação familiar, voltada para o relacionamento entre irmãos e a questão do medo e das proibições, foi enfatizada e, dentro desse contexto, também foi contemplada a educação quanto ao planejamento familiar. Percebemos a ênfase na preocupação com a adolescência, tratada em dois artigos de Maria do Carmo Gaspar e no artigo de Miriam.

Observamos que são artigos que enfatizam a educação, mas que estão inseridos dentro do contexto familiar. Isso explica a predominância de artigos escritos por Maria do Carmo Gaspar, já que ela é a autora que mais escreve sobre essa temática, no período investigado.

A segunda categoria, “Escolarização, Disciplinas e Práticas Educativas”, está apresentada no quadro II e tem características notadamente pedagógicas e didáticas, visto que volta-se para os temas da escolarização, disciplinas escolares e práticas educativas.

Quadro II
Escolarização, Disciplinas e Práticas Educativas

EDIÇÃO	AUTOR	TÍTULO	SÍNTESE
Ano XXII, nº. 09, setembro de 1980. p. 20-21.	P. Perenha	Prêmios e Castigos ainda têm sentido?	É uma abordagem a partir de Skinner, que enfatiza os três tipos de aluno presentes na escola: os que obtêm sucesso, os que fracassam e os que não tem problemas com os estudos. O grande objeto do artigo é entender por que algumas crianças são diligentes, disciplinadas e atenciosas, enquanto outras são preguiçosas, desobedientes e malcriadas.
Ano XXIV, nº. 1, janeiro de 1982. p. 8- 11.	José Pereña	A Escola e a Vida.	O artigo aborda o tema escola, desde a idade Média e Idade Moderna. Cita o pensamento de Rousseau e termina entrevistando alguns alunos sobre a realidade de entrosamento entre escola e vida.
Ano XXIX, nº. 2, fevereiro de 1987. p.10-11.	Nedo Pozzi	A educação do “super-baby”.	O artigo fala sobre a educação de crianças prodígios nos Estados Unidos. Três milhões de crianças, com menos de quatro anos, freqüentaram, nos Estados Unidos, a “escola programática” de escrita, matemática e língua.
Ano XXXII, nº. 2 fevereiro de 1990. p. 4-6.	Maria do Carmo Gaspar	A volta à escola.	Entrevista com a professora de 1º e 2º graus de uma escola pública de São Paulo, sobre a situação da escola hoje e sua influência na educação das novas gerações.

Ano XXXIII, nº. 7, julho de 1991. p. 04-06.	Adenéia Aparecida Gil Martins	Reconstruir o conhecimento.	Trata sobre a importância de adotar novos projetos pedagógicos que têm por fim levar os alunos não só a memorizar conhecimentos, mas, sobretudo, a ‘reconstruir conhecimentos’. Não basta dar ao aluno noções e conteúdos. É preciso fazê-lo descobrir processos que levam ao conhecimento, lançar uma ponte entre a sua realidade concreta e o saber universal.
Ano XXXV, nº. 03, março de 1993. p. 10-11.	Marcello Benites	Vivendo e aprendendo... a brincar.	O artigo apresenta algumas teorias sobre o conhecimento, na tentativa de ajudar a entender a importância da brincadeira, na educação da criança. Ele mostra, também, uma síntese do projeto “Brincar é coisa séria”, desenvolvido em creches não-governamentais da Grande São Paulo.
Ano XXXVI, nº. 10, outubro de 1994. p. 28-29.	Severino Barros de Melo	A Matemática e você: de rivais a amigos.	Sabendo da importância da matemática em nossa vida, e também da dificuldade que muitos estudantes sentem com relação a essa disciplina, um professor aponta alternativas para motivar a aprendizagem.
Ano XLIII, nº. 7, julho de 2001. p.31	Jesús Garcia	É preciso identificar as motivações.	Algumas abordagens sobre a motivação. A maioria dos especialistas concordam que, ao concentrar a atenção na personalidade global da criança e não apenas no sucesso escolar, pode-se incidir verdadeiramente na motivação.

Quadro elaborado pela autora. Fonte: Coleção da revista “Cidade Nova” – arquivo particular e acervo das bibliotecas do Colégio Arquidiocesano - SE, da Escola Santa Maria - PE, bem como, acervo de assinantes.

Nessa categoria, também identificamos oito artigos, todos escritos por diferentes autores. Alguns apontam para abordagens científicas, no sentido de enfatizar o pensamento de autores como Skinner e Rousseau. Outro, apresenta o relato de uma realidade educativa desenvolvida nos Estados Unidos.

Voltada para a experiência brasileira, a educadora Maria do Carmo Gaspar entrevista uma professora, de um colégio público, sobre a situação da escola atual. Também nessa categoria, dois artigos, de certa forma, completam-se, apesar de terem sido publicados em anos diferentes. É o artigo de Adenéia Aparecida Gil Martins, que enfatiza a importância de “reconstruir o conhecimento” e o artigo do Marcello Benites, que apresenta algumas teorias sobre o conhecimento. Uma curiosidade com relação a esse artigo do Benites, “Vivendo e aprendendo... a brincar”, é que segundo ele (2005), a inspiração da escrita veio enquanto brincava com os filhos pequenos. Quanto à temática das disciplinas, um professor de Matemática aponta alternativas para motivar o aluno nessa matéria.

Fechando o quadro, o último artigo traça uma abordagem ligada ao campo da Psicologia, na qual o autor trabalha a ênfase na motivação, como caminho para desenvolver a personalidade global da criança.

A terceira categoria, “Sistema Educacional, Legislação, Analfabetismo, Tecnologia e Educação”, continua a linha pedagógica e didática conforme mostra quadro III.

Quadro III

Sistema Educacional, Legislação, Analfabetismo, Tecnologia e Educação

EDIÇÃO	AUTOR	TÍTULO	SÍNTESE
Ano XXX, nº. 10, outubro, de 1988. p. 24-25.	Júlio Meazzini	Educação e sociedade informática?	As novas gerações são cada vez mais receptivas e interessadas na programação e no uso de um instrumento versátil como o computador. Assim, é fácil prever que o mundo sofrerá uma verdadeira revolução através das novas/futuras gerações.
Ano XXXI, nº. 8, agosto de 1989. p. 22-23.	João Carlos Martins	Ensino Público: reformas inadiáveis.	O artigo enfatiza a crise educacional brasileira, apontando que somente o despertar de uma consciência crítica no povo e a efetiva vontade política das autoridades poderão conduzir à democratização da Escola no Brasil. Só haverá educação para todos quando a lei for aplicada.
Ano XXXII, nº. 5, maio de 1990. p. 22-24.	Catarina Ruggiu	Um bilhão de analfabetos.	Uma campanha mundial da ONU visa reduzir, de modo radical, até o ano 2000, o fenômeno do analfabetismo. O artigo aborda essa questão a nível mundial e apresenta, sobretudo, a realidade brasileira.
Ano XXXII, nº. 7, julho de 1990. p. 22-23.	Constanzo Donegana	Educação para a liberdade.	Entrevista com D. David Picão, bispo de Santos, sobre o assunto central da Assembléia Geral da CNBB, em Itaici: a educação no Brasil. O artigo mostra, também, trechos da declaração da CNBB, “Educação no Brasil: uma urgência”.
Ano XXXVII, nº. 3, março de 1995. p. 09-11.	Edison Barbieri Luciana Paolucci	Analfabetos, esquecidos pela sociedade.	A partir do questionamento: vivemos na ignorância porque somos pobres ou eternalizamos a pobreza porque somos ignorantes, o artigo aborda o analfabetismo, no Brasil, sobre vários ângulos e aponta algumas providências a serem tomadas, em caráter de prioridade. A educação é considerada prioridade nacional; no entanto, praticamente metade da população brasileira carece de formação básica necessária.

Ano XXXVIII, nº. 8, agosto de 1996. p. 11-13.	Edison Barbieri	A prioridade esquecida.	Diante das deficiências no sistema educacional, evasão, repetência, baixo salário dos professores, e da evidência de que além de investir pouco o Brasil investe mal em educação. O autor faz uma abordagem sobre essas questões e sobre a necessidade de incorporar milhões de analfabetos à sociedade brasileira, dando-lhes uma maior igualdade de oportunidades.
Ano XLII, nº. 10, outubro de 2000. p. 8-9.	Samuel de Souza Neto	Direito social ou mercadoria?	Algumas considerações sobre o ensino público brasileiro. Segundo o autor, com o Estado investindo cada vez menos o ensino público e gratuito está ameaçado, principalmente no nível superior e a educação está virando um negócio milionário.

Quadro elaborado pela autora. Fonte: Coleção da revista “Cidade Nova” – arquivo particular e acervo das bibliotecas do Colégio Arquidiocesano - SE, da Escola Santa Maria - PE, bem como, acervo de assinantes.

Nessa categoria, encontramos sete artigos. A maioria deles com autoria de diferentes colaboradores, com exceção de Edison Barbieri que escreve um individualmente e um em co-autoria. Os temas dizem respeito às mudanças que acontecem na sociedade, devido ao aparecimento da informática e de sua influência para as novas e futuras gerações.

No tocante às questões ligadas à legislação, analfabetismo e sistema educacional, são cinco os artigos que evidenciam, diretamente, essa problemática. Dentre os autores, podemos visualizar, nesse conjunto, mais uma matéria do professor Samuel de Souza Neto.

O artigo de Constanzo Donegana, na verdade, é uma entrevista com um bispo que participou de uma Assembléia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, na qual a educação, evidenciada na preocupação da Igreja, fez-se presente como um dos temas debatidos no evento. A matéria mostra, também, trechos da declaração da CNBB que tem como título: “Educação no Brasil: uma urgência”.

A quarta categoria, “Educação e valores do Movimento dos Focolares”, volta-se para os pontos enfatizados pelo Movimento. Diante do envolvimento dos Focolares com as questões educacionais, a revista “Cidade Nova”, que é o seu veículo de comunicação, divulga as propostas e inovações apresentadas por este grupo, a partir da perspectiva da unidade e da fraternidade, conforme quadro IV.

Quadro IV

Educação e valores do Movimento dos Focolares

EDIÇÃO	AUTOR	TÍTULO	SÍNTESE
Ano XXXVII, nº. 5, maio de 1995. p. 6-8.	Antonio Maria Baggio	Educar para o mundo unido.	O artigo aponta algumas realizações educacionais, em âmbito mundial, voltadas para a questão do mundo unido, entendida como uma nova proposta pedagógica. Educar para a unidade é uma tarefa árdua, mas necessária, que exige mudança de programas e métodos de ensino.
Ano XLII, nº. 11, novembro de 2000. p. 20-21.	Cláudio Sampaio Barbosa	Educação para a Paz.	Um simpósio para a reflexão sobre o papel da escola na construção da paz.
Ano XLIII, nº. 10 outubro de 2001. p. 40-41	Vânia Carvalho de Araújo	Sementes de uma nova educação.	Um novo modo de encarar a educação, denominado Pedagogia da Unidade, proposto pelo Movimento dos Focolares. Tem produzido importantes experiências no campo da educação em diversas partes do Brasil.
Ano XLIII, nº. 12, dezembro de 2001. p. 20-22.	Jaime Luccas	Mudar o Mundo a partir da Escola.	Cobertura jornalística sobre o Fórum Mundial de Educação, que reuniu mais de 15 mil pessoas em Porto Alegre. Debateu desafios e alternativas para a construção de um novo modelo educacional que considere a humanidade como uma grande família.
Ano XLV, nº.3, março de 2003. p. 19-21.	Cláudio Sampaio Barbosa	Muito além da sala de aula.	Experiência da Escola Santa Maria, localizada em Pernambuco. Essa escola demonstra que com espírito de solidariedade e compromisso social é possível vencer as dificuldades e oferecer uma formação escolar de qualidade à comunidade, resgatando a idéia de uma escola mais dinâmica e eficaz.

Quadro elaborado pela autora. Fonte: Coleção da revista “Cidade Nova” – arquivo particular e acervo das bibliotecas do Colégio Arquidiocesano - SE, da Escola Santa Maria - PE, bem como, acervo de assinantes.

Nessa categoria, localizamos cinco artigos. Dois deles do professor e Jornalista Cláudio Sampaio Barbosa; um da professora Vânia Carvalho de Araújo; um do professor Antonio Maria Baggio e outro de Jaime Luccas. Dentre as questões apresentadas nos artigos, aparece o enfoque na educação para a paz e em educar para um mundo unido, aspectos ligados diretamente aos valores que o Movimento propaga. Também é apresentado o relato de experiências de educadores que procuram colocar em prática a “Pedagogia da Unidade”, um novo modelo de educação sugerido por Chiara Lubich (Ver figura 20, p. 96).



Figura 20: Seção Educação. Revista “Cidade Nova”, ano XLIII, nº. 10, outubro de 2001. Acervo da pesquisadora.

O artigo de Jaime Luccas é uma cobertura jornalística sobre o Fórum Mundial de Educação. Já o último artigo, narra a trajetória e algumas experiências do projeto educacional desenvolvido pela Escola Santa Maria em Igarassu-PE.

A quinta categoria, “Trabalho Docente”, é composta apenas por dois artigos que enfatizam o tema do trabalho docente, conforme quadro V.

Quadro V
Trabalho Docente

EDIÇÃO	AUTOR	TÍTULO	SÍNTESE
Ano XLI, nº. 6, junho de 1999. p. 18-19.	Jaime Luccas	Escola crise e desafios.	Abordando, inicialmente, a concepção de escola, o autor questiona o compromisso e a participação dos educadores, afirmando que, entre práticas enraizadas no passado e novos caminhos que se abrem, a escola busca redescobrir seu papel nesta virada de milênio.
Ano XLI, nº. 10, outubro de 1999. p. 40-41.	Samuel de Souza Neto	Professor ator social e assalariado.	O artigo aborda o tema da valorização do professor, que muitas vezes é desprestigiado pelo governo e pela sociedade. Segundo o autor faz-se necessário, e urgente, ao professor, resgatar a sua identidade e o seu papel como “ator social”, formador de opinião.

Quadro elaborado pela autora. Fonte: Coleção da revista “Cidade Nova” – arquivo particular e acervo das bibliotecas do Colégio Arquidiocesano - SE, da Escola Santa Maria - PE, bem como, acervo de assinantes.

No primeiro artigo, Jaime Luccas aborda a necessidade de participação e compromisso dos educadores na busca por redescobrir o papel da escola na virada do milênio. Já o artigo do professor Samuel de Souza Neto, enfatiza a necessidade da valorização do professor, que é desprestigiado pela sociedade e pelo governo.

A sexta e última categoria, “Intelectuais da Educação”, no quadro VI, com um único artigo, apresenta Paulo Freire enquanto intelectual da educação.

Quadro VI
Intelectuais da Educação

EDIÇÃO	AUTOR	TÍTULO	SÍNTESE
Ano XXXIX, nº. 7, julho de 1997. p. 30-31.	Prof ^ª . Teresa Nobre	Paulo Freire, uma vida pela educação.	O artigo traça um perfil biográfico de Paulo Freire. Ressalta, também, o Método PF e assegura que o educador pernambucano não deixou apenas saudade, ele ensinou muita gente a ser protagonista da história em que vive pois, para ele, a alfabetização e a conscientização são indissociáveis.

Quadro elaborado pela autora. Fonte: Coleção da revista “Cidade Nova” – arquivo particular e acervo das bibliotecas do Colégio Arquidiocesano - SE, da Escola Santa Maria - PE, bem como, acervo de assinantes.

Nessa categoria, a professora Maria Teresa Lisboa Nobre Pereira apresenta um perfil biográfico de Paulo Freire. Teresa é Mestre em Ciências Sociais, pela Universidade Federal de Sergipe, e é Doutora em Sociologia, pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente, dentre outras atividades, é professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe⁷⁸.

Com relação a Paulo Freire, um outro artigo na revista “Cidade Nova”, de junho de 1981, cita as contribuições desse educador para a educação. O perfil biográfico de outros educadores, e diversos personagens ligados à formação humana, também são apresentados pela revista. No entanto, não foram o objeto desta análise.

Após esse mapeamento da seção educação, observamos também, a existência de conteúdos educacionais em outras seções da revista, por exemplo: o primeiro artigo que trata de Educação, nesse marco temporal investigado, está na “Seção Especial”, da revista de junho de 1980. Intitulado “Educa quem suscita pessoas novas”, é de autoria de Luiz Eduardo de Oliveira e Reinaldo M. Fleuri. O artigo é uma coletânea sobre educação e, por conta disso, tem sete páginas. Inicialmente, apresenta uma abordagem teórica sobre o papel da escola e do educador. Em seguida, aborda uma entrevista com uma professora; depois, mostra trechos de cartas dos alunos da professora entrevistada.

Naquele período - década de 80 -, começava uma nova etapa no ciclo de vida da revista “Cidade Nova”, visto que anteriormente grande parte dos artigos publicados eram traduzidos de *Città Nuova*. Aos poucos, localmente, buscou-se profissionais que pudessem escrever. A partir desse impulso os temas ligados à realidade brasileira foram evidenciados na publicação.

Sobre esse assunto, o diretor superintendente da editora enfatiza:

O maior esforço nesses anos tem sido desenvolver uma produção de artigos nacionais. Nós temos encorajado muito eventuais colaboradores, mesmo não sendo profissionais da área da comunicação, mas especialistas em uma determinada matéria. Muitos deles não sabiam escrever para revista, mas inicialmente escreviam, mandavam os artigos e nós fazíamos a edição da matéria e atualmente temos uma boa participação de pessoas ligadas ao Movimento, de todo o Brasil, que produzem artigos para nós (SCHNEIDER, 2005).

É importante lembrar, segundo Schneider (2005), que estes artigos, quaisquer que sejam os temas, devem ter como fio condutor o princípio de fraternidade universal e

⁷⁸ Verificar nota 75, da p. 83.

o desejo de um mundo unido a linha de comunicação que a revista procura divulgar, tendo em vista as diretrizes do Movimento dos Foculares.

Constatamos, a princípio, dentre outras coisas, que a educação está inserida em outras partes da revista, além da seção educação. E, com o avanço tecnológico aliado à modernização da sociedade, novos enfoques têm sido colocados em evidência.

Dentre as outras seções nas quais a educação foi matéria em “Cidade Nova”, ela está presente, também, na “Seção Entrevista” da edição de janeiro e fevereiro de 1981, apresentando um questionamento sobre o ensino de religião. O artigo, intitulado “Para quê ensinar religião?”, foi escrito por Reinaldo M. Fleuri. Segundo o autor, religião é uma disciplina que, muitas vezes, não é bem aceita em algumas escolas. Por conta disso, o artigo enfatiza o ensino de religião como fonte de valores vitais. Além dos argumentos formativos, relativos ao ensino de religioso, o autor apresenta uma entrevista, realizada com uma professora e, também, depoimentos de alunos sobre as aulas.

A “Seção Pesquisa” foi outra seção a abordar a temática da educação. Na edição de junho de 1981, Reinaldo M. Fleuri, com o artigo “Aprender: um direito de todos”, apresentou, através de dados da Unesco, um apanhado de questões educacionais, voltados para o problema do analfabetismo. Ele apontou alguns programas que fracassaram, a nível mundial e dentro da nossa realidade brasileira. O autor citou programas como o Mobral e as contribuições do método Paulo Freire. Finalmente, concluiu com um pensamento de João Paulo II, sobre o analfabetismo.

O ano de 1982 foi significativo, no que diz respeito à relação Igreja/Educação, porque a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil sugeriu, como tema da Campanha da Fraternidade, “Educação e Fraternidade”. É justamente esse o título da matéria de Luiz Eduardo de Oliveira (anexo 18, figura J), publicada na revista de março daquele ano. O artigo está inserido na “Seção Informação”.

Esse autor, que é mestre em Teologia, explicou, aos leitores, os objetivos da Campanha da Fraternidade e em que consiste o método: ver, julgar e agir, além de sinalizar para a esperança de que essa campanha seja um novo impulso para o exercício da fraternidade.

Segundo o texto-base da CNBB, sobre essa Campanha da Fraternidade:

A Igreja convida a VER: a realidade educacional; JULGAR: essa realidade à luz da fé; AGIR: de modo coerente. E perguntar: a serviço de quem, de que tipo de homem e de sociedade está a educação? Quais as verdades por elas vividas e transmitidas? Como estas

verdades se confrontam com Cristo, que é a Verdade? Como responder a essas perguntas? (CNBB, 1982, p. 07).

A Igreja, através destas e de outras ações, procurou sensibilizar as autoridades e a população para as questões ligadas à problemática educacional.

Também na “Seção Informação”, ainda em 1982, foi publicado um outro artigo ligado à educação. Escrito por Laura Salvadori, na edição de junho, o artigo “Boas maneiras que pesam no estômago” está basicamente ligado às regras de sociabilidade. A autora desenvolve alguns questionamentos sobre quando e como deve ser iniciada a educação, no sentido de comportar-se à mesa. Elias (2001), ao abordar as questões referentes às ações sociais, enfatiza, também, aquelas ligadas às regras de etiqueta visto que, segundo ele, trata-se de um componente importante no processo civilizador do indivíduo para a vida em sociedade.

Percebemos, assim, que a educação na revista “Cidade Nova” está inserida nos vários campos da ação humana e, dentre estes, o mundo da saúde também foi contemplado. Um artigo publicado na “Seção Saúde”, de fevereiro de 1982, intitulado “O trauma do primeiro dia de escola”, foi escrito pelo Dr. Walter Baltazar que, como especialista, diz existir uma necessidade primordial de levar a criança ao médico antes que ela tenha um primeiro contato com a escola. A criança deve estar devidamente preparada, tanto emocionalmente, como biologicamente, para enfrentar o convívio com a realidade escolar, que se apresenta como uma etapa nova em sua vida.

Observamos que uma das funções de “Cidade Nova”, desde o seu surgimento, é manter viva a comunicação entre os leitores. Por conta disso, muitos deles escrevem para a revista, visando manter a reciprocidade da informação. Algumas dessas cartas vão para a “Seção Diálogo com o Leitor”⁷⁹, mas outras entram como matéria em várias colunas do impresso. Por exemplo: na “Seção Experiências dos Leitores”, publicada na edição de outubro de 1986, aparece um relato de experiência de Dori, intitulado “O importante é que seja feliz...” e na revista de agosto de 1988, aparece um outro relato, desta vez de P.L., intitulado “João foi o primeiro a levantar-se”. A educação, nesta seção, diz respeito não exatamente a artigos, mas a relatos de leitores. Por conta disso, possui, geralmente, apenas uma página. A pouca identificação dos autores se deve ao fato de que são leitores, professores, que escrevem para a revista a fim de comunicar experiências que realizam no seu dia-a-dia profissional em sala de aula e, por estarem

⁷⁹ Serão analisadas algumas destas cartas no próximo capítulo.

expondo acontecimentos de sua prática pedagógica, talvez preferiram não se identificar por completo.

Semelhante à categoria anterior, existe a “Seção Testemunhos” que, em julho de 1989, publicou o texto de J. C. M. intitulado “Diálogo na Escola”. Mais recentemente, em novembro de 2003, a revista divulgou o depoimento de Emílio Medeiros, intitulado “As crianças toparam amar”. Esses artigos também apresentam relatos de experiências. A diferença é com relação ao número de páginas e, também que, nesta seção, os textos apresentados são relatos de professores que procuram desenvolver sua prática pedagógica voltada para valores evangélicos e para aspectos referentes à prática da cultura da fraternidade.

A sociedade atual vive imersa em diversos tipos de problemas sociais. No campo da educação isso não é muito diferente. Por conta disso, a seção “Problemas Sociais” também evidencia a realidade educativa. O artigo de Antonio Claret Chaves Martins, publicado em janeiro de 1991, apresenta uma iniciativa de “Educação através da arte”, como motivação para ocupar o tempo livre de crianças e jovens. Um outro artigo dentro dessa abordagem é do jornalista sergipano Eduardo Sobral Leite, que na edição de maio de 1996, escreve sobre a “Escola Santa Maria, uma lição de vida”. Ele apresenta uma experiência realizada no nordeste, especificamente em uma escola localizada nas proximidades da cidade de Recife. Os dois artigos apresentados nesta seção são relatos de duas iniciativas de promoção social.

Dentre os vários aspectos abordados na revista, a família é um deles. E, assim como na “Seção Educação”, os traços ligados à família estiveram presentes. Na “Seção Família”, a educação também é tratada de forma recorrente. Foram encontrados quatro artigos, que serão relacionados no quadro VII, em modelo semelhante ao do quadro “A”, apresentado no anexo 19.

Quadro VII
Artigos selecionados sobre Educação na “Seção Família”
Revista Cidade Nova

Autor	Título	Nº.	Ano	Pág.
Nedo Pozzi	O amor cria, o amor educa.	08	1987	05-13
José Quartana	O desafio educativo na sociedade atual.	02	1988	06-09
Maria do Carmo Gaspar	Educar ou ser educado?	11	1994	06-08
Nedo Pozzi	Educar: amar e ser amado.	03	1998	10-12

Quadro elaborado pela autora. Fonte: Coleção da revista “Cidade Nova” – arquivo particular e acervo das bibliotecas do Colégio Arquidiocesano - SE, da Escola Santa Maria - PE, bem como, acervo de assinantes.

O enfoque, nessa categoria, é a educação dentro do espaço familiar. Por conta disso, os artigos sinalizam o processo educativo, indicando que este deve ser iniciado no relacionamento entre pais e filhos. O artigo de Nedo Pozzi apresentou a cobertura jornalística de um evento internacional sobre a Família e a Educação; José Quartana, no artigo seguinte, os questionamentos de pais, a respeito do que fazer quando fatores externos invadem o ambiente familiar; Maria do Carmo Gaspar colocou em evidência a importância do papel da educação na sociedade atual e Nedo Pozzi no artigo de 1998 enfatizou o conceito de educador e educando. Os textos apresentados no quadro VII são ligados à família, mas apresentaram todo um contexto voltado para o aspecto da escolarização. Percebemos, também, que dois artigos tiveram autoria de um mesmo autor: Nedo Pozzi.

Com relação à “Seção Cultura”, dentre os vários enfoques publicados, a edição de junho de 1989 apresentou um artigo intitulado “Redescobrir a história”. Os autores, Catarina Ruggiu e Geraldo Pieroni, abordaram o contexto de investigação proporcionado pelo advento da Nova História Cultural. Esse artigo é muito mais da área de História; entretanto, não deixa de apresentar conteúdos formativos.

Quanto ao enfoque ambiental, a revista também tem publicado artigos voltados para essa temática. Encontramos o artigo de Antonio Claret Chaves Martins, publicado em abril de 1990, que tem como título: “Educar para o Meio Ambiente”. Esse texto está inserido em uma seção denominada “Ecologia”. O artigo tratou sobre a implantação da disciplina educação ambiental nos currículos escolares, no sentido de verificar qual a melhor forma de ministrá-la, tendo em vista o aspecto multidisciplinar.

Um artigo complementar ao anterior foi publicado na edição de dezembro de 1996, com o título “Educação ambiental: uma tarefa urgente”. Escrito por Edison Barbieri, o autor enfatizou o papel da escola quanto à formação ambiental, verificando que os professores, na verdade, ainda não estavam preparados para trabalhar com essa disciplina numa perspectiva de cidadania.

Também encontramos artigos sobre educação inseridos no compêndio das matérias destinadas ao Movimento dos Focolares. A edição de abril de 1998 apresentou um relato de experiência da pedagoga Ana Maria R. Nascimento, intitulado “Uma nova Pedagogia”. Ela descreveu o projeto da Escola Aurora, uma escola da rede particular de ensino, localizada no município de Vargem Grande Paulista, que desenvolve a proposta pedagógica do Movimento.

No que diz respeito às reflexões científicas, a edição de junho de 2000 apresentou, na seção “Ensaio”, uma proposta sobre a visão da unidade, enfatizada pelos Focolares, no campo científico. Com o título “Em busca de uma visão unitária”, a professora Vânia Carvalho de Araújo fez uma abordagem sobre os referenciais da educação. Ela atravessou o pensamento positivista e entrou na questão dos novos paradigmas, para referenciar a articulação da proposta de unidade como um caminho para que a educação estreitasse os vínculos entre a formação humana e a dinâmica histórica e cultural.

A “Seção Protagonistas” publica matérias que se destacam pela criatividade dos fatos apresentados ou das personalidades destacadas. O exemplar de junho de 2004, publicou a experiência de um funcionário público, que voltou para universidade após ter se aposentado, fez o curso de Matemática e criou um dinâmico método para ensinar essa disciplina. Marcello Riella Benites, com o artigo “A matemática é só uma desculpa”, contou em mais detalhes a experiência desse professor e relatou em que consiste esse método.

Algumas realidades, no que diz respeito ao mundo, são publicadas na revista e se destacam na “Seção Mundo Unido”. O artigo de Neide Madeiros, “Actipan, uma escola de igualdade”, publicado na revista de setembro de 2004, é um exemplo. Essa matéria foi apresentada, talvez, como um exemplo a ser seguido porque mostra a experiência de uma escola, do México, sustentada pelo Projeto Adoções à Distância⁸⁰. Essa escola foi premiada, pelo governo daquele país, como o local que oferece o melhor “produto-homem” à sociedade.

A “Seção Unidade em Ato” nas publicações de novembro de 2004 e novembro de 2005 apresentou duas realidades que apontaram para a possibilidade de verificar a utilização dos ideais do Movimento dos Focolares no espaço escolar. A primeira foi um artigo de Marcello Riella Benites, intitulado “Uma escola para educadores”, publicado na revista de novembro de 2004, que mostrou uma abordagem sobre o trabalho do professor Samuel de Souza Neto, em Rio Claro (SP). Segundo o autor, Samuel, vendo o índice de baixa auto-estima e a falta de identidade dos professores de educação física, realizou um trabalho propondo a fraternidade e o amor como elementos da prática

⁸⁰ Uma forma de solidariedade internacional lançada e difundida por Famílias Novas, uma das ramificações do Movimento dos Focolares, desde os anos 70. Por meio de 66, projetos distribuídos em 38 países de quatro continentes, dentre eles o Brasil, atualmente, mais de 9.300 crianças, que permanecem no próprio ambiente familiar, são contempladas com programas de escolarização, prevenção sanitária, atividades formativas e de subsistência alimentar para elas e para as suas famílias.

pedagógica, conforme artigo “Professor ator social e assalariado”, escrito na revista de outubro de 1999 e apresentado no quadro V desta pesquisa, no qual tratamos sobre trabalho docente. O artigo de Benites expôs os frutos do trabalho realizado em Rio Claro e exibiu outras iniciativas que surgiram a partir dessa experiência.

A segunda realidade, o artigo do jornalista e professor de cultura religiosa Luís Henrique Marques, intitulado “A fraternidade como prática pedagógica”, foi publicado na revista de novembro de 2005 e expressou alguns relatos de como se realizou em vários ambientes, a experiência de colocar a fraternidade como prática pedagógica.

Enfatizando as ações concretas do Brasil em prol da educação, a revista propõe a seção “Nosso país: educação e inclusão” e, nesse sentido, na edição de julho de 2005, Luis Henrique Marques, com o artigo “A família vai para a escola” apresentou o “Programa Escola da Família”, desenvolvido em escolas estaduais e municipais de São Paulo. Segundo o autor, esse programa tem contribuído para difundir cultura e cidadania a milhões de pessoas de todo o Estado.

Após a leitura e análise de todas essas categorias de artigos sobre educação, publicados na revista “Cidade Nova”, observamos que emergem das páginas do impresso os valores da cultura da fraternidade, proposta pelo Movimento dos Focolares, como também verificamos que existe uma preocupação com a formação dos valores morais e com as práticas civilizatórias. Podemos observar, também, que entre todas as categorias nas quais a Educação aparece na revista “Cidade Nova”, a “Seção Educação” contempla o maior número das matérias, com 31 artigos publicados.

A proposta pedagógica abordada pela revista “Cidade Nova” procura dar subsídios a pais e educadores para que possam ser capazes de propiciar a devida formação às crianças, dentro de uma visão da sociedade voltada para a solidariedade e fraternidade. Esse impresso enfatiza, também, que a criança está inserida em um grupo que tem suas particularidades, o que a leva a aprender com as pessoas, na medida em que estabelece contatos cada vez mais próximos com elas.

Elias (1994), tratando sobre as questões que envolvem a relação indivíduo/sociedade, ressalta que ao pensar em sociedade, pensamos em indivíduos que contribuem, unidos aos seus pares, para a formação desta sociedade, mas que, particularmente, não a forma. A sociedade só é formada através de uma pluralidade de indivíduos,

Não há dúvida de que cada ser humano é criado por outros que existiam antes dele; sem dúvida, ele cresce e vive como parte de uma associação de pessoas, de um todo social – seja este qual for. Mas não significa nem que ele seja um “meio” e a sociedade, o “fim”. A relação entre a parte e o todo é uma certa forma de relacionamento, nada mais, é como tal, sem dúvida, já é bastante problemática. Em certas condições, pode ser vinculada à relação entre os meios e o fim, mas não lhe é idêntica; inúmeras vezes, uma forma de relação não tem a mínima ligação com a outra (ELIAS, 1994, p.19).

A proposta de Chiara Lubich para este relacionamento “entre a parte e o todo” é a unidade. Por isso, para ela,

O Movimento dos Focolares e a sua história podem ser vistos como um grande e extraordinário acontecimento educacional. Nele estão presentes todos os fatores da educação, sendo também evidente a presença de uma teoria da educação, de uma pedagogia bem delineada que fundamenta o nosso modo de agir educacional (2003, p.275).

Nesse modelo de educação inspirado nos Evangelhos, segundo Cambi (1999), está implícito,

O aspecto de comunidade – os apóstolos e os discípulos – que caracteriza a formação do cristão, que vive com os outros “convertidos”, amando-os e servindo-os (ajudando-os, com espírito de solidariedade e de caridade); assim, o amor torna-se agora a chave mestra de toda a educação cristã, o amor a Deus e ao próximo, sentido “como si mesmo”: o amor como *ágape*, como unidade convival e espírito de dedicação, que ultrapassa nitidamente as duas concepções clássicas do amor, como *eros* e como *filia* (CAMBI, 1999, p. 124).

O Movimento dos Focolares, através de seus membros, esteve atento para colocar em prática aquilo que se expressa como vontade da Igreja - para eles, “Vontade de Deus”. Em algumas das primeiras revistas, publicadas na década de 50 aqui no Brasil, aparece o item “censor eclesiástico” ou “com aprovação eclesiástica”, atestando que o que foi escrito podia ser publicado.

A revista “Cidade Nova”, que surge permeada da religiosidade vivida no âmbito do Movimento, exprime os valores e essa espiritualidade como um caminho para formação humana e para a prática pedagógica. Percebemos que a revista tem sido, desde os seus primeiros números, propagadora de conceitos educativos baseados em valores evangélicos, bem como na dimensão de fraternidade e solidariedade. Existiu, desde o início, na revista, a preocupação com a formação do leitor, tanto no campo da religiosidade, como no físico, moral e educativo.

A proposta pedagógica enfatizada pela revista “Cidade Nova” está afinada com aquela do Movimento dos Focolares que consiste na dimensão de formar o indivíduo para a vida em sociedade, para ser construtor de unidade no espaço onde está inserido, formar o homem-relação com o outro. Isso explica o porquê da educação ser tema em diferentes categorias de artigos, em diferentes seções.

Esse enfoque apresentado no contexto educacional do Movimento dos Focolares, e divulgado nas páginas da revista “Cidade Nova” fez perceber, também, que essa espiritualidade está afinada com as diretrizes da Igreja, tanto em nível mundial, por conta dos seus decretos, - inclusive da recente atualização de aprovação -, quanto em nível local, tendo em vista a publicação, na revista, de artigos voltados para as diversas Campanhas da Fraternidade, dentre outras matérias ligadas à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e à Igreja como um todo. O reconhecimento da CNBB, concedendo à revista a menção honrosa do Prêmio Dom Hélder Câmara 2005, comprova essas afirmações.

CAPÍTULO 4

AS CARTAS DOS LEITORES

As cartas, na História da Educação, têm contribuído, dentre outras formas, como uma importante fonte historiográfica. Carta é um objeto material, que tem uma singularidade peculiar ao seu estilo, apresenta indícios de uma cultura e de um meio, vestígios de práticas sociais de uma época na qual o indivíduo está inserido. Segundo Camargo (2000), pode ser pensada como uma prática cultural pelas marcas, gestos e atitudes que os sujeitos tanto imprimem, como deixam impressas, configuradas a partir de modelos e códigos de interesses socialmente construídos, revelada nos modos singulares de apropriação e expressão.

Carta. Objeto cuja materialidade se traduz nas cores, no apalpar, nas formas, nas letras, e nas múltiplas combinações desses elementos; materialidade que também pode ser um conjunto de folhas avulsas ou conjuntamente dispostas quando impressas num livro; cartas que são textos porque são produções escritas; cartas que são discursos e nelas se buscam significações históricas (CAMARGO, 2000, p. 47).

Os laços existentes entre os meios de comunicação e a História da Educação têm se estreitado cada vez mais; tanto que as cartas, como objeto de estudo, vêm ganhando espaço. No Brasil, autores como Élide Vaz (1998), Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo (2000), Ana Chrystina Venâncio Mignot (2002), Maria Helena Câmara Bastos (2002)⁸¹, Marcos Cezar de Freitas (2002), Maria José Vilma Alves Braga (2006), dentre outros, têm voltado suas pesquisas para este objeto de estudo em suas várias denominações: cartas pessoais, cartas de pai para filho, cartas entre amigas, cartas aos patrões, cartas pastorais, cartas de leitores e uma infinidade de outras publicações.

No campo da História, é significativo citar o livro organizado por Roger Chartier: *La correspondance: Les usages de la lettre au XIXe siècle* (1991). Essa obra, consagrada aos usos sociais da escrita, tem como pivô o estudo de um documento – um

⁸¹ Maiores informações sobre essas publicações, consultar, entre outros estudos que se utilizam das cartas na História da Educação, a coletânea organizada por BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs). **Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002.

conjunto maciço de 343 volumes, conservados entre os manuscritos franceses da Biblioteca Nacional. Esse documento, de 1847, é uma fonte para a pesquisa acerca da correspondência, na França, na metade do século XIX.

Dentro de uma história cultural redefinida como o lugar onde se articulam as práticas e representações, o ato de escrever cartas é um gesto privilegiado. Livre e codificado, íntimo e público, tendendo entre secreto e sociabilidade, a carta, melhor que nenhuma outra expressão, associa o vínculo social e a subjetividade. Cada grupo vive e formula, à sua maneira, o problemático equilíbrio entre o eu íntimo e os outros... (CHARTIER, 1991, p.09).

Um conceito muito usual é considerar a carta um diálogo entre amigos.

Escrever cartas exige tempo, reflexão e disciplina, pois é uma forma de compartilhar vivências mais pessoais, íntimas e até mundanas. Escrevem-se e mandam-se cartas pelos mais variados motivos: conversar, seduzir, desabafar, agradecer, pedir, segregar, informar, registrar, vender, comprar, desculpar e desculpar-se, falar da vida, enfim! As cartas seguem um protocolo, obedecem a um outro ritmo de tempo: levam tempo para chegar, muitas vezes demoram para ser respondidas e, não raro, demoram para retornar... (BASTOS, 2002, p. 05).

Tal conceito sugere uma possibilidade de apreensão do íntimo, do pessoal, do privado, e, em alguns casos, do público, considerando os critérios de seleção utilizados pelo seu remetente nas diferentes situações, assim como para os diferentes destinatários.

No contexto religioso, as cartas sempre foram um meio de comunicação bastante utilizado para a formação dos fiéis. A Igreja Católica enfatiza a importância desse veículo de comunicação, já desde os primórdios do cristianismo. Basta lembrar das cartas escritas pelo Apóstolo Paulo, das Encíclicas e das Cartas Pastorais.

O cristianismo introduz no ocidente uma correspondência sagrada, desde então canonizada pela liturgia que assegura uma mediação entre o Céu e a terra [...]. As epístolas de Paulo, escritas entre 50 e 65, da qual encontra-se uma marca escrita desde o início do século II, constituem, por volta de 150, antes mesmo dos Evangelhos, a primeira coletânea da Escritura santa do cristianismo (BOUREAU *apud* CHARTIER, 1991, p.129).

Durante a pesquisa no acervo da editora, e também nos outros acervos, observamos que em todas as edições da revista “Cidade Nova” existe uma seção destinada às cartas dos leitores. A seção “Cartas” ou “Diálogo com o Leitor”, como é atualmente chamada, é o espaço onde são publicadas as críticas, sugestões, experiências. É, também, um local para perguntas, no qual o leitor pode enviar o seu

questionamento, sua dúvida e, normalmente, tem a sua carta respondida por algum especialista.

Diante do vasto universo de cartas publicadas, e do interessante conteúdo ali exposto, era impossível não voltar o olhar para esta seção, sobretudo porque é através das cartas que se pode identificar a “apropriação” que o leitor faz da leitura da revista; e, também, é através das cartas que se pode observar qual é a “representação” do leitor com relação ao impresso. Assim, tendo como base teórica estes conceitos de Roger Chartier, começamos verificando sobre o que tratam essas cartas e a ligação que elas têm com a revista e com os artigos publicados.

Os usos da escrita, em suas variações, são decisivos para compreender como as comunidades, ou os indivíduos, constroem representações do mundo, que é o seu, e investem de significações plurais, contrastadas, suas percepções e suas experiências. Reconhecer essas diversas maneiras de conduzir a aptidão a corresponder é, sem dúvida, melhor compreender o que faz com que uma comunidade exista cimentada pela divisão dos mesmos usos, das mesmas normas, dos mesmos sonhos (CHARTIER, 1991, p. 09).

Escrever sobre cartas é revelar angústias, dúvidas, desafios. É, também, narrar opiniões, desejos, apropriações e representações de alguém sobre determinado assunto ou objeto. Esta é a tentativa empreendida neste capítulo: desenvolver a leitura de uma seção dedicada às cartas dos leitores, em um periódico de circulação nacional que nasceu no âmbito católico, mas que, atualmente, publica assuntos das diversas áreas do conhecimento, com destaque para educação.

As cartas, em “Cidade Nova”, estão relacionadas com o fato de que esse foi o primeiro meio de comunicação utilizado para difundir o Movimento dos Focolares em Trento (Itália), nas cidades vizinhas e nos demais países da Europa. Chiara Lubich, desde o início do Movimento e até os dias atuais, utiliza as correspondências para se comunicar com pessoas de diversas partes do planeta e, assim, difundir a espiritualidade da unidade, bem como acompanhar, individualmente, cada interno da “Obra de Maria”⁸². “No início do Movimento, durante as viagens que fazia de trem para encontrar as pequenas comunidades que estavam surgindo, chegava a escrever até 20 cartas” (LUBICH, 2000).

⁸² O Movimento dos Focolares, pela sua devoção e propósito em viver como Maria, mãe de Jesus, é conhecido, também, como “Obra de Maria”.

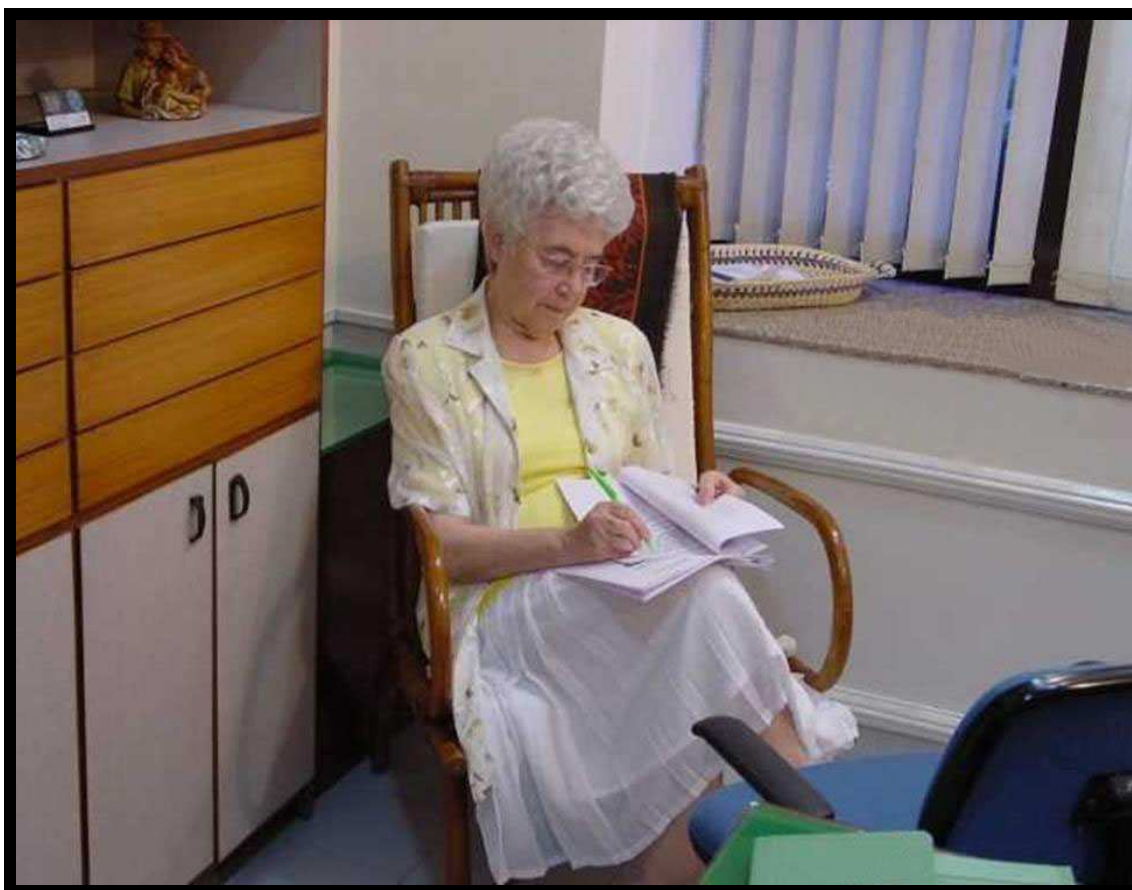


Figura 21: Chiara Lubich em seu escritório. Fonte: Documentário “Sejam uma família” 11 de agosto de 2007. Acervo da pesquisadora.

Durante toda sua existência, a revista, em sintonia com o Movimento dos Focolares, mantém a fidelidade às suas origens, publicando cartas. Folheando as revistas, constatamos que as cartas estão ligadas aos artigos que são publicados e, além disso, contêm a opinião do leitor sobre o impresso. A grande quantidade de correspondências não deixa dúvidas sobre a participação ativa dos leitores.

A sede de nos sentirmos unidos foi sempre uma característica do Movimento. Desde que nasceu, uma rede densa de cartas colocava em comum entre nós o trabalho que Deus começava a fazer em nossas pessoas, um trabalho que crescia à medida que era compartilhado (LUBICH, 2003, p.362).

Fato semelhante acontece com os leitores de “Cidade Nova”, escrevem para comunicar o trabalho que realizam, como utilizam a revista, o que pensam sobre o impresso, para fazer perguntas, críticas, dentre outros. Algumas cartas, aquelas que o editor entende que é do interesse de todo o público leitor e exigem uma abordagem mais completa, geram a possibilidade de um artigo e, assim, podem aparecer em outras seções. Segundo Faro (2005), essa participação do leitor garante a reciprocidade na

comunicação, proporcionando a concretização de uma das metas de “Cidade Nova”: estabelecer um diálogo aberto com o leitor.

Procurando ser fiel ao marco temporal de análise, observamos que, de 1980 a 2005, foram publicadas mais de mil cartas e que, de 1980 até 1995, o nome da seção era “Cartas”. Elas apareciam na página 2 com continuação nas páginas 34 e 35, visto que nesta época a revista possuía 36 páginas.

A partir de 1996, a revista ganhou um novo projeto gráfico e aumentou o número das páginas; de 36 para 44. O título da seção passou a ser “Diálogo com o Leitor” (como mostra a figura 22, na p. 112), sendo publicada nas páginas 3, 4 e 5. Nesse período, além da publicação das cartas comuns, inseriu-se uma novidade que foi a divulgação, nestas páginas, de cartas com perguntas, direcionadas a especialistas e que, normalmente, são respondidas por psicólogos, economistas, sociólogos, sacerdotes, dentre outros.

Segundo a redação da revista, muitas vezes, no período do verão, durante os meses de janeiro e fevereiro, a revista recebe uma quantidade maior de correspondências, talvez por conta do período de férias. O leitor aproveita os momentos de descanso para ler o impresso e comentá-lo através de suas cartas.

DIALÓGO

COM O LEITOR

EVIDENCIAR O POSITIVO

Aprecio o fato de a revista Cidade Nova colocar em relevo o positivo dos acontecimentos. Mas, realmente acho que esse desejo de salvar o positivo não nos dá o direito de sermos indiferentes a tudo o que é negativo na sociedade e no mundo e que justamente desqualifica e sufoca o que existe de positivo.

Alexandre Ramos –
Feira de Santana (BA)

Você tem razão quando diz que queremos evidenciar o positivo. É verdade! O que não significa que pecamos por ingenuidade ou por não denunciarmos, quando isto se faz necessário. Mas para que você entenda bem a linha de *Cidade Nova*, gostaríamos de apresentar alguns pontos que motivaram a nossa escolha de, na medida do possível, evidenciar o positivo: Primeiro. Existe já, em todos os lugares, quem fale do negativo, talvez até com mais competência do que nós o faríamos. Segundo. O negativo é, a seu modo, muito contagioso. Mas também o positivo é contagioso, muito mais do que se pensa. Uma prova disso são as muitas cartas que a nossa redação recebe dos leitores. Terceiro. O positivo é estimulante e criativo, também profissionalmente. Para um redator, escrever um artigo de denúncia é mais fácil, mas menos gratificante do que informar sobre uma ação positiva. Quarto. São, sobretudo, os novos impulsos positivos que nascem no interior da sociedade que a fazem crescer e progredir. Quinto. O negativo é sempre igual, mesmo se ao descrevê-lo usamos palavras e formas diferentes. Enquanto que o positivo é sempre novo, porque coloca em movimento a fantasia e a criatividade de quem o

realiza. O negativo massifica, o positivo valoriza. Sexto. A cultura relativista do nosso tempo tenta sempre relegar o bem a uma dimensão intimista e clerical. Está na hora de sair desse esquema condicionador.

Sétimo. A história ensina que, a longo prazo, os impulsos positivos sempre acabam vencendo. Theilhard de Chardin dizia que «o melhor acaba sempre acontecendo, e o futuro é melhor do

que qualquer passado». Oitavo. As grandes revoluções se originam em geral de ideais decididamente positivos, embora no curso de sua existência elas possam contaminar-se. Mas o ponto de

problemas de hoje

QUANDO SOMOS VELHOS

Eu sou aposentada e periodicamente me encontro com algumas amigas que estão na mesma situação. É um momento de muita alegria. Na última vez conversamos sobre os problemas ligados à nossa idade e foi difícil. Falamos do que não podemos mais fazer, da nossa pouca utilidade na sociedade e em casa. Surgiu em nós uma espécie de auto-compaixão, o que me entristeceu e, ao mesmo tempo, provocou em mim uma sutil indignação, inclusive porque as situações discutidas não eram realmente trágicas. Gostaria de conhecer um outro tipo de atitude diante do envelhecimento.

Maria das Graças –
Curitiba

Os problemas ligados ao envelhecimento são uma realidade. A força para enfrentá-los provém da capacidade de aproveitar o patrimônio de experiências que, lentamente, se consolidou nos anos. Cada período da vida é igualmente importante e pode ser vivido como um processo de crescimento. Sentir pena de si mesmo não ajuda ninguém a viver; ao contrário, deprime, faz com que vejamos tudo negativamente, cria mais dificuldades e as torna maiores do que realmente são.

A senhora gostaria de conhecer “um outro tipo de atitude”. Pois bem, há algum

tempo, recebemos esta bonita e profunda confidência de uma leitora: «Olhando para trás, aos mais de quarenta anos de vida matrimonial, percebo que a minha experiência e a de minha família pode ser comparada a uma árvore que passa por todas as estações da vida. Os primeiros anos com a alegria e a responsabilidade da nova vida; depois, anos de intensa atividade, repletos de felicidades, lutas e fracassos.

Com o passar dos anos, os nossos três filhos cresceram e saíram de casa para construir a própria vida. Meu marido se aposentou e, dessa forma, teve tempo livre para se dedicar a trabalhos sociais, que sempre o atraíram. Mas há cerca de um ano aconteceu o imprevisto: ele sofreu um grave acidente. De um momento para outro, a nossa vida sofreu profundas e dolorosas transformações. Não podíamos mais nos relacionar como antes. As nossas atividades foram severamente limitadas e meu marido necessitava de constantes cuidados. Diante desta situação, convenci-me que cada período da vida tem o seu valor e é uma oportunidade de crescimento espiritual. Uma nova visão das coisas começa a amadurecer em mim: dia após dia descubro



Gianna Fumagalli

que a existência do meu marido tem valor pelo que é neste momento, agora.

Um dia fiquei particularmente impressionada. Ao chegar no centro de reabilitação, vimos uma senhora descer com muita dificuldade de um táxi. Estava usando muletas. Com o rosto iluminado por um sorriso, começou a acenar com muito entusiasmo para nós. Olhei para meu marido e vi que ele também a saudava com igual entusiasmo. Ele simplesmente me disse: «É uma amiga». Pensando na vida dele de apenas um ano atrás, repleta de atividades e contatos, fiquei profundamente tocada de como ele aceitava os outros e a si mesmo nessa nova situação.

Em todas as estações da vida senti sempre a presença de Deus. No início desta última etapa, foi mais difícil percebê-la. Mas agora me parece que estamos vivendo juntos o que diz o escritor e pensador italiano Igino Giordani: “Visto em Deus, este processo que chamamos envelhecimento é um progresso em direção a ele”. Aquilo que permanece é o amor que cresce no momento presente e uma nova fé, como ouro provado na chama».

Tudo isso, sem considerar os benéficos aspectos sociais da presença de idosos na família e na comunidade.

MARÇO/1999

Cidade nova

3

Figura 22: Página 3 da seção “Diálogo com o leitor”. Revista “Cidade Nova”, ano XLI, nº 3, março de 1999. Acervo da pesquisadora.

Diante do avanço gráfico e tecnológico, os leitores, já desde meados da década de 1990, têm a possibilidade de escrever também por e-mails. A maioria das cartas que têm chegado à redação, principalmente após o ano 2000, tem sido através da internet. Todas essas cartas são devidamente catalogadas e arquivadas, como mostra a figura 23.



Figura 23: Cartas enviadas, recebidas e arquivadas pela redação da revista “Cidade Nova”. Foto: Maria José Dantas. Editora Cidade Nova, julho de 2005. Acervo da pesquisadora.

Em 2004, a revista já possuía 52 páginas e a seção “Diálogo com o leitor” começou a ser publicada nas páginas 4 e 5, permanecendo, ainda assim, as cartas com perguntas a especialistas.

Em cada revista, geralmente são publicadas, de 3 a 4 cartas. Esse número varia de acordo com o volume do conteúdo escrito e da necessidade ou não de uma resposta publicada.

Em algumas revistas, nacionais ou locais, que circulam em nossa sociedade, é possível observar que o espaço destinado às cartas dos leitores apresenta uma estética padrão, começando com correspondências que se referem às matérias de capa da edição anterior da revista. Em “Cidade Nova” isso acontece de maneira diferente. Geralmente, são perguntas ou depoimentos, não existe uma ordem padrão.

Nem todas as cartas são publicadas. Isso se deve a vários motivos: um deles é que a revista não tem espaço suficiente para todas as correspondências recebidas e, o outro, deve-se ao fato de que algumas cartas são de cunho pessoal ou contêm assuntos delicados. O critério para seleção, de acordo com o editor, são os assuntos abordados por cada edição da revista. “Outro critério é a atualidade do assunto enfatizado pelo leitor em sua carta”(FARO, 2005).

Segundo o editor da revista, todas as cartas são respondidas. “Algumas respostas exigem um tempo maior porque precisam da assessoria de algum especialista, mas são sempre respondidas. Aliás, muitas dessas cartas são o início de um rico e produtivo diálogo entre a revista e os leitores”(FARO, 2005).

Grande parte das cartas publicadas possui um título, designado pela redação. Aquelas que tratam especificamente da revista, são agrupadas sob o tópico “Sobre a Revista”. Algumas são publicadas na íntegra, outras sofrem algum recorte, por conta do espaço, na coluna, ou da delicadeza do assunto. Geralmente, as correspondências são publicadas de forma direta, sem os adjetivos de saudação que, possivelmente, os leitores utilizam. Em algumas cartas, o leitor deixa clara a sua idade ou profissão e, até mesmo, o que o motiva a escrever para a revista. A maior parte é identificada; mas, em algumas, aparece apenas ‘um leitor’, ‘um assinante’, ‘carta assinada’, ou só o nome da cidade do leitor. Isso ocorre quando o assunto abordado é delicado e a redação acha necessário preservar a identidade do autor. Segundo o editor, “algumas vezes publicamos cartas de leitores de outras edições de ‘Cidade Nova’ em outros países. Nesses casos, usamos, em geral, as iniciais do nome do autor da carta”(FARO, 2005).

Alguns missivistas como bispos, deputados, vereadores, padres, freiras, também escrevem para a revista e os seus nomes aparecem no espaço do remetente, com o referido cargo ocupado. A grande maioria das cartas é dirigida à redação. Contudo, algumas são dirigidas, diretamente, para os autores dos artigos; ou a própria redação entra em contato com o autor do artigo, quando se trata de textos ligados às diversas seções da revista, o que exige uma abordagem especializada. As cartas relacionadas às seções mais diretamente ligadas à proposta de fraternidade da revista são respondidas pelo próprio editor. “Para as cartas relacionadas a assuntos diversos não abordados na revista, a redação entra sempre em contato com um especialista naquela determinada área abordada na carta”(FARO, 2005).

A carta é considerada como um objeto que deve anunciar a verdade de uma experiência, a força da troca e do envolvimento entre os correspondentes. “O atributo

principal da carta reside no fato dela ser espontaneamente pensada como o lugar do segredo e da intimidade” (CHARTIER, 1991, p. 12).

No entanto, é importante refletirmos que no caso das cartas enviadas a uma revista, geralmente o seu autor/a autora tem a pretensão de socializar reflexões, dúvidas, opiniões e experiências.

Nesse sentido, em se tratando das questões pedagógicas, a revista tem despertado a atenção de educadores, pelo fato de publicar artigos sobre educação, propostas e relatos de práticas educacionais. Por conta disso, é constante encontrar a manifestação desses profissionais através de cartas. A seção “Diálogo com o leitor” tem sido um canal que publica cartas, não só mais dos membros do Movimento, mas de uma diversidade de pessoas e de educadores, que de norte a sul do Brasil escrevem para a revista.

Diante de mais de mil correspondências publicadas, delimitamos os temas e focamos aqueles que interessam especificamente aos objetivos desse estudo. Assim, as cartas analisadas foram divididas em cinco categorias: “sobre a revista”; “sobre os artigos publicados na revista”; “sobre a utilização na prática escolar de professores ou utilização em outros eventos formativos”; “utilização na prática escolar de estudantes” e, também, as cartas que fazem “críticas à revista”. Não obstante, a prioridade de enfatizar a apropriação e representação do leitor sobre os artigos e a revista, outros detalhes também foram observados.

Para melhor compreensão dessas afirmações, na primeira categoria: “Cartas dos leitores Sobre a Revista” (anexo 20, quadro B), o leitor poderá observar algumas dessas cartas de homens, mulheres e crianças, dos vários estados do Brasil, que enfatizam esses aspectos. Nessa categoria, foram analisadas 18 cartas. Observando a representação do leitor, podemos encontrar a utilização de termos de gentileza e polidez, no sentido de deixar claro aquilo que o impresso representa, como quando a leitora de São José do Campestre faz elogios à revista, considerando-a como um “livro de vários títulos e com vários autores” (Revista Cidade Nova, ano XL, nº. 8, agosto de 1998. p. 5); também quando o leitor de Londrina diz que ao ler “Cidade Nova” tem aula sobre as várias áreas do conhecimento “ler ‘Cidade Nova’ é receber aulas de sociologia, Psicologia, Português, Antropologia, Agronomia, Filosofia, Estatística, Economia etc.” (Revista Cidade Nova, ano XLIV, nº. 11, novembro de 2002. p. 5).

A cordialidade e a gratidão também foram alvo de várias cartas. Dentre elas, podemos destacar: o agradecimento do Cardeal Lorscheider, pela publicação de sua entrevista na íntegra “[...] nem sempre as pessoas publicam tão bem as entrevistas como vocês fizeram. Com muita exatidão.” (Revista Cidade Nova, ano XXXV, nº. 9, setembro de 1993, p. 2); uma Monja contemplativa que agradeceu a resposta da carta publicada em edição anterior “Quero me congratular com a revista por todo o seu conteúdo e agradecer sua resposta publicada na pág. 35 do nº. 10/93 [...]” (Revista Cidade Nova, ano XXXV, nº. 11/12, nov./dez. de 1993. p. 2); o UNICEF, pela reportagem publicada: “[...] agradecemos a toda a equipe da revista pelo espaço, pelo cuidado com as informações, pelos bonitos textos e pela bela diagramação da reportagem sobre a campanha de erradicação do trabalho infantil nos lixões.” E demais leitores, que agradeceram por artigos e edições anteriores.

Os cumprimentos pelo progresso e modernidade da revista também foram evidenciados, além do contentamento pelo valor cultural que a revista proporciona. Uma leitora estabelece laços de afeto com o impresso de tal forma que, ao fazer a leitura da revista, assim se expressa: “[...] senti-me como se estivesse conversando com um amigo [...] Adorei este presente” (Revista Cidade Nova, ano XXXVIII nº. 9, setembro de 1996. p. 5).

A revista adentra o ambiente prisional e, na maioria das vezes, aqueles que recebem o impresso não sabem por que, nem através de quem estão recebendo a publicação. Por conta disso, um presidiário escreveu à redação, pois gostaria de saber quem estava lhe proporcionando aquela satisfação em ler: “[...] eu estou um pouco perdido sem saber o porquê de estar recebendo estas maravilhosas revistas [...]” (Revista Cidade Nova, ano XLI, nº. 4, abril de 1999. p. 5).

Apesar de não ser uma revista muito conhecida no ambiente acadêmico e social, “Cidade Nova” serve de inspiração para futuros profissionais do jornalismo, como afirmou a leitora de Aracaju que, ao ler o impresso, tem como representação um veículo de comunicação íntegro e deseja seguir sua carreira utilizando esse tipo de jornalismo: “[...] Cidade Nova solidifica em mim a idéia de que ainda é possível produzir um jornalismo benéfico, um jornalismo para a cidadania [...]” (Revista Cidade Nova, ano XLI, nº. 9, setembro de 1999. p. 5).

Um leitor de Teresina, por considerar a revista muito importante, mandou um e-mail para um site de opiniões *Ivox*, falando sobre o impresso (Revista Cidade Nova, ano XLIII, nº. 9, setembro de 2001. p. 5). Outro leitor, Leonardo Tadeu, conheceu a revista

em uma clínica. Ele se considera um leitor assíduo porque mensalmente visita esta clínica, onde encontra disponíveis os exemplares da revista: “[...] É mister salientar também que sou um grande beneficiado da revista, pois em momentos de dúvidas espirituais ela foi uma bênção” (Revista Cidade Nova, ano XLIV, nº. 4, abril de 2002. p.5).

Nessa categoria, dentre a variedade de autores das cartas, verificamos a existência de Presidiários, Arcebispo, Monja, Vereador, Jornalista, Oficial de Comunicação, dentre outros. Nem todos os leitores se identificaram, aparecendo como remetente, também, “uma assinante”, “um leitor” e, ainda, as iniciais do nome do leitor.

Na segunda categoria, “Cartas dos leitores sobre os artigos publicados” (anexo 21, quadro C), foram analisadas 28 cartas. Dentre os aspectos relevantes observados, está o fato de a leitura servir como reflexão, deixando transparecer a hipótese de uma apropriação particular do texto lido.

São várias as cartas que parabenizam a revista pelos artigos publicados, ressaltando a qualidade, diversidade e universalidade dos temas e a seriedade com que são tratados os assuntos da atualidade. Um leitor afirmou que começa a fazer a leitura da revista e se sente preso pelos temas tratados:

[...] Ao receber o último número, aconteceu algo que nunca tinha me acontecido antes [...]: resolvi ‘dar uma folheada’ e ver os artigos mais interessantes para ler, como acho que todo leitor de revista faz; não consegui... toda vez que lia um artigo e virava a página para ver o artigo seguinte, sentia-me preso pelo assunto tratado (Revista Cidade Nova, ano XXXII, nº. 6, junho de 1990. p. 35).

Foi possível verificar, também, leitores que se sentem aliviados por encontrar, na revista, pessoas com os mesmos anseios sociais e ecológicos: “[...] ao ler a reportagem ‘O homem defensor da Criação’ (C.N. nº. 3/90), fiquei aliviada por saber que existem pessoas conscientes e sensibilizadas pelo problema ecológico [...]” (Revista Cidade Nova, ano XXXII, nº. 8, agosto de 1990. p. 2).

Com relação ao aspecto educativo, são várias as cartas que se referem aos artigos publicados sobre educação; como, por exemplo, as que enfatizam: a reportagem sobre Paulo Freire; sobre a educação no Brasil: “[...] O excelente texto proporciona uma leitura clara e objetiva a respeito da educação brasileira, fazendo importantes denúncias e apontando perspectivas que precisam urgentemente estar na ordem do dia. É preciso colocar a Educação como prioridade nacional”. (Revista Cidade Nova, ano XXXVII nº. 5, maio de 1995. p. 35). Sobre o mesmo tema um outro leitor diz assim:

[...] em Cidade Nova, na edição de agosto, leio a respeito do descaso do governo brasileiro com a problemática da educação. Uma tragédia, sem dúvida, e a maior causa de nossos problemas. [...] Leio sobre Tristão de Athayde, sobre multimídia, política econômica e termino numa deliciosa reportagem mostrando a Salvador dos baianos e dos brasileiros. Faço turismo sem sair de casa. Percebo então que tenho em mãos uma porção de revistas inclusas numa só: Cidade Nova”(Revista Cidade Nova, ano XXXVIII, nº. 10, outubro de 1996, p. 5).

Com o olhar em Chartier, podemos perceber dentre as representações quanto a esses artigos, segundo as cartas dos leitores, que a revista apresenta uma leitura clara e objetiva a respeito da educação brasileira.

Ainda com relação ao aspecto educativo, uma leitora escreve:

Foi com indescritível interesse que li, na edição de setembro desta revista, o depoimento Actipan, uma escola de igualdade, uma experiência educacional realizada numa comunidade pobre do México, em que a interação e o cuidado mútuo transformaram dificuldades em sucesso. É espetacular descobrir um projeto desta natureza no campo educacional.[...] (Revista Cidade Nova, ano XLVII, nº. 1 e 2, janeiro e fevereiro de 2005. p. 4).

Também foram encontradas cartas sobre a Escola Roger Cunha; sobre a Escola da Família; sobre a Escola Aurora; sobre a criticidade com que a revista abordou a questão dos 500 anos de Brasil; sobre Ariano Suassuna, inclusive pedindo mais detalhes com relação as suas aulas-espetáculos; sobre Patativa do Assaré e sobre o ensino de Matemática através da Música: “[...] foi com grata satisfação que, na primeira revista ‘Cidade Nova’ recebida (julho 2004), deparei-me com o artigo de Marcello Riella Benites, referente ao ensino de Matemática através da música. Método criado pelo ‘inspirado’ professor Ernane Muniz de Lima [...]” (Revista Cidade Nova, ano XLVI, nº. 09, setembro de 2004. p. 5).

Alguns leitores apresentam sugestões para que sejam colocados os dados sobre o autor do artigo e que se forneçam mais informações sobre os livros divulgados pela revista.

Um leitor de Porto Alegre discordou de um artigo publicado, em edição anterior da revista. Segundo ele, a matéria não corresponde à realidade do evento noticiado: “[...] Não há como negar que o Fórum teve muitos méritos, como a busca de uma distribuição mais solidária das riquezas do planeta e a necessidade de globalizar atitudes em favor do ser humano. [...] não houve a necessária diversidade ideológica ou de opiniões que daria

ao encontro matizes democráticas que dele se esperava [...]" (Revista Cidade Nova, ano XLIV, nº. 5, maio de 2002. p.3).

Destaca-se, ainda, a carta enviada pela Assembléia Legislativa da Paraíba: "Senhor Editor, comunico a Vossa Senhoria que foi aprovado o Requerimento nº. 2317/99, de autoria do Deputado Rômulo Gouveia, propondo que seja registrado nos Anais desta casa a entrevista intitulada 'O sertão em verso e prosa' – Patativa do Assaré, publicada nesta revista, edição de setembro do corrente ano (1999)" (Revista Cidade Nova, ano XLII, nº. 1/2, jan./fev. de 2000, p. 4-5).

Com relação à variedade de autores das cartas, verificamos a existência de Deputados Estaduais, Professores, Psicóloga, Engenheiro Eletricista, Historiador e Sacerdote. Quase todos se identificaram, exceto o leitor de Três Marias, que está identificado apenas pelas iniciais.

Na terceira categoria, sobre a "utilização da revista na prática escolar de professores ou utilização em outros eventos formativos" (anexo 22, quadro D), foram analisadas 17 cartas. Dentre os leitores, predomina a existência de Professores, seguida de Catequistas, Médico e Coordenadora Pedagógica. A maioria dos leitores se identificou, exceto uma professora que apenas indica a profissão.

Quanto aos assuntos tratados nas cartas, grande parte descreve o trabalho realizado com alunos, tendo como base a utilização da revista "Cidade Nova". "[...] Ela sempre me ajudou em pesquisas para elaboração de aulas expositivas [...]", enfatiza Marilene Alves, uma leitora de Carapicuíba-SP, em carta publicada na revista nº. 2, fevereiro de 1993, p. 35. Alguns leitores utilizam, também, a revista em palestras, reuniões, cursos e até mesmo reproduzem cópias dos artigos da revista em seus ambientes de trabalho e estudo.

[...] Participei também de um curso na universidade, em que um dos temas era Zumbi, só que com uma visão totalmente deturpada. Para minha surpresa, ao chegar à casa encontrei a revista (CN 11/95) e vi justamente o artigo "Palmares, uma história que continua". Tomada de alegria, no outro dia levei a revista para o curso (do qual participavam advogados, pedagogos, políticos, etc.) e convenci o professor a ler para a classe. Todos ficaram muito interessados e pediram uma cópia da matéria. [...] (Revista Cidade Nova, ano XXXVIII, nº. 3, março de 1996. p. 5).

As congratulações são várias, ficando relevante a contribuição na área educacional, sendo este impresso citado várias vezes, como "uma revista maravilhosa, fonte de informação e formação". Dentre os depoimentos, chama atenção o de Verônica

Leal, uma Coordenadora Pedagógica do Piauí: “Gostaria de agradecer-lhes pela enorme contribuição que Cidade Nova tem dado às nossas aulas e aos nossos professores de maneira geral, através de temas atualíssimos” (Revista Cidade Nova, ano XXXV, nº. 5, maio de 1993. p. 34). Além destes exemplos, muitas outras cartas evidenciam a contribuição da revista na área pedagógica: “Os alunos, em contato com a revista, escolhem os artigos para lerem, meditem, discutem entre si, e depois transmitem à turma o que leram, finalizando com suas opiniões oral e escrita. Este é o terceiro ano em que trabalho com a revista. Com isso, os alunos estão adquirindo o hábito da leitura” (Revista Cidade Nova, ano XL, nº. 6, junho de 1998. p. 4-5).

Na quarta categoria, sobre a “utilização da revista na prática escolar de estudantes” (anexo 23, quadro E), foram analisadas 21 cartas. Os leitores, em sua maioria, são estudantes, crianças e jovens. Apenas dois não são identificados, um se denomina futuro assinante, enquanto o outro coloca apenas as iniciais do nome.

Dentre os assuntos tratados, a grande maioria enfatiza a contribuição da revista em pesquisas escolares e como fonte de conhecimentos gerais.

[...] As matérias que antes não tinham valor ou pareciam difíceis para mim, passaram a fazer parte do meu conhecimento a partir dos trabalhos de escola que eu precisava fazer. [...] Recebi as melhores notas em todos os trabalhos. Agradeço a vocês por tudo e espero que meu ano escolar continue sendo, com a ajuda de Cidade Nova, igualmente informativo e formativo (Revista Cidade Nova, ano XL, nº. 4, abril de 1998. p. 3).

Também fazem referência à revista como sendo um rico recurso para elaboração de redações durante concursos: “Estou escrevendo para agradecer-lhes pelas matérias, que estão me ajudando nos concursos que venho fazendo. Nos últimos anos li muitos artigos e graças a eles consegui desenvolver a redação [...]” (Revista Cidade Nova, ano XLIII, nº. 1/2, jan./fev. de 2001. p. 05). Os leitores agradecem as matérias publicadas e tem até quem deseje em uma profissão futura seguir a mesma linha de jornalismo: “[...] Pretendo fazer vestibular para Comunicação Social. Gosto muito da linha da revista e pretendo com o curso seguir a mesma realidade de vocês [...]”. Esse é o depoimento de um leitor que se denomina futuro assinante, em carta publicada na revista nº. 8, agosto de 1993. p. 34.

Tem leitor que se torna divulgador das matérias que acha interessante; outros, parabenizam a revista pelas matérias sem sensacionalismo: “[...] a revista tornou-se a minha primeira fonte de pesquisa para assuntos relacionados com educação, psicologia,

medicina, teologia, atualidades, etc”, comenta M.G.N, em carta publicada na revista nº. 2, fevereiro de 1984. p. 2.

Uma leitora de Tobias Barreto, em Sergipe, diz que lê os temas ligados à juventude e aprende muito com eles. Outra leitora faz perguntas com relação à escolha da profissão. Isso nos possibilita pensar que cada uma faz uma apropriação individual da leitura.

Um leitor fez doação de sua coleção de revistas para uma biblioteca, o que contribuiu para que muitos estudantes tivessem acesso. Uma leitora se sentiu tão contente pela utilização da revista que, após a elaboração de um trabalho para a faculdade, resolveu escrever para “Cidade Nova”, o que deixou evidente que existem laços de cordialidade entre o leitor e a redação da revista.

A quinta categoria selecionada para análise, conforme quadro VIII, é a das cartas que apresentam críticas à revista “Cidade Nova” e, também, ao Movimento dos Focolares.

Quadro VIII
Cartas dos leitores com Críticas

REMETENTE	ÁREA DE ATUAÇÃO	ANO/ EDIÇÃO/ PÁGINA	CONTEÚDO
A. F. – Rio de Janeiro – RJ.	Leitor.	Revista Cidade Nova, ano XXXVI, nº. 11, novembro de 1994. p. 35.	“Tenho a impressão de que a revista sofre de narcisismo, no que diz respeito ao Movimento dos Focolares: muitas páginas dirigidas aos seus próprios membros, poucas dirigidas a outras realidades que existem hoje na Igreja. Isto se deve a uma opção da revista para atingir os simpatizantes do Movimento, ou a uma falta de abertura eclesial?”
J. Vitor – São Paulo – SP.	Leitor.	Revista Cidade Nova, ano XL, nº. 4, abril de 1998. p. 3.	“Vocês não acham que palavras como amor, solidariedade, força, movimentos, reformas, direitos humanos, educação, são chavões sem grande significado prático, tendo em vista que só se escreve sobre eles, mas não é feito nada de concreto, nem pela Igreja, nem pelo Governo, nem pela sociedade, com exceção de pessoas que fazem uma ou outra ação isolada, o que não representa absolutamente nada num universo de 160 milhões de brasileiros?”

Terezinha da Silva Bonfim e Otávio Rodrigues da Silva.	Promotores do folclore borbense.	Revista Cidade Nova, ano XLVI, nº. 05, maio de 2004. p. 4.	“Vimos pela presente, apresentar nosso protesto à matéria veiculada na revista Cidade Nova, Ano XLV, Nº. 12 de 2003, sobre o município de Borba. [...] A forma como a revista tenta sensibilizar os leitores é desprezível [...] há exageros em sua narrativa [...]”.
Meirelayne.	Médica.	Revista Cidade Nova, ano XLVII, nº. 1 e 2, janeiro e fevereiro de 2005. p. 4.	“Tenho escutado algumas críticas em relação à revista, como sendo ainda muito pouco universal, uma vez que ‘tem cara de Igreja Católica’ [...]. O que vocês têm a dizer sobre isso?”

Quadro elaborado pela autora. Fonte: Coleção da revista “Cidade Nova” – arquivo particular e acervo das bibliotecas do Colégio Arquidiocesano - SE, da Escola Santa Maria -PE, bem como, acervo de assinantes.

Nessa categoria, foram analisadas quatro cartas, nas quais apenas dois leitores se identificam completamente e, por sinal, fazem a carta em co-autoria. Os outros se limitam a abreviações, ou a simplesmente o primeiro nome. Com relação ao perfil, é possível destacar uma médica e dois promotores folclóricos.

As duas primeiras cartas apresentam críticas ligadas ao conteúdo da revista e à linguagem utilizada. A terceira carta é um protesto com relação a uma matéria publicada em edição anterior e, a última, é uma pergunta de uma leitora que escutou críticas com relação à revista e gostaria de saber o que a redação pode dizer sobre isso.

O desejo da revista é manter o diálogo com o leitor. Dessa forma, essas cartas também são oportunidades para estabelecer esse relacionamento. Todas elas foram devidamente respondidas na mesma edição da revista em que foram publicadas, logo após a carta do leitor, conforme o quadro IX.

Quadro IX
Cartas da Redação em resposta às Críticas

REVISTA CIDADE NOVA	ANO/ EDIÇÃO/ PÁGINA	CONTEÚDO
Redator.	Revista Cidade Nova, ano XXXVI, nº. 11, novembro de 1994. p. 35.	“‘Cidade Nova’ nasceu na Itália [...] com a intenção de manter unidos os que tinham conhecido a espiritualidade dos Focolares [...]. No decorrer dos anos procurou manter esse empenho, ao menos numa parte das suas páginas (8). [...]. Ao mesmo tempo, nosso interesse sempre se manteve aberto a todos os aspectos da realidade eclesial, social e cultural. E as outras páginas da revista são dedicadas a esses aspectos. [...] Se as matérias não são mais abundantes, é por causa do número limitado de páginas. De qualquer forma, obrigado pela sua observação”.

Redator.	Revista Cidade Nova, ano XL, nº. 4, abril de 1998. p. 3.	“Compreendemos o seu desalento diante, do nosso grave quadro social. Sem pretender desanima-lo, o elenco de palavras que você menciona nos parece ainda incompleto. Não acha que poderíamos acrescentar, entre outras tantas, dignidade, respeito, cidadania? [...] No mundo moderno, certamente os meios de comunicação são os grandes responsáveis pela globalização das informações, e a eles interessa difundir, a qualquer custo, o espetáculo, o hilariante, o chocante, o agressivo, o violento. Inúmeros fatos têm nos demonstrado, porém, que o profundo abismo social do país está gerando há muito tempo iniciativas que se fortalecem, multiplicam e vão se transformando de pessoais em comunitárias, ampliando e aprofundando as suas raízes e, conseqüentemente, trazendo benefícios de toda sorte para grande camada da população. [...] Desta maneira basta não generalizar a banalização das palavras, mas assumi-las nós mesmos, em primeiro lugar, como agentes de erradicação da marginalização e da discriminação. [...] Observe que os grandes ideais surgiram normalmente de uma só pessoa ou de um pequeno grupo, e deles se irradiaram contagiando tantos outros [...]”.
Redator.	Revista Cidade Nova, ano XLVI, nº. 05, maio de 2004. p. 4.	“Caros amigos, antes de tudo agradecemos a carta enviada com as considerações sobre o artigo ‘A esperança de Borba’ e pedir-lhes desculpas por termos apresentado a realidade da cidade [...] a partir apenas de uma perspectiva [...]. O nosso objetivo com o artigo era, na verdade comunicar a experiência social vivida em Borba por um casal de italianos, leitores de Cidade Nova [...]. E nos parecia um modo de estimular e apoiar algumas iniciativas de promoção humana na cidade, que já produziram muitos frutos importantes para a população de Borba. Naturalmente, sendo o autor proveniente de outro país, a sua leitura da realidade foi condicionada pela sensibilidade de quem olha o Brasil a partir de uma outra perspectiva cultural e social. Por isso, certamente, escapou a ele importantes aspectos da realidade, como vocês muito bem disseram na carta que publicamos acima. [...] Reiteramos aqui o nosso desejo de construir com todos vocês essa sociedade nova, mais justa e mais fraterna, da qual certamente, os habitantes de Borba já são protagonistas”.

Redator.	Revista Cidade Nova, ano XLVII, nº. 1 e 2, janeiro e fevereiro de 2005. p. 4.	“Será que o fato de ‘ter uma cara’ significa ‘ser pouco universal’? ‘Ter uma cara’ diferencia. Mas o diálogo só existe entre diferentes; senão é monólogo. Cada interlocutor deve ter uma identidade definida. O importante para ser universal é que essa identidade não seja exclusivista, excludente das outras identidades. Nossa revista é expressão do Movimento dos Focolares, que nasceu na Igreja Católica. Mas tem inúmeros membros e simpatizantes de outras Igrejas e comunidades eclesiais cristãs, de outras religiões como muçulmanos, hinduístas, budistas etc., e até pessoas de convicções não-religiosas. E o que agrada a todos, além da abertura, é justamente essa clareza de posições: cada um deve ser autêntico na fé que professa, e procurar o enriquecimento mútuo no diálogo com os ‘diferentes’, sem atitudes proselitistas, de conquista. Essa postura tem ajudado a empreender em conjunto realizações artísticas, sociais, políticas, econômicas etc. somando esforços, talentos e recursos, para o bem de toda a humanidade. [...] Quanto à revista, ela sempre pode – e quer – melhorar. Agradecemos a contribuição crítica dos leitores para evitarmos qualquer excesso [...]”.
----------	---	--

Quadro elaborado pela autora. Fonte: Coleção da revista “Cidade Nova” – arquivo particular e acervo das bibliotecas do Colégio Arquidiocesano - SE, da Escola Santa Maria - PE, bem como, acervo de assinantes.

Diante dessas respostas, observamos que com relação à carta do leitor, com a crítica sobre a quantidade de páginas dedicada ao Movimento, o editor lembra o objetivo inicial da revista, traçando um sucinto histórico sobre o seu surgimento. Mas informa, também, que a quantidade de páginas dedicada aos outros assuntos é maior do que aquelas dedicadas aos Focolares. E ele tem razão, considerando que em 1994 a revista possuía 36 páginas. Publicando matérias do Movimento em 8, sobram 28 páginas para os outros assuntos. Isso é mais de 70%. Ele justifica, também, que em razão da revista ainda possuir um número limitado de páginas, não se consegue publicar uma diversidade maior de artigos. O editor conclui agradecendo a observação do leitor.

Quanto à carta do leitor de São Paulo, com relação à utilização de determinadas palavras, a redação inicia sua resposta em discurso coloquial, estabelecendo, realmente, um diálogo, pois começa dizendo que o compreende e fazendo-lhe uma pergunta. Em seguida, o editor procura mostrar, por vários ângulos, propostas e iniciativas positivas e, por fim, sugere que ele faça uma reflexão sobre esses ideais, lembrando que ele não deve generalizar as palavras, e sim assumir-se como agente de transformação.

Com relação à resposta sobre o protesto dos Promotores do folclore borbense, o editor inicia a carta estabelecendo traços de cordialidade, bem como, tecendo agradecimentos pela carta enviada, com as considerações sobre o artigo publicado. Em

seguida, o editor faz o pedido de desculpas pelo fato de ter apresentado a realidade apenas a partir de uma perspectiva. Ele ainda explica qual era o objetivo do artigo e que quem o escreveu era de um outro país. Na conclusão, o editor, mais uma vez, utiliza a cordialidade no sentido de reiterar, com os habitantes da cidade, o desejo de construir uma sociedade nova, justa e fraterna.

A quarta e última carta é a da médica, que escuta críticas com relação à revista. A resposta a essa carta ganha um destaque maior. Ela aparece no ângulo superior da página, em cor diferente das demais cartas. O editor inicia fazendo um questionamento sobre “ter cara” e, nesse sentido, vai tecendo o perfil da revista, que é expressão de um Movimento que surgiu na Igreja católica, mas que possui abertura ecumênica e diálogo inter-religioso, até com pessoas de convicções não religiosas. Enfatiza que o que agrada a todos é essa abertura e clareza de posições, cada qual sendo autêntico na fé que processa. Para concluir, ele assegura que a revista quer e pode melhorar e agradece a contribuição crítica dos leitores que ajudam a evitar qualquer excesso.

De acordo com as cartas lidas, verificamos que “Cidade Nova” tem um público abrangente e diversificado, pertencente a todas as classes e níveis sociais. Esses leitores escrevem para a redação talvez porque sintam necessidade de orientação, busquem um aprofundamento em determinado assunto, queiram contar algum acontecimento marcante de suas vidas ou queiram, simplesmente, alguém com quem possam dialogar. Afirmam como conseguiram fazer determinado trabalho em sala de aula, que efeito surtiu, como responderam a uma prova, ou, até mesmo, que adquiriram um conteúdo novo ao ler o impresso

Essas são apenas algumas das cartas publicadas na revista, com algumas manifestações dos leitores, tanto elogiosas quanto críticas. Existem muitas outras correspondências publicadas, que não serão possíveis de serem evidenciadas neste trabalho. No apanhado geral desta pesquisa, foram selecionadas um total de 88 cartas. Em meio às cinco categorias de análise e todo esse referencial, percebemos que a revista “Cidade Nova” é lida por um grande número de pessoas de todas as regiões do Brasil, de todas as idades e de preferências as mais variadas. Pessoas que não são meros leitores, mas que em muitos casos se dispõem a fazer parte da revista, participando ativamente de suas publicações, mesmo que através de críticas.

Estas correspondências, antes de serem publicadas na revista, foram escritas por alguém que as enviou para a redação, por meio dos correios ou por e-mail. Certamente, o contato com essas cartas, neste trabalho, só foi possível pelo fato delas terem se

tornado públicas nas páginas da revista “Cidade Nova”. Essa publicação possibilitou, a inúmeros leitores e pesquisadores, o acesso a esse documento histórico.

Segundo Chartier (1990), “a diferença entre redator e leitor se desmancha quando o leitor se torna autor, graças às cartas dos leitores”. E, para “Cidade Nova”, é importante esse diálogo.

As cartas lidas não possuem a data precisa do momento da escrita, e sim a data de publicação. Elas narram práticas de educadores e estudantes, e de demais leitores, o que possibilitou analisar a escrita de diferentes anos e entender como se processa a educação nos vários ambientes.

Para Chartier, “a carta, em sua materialidade, transmite todos os signos de reconhecimento social. O lugar, o envelope, o papel, a assinatura, as margens, são todas marcas que situam os correspondentes” (1991, p. 239).

A revista nº. 12, de dezembro de 2000, publicou uma matéria que enfatiza, justamente, esse espaço que o impresso oferece aos leitores e o relacionamento que existe entre estes e a redação. O artigo intitulado “Querida Cidade Nova” trata sobre vários momentos e cartas de leitores que a revista recebeu nas últimas décadas. Dentre estes, chamou atenção o depoimento de Daniela de Souza Garcia, de Goiás: “Sou uma estudante de Geografia e os artigos que vocês escrevem me auxiliam muito [...] são uma verdadeira fonte bibliográfica” (Cidade Nova, ano XLII, nº. 12, p. 8).

Segundo Chartier,

O estudo serial dos gestos, ou dos bens simbólicos, tem por muito tempo esquecido que as diferenças culturais não são, de forma alguma, redutíveis apenas a suas desigualdades de distribuição. No século XIX, os desvios mais socialmente determinados se inscrevem, frequentemente, nos usos contrastados dos objetos ou de competências divididas. O passo é, portanto, necessário que conduza de uma história das repartições a uma história das práticas. A lição quer para a passagem da história do livro - entendida como uma história da presença desigual do livro numa sociedade dada - a uma história da ou antes das leituras, ela quer para a trajetória que se esforça de ir de uma história da alfabetização que constata as grandes divisões, as grandes rupturas na capacidade de ler e escrever, a uma história dos empregos efetivos, nos diversos gêneros de escritas ordinárias, da competência escrituraria (CHARTIER, 1991, p. 09).

A correspondência trocada entre leitores e revista é a maneira pela qual a publicação recebe, do seu público, o retorno sobre a informação transmitida. Para alguns dos autores dos artigos, o primeiro sentimento, ao receber uma carta de leitor, é de agradecimento, em razão deste leitor ter lido a matéria.

A carta é um importante demonstrativo da sensibilidade e da percepção dos leitores. Percebemos que os leitores têm confiança na revista. Muitos escrevem falando sobre situações pessoais, para contar suas experiências, muitas delas ligadas ao campo educativo. Já outros, querem agradecer à “Cidade Nova” pela ajuda que recebem com a leitura de seus artigos. Isso nos faz pensar na hipótese de construção daquilo que Chartier (1990) chama de “registro de uma relação simbólica”⁸³.

De acordo com as cartas lidas, percebemos que os leitores se apropriam dos conteúdos de maneira específica. Apropriação, nesse sentido, de acordo com Chartier, é fazer uso das interpretações obtidas, através da leitura do impresso; ou seja, após a leitura de um artigo, o leitor se sente impulsionado a desempenhar melhor seu papel de educador. Ou, outros leitores, sentem-se motivados a repensar sua prática educativa.

Quanto aos leitores que fazem apenas uma leitura rápida, em uma sala de consultório médico ou em bibliotecas escolares, ou aqueles que têm o contato com a revista através da leitura dos artigos em sala de aula, ou em alguma conferência, fica mais difícil verificar a maneira como se apropriaram dessas informações. Porém não podemos descartar a possibilidade de algum tipo de apropriação, bem como de representação com relação a revista.

Ainda de acordo com as cartas lidas, quanto à representação, entendida por Chartier como algo que faz ver uma ausência, são instrumentos que substituem um objeto ausente por uma imagem, no caso da revista “Cidade Nova”, o leitor visualiza a revista e formula o conceito daquilo que o impresso representa para ele, de acordo com a apropriação que faz e com a maneira como utiliza o periódico.

Percebemos que, para uns, a revista é uma colaboradora; para outros, é uma fonte de pesquisa, é divulgadora de notícias positivas; mas, também, existem aqueles que a vêem como pouco universal, por estar ligada à Igreja Católica.

Uma outra questão ligada à representação, que verificamos com relação ao impresso, é a que diz respeito à contribuição, no sentido de desenvolver uma cultura voltada para a fraternidade. Também de que é um recurso que traz a informação enfatizando o lado positivo dos fatos, apresentando a realidade sem sensacionalismo. Isso verificamos entre as cartas dos leitores de modo geral e, sobretudo, se estas cartas forem de membros do Movimento dos Focolares, que pela sua cultura própria de

⁸³ Para Chartier (1990) é a representação de algo de moral pelas imagens ou pelas propriedades das coisas naturais.

comunidade constituída “partilham de semelhante maneira de ler ou de uma mesma relação com a escrita”(CHARTIER, 1991, p. 9).

Observamos que são várias as maneiras de utilização da revista, como também são vários os profissionais que a utilizam. O médico, o contador, a assessora de comunicação, a professora de língua portuguesa, todos eles são educadores e desenvolvem seus trabalhos utilizando a revista como um recurso pedagógico.

Alguns se apropriam das informações mais ligadas ao aspecto da reflexão e utilizam a revista nas reuniões, em dinâmicas, como fonte de pesquisa, como subsídio para palestras, etc. Outros, na prática de sala de aula, utilizam-na para os trabalhos de classe com os alunos.

Durante esse trabalho, encontramos vários funcionários e colaboradores de “Cidade Nova”; alguns até que já foram editores da revista. Um destes foi Luiz Eduardo Oliveira. Quando lhe perguntamos sobre essa manifestação do leitor através das cartas, ele nos disse:

Tenho certeza, uma convicção profunda, e os meus companheiros também, que a maioria do bem que “Cidade Nova” faz não é conhecido. Eu tenho essa convicção. É uma pequena parte o que a gente conhece. Eu já tive contatos, depois de anos, com pessoas que me encontra e dizem: “Oh aquele artigo que você escreveu, ou aquele artigo que foi publicado... Aconteceu isso...” mas coisas interessantíssimas, depois de 10, às vezes 15 anos. Se eu não estivesse presente naquela determinada ocasião eu nunca ficaria sabendo. Eu tenho certeza que como este caso tem muitos outros por aí que não sabemos. Eu te garanto! Sempre foi uma coisa muito gratificante esse contato com o leitor, não só porque vinham em relevo esses elementos positivos que sempre davam um alento, mas também as críticas. Você fica sabendo o endereço para o qual você manda as mensagens do Ideal, você fica sabendo aquilo que está produzindo. É como se você fosse fazer uma peça que você não sabe que vai vender nem que lugar do mundo vai ser vendida, entendeu? Dá uma certa frustração não é? Quando você tem o retorno diz: puxa, algo de mim chegou, atingiu o objetivo, atingiu um ser humano, atingiu um irmão meu, um próximo, é muito bom essas coisas (OLIVEIRA, 2007).

Perguntamos, também sobre as críticas dos leitores, Luiz Eduardo recorda um leitor, da época em que ele era editor, que sempre escrevia:

Lembro-me de um senhor de Porto Alegre que escrevia sempre. Ele até tinha razão nas observações que fazia... Ele queria que a gente fosse mais encarnado, inserido mais na Igreja, mas não tínhamos condições. Mal a gente conseguia o básico... Eram noitadas para conseguir fazer uma revista mensal, a maior parte traduzida, mandava traduzir fora ainda, porque não dava conta, então vinha observações

assim... A maior parte dizia respeito a colocarmos temas mais inculturados, locais, observações de caráter estrutural... (OLIVEIRA, 2007).

Atualmente, a revista atingiu um outro patamar e tem publicado uma gama diversificada de artigos. Apresenta um projeto gráfico moderno. No segundo semestre de 2005, o diálogo com o leitor de “Cidade nova” se configurou completo quando a redação da revista resolveu ir ao seu encontro, visitando todas as regiões do Brasil. Em Sergipe, esse momento aconteceu na cidade de Aracaju, às 15h do dia 25 de setembro do mesmo ano, no auditório do Colégio Arquidiocesano, contando com uma grande representação dos leitores desse estado.

Naquela ocasião, Antonio Faro, o editor da revista assim se expressou:

Para mim é uma grande alegria estar falando de “Cidade Nova” em Aracaju, onde eu conheci “Cidade Nova”, através de muita gente que está aqui [...] A nossa proposta na verdade, com essa idéia de viajar para se encontrar com os leitores era ter esse contato com vocês. Por que na verdade quem sustenta a Cidade Nova? São 48 anos de luta... Todos vocês sabem o que significaram estes anos para manter “Cidade Nova”, esta revista viva, atual, bela, naquilo que é possível que transmite esse nosso desejo de construir a fraternidade, o mundo unido, isso que agente chama de Ideal, esse desejo de que todos sejam um, mas essa revista existe porque, na verdade vocês existem (FARO, 2005).

Também naquela oportunidade, alguns leitores se pronunciaram. Um dos depoimentos marcantes foi o de Everaldo Faro:

Nós que temos a revista “Cidade Nova” [...], nós temos que aproveitar essa ferramenta extraordinária e contrapor se não diretamente a essas redes de jornais, televisão, essa rede editorial agressiva, destruidora dos valores da família exatamente como uma luz que surgiu no fundo do túnel. Já pensou se todas as famílias brasileiras tivessem pelo menos um que tivesse a condição de abordar uma matéria por semana da revista e refletir junto com a família. Se não fosse reconstruir os valores pelo menos estaríamos pondo um contra ponto para parar, essa dinâmica maligna. Eu entendo como extremamente importante esse momento da revista e é importante que cada um que já conhece a revista dissemine a idéia, é uma ferramenta, é um novo Evangelho social que se constrói no mundo de uma nova cultura de fraternidade. E nós devemos não ter vergonha de oferecer esse produto porque é uma idéia nova, é um valor novo e com certeza nunca no mundo vocês vão competir com o mundo econômico porque vocês não vendem espaço, vocês não alugam idéia e nem pregam ideologia. É diferente! E para quem quer manter valores tem que contrapor, infelizmente essa imparcialidade não faz parte do mundo jornalístico e, portanto quem tem uma boa idéia, a exemplo do próprio Cristo, Ele destruiu alguma coisa para construir

milhares de coisas, eu acho importante essa disseminação (FARO, Everaldo, 2005).

Um outro depoimento significativo foi o de Maria do Carmo Moraes, uma leitora assídua, divulgadora e promotora de assinaturas da revista:

Eu quero agradecer em primeiro lugar porque Cidade Nova é isso que Faro disse agora de uma maneira tão bela. Talvez eu nem saiba dizer tudo isso, Faro, então na verdade eu quero lhe agradecer porque eu acho que os nossos amigos precisavam ouvir isso que você falou. Acredito que as pessoas querem as coisas boas. Eu sempre falo assim: veja como as revistas estão feias, então mesmo se o seu filho é pequeno, ele pode ao menos folhear a revista Cidade Nova, sem ler, mas vê o Pepe e o Jotabê⁸⁴, vê umas figuras bonitas, um colorido bonito e pelo menos não vê tanta coisa feia como existe em outras revistas que a gente sabe que circulam aí, parecem até revista pornográfica. Então Cidade Nova é uma revista séria que toda família deveria ter em casa. Assim eu faço rapidinho, rapidinho as assinaturas. Eu já fiz bastante, esse ano passado eu só fiz 41, mas em outras épocas eu já fiz 96 assinaturas de Cidade Nova. Mas não é pelas dificuldades. Eu acho que as dificuldades têm que ser superadas, que quando a gente oferece e diz o valor que a revista tem - porque a gente não vai dizer assim, você quer fazer a assinatura dessa revista? Não, pelo amor de Deus, ninguém quer fazer não é? Mas se eu falo um pouco do valor da revista, então com certeza a gente sempre encontra alguém de boa vontade que faz a assinatura. E a gente sabe que só tem a lucrar, porque ao invés dele está fazendo favor a mim, antes estou fazendo favor a ele de lhe oferecer a revista (MORAES, Maria do Carmo, 2005).

Através desses depoimentos, também foi possível verificar a representação que existe com relação à revista, como sendo um impresso que transmite valores formativos, o que já foi constatado via análise feita dos artigos publicados, tanto na seção específica sobre educação, quanto nas outras seções, assim como nas cartas dos leitores.

⁸⁴ Pepê e Jotabê (anexo 24) são dois palhaços criados em 1978 pelo artista italiano Walter Kostner e que desde 1985, mensalmente, estão na Seção “Relax” da revista “Cidade Nova”, sempre com uma mensagem engraçada e positiva. Maiores informações consultar: <http://www.gibiedoppiaw.com>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi enfatizar as práticas educativas publicadas nos artigos e nas cartas de leitores da revista “Cidade Nova”. Contudo o estudo sobre a revista - que teve como pressuposto, o entendimento de que os impressos são documentos -, através de um olhar cuidadoso, possibilitou-nos conhecer a gênese do periódico, alargando-se pelo transcurso da trajetória da Igreja, com relação aos impressos católicos, e pela chegada da imprensa em Sergipe, como também, em verificar a participação desses impressos e sua contribuição para História da Educação em Sergipe e no Brasil.

A análise da materialidade e do ciclo de vida da revista consistiu em utilizar tudo aquilo que ela oferecia: o seu formato nas diversas épocas, número de páginas, cores, tipo de papel, capa, contracapa, figuras. As imagens apresentadas neste trabalho, seja no corpo do texto ou nos anexos, não foram usadas apenas como recurso ilustrativo, mas evidenciam o contexto de cada época ou situação que retratam. Cada figura traduz um momento específico, seja histórico, no sentido da trajetória do Movimento, seja inserida no contexto da pesquisa, como aquelas que apresentam os entrevistados, alguns deles em seu ambiente de trabalho. Isso porque, nos propomos a tratar do impresso, observando também, cada um que participa desse processo de materialidade: redatores, fotógrafos, diretor, autores, dentre outros.

O estudo desenvolvido enquadra-se no âmbito de uma análise qualitativa, tendo seus pressupostos teóricos embasados na Nova História Cultural. Contudo, durante todo o trabalho, estão presentes, também, os elementos quantitativos, no que diz respeito a quantificação de artigos e cartas e das várias categorias em que ambos foram enquadrados, além de outros aspectos.

Diante do vasto conteúdo explorado, faz-se necessário ressaltar a contribuição de alguns sergipanos no âmbito dos impressos católicos. Dentre eles: o Mons. Antonio Fernandes da Silveira, fundador da Imprensa (é importante lembrar que a Igreja Católica, através do Mons. Silveira, foi a responsável pelo surgimento da arte de imprimir em Sergipe). Não podemos esquecer da contribuição de Jackson de Figueiredo, sergipano e intelectual ilustre, que, convertido ao catolicismo, colaborou nacionalmente com o processo de civilização cristã, através do impresso, especificamente da criação da revista “A Ordem” e também através do Centro D. Vital.

Na atualidade, podemos destacar as contribuições, também em nível nacional do atual editor geral da revista “Cidade Nova”, o jornalista José Antônio Faro.

Um aspecto notável na ligação da revista “Cidade Nova” com os impressos católicos publicados em Sergipe é que existe um laço familiar, pelo menos entre dois autores de artigos. Um dos colaboradores do boletim Vitalista e que depois tornou-se redator do Jornal “A Cruzada”, em Sergipe, foi Luiz Rabelo Leite, cujo filho, Eduardo Leite Sobral, é colaborador de “Cidade Nova”, inclusive com artigos sobre educação. Durante algum tempo, Eduardo participou da equipe de redação da revista.

Paulo Almeida Machado foi redator do jornal “A Cruzada” e agora seu filho, Carlos Augusto Alcântara Machado, colabora com artigos para a revista “Cidade Nova”, na área do Direito e da Ética. Assim, concluímos que o Estado de Sergipe, através destes personagens, dentre outros autores e periódicos existentes, continua tendo uma participação significativa na trajetória dos impressos católicos no Brasil.

Esta análise dos artigos e das cartas publicados na revista “Cidade Nova”, com o olhar na História da Educação, nos possibilitou verificar os vestígios de que a educação, enquanto instrumento formativo e civilizador, aparece em todas as seções da revista. As cartas dos leitores “afloram como um material valioso de pesquisa da História e sinalizam a complexa rede de interlocutores que se entrecruzam, seja pela escrita, seja pela leitura [...]” (CAMARGO, 2000, p. 21).

Podemos dizer que no âmbito da História da Educação, a revista “Cidade Nova” vem se configurando como uma importante ferramenta que media e auxilia o processo educativo, Tanto através dos seus artigos, como através das cartas e das respostas dadas pelos especialistas aos leitores e que são publicadas no impresso. É importante salientar que os periódicos têm um relevante valor educativo, mesmo aqueles que não são voltados exclusivamente para a área pedagógica. Muitas vezes, essas publicações se sobressaem, justamente pela função educativa que desempenham no espaço escolar.

Nas diversas viagens, realizadas pelo Brasil, durante esta investigação, encontramos leitores, e exemplares do impresso investigado, por todas as cidades. O manuseio destas fontes, bem como dos outros impressos encontrados durante a pesquisa, faz-nos constatar que há muitos caminhos, ainda não trilhados com relação aos impressos, em Sergipe, e com relação à revista “Cidade Nova”, que se transformam, para futuros pesquisadores, em um amplo leque de opções, tais como: verificar as atividades e contribuições do Centro Dom Vital de Aracaju; a trajetória política e

religiosa do Mons. Silveira; os exemplares do boletim Vitalista, do jornal o “Recreio”, do jornal o “Clarim” e tantas outras possibilidades.

Com relação à revista “Cidade Nova”, a educação, nesse impresso, pode ser vastamente estudada desde o início da circulação do periódico. Porém esse não foi o objeto desta análise. Ainda é possível investigar as diversas áreas do conhecimento presentes nos artigos da revista: Ciências; Biologia; Saúde; Psicologia; os sumários; a seção *relax*; a seção infantil; um estudo da publicidade na revista em suas várias fases, dentre outros. Através da história da leitura, enquanto prática, como aponta Chartier (1991), é possível verificar que “Cidade Nova” é um veículo que permite uma experiência de leitura que leva a uma formação cultural específica, a divulgação da cultura da fraternidade.

A revista tem procurado ser um canal de diálogo entre os homens. A Menção Especial do Prêmio Dom Hélder Câmara de Imprensa, recebido em maio de 2005, por conta de seus relevantes trabalhos em prol da dignidade humana, é um dos frutos dessa preocupação. Segundo o editorial da revista de junho daquele ano, “a referência ‘ao conjunto da obra’ na justificativa desse reconhecimento revela que ele é dirigido a todos aqueles que fazem com que a nossa revista possa ser aquilo que deve ser: um veículo de difusão da cultura da fraternidade”(Revista Cidade Nova, ano XLVII, nº. 06, junho de 2005. p. 3).

Também o Movimento dos Focolares, por todas as contribuições no campo educacional, já recebeu alguns títulos de reconhecimento. Chiara Lubich, uma simples professora primária, que desejava fazer o curso de Filosofia, mas que, por conta da Segunda Guerra Mundial, não conseguiu, em 1986 recebeu o Prêmio Unesco de Educação à Paz e, em 2000, recebeu um doutorado *Honoris causa* em Pedagogia, pela Universidade de Washington, dentre outros doutorados que tem recebido nas diversas áreas do conhecimento.

Quanto à contribuição pedagógica da revista, podemos verificar, através desta pesquisa e da origem das cartas dos leitores, que pessoas, de norte a sul do Brasil, apropriam-se, de diferentes maneiras, dos artigos de “Cidade Nova” e atribuem significados diversos para a utilização dessa leitura em suas vidas e, em se tratando do ambiente educacional, em sua prática pedagógica.

Percebemos também, que essa revista não é um manual pedagógico com normas para ensinar, mas sim um recurso, que pode ser utilizado pelo professor, tanto para sua formação complementar, como para auxiliar no trabalho em sala de aula.

Sabemos que é imprescindível propiciar ao aluno a possibilidade de ser ator do processo educativo, para que dessa maneira ele se sinta responsável pelo cumprimento de tarefas e regras, numa constante ajuda mútua. Assim, o trabalho pedagógico, utilizando os impressos, pode se tornar uma oportunidade de participar do processo de formação do homem, sujeito de sua própria realização pessoal.

Com relação, especificamente, à essa pedagogia proposta pelo Movimento dos Focolares, talvez ela seja considerada uma utopia. Mas, verificando a realidade do Movimento, é possível constatar que existem inúmeras realizações, vários grupos e milhares de pessoas que têm contato com essa prática pedagógica. Prática, inclusive, comprovada através de estudos científicos; enfatizando, assim, através de seu aspecto civilizatório e portador de valores morais, que são muitos os indivíduos e inúmeras sociedades que se beneficiam dessa proposta ou das ações dos Focolares.

Percebemos que existe uma preocupação de cunho pedagógico nos membros do Movimento dos Focolares e, conseqüentemente, em “Cidade Nova”. Chiara Lubich possui uma visão que não se limita ao catolicismo, ou ao Movimento dos Focolares, mas que se amplifica em uma visão de mundo, uma visão vasta.

Enquanto pesquisadores atuantes, também nós temos um papel a desempenhar na História. Devemos nos preocupar com a leitura que fazemos da realidade e com a história que escrevemos, bem como, com a contribuição que estamos dando à sociedade e ao campo científico. É importante trazer novos enfoques, buscar fontes ainda não pesquisadas, possibilitando tornar conhecidas realidades novas, que contribuam para que se possa escrever mais um capítulo da História da Educação.

Segundo Burke, “a sabedoria não é cumulativa, mas tem de ser adquirida mais ou menos penosamente para cada indivíduo, mesmo no caso do conhecimento, houve e ainda há tanto retrocesso quanto progresso ao nível individual” (2003, p.20). Desta forma, podemos concluir que adquirimos o conhecimento a cada dia e, nessa mesma medida de adquirir e utilizar a sabedoria para compreender o que estamos vivendo, estamos fazendo a História.

Impressos como a revista “Cidade Nova”, têm impulsionado profissionais comprometidos com a busca do conhecimento a vislumbrar um novo olhar sobre o seu agir pedagógico. Tem possibilitado também, novas dinâmicas de atividades em sala de aula. Como fruto, o trabalho educacional passa a ter um novo sentido e a História da Educação, visualizada por novos parâmetros de análise, constitui-se, cada vez mais, em um campo cheio de novas descobertas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**: Contra os pagãos. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

ALMEIDA NETO, Dionísio de. **Pelo Império da Virtude** – formação, saberes e práticas de Dom Domingos Quirino de Souza (1813-1863). Aracaju/Se: Gráfica e Editora Triunfo Ltda, 2007.

ANDRADE, Élia Barbosa de. **Nas trilhas da co-educação e do ensino misto em Sergipe (1842-1889)**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe - UFS, 2007. (Dissertação de Mestrado).

ANDRADE JUNIOR, Péricles Morais de. **Sob o olhar diligente do Pastor**: a Igreja Católica em Sergipe (1831-1926). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2000. (Dissertação de mestrado).

ARAÚJO, Acrísio Torres. **Imprensa em Sergipe**. Brasília, 1993.

ARAÚJO, Jorge de Souza. **Perfil do leitor colonial**. Salvador: UFBA, Ilhéus: UESC, 1999.

ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JÚNIOR, Décio (org.) **Novos temas em história da educação brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002.

ARAÚJO, Vânia Carvalho de. “Sementes de uma nova educação”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista, SP, nº 10, outubro de 2001. p. 40-41.

AVÍLA, Fernando Bastos de. **Pequena Enciclopédia de Doutrina Social da Igreja**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

BARBOSA, Cláudio Sampaio. **Intertextualidade e dialogismo na revista Cidade Nova**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, PUC-SP, 2005. (Dissertação de Mestrado).

BARREIRA, Luiz Carlos. **Escola, periodismo e vida urbana**: educação popular e imprensa operária em São Paulo (1888 – 1925). Sorocaba: Uniso, 2001.

BARREIRA, Luiz Carlos (Org); VILELA, Marize Carvalho; SILVA, Cláudia Panizzolo Batista da; PINHEIRO, Ana Regina. “Estudo de Periódicos: Possibilidades para a História da Educação Brasileira”. In: MENEZES, Maria Cristina. **Educação, Memória, História**: Possibilidades, Leituras. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 401-450.

BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. **Os Padres de D. José**: O Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1948). São Cristóvão, SE: Universidade Federal de Sergipe, 2004. (Dissertação de Mestrado).

BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs). **Destinos das Letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002.

BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. “Laços de Papel”. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs). **Destinos das Letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 05-09.

BORGES, Vavy Pacheco. “O historiador e seu personagem: algumas reflexões em torno da biografia”. In: **Revista Horizontes**. Bragança Paulista. vol. 19, p. 01-10. jan./dez, 2001.

BOURDIEU, Pierre. “Algumas propriedades dos campos”. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. São Paulo: Marco Zero, 1980.

_____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

_____. “Gênese e estrutura do campo religioso”. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 27-78.

BOUREAU, Alain. “*La norme épistolaire, une invention médiévale*”. In: CHARTIER, Roger. **La Correspondance. Les usages de la lettre au XIXe siècle**. Paris: Fayard, 1991. p. 127-157.

BRAGA, Maria José Vilma Alves. **Gênero Epistolar**: do privado ao público (uma análise do gênero carta no jornal Cinform). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2006. (Monografia – Núcleo de Pós-Graduação em Letras).

BRÜSCHKE, Klaus. “Cidade Nova inaugura nova sede”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista SP, nº. 08, agosto de 1997. p. 28-29.

BURKE, Peter. **Uma História Social do Conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. **Cartas e Escrita**. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2000. (Tese de Doutorado).

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

CARMELO, Pe. Antônio. **Olimpio Campos perante a História**. Aracaju: Nossa Gráfica, 2005.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “Uso do impresso nas estratégias católicas de conformação do campo doutrinário da Pedagogia (1931-1935)”. In: **Cadernos Anped** - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Nº. 7, 1994. p. 41-60.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde nacional e fôrma cívica**: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista, SP: EDUSF, 1998.

_____. “A caixa de utensílios e a biblioteca: pedagogia e práticas de leitura”. In: VIDAL, Diana Gonçalves & HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **Brasil 500 anos**: Tópicos em História da Educação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 137-168.

CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. **Educação em Revista**: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CATANI, Denice Barbara. **Educadores à meia-luz**: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa, Difel 1990.

_____. (Dir). **La Correspondance**. *Les usages de la lettre au XIXe siècle*. Paris: Fayard, 1991.

_____. **A Ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

_____. **A Aventura do Livro**: do leitor ao navegador. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP / Imprensa Oficial do Estado, 1999.

_____. **A Beira da Falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002.

COSTA, Rosemeire Macedo. **Fé, civilidade e ilustração**: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973). São Cristóvão, SE: NPGED, 2003. (Dissertação de Mestrado).

DANTAS, Maria José. “Impressos e Educação: a trajetória da revista Cidade Nova e sua preocupação com a formação humana”. In: BERGER, Miguel André (Org) **Anais da V Semana de Educação e II Encontro Regional de Educação Formação docente X Qualidade Social da Escola Pública**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2005a. (Trabalho completo).

_____. “A Educação nos Impressos: um olhar sobre a diversidade educacional na revista Cidade Nova”. In: FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; BRITTO, Luiz Percival Leme de; NERY, Rosa Maria; PRADO, Guilherme do Val Toledo (Org). **Anais do 15º COLE**. Campinas – SP: Graf. FÉ; ALB, 2005b. (Texto completo).

DANTAS, Maria José. “Dos céus alpinos ao porto de Recife: Enzo Morandi (Volo) um grande vôo, muitas aventuras e páginas de Cidade Nova”. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org) **Anais II Cipa – Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) biográfica: tempos, narrativas e ficções: a invenção de si.** 10 a 14 de setembro de 2006a, Salvador – Bahia - Brasil. (Trabalho completo).

_____. “A revista ‘Cidade Nova’ e as práticas escolares”. In: **Anais II Seminário Internacional de Educação: A pesquisa em educação Dilemas e perspectivas.** 18 a 21 de dezembro de 2006b. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe. (Trabalho completo).

_____. “Chiara Lubich e a Cultura da Fraternidade”. In: **Anais I Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais: Desafios históricos e saberes interdisciplinares.** 4 a 6 de setembro de 2007. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba. (Trabalho completo).

_____. “Eram quatro folhas mimeografadas...” In: **Cidade Nova.** Vargem Grande Paulista - SP, ano L, nº. 1, janeiro de 2008. p. 23-25.

DANTAS, Maria José; ORLANDO, Evelyn de Almeida. “A Educação nos impressos católicos”. In: **Anais do III Seminário Internacional de Educação – A pesquisa em educação: abordagens e inclusão social.** UFS, 2007. (Resumo CD-ROM).

DIAS, Romualdo. **Imagens da Ordem: a doutrina católica sobre a autoridade no Brasil (1922-1933).** São Paulo. Editora UNESP, 1996.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: Uma História dos costumes.** Trad. Ruy Jungman, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

_____. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **A Sociedade de Corte: Investigação sobre a Sociologia da realeza e da aristocracia de corte.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FARIAS, Ana Lígia Rodrigues de. **Educação em revista: as revistas sergipanas de educação (1940-2003).** São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe - UFS, 2004. (Monografia de Graduação em História).

FARO, José Antonio. “Chiara Lubich no Brasil”. In: **Cidade Nova.** Vargem Grande Paulista, SP, nº. 6, junho de 1998. p. 19-32.

_____. **A Fraternidade na proposta da Revista Cidade Nova e na percepção dos leitores.** São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2002. (Monografia de conclusão do Curso de Pós-Graduação).

_____. “Editorial: Um prêmio para todos”. In: **Cidade Nova.** Vargem Grande Paulista, SP, nº. 6, junho de 2005. p. 03.

FARO, José Antonio; LÒRIGA, Paolo. “50 anos construindo pontes de diálogo”. In: **Cidade Nova.** Vargem Grande Paulista - SP, ano L, nº. 1, janeiro de 2008. p. 20-22.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. “A Revista Renovação e a Educação da Mulher Sergipana”. In: **Cadernos UFS – História da Educação**, São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, vol. 5, 2003. p. 51-66.

FREITAS, Itamar; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. “A Revista em Sergipe”. In: **Revista de Aracaju**, nº. 9 Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju, 2002. p. 169-187.

FREITAS, Itamar. **A escrita da História na “Casa de Sergipe” – 1913/1999**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2002.

FREITAS, Marcos Cezar. “Por quem os sinos dobram? As cartas pastorais e a contribuição da História da Educação à história das mentalidades”. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs). **Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 57-73.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GARCIA, Ir. Jacinta Turolo; CAPDEVILLE, GUY. **Educação Católica**. Bauru, SP: EDUSC; Brasília: UNIVERSA, 2001.

GUARANÁ, Armindo. “Mons. Antonio Fernandes da Silveira”. In: **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. nº. 1, 1913. p. 43-45.

_____. “Jornais, revistas e outras publicações periódicas de 1832 a 1908”. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, tomo especial, vol 1, parte 2, 1908. p.776-813.

GUIMARÃES, Bruna Vieira. **O Movimento social ‘focolarino’ e as matérias de capa da revista Cidade Nova**. São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. (Trabalho completo)

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **História da educação brasileira: leituras**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

HORTA, José Silvério Baía. **O hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil (1930-1945)**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

KRÄUTLER, D. Erwin. “Cartaz da CF-98”. In: **Fraternidade e Educação: a serviço da vida e da esperança: Texto Base / Conferência Nacional dos Bispos do Brasil**. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1998.

LAGUNA, Shirley Puccia. **Uma leitura dos livros de leitura da Escola Americana de São Paulo (1889-1933)**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, 2003. (Tese de Doutorado).

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.

LIMA, Aristela Arestides. **A Instrução da Mocidade no Liceu Sergipense**: um estudo das práticas e representações sobre o ensino secundário na província de Sergipe (1847-1855). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe - UFS, 2005. (Dissertação de Mestrado).

LIMA, Aristela Arestides; LIMA, Gláriston dos Santos. “Aspectos Biográficos de um lente no século XIX, na Província de Sergipe: Vigário José Gonçalves Barroso (1821-1882)”. **Anais II Cipa – Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) biográfica**: tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. 10 a 14 de setembro de 2006, Salvador – Bahia – Brasil. (Trabalho completo).

LIMA, Fernanda Maria Vieira de Andrade. “Contribuições de um representante da Igreja Católica em prol do Ensino Superior Sergipano”. **Anais II Cipa – Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) biográfica**: tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. 10 a 14 de setembro de 2006, Salvador – Bahia - Brasil. (Trabalho completo).

LUBICH, Chiara. “Al Mariapoliti”. In: *Città Nuova: per i mariapoliti*. Ano I, nº 1, 14 luglio 1956.

_____. **Chiara Lubich e o Movimento dos Focolares**. São Paulo: Cidade Nova, 1988.

_____. **A aventura da unidade**. São Paulo: Cidade Nova, 1991.

_____. **Buscai as coisas do alto**. São Paulo: Cidade Nova, 1993.

_____. **Ideal e Luz**: Pensamento, Espiritualidade, Mundo Unido. São Paulo: Brasiliense; Vargem Grande Paulista, SP: Cidade Nova, 2003.

_____. **O Único Mestre**. Vargem Grande Paulista/SP: *Centro Vita* Audiovisuais. Congresso Nacional de Educadores - 18 a 21 de janeiro de 2007.

LUCA, Tânia Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153.

LUCCAS, Jaime. “Terra de muitos frutos”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista, SP, nº. 03, março de 1998. p. 21-25.

_____. “Escola crise e desafios”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista, SP, nº. 06, junho de 1999. p. 18-20.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. **Os Bispos do Brasil e a imprensa**. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista**: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos. “Laços de Papel”. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs). **Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 05-09.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001.

MORANDI, Enzo. **Storia di Volo**. Tradução: Luciana Simões de Melo. Vargem Grande Paulista, SP, s/d. (Texto inédito).

NASCIMENTO, Ester F. Vilas-Bôas Carvalho do. “A palavra impressa como estratégia de difusão do protestantismo no Brasil nas décadas de 50 e 60 do século XIX”. In: **Anais eletrônicos do II Congresso Brasileiro de História da Educação: História e Memória da Educação Brasileira**, 2002a. Natal. (Trabalho completo).

_____. “Considerações iniciais acerca da palavra impressa e as práticas religiosas e educacionais protestantes no século XIX”. In: **Revista do Mestrado em Educação**. Revista Semestral do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão: UFS, vol. 4 nº. 4, jan./jun. 2002b. p. 67-85.

_____. **A Escola Americana - Origens da Educação Protestante em Sergipe (1886-1913)**. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED/UFS, 2004.

_____. “Notas sobre os Impressos Protestantes e a História da Educação em Sergipe”. In: **Anais do I Seminário Internacional de Educação - A Escola Nova, os Impressos e a Educação Brasileira**. São Cristóvão: UFS, 2005. p. 1-15. (Trabalho completo).

_____. “Instituições, editoras e impressos protestantes no Brasil dos Oitocentos”. In: **Anais Eletrônicos do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação**. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 1-13. (Trabalho completo).

_____. “Os Catecismos Protestantes no Brasil (1864-1916)”. In: **Revista do Mestrado em Educação**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, vol. 11, 2007. p. 7-21.

_____. “A Fé nos Impressos: a palavra impressa como estratégia de difusão do protestantismo no Brasil do século XIX”. In: **Gazeta de Sergipe**. Aracaju-SE, Caderno A, s/d. p.6.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX: a biblioteca do povo e das escolas. **Revista Horizontes**. Bragança Paulista: EDUSF, vol.19, jan./dez. 2001. p. 11-27.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do; FREITAS, Itamar. “A Revista em Sergipe”. In: **Revista de Aracaju**, nº. 9 Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju, 2002. p. 169-187.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Historiografia Educacional Sergipana: Uma crítica aos estudos de História da Educação**. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED/UFS, 2003.

_____. **Memórias do Aprendizado: 80 anos do ensino agrícola em Sergipe**. Maceió: Edições Catavento, 2004.

NERY, Ana Clara Bortoleto. **A Revista Escolar e o movimento de renovação educacional em São Paulo (1925-1927)**. São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1993. (Dissertação de Mestrado).

_____. **A Sociedade de Educação de São Paulo: embates no campo educacional (1922-1931)**. São Paulo: FEUSP, 1999. (Tese de Doutorado).

NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. **Os manuais de catecismo e a História da Educação**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, s/d, (Texto inédito).

_____. “A Pedagogia do catecismo e a modernização do ensino religioso”. In: **Anais II Seminário Internacional de Educação - A pesquisa em educação: dilemas e perspectivas**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe/NPGED, 2006. (Trabalho completo).

_____. “Guias catequísticos: ferramentas didáticas para o ensino da fé”. In: **Anais do I Seminário Internacional de Educação: a Escola Nova, os impressos e a Educação brasileira**. São Cristóvão-SE: UFS, 2005. p. 1-11. (Trabalho completo).

_____. “Os 10 mandamentos e as práticas civilizatórias no Catecismo de João Paulo II”. In: **Anais do XVII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte Nordeste**. Belém - PA: Universidade Federal do Pará, 2005. (Trabalho completo).

PAIVA, Marlúcia Menezes de; NOVAES, Antônio Basílio; MENEZES, Thomaz *et al.* **Igreja Católica e suas práticas culturais**. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

RIBEIRO, Emanuela Silva. **A Construção de uma Política de Comunhão na Revista Cidade Nova**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará - UFC, 2003. (Monografia de conclusão do Curso de Jornalismo).

RIBEIRO, Sandra Ferreira. **Ecumenismo: simples tolerância ou um estilo de vida?** Vargem Grande Paulista, SP: Editora Cidade Nova, 2002.

_____. (Org.). **Ginetta: uma pioneira do Ideal da Unidade**. Vargem Grande Paulista, SP: Editora Cidade Nova, 2006.

SANTOS, Ana Luzia. “A Difusão da Educação Católica através do Jornal A Defesa (1960-1969)”. In: BERGER, Miguel André (Org) **Anais da V Semana de Educação e II Encontro Regional de Educação Formação docente X Qualidade Social da Escola Pública**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2005. (Trabalho completo).

_____. “Educação na imprensa católica: o jornal ‘A Defesa’ e os discursos educacionais da Igreja para o Baixo São Francisco (1960-1969)”. In: **Cadernos UFS – História da Educação**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, vol. 5, 2003. p. 25-41

_____. **Educação na imprensa católica: as representações do jornal “A Defesa” sobre a formação da juventude (1961-1969)**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe - UFS, 2006. (Dissertação de Mestrado).

SANTOS, Fábio Alves. “A Construção da Moral na Revista Sergipe Artífice”. In: **Cadernos UFS – História da Educação**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, vol. 5, 2003. p. 21-26.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2004.

SCHELBAUER, Analete Regina; ARAÚJO, José Carlos Souza. **História da Educação pela Imprensa**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

SCHNEIDER, Omar. **A circulação de modelos pedagógicos e as Reformas da Instrução Pública: atuação de Herculanio Marcos Inglês de Sousa no final do Segundo Império**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2007. (Tese de Doutorado).

SGARBI, Antonio Donizetti. **Igreja, Educação e modernidade na década de 30 Escolanovismo Católico: construído na CCBE, divulgado pela Revista Brasileira de Pedagogia**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 1997. (Dissertação de Mestrado).

_____. **Bibliotecas Pedagógicas Católicas: Estratégias para construir uma “civilização cristã” e conformar o campo pedagógico através do impresso (1929-1938)**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2001. (Tese de Doutorado).

SILVA, Eliana M. Marques da; EGMAN, Mario. **Chiara Lubich uma vida pela unidade**. Publicação do Movimento dos Focolares, s/d.

SILVA, Eliana M. Marques da. **O Brasil recebe Chiara Lubich**. Publicação do Movimento dos Focolares, s/d.

SILVA, Maria Lúcia Márquez Cruz e. **Revista Litteraria do Gabinete de Leitura de Maroim (1890-1891): subsídios para a história dos impressos em Sergipe**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe - UFS, 2006. (Dissertação de Mestrado).

SOUSA, José Carvalho de. **Presença participativa da Igreja Católica na História dos 150 anos de Aracaju**. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 2006.

SOUZA, Cristiane Vítório. “Os impressos sobre a Educação em Sergipe (1889-1930)”. In: **Cadernos UFS – História da Educação**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, vol. 5, 2003. p. 35-49.

SOUZA NETO, Samuel de. **Educação Physica**: Revista de Esporte e Saúde – Profissão, História e Sociedade. Rio Claro-SP: Universidade Estadual Paulista, s/d, (Texto inédito).

SOUZA, Valéria Carmelita Santana. **“A Cruzada Católica”**: uma busca pela formação de esposas e mães cristãs em Sergipe na primeira metade do século XX. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe - UFS, 2005. (Dissertação de Mestrado).

VAZ, Élida. **A encenação da educação nas cartas dos leitores**. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC – RJ, 1998. (Dissertação de Mestrado).

VEIGA, Cynthia Greive. “Educação estética para o povo”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 399-422.

VIDAL, Diana Gonçalves; CARVALHO, Marília Pinto de. “Mulheres e magistério primário: tensões, ambigüidades e deslocamentos”. In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **Brasil 500 anos**: Tópicos em História da Educação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 205-224.

VILELA, Marize Carvalho. **Discursos, cursos e recursos**: autores da Revista Educação (1927-1961). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2000.

VILLAS-BOAS, Cônego Mário de Miranda. “Academia Literária São Tomás de Aquino”. In: **Revista Scientia et Virtus**: Coletânea Litero-apologética pela Academia S. Tomás de Aquino, do Seminário Sagrado Coração de Jesus. Aracaju: Tipografia Comercial, 1933. p. 4.

WEBER, Max. **Ensaaios de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2002.

DEPOIMENTOS:

ARAÚJO, Alexandre. Entrevista concedida à autora. Vargem Grande Paulista - SP, 13 de julho de 2005.

BARBOSA, Cláudio Sampaio. Entrevista concedida à autora. Vargem Grande Paulista - SP, 12 de julho de 2005.

BENITES, Marcello Riella. Entrevista concedida à autora. Vargem Grande Paulista - SP, 12 de julho de 2005.

FARO, Everaldo. Depoimento prestado durante Conferência de José Antônio Faro. Aracaju – SE, 25 de setembro de 2005.

FARO, José Antônio. Conferência de José Antônio Faro. Aracaju – SE, 25 de setembro de 2005.

FARO, José Antonio. Entrevista à Assessoria de Imprensa da CNBB. Brasília, 08 de maio de 2005.

FARO, José Antônio. Entrevista concedida à autora. Vargem Grande Paulista - SP, 23 de julho de 2005.

GASPAR, Maria do Carmo. Entrevista concedida à autora. Vargem Grande Paulista - SP, 12 de julho de 2005.

LUBICH, Chiara. Vídeo documentário: Chiara responde às perguntas do seu povo da Umbria e Toscana por ocasião do recebimento da cidadania de Florença. Florença-Itália, 17 de setembro de 2000.

MORANDI, Enzo. Entrevista concedida à autora. Vargem Grande Paulista - SP, 19 de julho de 2005.

MORANDI, Enzo. Entrevista concedida à autora. Aracaju - SE, 04 de julho de 2007.

MORANDI, Enzo. Vídeo documentário de inauguração da sede da Editora “Cidade Nova”. Vargem Grande Paulista – SP, 1997.

MORAES, Maria do Carmo Costa de. Entrevista concedida à autora: Aracaju – SE, 02 de fevereiro de 2007.

MORAES, Maria do Carmo Costa de. Depoimento prestado durante Conferência de José Antônio Faro. Aracaju – SE, 25 de setembro de 2005.

MORAES, Tereza Virgínia Soares de. Entrevista concedida à autora. Aracaju – SE, 02 de fevereiro de 2007.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo. Entrevista concedida à autora. Vargem Grande Paulista - SP, 28 de agosto de 2007.

SCHNEIDER, Ekkehard A. Entrevista concedida à autora. Vargem Grande Paulista – SP, 18 de julho de 2005.

SOUZA NETO, Samuel de. Entrevista concedida à autora. Vargem Grande Paulista - SP, 19 de janeiro de 2007.

DOCUMENTOS:

Chiara e os Voluntários - perguntas e respostas. São Paulo: Cidade Nova, 2005.

Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações. Petrópolis, RJ: Vozes, 1968.

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Educação e Fraternidade: a verdade vos libertará. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1982.

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Educação, Igreja e Sociedade. 30ª Assembléia Geral: Itaipu – SP, 29 de abril a 9 de maio de 1992.

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Fraternidade e Educação: a serviço da vida e da esperança. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1998.

Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil. Dignidade humana e paz: novo milênio sem exclusões: Manual/ CONIC. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 2000.

Documentário “*Per Sempre*”. *Centro Vita*, 11 de agosto de 2006.

Documentário “Sejam uma família”. Recebido por e-mail em 11 de agosto de 2007.

Estatutos Gerais. Obra de Maria. Vargem Grande Paulista - SP: Editora Cidade Nova, 2007.

Leão XIII. Documentos Pontifícios: Sobre a Imprensa. Petrópolis, RJ, Vozes, 11 de março de 1959.

Jornal “O Clarim”. Nota aos leitores. Edição nº. 99, de 11 de março de 1962.

Jornal “O Recreio”.

Opera di Maria: Statuti Generali. Roma: Città Nuova, 2007.

Paulo VI Bispo da Igreja Católica e demais Padres Conciliares. Declaração *Gravissimum Educationis* sobre a Educação Cristã. Roma, 28 de outubro de 1965; Petrópolis - RJ, Vozes, 18 de abril de 1966.

Reprodução fotográfica do Monsenhor Antônio Fernandes da Silveira. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Aracaju, vol.5, n.9, 1920. p.65.

Revista *Scientia et Virtus*. Coletânea Litero-apologética pela Academia S. Tomás de Aquino, do Seminário Sagrado Coração de Jesus. Aracaju: Tipografia Comercial, 1933.

FONTES MANUSCRITAS:

Livro de Atas do Centro Dom Vital de Aracaju, 01 de maio de 1932.

Livro de Atas do Centro Dom Vital de Aracaju, 30 de julho de 1946.

FONTES ELETRÔNICAS:

Encíclica *Immortale Dei* sobre a Constituição Cristã dos Estados. Roma, 01 de novembro de 1885. Papa Leão XIII. *MONTFORT* Associação Cultural. In: http://www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=enciclicas&artigo=immortale_dei&lang=bra - Online, 16 de maio de 2007.

Benção Urbi et Orbi. In: http://www.agencia.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.asp?id_entrada=1935 12 de dezembro de 2007.

www.focolare.org

www.cidadenova.org.br

<http://www.institutodomlucianoduarte.com.br>

<http://www.focolare.org/page.php?codcat2=1076&codcat1=268&lingua=PT>

<http://www.gibiedoppiaw.com>

REVISTA “CIDADE NOVA” - TEXTOS SOBRE EDUCAÇÃO

ARAÚJO, Vânia Carvalho de. “Em busca de uma visão unitária”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLII, nº. 06, junho de 2000. p. 40-41.

_____. “Sementes de uma nova educação”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLIII, nº. 10, outubro de 2001. p. 40-41.

A.T. “O verdadeiro exame”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXIX, nº. 11/12, nov./dez. de 1987. p. 37.

BAGGIO, Antonio Maria. “Educar para o mundo unido”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVII, nº. 5, maio de 1995. p. 6-8.

BALTAZAR, Dr. Walter. “O trauma do primeiro dia de escola”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXIV, nº. 2, fevereiro de 1982. p. 34-35.

BARBIERI, Edison. “A prioridade esquecida”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVIII, nº. 8, agosto de 1996. p. 11-13.

_____. “Educação ambiental: uma tarefa urgente”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVIII, nº. 12, dezembro de 1996. p. 12-13.

BARBIERI, Edison; PAOLUCCI, Luciana. “Analfabetos, esquecidos pela sociedade”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVII, nº. 3, março de 1995. p. 09-11.

BARBOSA, Cláudio Sampaio. “Educação para a Paz”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLII, nº. 11, novembro de 2000. p. 20-21.

_____. “Muito além da sala de aula”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLV, nº.3, março de 2003. p. 19-21.

BENITES, Marcello Riella. “Vivendo e aprendendo... a brincar”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXV, nº. 03, março de 1993. p. 10-11.

_____. “A Matemática é só uma desculpa”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLVI, nº. 07, junho de 2004. p. 32-33.

_____. “Uma escola para educadores”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLVI, nº. 11, novembro de 2004. p. 22-23.

DONEGANA, Constanzo. “Educação para a liberdade”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXII, nº. 7, julho de 1990. p. 22-23.

DORI. “O importante é que seja feliz...” In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXVIII, nº. 10, outubro de 1986. p. 31.

FLEURI, Reinaldo M. “Para quê ensinar religião?” In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXIII, nº. 1/2, jan./fev. de 1981. p. 6 - 10.

_____. “Aprender: um direito de todos”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXIII, nº. 6, junho de 1981. p. 9 - 11.

GARCIA, Jesús. “É preciso identificar as motivações”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLIII, nº. 7, julho de 2001. p.31.

GASPAR, Maria do Carmo. “Educar sem proibições?” In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXX, nº. 9, setembro de 1988. p. 20-21.

_____. “Brigas entre irmãos”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXI, nº. 03, março de 1989. p. 17 - 19.

_____. “A solidariedade entre irmãos”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXI, nº. 4, abril de 1989. p. 16-17 e 34.

_____. “O medo na criança”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXI, nº. 6, junho de 1989, p. 18-19.

GASPAR, Maria do Carmo; PEIXOTO, Márcio. “Planejamento natural e educação”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXI, nº. 11/12, nov./dez. de 1989. p. 11-13.

GASPAR, Maria do Carmo. “A volta à escola”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXII, nº. 2, fevereiro de 1990. p. 4-6.

_____. “Educar ou ser educado?” In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVI, nº. 11, novembro de 1994. p. 6-8.

J.C.M. “Diálogo na escola”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXI, nº. 7, julho de 1989. p. 26- 27.

LEITE, Eduardo Sobral. “Escola Santa Maria, uma lição de vida”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXVIII, nº. 5 maio de 1986. p. 12 - 15.

LUCCAS, Jaime. “Escola crise e desafios”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLI, nº. 6, junho de 1999. p. 18-19.

_____. “Mudar o Mundo a partir da Escola”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLIII, nº. 12, dezembro de 2001. p. 20-22.

MADEIROS, Neide. “Actipan, uma escola de igualdade”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLVI, nº. 09, setembro de 2004. p. 08.

MARQUES, Luís Henrique. “A família vai para a escola”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLVII, nº. 7, julho de 2005. p. 18-19.

_____. “A fraternidade como prática pedagógica”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLVII, nº. 11, novembro de 2005. p. 22-25.

MARTINS, Adenéia Aparecida Gil. “Reconstruir o conhecimento”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXIII, nº. 7, julho de 1991. p. 04-06.

MARTINS, Antonio Claret Chaves. “Educar para o Meio Ambiente”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXII, nº. 4, abril de 1990. p. 12-14.

_____. “Educação através da arte”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXIII, nº. 1, janeiro de 1991. p. 24-25.

MARTINS, João Carlos. “Ensino Público: reformas inadiáveis”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXI, nº. 8, agosto de 1989. p. 22-23.

MEAZZINI, Júlio. “Educação e sociedade informática?” In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXX, nº. 10, outubro de 1988. p. 24-25.

MEDEIROS, Emílio. “As crianças toparam amar”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLV, nº.11, novembro de 2003. p. 34-36.

MELO, Severino Barros de Melo. “A Matemática e você: de rivais a amigos”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVI, nº. 10, outubro de 1994. p. 28-29.

NASCIMENTO, Ana Maria R. “Uma Nova Pedagogia”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XL, nº. 4, abril de 1998. p. 24.

NOBRE, Teresa. “Paulo Freire, uma vida pela educação”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXIX, nº. 7, julho de 1997. p. 30-31.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo de; FLEURI, Reinaldo M. “Educa quem suscita pessoas novas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXII, nº. 06, junho de 1980. p. 6-12.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo de. “Educação e Fraternidade”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXIV, nº. 3, março de 1982. p. 8-9.

PEREÑA, José. “A Escola e a Vida”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXIV, nº. 1, janeiro de 1982. p. 8 -11.

PERENHA, P. “Prêmios e Castigos ainda têm sentido?” In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXII, nº. 09, setembro de 1980. p. 20-21.

PINA, Miriam. “Livres e únicos”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLVI, nº. 06, junho de 2004. p. 19-21.

P.L. “João foi o primeiro a levantar-se”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXX, nº. 8, agosto de 1988. p. 29.

POZZI, Nedo. “A educação do ‘super – baby’”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXIX, nº 2, fevereiro de 1987. p. 10-11.

_____. “O amor cria, o amor educa”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXIX, nº. 8, agosto de 1987. p. 05 - 13.

_____. “Educar: amar e ser amado”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XL, nº. 3, março de 1998. p. 10-12.

QUARTANA, José. “O desafio educativo na sociedade atual”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXX, nº. 2, fevereiro de 1988. p. 06 - 09.

RUGGIU, Catarina; GASPAR, Maria do Carmo. “Pré-adolescentes, um enigma?” In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXX, nº. 4, abril de 1988. p. 06 - 09.

_____. “Pré-adolescência: idade da socialização”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXX, nº. 7, julho de 1988. p. 13 - 15.

RUGGIU, Catarina; PIERONI, Geraldo. “Redescobrir a história”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXI, nº. 6, junho de 1989. p. 11-13.

RUGGIU, Catarina. “Um bilhão de analfabetos”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXII, nº. 5, maio de 1990. p. 22-24.

SALVADORI, Laura. “Boas maneiras que pesam no estômago”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXIV, nº. 6, junho de 1982. p. 29 - 30.

SOUZA NETO, Samuel de. “Professor ator social e assalariado”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLI, nº. 10, outubro de 1999. p. 40-41.

_____. “Direito social ou mercadoria?”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLII, nº. 10, outubro de 2000. p. 8-9.

REVISTA “CIDADE NOVA” - CARTAS DE LEITORES PUBLICADAS

ADAIR. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XXXIX, nº. 10, outubro de 1997. p. 5.

ADÃO, S. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVII, nº. 9, setembro de 1995. p. 34.

ADELAIDE. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVII, nº. 6, junho de 1995, p. 34.

A. F. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVI, nº. 11, novembro de 1994. p. 35.

AGUIAR, Rita. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XL, nº. 6, junho de 1998. p. 4-5.

ALBUQUERQUE, Cleamy M. de. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLI, nº. 11, novembro de 1999. p. 5.

ALEXANDRE. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XL, nº. 5, maio de 1998. p. 3.

ALVES, Marilene. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXV, nº. 2, fevereiro de 1993. p. 35.

A.M.A. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVI, nº. 08, agosto de 1994. p. 35.

AMANDA; ANDREZA; DAIANE; EDMILSON; ISAMARES; JÚLIA; KARLA; NÉVITO; RAFAEL; RAIANE; SUELLEN; THAIS; WAGNER; WILLAMY; NILVA. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLIV, nº. 9, setembro de 2002. p. 4.

ANA. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLVI, nº. 01-02, jan./fev. de 2004. p. 5.

ANTÔNIO. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXX, nº. 5, maio de 1988. p. 2.

ASSINANTE. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXV, nº. 11/12, nov./dez. de 1993. p. 2.

BATISTA, Lara. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXV, nº. 9, setembro de 1993. p. 2.

BOLZAN, Gelson. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVIII, nº. 12, dezembro de 1996. p. 3.

BONFIM, Terezinha da Silva; SILVA, Otávio Rodrigues da. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLVI, nº. 05, maio de 2004. p. 4.

CANAAN, Marta Basile. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLVII, nº. 3, março de 2005. p. 5.

CARLOS, Antonio. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXIII, nº. 4, abril de 1991. p. 2.

CARLOS, Luiz. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLIII, nº. 9, setembro de 2001. p. 5.

CARLOS, Roberto. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVIII, nº. 10, outubro de 1996. p. 5.

DUARTE, José Carlos S. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLI, nº. 4, abril de 1999. p. 5.

DUPRAT, José Maria. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXIX, nº. 1/2, jan./fev. de 1997. p. 5.

ELIZA, Ana. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLVII, nº. 12, dezembro de 2005. p. 5.

ERCÍLIA, Maria. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista – SP. Ano XXXIX, nº. 8, agosto de 1997. p. 5.

EUGÊNIA. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVIII, nº. 3, março de 1996. p. 5.

FARIAS, Pilar. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLIII, nº. 5, maio de 2001. p. 5.

FEITOSA, Melquisedeque C. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVII, nº. 7, julho de 1995. p. 34.

FERNANDES, José Wilson N. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLIV, nº. 11, novembro de 2002. p. 5.

FERNANDES, Suely. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLV, nº. 09, setembro de 2003. p. 5.

FUTURO ASSINANTE. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXV, nº. 8, agosto de 1993. p. 34.

GABBRI, Umberto Francisco. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLVI, nº. 09, setembro de 2004. p. 5.

GENILDA. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXIII, nº. 6, junho de 1991. p. 2.

GISELA. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XXXIX, nº. 11, novembro de 1997. p. 3.

GOMIDE, Miguel. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLIII, nº. 9, setembro de 2001. p. 3.

GONÇALVES, Fernando. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XL, nº. 09, setembro de 1998. p. 3.

GUERGOLETTI, Aparecido. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLIV, nº. 11, novembro de 2002. p. 5.

GUIMARÃES, Plínio. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXX, nº. 9, setembro de 1988. p. 2.

L.C. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVIII, nº. 11, novembro de 1996. p. 3.

LEAL, Verônica. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXV, nº. 5, maio de 1993. p. 34.

LIMA, Marcela Vieira. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XL, nº. 4, abril de 1998. p. 3.

LINS, André. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XXXIX, nº. 12, dezembro de 1997. p. 5.

LINS, Leonardo Tadeu G. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLIV, nº. 4, abril de 2002. p.5.

LOPES, Renato Papis. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XXXIX, nº. 11, novembro de 1997. p. 3.

LORSCHIEDER, Aloísio (Cardeal). Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXV, nº. 9, setembro de 1993. p. 2.

LUCAS, José. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLII, nº. 7, julho de 2000. p. 3.

MARIA, Nisen de. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XLI, nº. 5, maio de 1999. p. 5.

MARTINS, Cláudia Herrero. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLVII, nº. 5, maio de 2005. p. 5.

MARTINS, Francisco Osvar. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLI, nº. 7, julho de 1999. p. 5.

MATTOS, Daniel Israel de. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLI, nº. 4, abril de 1999. p. 5.

MEIRELAYNE. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLVII, nº. 1 e 2, janeiro e fevereiro de 2005. p. 4.

M.G.N. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXVI, nº. 2, fevereiro de 1984, p. 2.

MELLO, Rachel. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLI, nº. 11, novembro de 1999. p. 5.

MORAES, Eliana Q. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLII, nº. 5, maio de 2000. p. 4.

MORAES, Rosana. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLVII, nº. 8, agosto de 2005. p. 4.

MORAIS, Ademir. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLII, nº. 1/2, jan./fev. de 2000. p. 4-5.

NÓBREGA, D. A. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XXXVII, nº. 10, outubro de 1995. p. 34.

OLIVEIRA, Sônia M. de. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**, Vargem Grande Paulista – SP. Ano XLII, nº. 4, abril de 2000. p. 4-5.

PATRÍCIA. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVI, nº. 11, novembro de 1994. p. 35.

PINHEIRO, Flávia S. N. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**, Vargem Grande Paulista - SP. Ano XXXVII, nº. 3, março de 1995. p. 34.

POSTAL, Alexandre. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**, Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLIV, nº. 5, maio de 2002. p. 3.

PRÉVIDI, Mariele. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**, Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLII, nº. 1/2, jan./fev. de 2000. p. 4-5.

QUEIROZ, Têlbia Onete B. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVII, nº. 5, maio de 1995. p. 35.

REDATOR. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVI, nº. 11, novembro de 1994. p. 35.

_____. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista/SP. Ano XL, nº. 4, abril de 1998. p. 3.

_____. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLVI, nº. 05, maio de 2004. p. 4.

_____. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLVII, nº. 1 e 2, janeiro e fevereiro de 2005. p. 4.

REIS, Pe. Nereu dos. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVIII nº. 7, julho de 1996. p. 5.

REZENDE, Rosângela P. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**, Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLII, nº. 3, março de 2000. p. 5.

RODRIGUES, Wilson Portella. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVII, nº. 12, dezembro de 1995. p. 34.

ROSANA. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XXXIX, nº. 10, outubro de 1997. p. 5.

SANTOS, Arlindo. Carta Publicada na seção Diálogo com o Leitor. In: **Cidade Nova**, Vargem Grande Paulista/SP. Ano XLIII, nº. 1/2, jan./fev. de 2001, p. 05.

SANTOS, Márcia. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLI, nº. 9, setembro de 1999. p. 5.

SANTOS, Selmara C. Santos. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLVII, nº. 1/2, jan./fev. de 2005. p. 4.

SEBOK, Roberto Tomás. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXII, nº. 6, junho de 1990. p. 35.

_____. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVII, nº. 12, dezembro de 1995. p. 35.

SELMA. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXII, nº. 8, agosto de 1990. p. 2.

SILVA, Daniela. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XL, nº. 8, agosto de 1998. p. 5.

SILVA, Deusiana F. da. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVIII, nº. 9, setembro de 1996. p. 5.

SILVA, Eliari Rodrigues da. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLVI, nº. 03, março de 2004. p. 5.

SOBRAL, Maria do Carmo Haertel. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXX, nº. 8, agosto de 1988. p. 35.

SORAIA, M. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVII, nº. 11, novembro de 1995. p. 34.

SOUSA, Marta Maria de. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista/SP. Ano XXXIX nº. 6, junho de 1997. p. 5.

SOUSA, Oziel Lima de. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXV, nº. 3, março de 1993. p. 34.

SOUZA, Farao de. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLI, nº. 11, novembro de 1999. p. 5.

TEIXEIRA, Vânia. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista/SP. Ano XLVII, nº. 5, maio de 2005. p. 5.

UMA PROFESSORA. Carta Publicada na seção “Cartas”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXX nº. 5, maio de 1988. p. 35.

UM LEITOR. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLV, nº. 08, agosto de 2003. p. 5.

VASCONCELOS, Cirana Raquel. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLI, nº. 5, maio de 1999. p. 5.

VIEIRA, Afonso. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista/SP. Ano XLV, nº. 07, julho de 2003. p. 4.

VIEIRA, Lia. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVIII nº. 9, setembro de 1996. p. 5.

VITOR, J. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista/SP. Ano XL, nº. 4, abril de 1998. p. 3.

WILLIE, Robinson. Carta Publicada na seção “Diálogo com o Leitor”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLIII, nº. 4, abril de 2001. p. 5.

ACERVOS CONSULTADOS

Acervo do Programa de Documentação e Pesquisa Histórica - Departamento de Historia da Universidade Federal de Sergipe - PDPH - UFS.

Acervo do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – NPGED-UFS.

Acervo pessoal do Mons. José Carvalho de Sousa, em Aracaju - SE.

Arquivo do “Centro Regional” do Movimento dos Focolares em Igarassu -PE.

Arquivo e Revistoteca da Editora “Cidade Nova”, em Vargem Grande Paulista – SP.

Arquivos particulares de assinantes do periódico, em Aracaju - SE.

Biblioteca do Colégio Arquidiocesano, em Aracaju - SE.

Escola Santa Maria em Igarassu – PE.

Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Sergipe - IHGS.

Seminário Maior N. Sr^a. da Conceição, em Aracaju –SE.

ANEXOS

RELAÇÃO DOS ANEXOS

Anexo 1 - Roteiro de entrevista com autores dos artigos.....	I
Anexo 2 - Roteiro de entrevista com Ekkehard Andreas Schneider – Diretor presidente da Editora Cidade Nova, de 1999 a 2006.....	II
Anexo 3 - Roteiro de entrevista com José Antônio Faro - editor da revista “Cidade Nova”.....	III
Anexo 4 - Roteiro de entrevista com Luiz Eduardo de Oliveira – atual fotógrafo e ex-redator da revista “Cidade Nova”.....	V
Anexo 5 - Roteiro de entrevista com Maria do Carmo Costa de Moraes e Tereza Virgínia Soares de Moraes, responsáveis por assinaturas da revista “Cidade Nova”.....	VI
Anexo 6 – Ekkehard Andréas Schneider.....	VII
Anexo 7 – José Antônio Faro.....	VIII
Anexo 8 – Alexandre Araújo.....	IX
Anexo 9 - Marcello Riella Benites.....	X
Anexo 10 – Maria do Carmo Gaspar.....	XI
Anexo 11 - Cláudio Sampaio Barbosa.....	XII
Anexo 12 - Palavra de Vida.....	XIII
Anexo 13 - Decreto <i>Pontificium Consilium Pro Laicis</i> . Città del Vaticano, 29 giugno 1990.....	XIV
Anexo 14 - Decreto <i>Pontificium Consilium Pro Laicis</i> . Città del Vaticano, 15 de marzo 2007.....	XV
Anexo 15 - Vânia Carvalho de Araújo.....	XVI
Anexo 16 - Samuel de Souza Neto.....	XVII
Anexo 17 – Mesa redonda em congresso de educadores: prof. Samuel, prof. Beppi Milan e prof ^a . Vânia.....	XVIII
Anexo 18 - Luiz Eduardo Oliveira.....	XIX
Anexo 19 – Quadro A - Artigos selecionados sobre Educação na “Seção Educação”..	XX

Anexo 20 – Quadro B - Cartas dos leitores Sobre a Revista.....	XXII
Anexo 21 – Quadro C - Cartas dos leitores sobre os artigos publicados.....	XXVI
Anexo 22 – Quadro D - Cartas dos leitores sobre a utilização da revista, na Prática Pedagógica de professores e outros Eventos Formativos.....	XXXIII
Anexo 23 – Quadro E - Cartas dos leitores sobre a utilização da revista, na Prática Escolar de estudantes.....	XXXVIII
Anexo 24 – Pepê e Jotabê.....	XLIII

ANEXO 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AUTORES DOS ARTIGOS

1. Qual a sua formação profissional?
2. Participa do Movimento dos Focolares?
3. Está engajado em algum trabalho social? Qual?
4. Qual a sua experiência na área educacional?
5. O que o motiva a escrever sobre educação?
6. Quantos artigos seus já foram publicados na Revista Cidade Nova?
7. É a Revista que solicita que você escreva algum artigo ou geralmente você escreve e envia para a redação?
8. Você escreve para outras revistas ou jornais?
9. Como é seu relacionamento com os outros colaboradores dessa área?
10. E com a redação?
11. Como se dá o processo de seleção dos artigos?
12. Eles são aceitos na íntegra?
13. Com relação às cartas dos leitores, como vocês respondem?
14. Existem algumas direcionadas a você?

ANEXO 2

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EKKEHARD ANDREAS SCHNEIDER – DIRETOR PRESIDENTE DA EDITORIA CIDADE NOVA EM 2005

1. Qual a sua formação profissional?
2. Há quanto tempo trabalha na revista Cidade Nova?
3. Já trabalhou em alguma outra revista ou jornal?
4. Como veio trabalhar aqui?
5. Como é ser o Diretor da revista Cidade Nova? Conte-nos sua experiência
6. Como é seu relacionamento com os colaboradores da revista?
7. E com os demais funcionários?
8. Como é feita a seleção dos artigos para publicação?
9. Que critérios são utilizados na escolha dos artigos sobre educação?
10. Quem são os autores que elaboram estes artigos?
11. Porque não são mensais?
12. Como é trabalhar com artigos de diferentes áreas como Pedagogia, Psicologia, Economia, se a revista em si não é especializada nestas áreas?
13. O que está por trás de cada artigo publicado? Existe um objetivo maior a ser atingido? Qual a intenção?
14. Vocês têm um arquivo com as primeiras edições da revista? Tem material disponível para consulta, pesquisa?
15. Em meu projeto, estou trabalhando especificamente com os artigos, sobre educação publicados na revista. Como a Cidade Nova poderá ajudar, na pesquisa, concretamente?

ANEXO 3

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM JOSÉ ANTÔNIO FARO, DIRETOR DE REDAÇÃO DA REVISTA “CIDADE NOVA”

1. Qual a sua formação profissional?
2. Há quanto tempo trabalha em Cidade Nova?
3. Já trabalhou em alguma outra revista ou jornal?
4. Como veio trabalhar na revista?
5. Como é ser editor da revista Cidade Nova? Conte-nos a sua experiência.
6. Como é feita a seleção de artigos para a publicação?
7. Que critérios são usados na escolha dos artigos sobre educação?
8. Quem são os autores desses artigos?
9. Por que os artigos de educação não são mensais?
10. Como é trabalhar em artigos de diferentes áreas como Pedagogia, Psicologia, Economia, se a revista em si não é especializada nessas áreas?
11. O que está por trás de cada artigo publicado? Existe um objetivo maior a ser atingido? Qual a intenção?
12. Vocês têm um arquivo com as primeiras edições da revista? Tem material disponível para consulta, pesquisa?
13. Em meu projeto, estou trabalhando especificamente com os artigos, sobre educação, publicados na revista. Como a Cidade Nova poderá ajudar, na pesquisa, concretamente?
14. Com relação às cartas dos leitores, todas são publicadas?
15. Como é feita a seleção?
16. Mesmo as que não são publicadas são respondidas?
17. E o que vocês fazem depois com estas cartas, existe um arquivo? O que é carta assinada?
18. Se uma carta se refere a determinado artigo publicado, o autor do artigo é contactado ou vocês mesmo respondem?

19. Tenho percebido que algumas cartas possibilitam matéria para artigos.
Como está sendo esse processo?
20. Como são pensadas as fotos para as capas?
21. O que é a fórmula UNI atribuída à revista?
22. Por que a revista não é impressa na Mariápolis Ginetta, onde está a sua sede?
23. Quem é o leitor de Cidade Nova?
24. Por que a revista não tem 12 números?

ANEXO 4

ENTREVISTA COM LUIZ EDUARDO – FOTÓGRAFO DE “CIDADE NOVA”

1. Quando você começou a trabalhar em “Cidade Nova”?
2. O que você fazia?
3. Nessa época, já tinha assinantes no Brasil inteiro?
4. Nesse período, a revista vinha de Roma e vocês traduziam?
5. Esses colaboradores, a quem você se refere, são aqui do Brasil?
6. Você é de qual estado?
7. Você já escreveu sobre educação?
8. Qual a sua formação?
9. Você lembra algum fato interessante do início de Cidade Nova?
10. Você tem acesso às cartas dos leitores?
11. As cartas não eram do Brasil?
12. Quando você respondia as cartas, na sua época, como era esse contato da redação com o leitor?
13. Você lembra de alguma carta com críticas à revista?
14. Vocês eram quantos lá em São Paulo?
15. Atualmente, os artigos são publicados na íntegra?

ANEXO 5

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM MARIA DO CARMO C. DE MORAES E TEREZA VIRGÍNIA S. DE MORAES, RESPONSÁVEIS POR ASSINATURAS DA REVISTA “CIDADE NOVA”

1. Há quanto tempo você conhece a revista Cidade Nova? Desde quando é assinante?
2. Quando você começou a participar do Movimento dos Focolares?
3. Quando você decidiu ser uma colaboradora da revista, buscando novos assinantes?
4. A revista não é vendida nas bancas, como você faz para torná-la conhecida?
5. Como você faz para conseguir as assinaturas?
6. Quantas assinaturas você consegue fazer anualmente?
7. Você passa quantos dias para fazer todas essas assinaturas?
8. É fácil, para você, desempenhar essa tarefa?
9. O que é a revista Cidade Nova para você?
10. O que a revista Cidade Nova tem de diferente das outras?
11. Como você procura mostrar a importância de Cidade Nova para as pessoas?
12. Estas pessoas, que são assinantes da revista, também participam do Movimento dos Focolares?
13. Tem algum fato que os assinantes comentam com relação à contribuição da revista na vida deles, ou como a utilizam?
14. Você tem algum assinante que é professor? E estudante?
15. Poderia nos dizer a variação de pessoas (níveis sociais/profissões) aqui em Sergipe, que são assinantes?
16. Do que você mais gosta na revista? Quais os assuntos que você tem mais prazer de ler na revista?
17. O que você acha que pode melhorar na revista Cidade Nova?
18. Conte um fato marcante da revista Cidade Nova na sua vida.
19. Quando você viaja para outros estados, consegue fazer assinaturas da revista? Lembra algum fato assim?

ANEXO 6

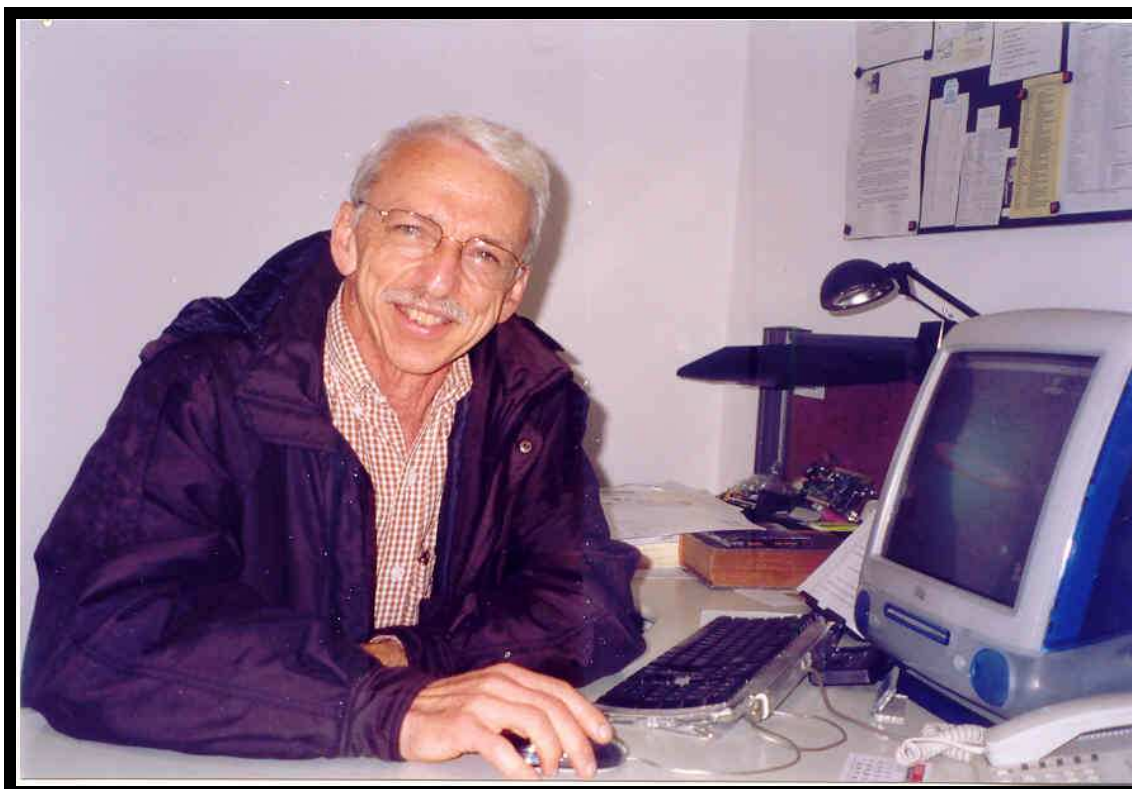


Figura A: Ekkehard Andreas Schneider, Diretor Presidente da Editora Cidade Nova em 2005. Foto: Maria José Dantas, Vargem Grande Paulista, 18 de julho de 2005. Acervo da pesquisadora.

ANEXO 7

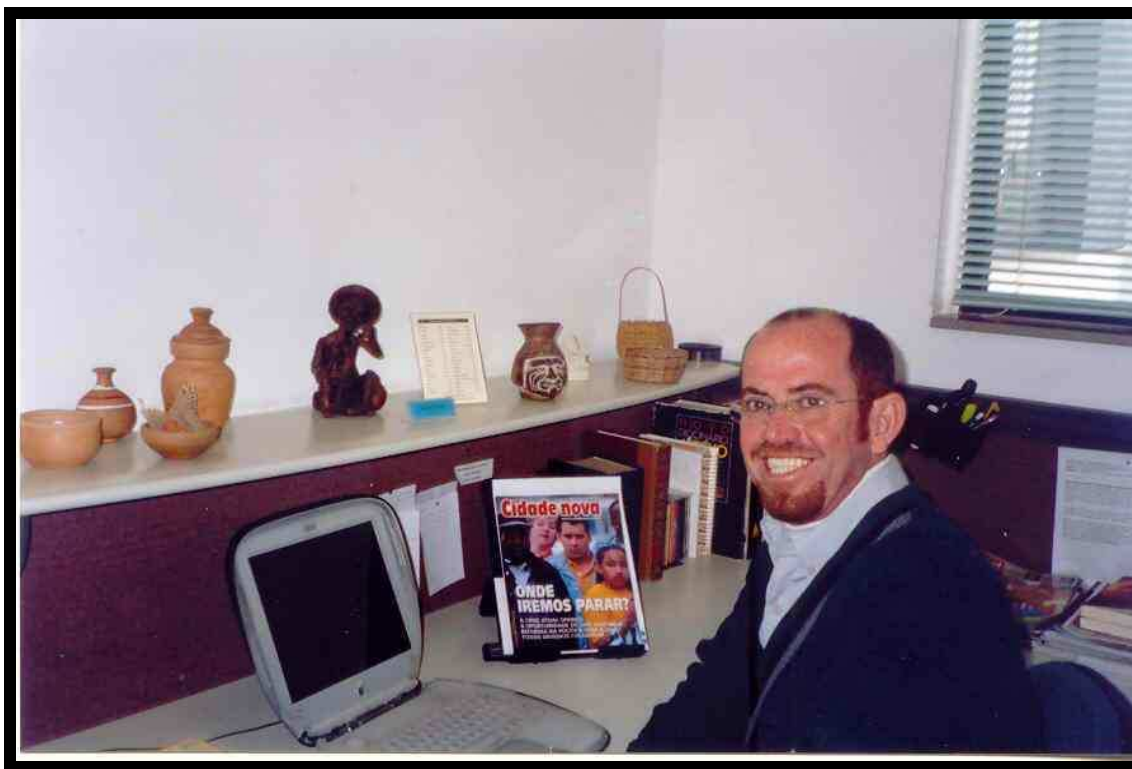


Figura B: José Antônio Faro, diretor de redação da revista. Foto Maria José Dantas, Vargem Grande Paulista, 22 de julho de 2005. Acervo da pesquisadora.

ANEXO 8

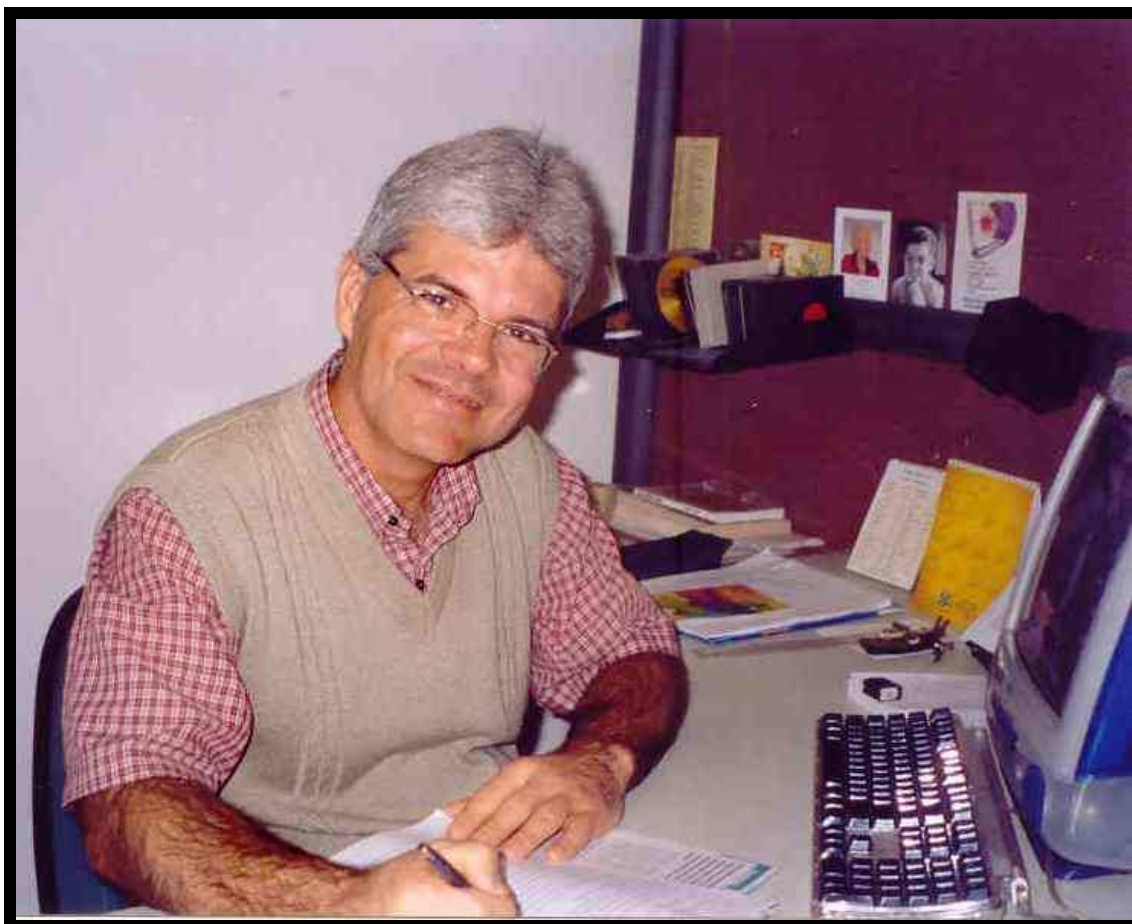


Figura C: Alexandre Araújo, revisor da revista. Foto: Maria José Dantas, Vargem Grande Paulista, 12 de julho de 2005. Acervo da pesquisadora

ANEXO 9

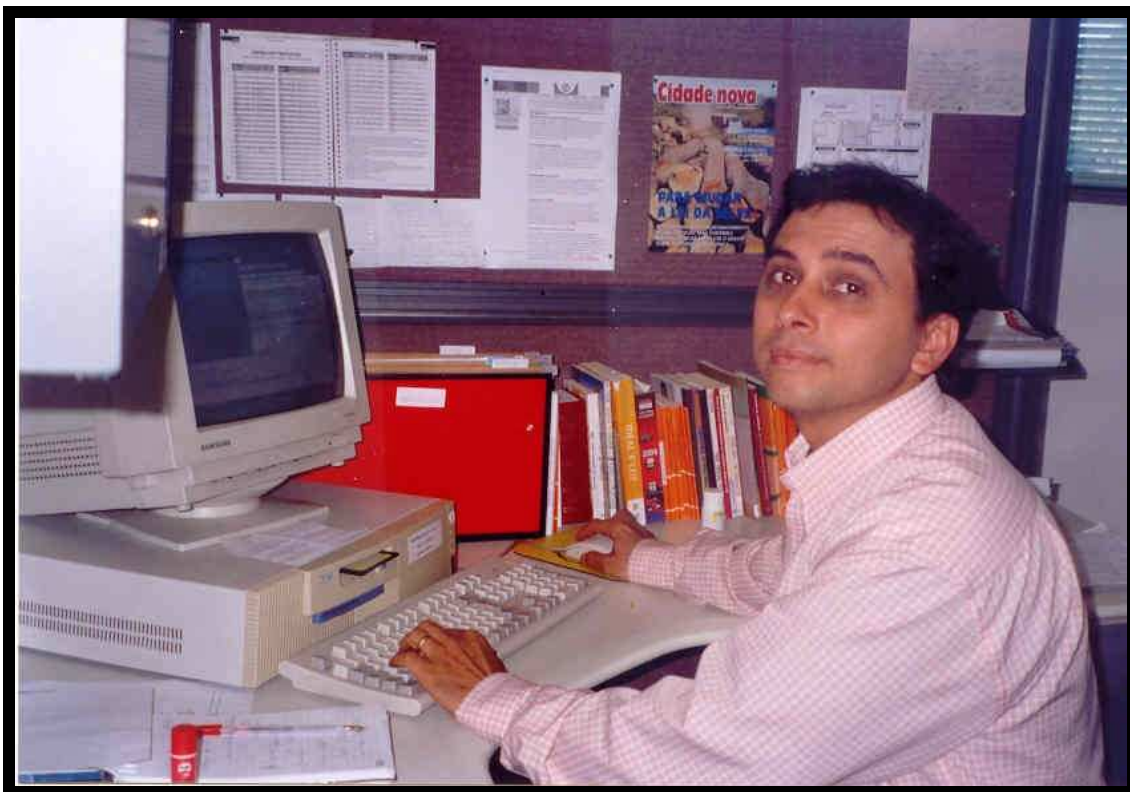


Figura D: Marcello Riella Benites, autor de vários artigos da área educacional, dentre outros. Foto: Maria José Dantas, Vargem Grande Paulista, 13 de julho de 2005. Acervo da pesquisadora.

ANEXO 10



Figura E: Maria do Carmo Gaspar, autora de artigos sobre educação. Foto: Maria José Dantas, Vargem Grande Paulista, 19 de julho de 2005. Acervo da pesquisadora.

ANEXO 11

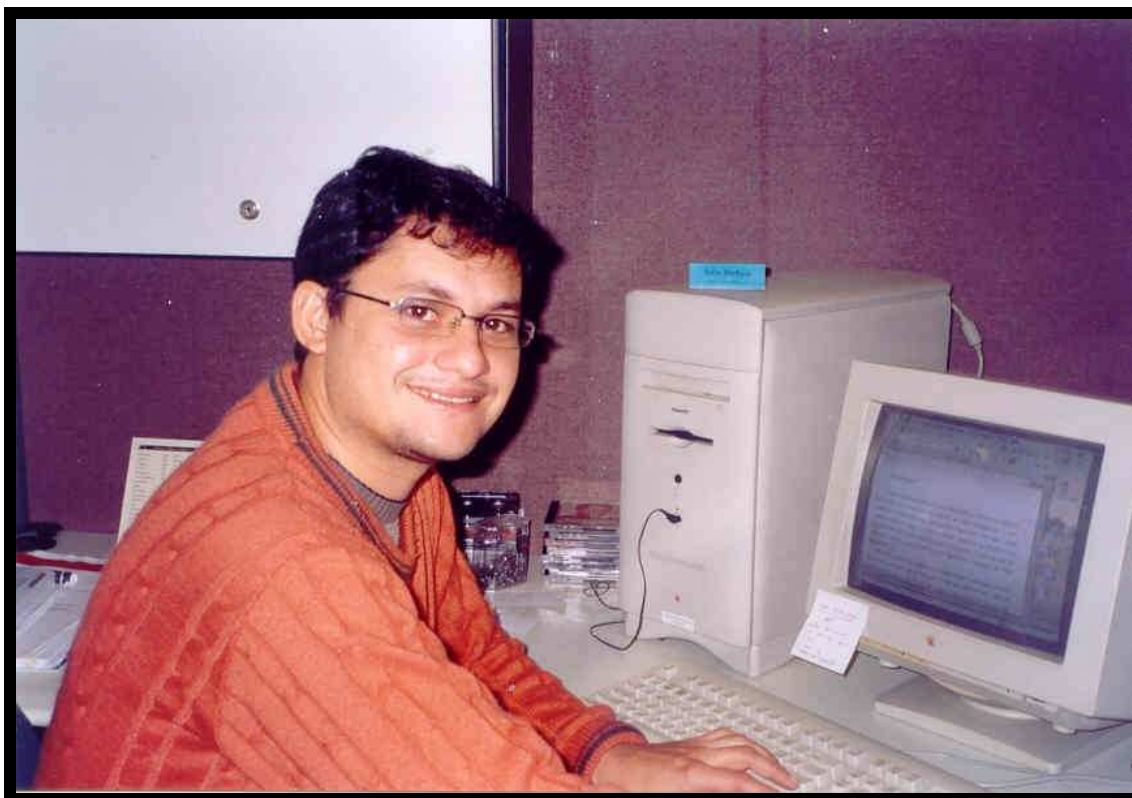


Figura F: Cláudio Sampaio Barbosa, autor de vários artigos da área educacional, dentre outros. Foto: Maria José Dantas, Vargem Grande Paulista, 12 de julho de 2005. Acervo da pesquisadora.

ANEXO 12

PALAVRA DE VIDA

Novembro de 2007

PALAVRA de VIDA

“E qual a grande nação
que tenha leis e decretos
tão justos quanto toda esta
Lei que hoje vos proponho?”

(Dt 4,8)

A lei do amor

Para o povo de Israel, o caminho de quarenta anos no deserto foi um tempo de provação e de graça. Deus purificou o seu coração e lhe mostrou o Seu imenso amor.

Como o povo estava para entrar na terra prometida, Moisés relembrou a experiência vivida. De modo particular, ele mencionou o maior dom recebido: a lei de Deus – sintetizada nos Dez Mandamentos – e convidou o povo inteiro a colocá-la em prática.

À medida que Moisés apresentava os ensinamentos de Deus, ficava tão encantado com o modo pelo qual Deus se aproximou do seu povo, cuidou dele, ensinou-lhe normas de vida tão sábias, que exclamou:

“E qual a grande nação que tenha leis e decretos tão justos quanto toda esta Lei que hoje vos proponho?”

Deus gravou a sua lei no coração de cada ser humano e falou a todos os povos em modos e tempos diferentes. Todos os homens podem se alegrar com o amor que Deus tem por eles. Mas nem sempre é fácil entender o desígnio de Deus para a humanidade. Por isso, Ele escolheu um pequeno povo, o de Israel, para comunicar mais claramente o seu plano. Finalmente enviou o seu Filho, Jesus, que revelou em plenitude o rosto de Deus, manifestando-o como Amor e condensando a sua lei em um único mandamento: amar a Deus e o próximo.

A grandeza de um povo e de cada ser humano é demonstrada pela adesão à lei de Deus com um sim pessoal.

Essa adesão não é uma superestrutura artificial, muito menos uma alienação; não é resignação a uma sorte mais ou menos boa, nem mesmo aceitar passivamente uma fatalidade, como quase se pensasse: isso já foi estabelecido, este é o destino, tem que acontecer.

Não. Essa adesão é tudo o que de melhor se possa pensar para o

ser humano. É cooperar para fazer emergir o grande desígnio que Deus tem para cada pessoa e para a humanidade inteira: fazer dela uma única família, unida pelo amor, e levá-la a viver a Sua mesma vida divina. Então, também nós podemos exclamar, como Moisés:

“E qual a grande nação que tenha leis e decretos tão justos quanto toda esta Lei que hoje vos proponho?”

Como viver, durante o mês, essa Palavra de Vida?

Penetrando no coração da lei divina que Jesus sintetizou no único preceito do amor.

E se verificarmos os Dez Mandamentos, que Deus nos doou no Antigo Testamento, podemos constatar que, amando realmente a Deus e o próximo, vivemos todos perfeitamente.

Não é verdade que quem ama a Deus não pode admitir outros deuses no seu coração?

Que quem ama a Deus considera o Seu nome sagrado e não o pronuncia em vão?

Que quem ama é feliz em poder dedicar ao menos um dia da semana àquele a quem mais ama?

Não é verdade que quem ama cada próximo não pode deixar de amar os próprios pais? E não é evidente que quem ama os outros não é capaz de roubá-los, de matá-los, de explorá-los para os próprios prazeres egoístas, de levantar falso testemunho contra eles?

E ainda, não é verdade que o seu coração já está pleno e satisfeito e, por isso, não sente o desejo de possuir os bens e as pessoas ligadas aos demais?

É assim mesmo: quem ama não comete pecado, observa toda a lei de Deus.

Eu mesma experimentei várias vezes isso nas minhas viagens, encontrando os mais diferentes povos e etnias. Em 2000, quando visitei o povo Bangwa, em Fontem, na República dos Camarões, fiquei muito impressionada pelo modo com o qual esse povo acolheu, com uma nova disposição, o meu convite para amar.

Durante o dia, de vez em quando, perguntemo-nos se as nossas ações são imbuídas de amor. Se for assim, a nossa vida não será inútil, mas será uma contribuição para a realização do desígnio de Deus para a humanidade.

Chiara Lubich

Suplemento mensal da Revista Cidade Nova – Rua José Ernesto Tozzi, 198 – 06730-000 Vargem Grande Paulista, SP – ☎ (11) 4158.2252 (Ass. anual da Revista, preços promocionais até 31.12.07: nova: R\$ 75,00; renovação: R\$ 69,00) – www.cidadenova.org.br – www.focolares.org.br

“Palavra de Vida”, publicação mensal do Movimento dos Focolares. Texto de Chiara Lubich.

ANEXO 13

DECRETO DE APROVAÇÃO DO MOVIMENTO



PONTIFICIUM CONSILIUM
PRO LAICIS

900/90/S-61/A-23

DECRETO

Il Movimento dei Focolari, Opera di Maria, è stato approvato con decreto del 5 dicembre 1964 dalla Congregazione del Concilio quale Pia Unione dotata di uno statuto speciale in quanto i suoi appartenenti avevano manifestato il desiderio di attendere la nuova legislazione canonica sulle forme organizzative dell'apostolato dei laici, per vedere se non vi sarebbero state delle forme giuridiche nuove in cui incasellarsi con maggior rispondenza al loro spirito e ai loro ideali di apostolato.

Negli anni successivi, il Movimento si è sviluppato in fedeltà al suo carisma e si è esteso, crescendo in maturità. Ha così portato alla Chiesa abbondanti frutti spirituali e al mondo una credibile testimonianza di unità.

La Presidente dell'Opera di Maria, ha ora rivolto istanza a questo Dicastero per ottenere l'approvazione dello statuto aggiornato dell'Opera quale associazione di fedeli privata universale, considerando tale forma istituzionale più adeguata alla sua natura e alla sua storia.

In adesione a tale richiesta questo Pontificio Consiglio per i Laici approva, a norma dei cann. 298-311 e 321-329, lo statuto medesimo aggiornato e conferma in associazione di fedeli privata universale dotata di personalità giuridica nell'ordinamento canonico per decreto della Santa Sede, l'associazione denominata "Opera di Maria" (Movimento dei Focolari), dichiarandola a tutti gli effetti Associazione di Diritto Pontificio e stabilendo che da tutti sia riconosciuta come tale.

Con l'augurio di un fecondo impegno missionario al servizio del Vangelo e della Chiesa, sulle orme di Maria, e di una fruttuosa collaborazione con i fratelli di altre confessioni e di altre religioni e con tutti gli uomini di buona volontà, nello spirito del Movimento, per la gloria di Dio e per il bene della Chiesa e del mondo, sotto la guida dello Spirito e la materna protezione della Madre di Dio.

+ Paul J. Cordes
Paul Josef Cordes
Vice-Presidente

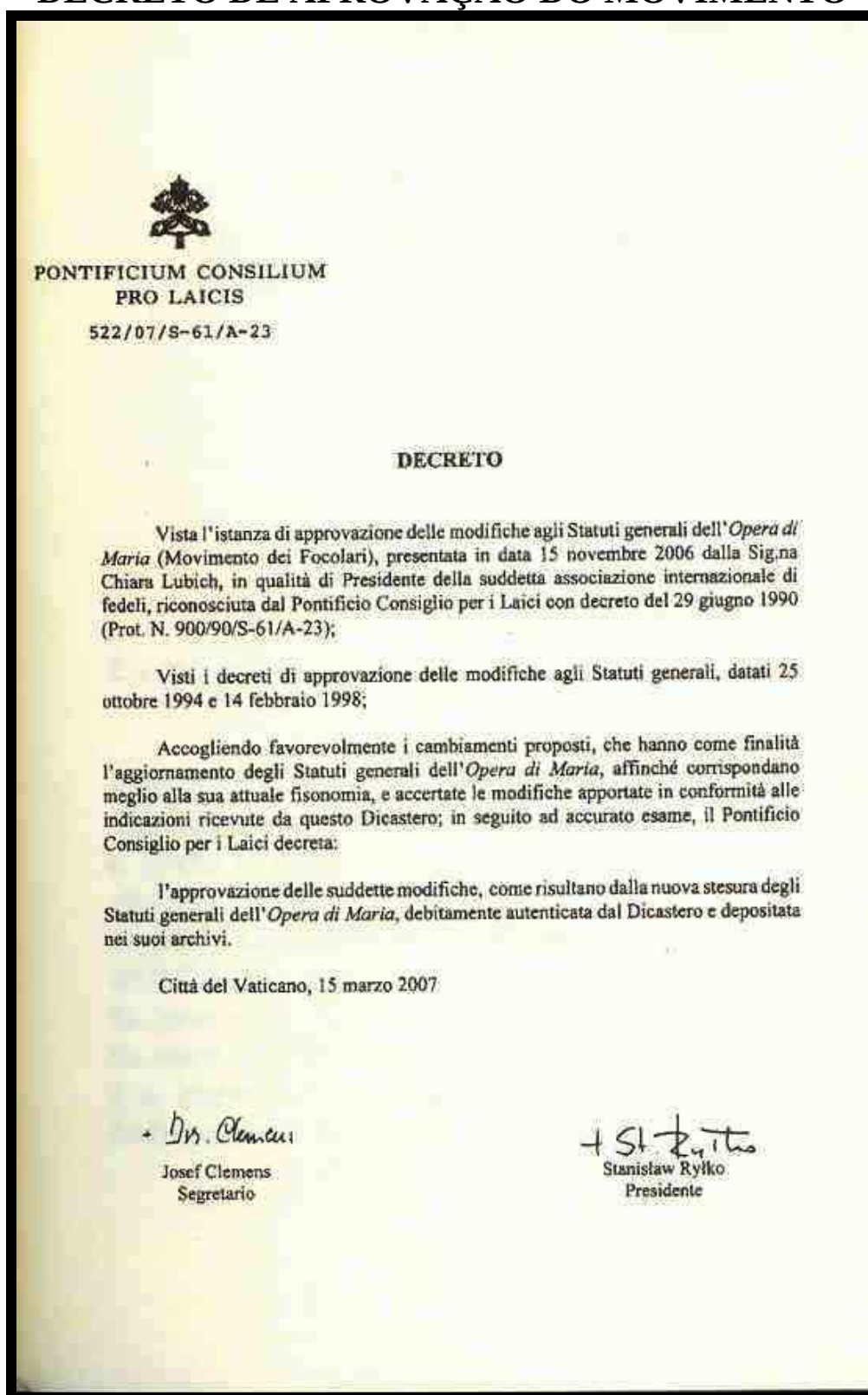

Eduardo Card. Pironio
Presidente

Dato in Vaticano il 29 giugno 1990, Festa dei SS. Apostoli Pietro e Paolo.



ANEXO 14

DECRETO DE APROVAÇÃO DO MOVIMENTO



Fonte: LUBICH, Chiara. *Opera di Maria: Statuti Generali*. Roma: Città Nuova, 2007. p. 5.

ANEXO 15



Figura G: Vânia Carvalho de Araújo. Foto: Maria José Dantas, Vargem Grande Paulista, 20 de janeiro de 2007. Acervo da pesquisadora.

ANEXO 16



Figura H: Samuel de Souza Neto. Foto: Maria José Dantas, Vargem Grande Paulista, 20 de janeiro de 2007. Acervo da Pesquisadora.

ANEXO 17



Figura I: Prof. Samuel, Prof. Beppi Milan e Prof^a. Vânia. Foto: Maria José Dantas, 20 de janeiro de 2007. Acervo da Pesquisadora.

ANEXO 18



Figura J: Luiz Eduardo Oliveira. Foto Maria José Dantas, Vargem Grande Paulista, 20 de janeiro de 2007. Acervo da pesquisadora.

ANEXO 19

Quadro A

Artigos selecionados sobre Educação na “Seção Educação” Revista Cidade Nova

Autor	Título	Nº.	Ano	Pág.
P. Perenha	Prêmios e Castigos ainda têm sentido?	09	1980	20-21
José Pereña	A Escola e a Vida.	01	1982	08-11
Nedo Pozzi	A educação do “super-baby”.	02	1987	10-11
Catarina Ruggiu e Maria do Carmo Gaspar	Pré-adolescentes, um enigma?	04	1988	06-09
Catarina Ruggiu e Maria do Carmo Gaspar	Pré-adolescência: idade da socialização.	07	1988	13-15
Maria do Carmo Gaspar	Educar sem proibições?	09	1988	20-21
Júlio Meazzini	Educação e sociedade informática?	10	1988	24-25
Maria do Carmo Gaspar	Brigas entre irmãos.	09	1989	17-19
Maria do Carmo Gaspar	A Solidariedade entre irmãos.	04	1989	16-17
Maria do Carmo Gaspar	O medo na criança.	06	1989	18-19
João Carlos Martins	Ensino Público: reformas inadiáveis.	08	1989	22-23
Maria do Carmo Gaspar e Márcio Peixoto	Planejamento natural e educação.	11/ 12	1989	11-13
Maria do Carmo Gaspar	A volta à escola.	02	1990	04-06
Catarina Ruggiu	Um bilhão de analfabetos.	05	1990	22-24
Constanzo Donegana	Educação para a liberdade.	07	1990	22-23
Adenéia Aparecida Gil Martins	Reconstruir o conhecimento.	07	1991	04-06
Marcello Benites	Vivendo e aprendendo... a brincar.	03	1993	10-11
Severino Barros de Melo	A Matemática e você: de rivais a amigos.	10	1994	28-29
Edison Barbieri Luciana Paolucci	Analfabetos, esquecidos pela sociedade.	03	1995	09-11
Antonio Maria Baggio - Università Gregoriana	Educar para o mundo unido.	05	1995	06-08
Edison Barbieri	A prioridade esquecida.	08	1996	11-13
Teresa Nobre	Paulo Freire, uma vida pela educação.	07	1997	30-31

Jaime Luccas	Escola crise e desafios.	06	1999	18-19
Samuel de Souza Neto	Professor ator social e assalariado.	10	1999	40-41
Samuel de Souza Neto	Direito social ou mercadoria?	10	2000	08-09
Cláudio Sampaio Barbosa	Educação para a Paz.	11	2000	20-21
Jesús Garcia	É preciso identificar as motivações.	07	2001	31
Vânia Carvalho de Araújo	Sementes de uma nova educação.	10	2001	40-41
Jaime Luccas	Mudar o Mundo a partir da Escola.	12	2001	20-22
Cláudio Sampaio Barbosa	Muito além da sala de aula.	03	2003	19-21
Miriam Pina	Livres e únicos.	06	2004	19-21

Quadro elaborado pela autora. Fonte: Coleção da revista “Cidade Nova” – arquivo particular e acervo das bibliotecas do Colégio Arquidiocesano - SE, da Escola Santa Maria - PE, bem como, acervo de assinantes.

ANEXO 20

Quadro B

Cartas dos leitores Sobre a Revista

REMETENTE	ÁREA DE ATUAÇÃO	ANO/ EDIÇÃO/ PÁGINA	CONTEÚDO
Maria do Carmo Haertel Sobral – Rio Grande do Sul – RS.	Leitora.	Revista Cidade Nova, ano XXX, nº. 8, agosto de 1988. p. 35.	“[...] De fato quem lê esta publicação, facilmente fica envolvido pelo seu conteúdo, pela riqueza e força dos artigos selecionados. [...] Ao sair do consultório, olhando para a sala de espera, observei que dois rapazes, que aguardavam a sua vez, liam atentamente ‘Cidade Nova’.”
Card. Aloísio Lorscheider – Fortaleza – CE.	Arcebispo.	Revista Cidade Nova, ano XXXV, nº. 9, setembro de 1993. p.2.	“[...] Agradeço pela publicação que fizeram da minha entrevista na Cidade Nova nº6/93. Nem sempre as pessoas publicam tão bem as entrevistas como vocês fizeram. Com muita exatidão”.
Uma assinante.	Monja.	Revista Cidade Nova, ano XXXV, nº. 11/12, nov./dez. de 1993. p. 2.	“Quero me congratular com a revista por todo o seu conteúdo e agradecer sua resposta publicada na pág. 35 do nº. 10/93. Foi clara, firme, concisa, irrefutável [...]”.
A.M.A.	Leitor (a).	Revista Cidade Nova, ano XXXVI, nº. 08, agosto de 1994. p. 35.	“Quero cumprimentá-los pelo progresso da revista, modernidade dos artigos, beleza nas ilustrações, profundidade nos conteúdos, diversidade nos assuntos. Sobre tudo parablenzo-os pelo número de junho que, com sua capa belíssima e muito alegre, atraiu a atenção até daqueles que não têm por hábito a sua leitura”.
D. A. Nóbrega – C. Grande – PB.	Leitor.	Revista Cidade Nova, ano XXXVII, nº. 10, outubro de 1995. p. 34.	“Como assinante da revista Cidade Nova pela primeira vez, confesso que estou muito satisfeito com o valor cultural que a mesma tem-me proporcionado [...]”.
Wilson Portella Rodrigues – Presidente Prudente - SP.	Presidente da Câmara Municipal.	Revista Cidade Nova, ano XXXVII, nº. 12, dezembro de 1995. p. 34.	Ofício: “A Câmara congratula-se com a Editora Cidade Nova, revista internacional de publicação mensal da Sociedade Movimento dos ‘Focolari’, pela seriedade e diversidade dos temas abordados, bem como pela excelente qualidade de impressão”.
Roberto Tomás Sebok – Vargem G. Paulista - SP.	Leitor.	Revista Cidade Nova, ano XXXVII, nº. 12, dezembro de 1995. p. 35.	“É com prazer que renovo mais uma vez a assinatura desta maravilhosa revista. Será a 30ª vez, pois a primeira foi em 1966 [...]”.

Lia Vieira – Fortaleza – CE.	Leitora.	Revista Cidade Nova, ano XXXVIII, nº. 9, setembro de 1996. p. 5.	“Após ler vários artigos, fiquei encantada, ela é realmente extraordinária; encontrei uma revista formidável, pois é humana, mergulha nos nossos anseios [...]. Senti-me como se estivesse conversando com um amigo [...] Adorei este presente. Finalmente me identifiquei de coração com a linha de abordagem de uma revista e com os assuntos nela tratados.”
Daniela Silva – S. J. Campestre - RN.	Leitora.	Revista Cidade Nova, ano XL, nº. 8, agosto de 1998. p. 5.	“[...] sempre procurei estar informada sobre os temas que podem ajudar no meu crescimento humano. Para mim, a melhor fonte de informação sempre foi a leitura, e a CN me completa, porque é uma revista aberta, que trata de assuntos atuais [...] E o melhor de tudo é que apresenta sempre o aspecto positivo, coisa que a maioria das revistas ignoram totalmente. Na verdade, CN é um livro de vários títulos e de vários autores. O meu preferido”.
Daniel Israel de Mattos – Nova Contagem – MG.	Presidiário.	Revista Cidade Nova, ano XLI, nº. 4, abril de 1999. p. 5.	“Escrevo para pedir aos senhores que, se possível, me comunicassem quem está enviando a revista Cidade Nova para mim. Eu estou um pouco perdido sem saber o porquê de estar recebendo estas maravilhosas revistas. Eu já li todas e estou emprestando aos meus amigos que também gostaram. Elas estão me ensinando muito e é bom saber que meu nome foi lembrado por alguém [...].”
Nisen de Maria – Taubaté – SP.	Leitor.	Revista Cidade Nova, ano XLI, nº. 5, maio de 1999. p. 5.	“Cidade Nova contribui dia a dia para nossa formação humana e cristã incentivando a consciência crítica, capaz de nos transformar de meros espectadores em atores que, no anonimato de nossas vidas, contribuimos para a realização de um mundo melhor.”
Márcia Santos – Aracaju – SE.	Jornalista.	Revista Cidade Nova, ano XLI, nº. 9, setembro de 1999. p. 5.	“Sou estudante do 6º período de Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe [...]. Cidade Nova solidifica em mim a idéia de que ainda é possível produzir um jornalismo benéfico, um jornalismo para a cidadania, para a construção de uma sociedade mais humana [...]”.

Rachel Mello.	Oficial de Comunicação - UNICEF (Brasil)	Revista Cidade Nova, ano XLI, nº. 11, novembro de 1999. p. 5.	“Foi com imensa alegria que recebemos a edição de setembro de 1999 da revista Cidade Nova. Parabéns pela revista: um belo trabalho gráfico e editorial. [...] Agradecemos a toda a equipe da revista pelo espaço, pelo cuidado com as informações, pelos bonitos textos e pela bela diagramação da reportagem sobre a campanha de erradicação do trabalho infantil nos lixões.”
Luiz Carlos – Teresina – PI.	Leitor.	Revista Cidade Nova, ano XLIII, nº. 9, setembro de 2001. p. 05.	“Sou assinante da Cidade Nova e a considero um importante veículo de comunicação. Por isso mandei um e-mail para o site de opiniões Ivov, falando sobre a revista [...]”
Leonardo Tadeu G. Lins.	Paciente.	Revista Cidade Nova, ano XLIV, nº. 4, abril de 2002. p..5.	“Conheci a revista Cidade Nova na clínica médica onde me consulto. Na sala de espera da clínica, vários exemplares estão à disposição dos pacientes, de modo que por visitar a clínica uma vez por mês, posso me considerar um leitor assíduo. [...] É mister salientar também que sou um grande beneficiado da revista, pois em momentos de dúvidas espirituais ela foi uma bênção.”
Aparecido Guergoletti – Londrina - PR.	Leitor.	Revista Cidade Nova, ano XLIV, nº. 11, novembro de 2002, p. 5.	“Parabéns pela edição da Cidade Nova de setembro! Está excelente! Aliás, os artigos e matérias publicados nessa conceituada revista são escritos com muito amor e carinho e, sobretudo, com esmero e proficiência. É impossível deixar de lê-la de “cabo a rabo”. Que Deus continue iluminando a memória desses grandes profissionais do jornalismo - responsáveis pela elaboração e composição desse esplêndido órgão de comunicação. Ler Cidade Nova é receber aulas de sociologia, Psicologia, Português, Antropologia, Agronomia, Filosofia, Estatística, Economia etc.”
Afonso Vieira.	Leitor.	Revista Cidade Nova, ano XLV, nº. 07, julho de 2003. p. 4.	“[...] Já assino CN há 14 anos e sinto que é um presente que me chega mensalmente no sentido de formação e informação [...]”.

Um Leitor.	Presidiário.	Revista Cidade Nova, ano XLV, nº. 08, agosto de 2003, p. 5.	“Por infortúnio da vida, encontro-me preso. [...] Tenho lido a revista há cerca de um ano. Admiro a qualidade das publicações com matérias de suma importância social, política e espiritual [...]”.
------------	--------------	---	--

Quadro elaborado pela autora. Fonte: Coleção da revista “Cidade Nova” – arquivo particular e acervo das bibliotecas do Colégio Arquidiocesano - SE, da Escola Santa Maria - PE, bem como, acervo de assinantes.

ANEXO 21

Quadro C

Cartas dos leitores sobre os artigos publicados

REMETENTE	ÁREA DE ATUAÇÃO	ANO/ EDIÇÃO/ PÁGINA	CONTEÚDO
Antônio – Belo Horizonte - MG.	Leitor.	Revista Cidade Nova, ano XXX, nº. 5, maio de 1988. p. 2.	“Li em Cidade Nova nº. 10/87 o artigo de Gino Lubich ‘Projeto Agroyungas para suplantar a coca’. Refletindo sobre esse artigo e outros relacionados com o mesmo assunto, cheguei à conclusão que uma grande parte da responsabilidade pelo flagelo da droga deva ser atribuída à falta de informação escolar [...]”
Plínio Guimarães – Maragogi – Al.	Leitor.	Revista Cidade Nova, ano XXX, nº. 9, setembro de 1988. p. 2.	“Parabéns pela brilhante entrevista com o escritor Ariano Suassuna (CN 7/98). Excelente a matéria. Isto prova a qualidade e diversidade de assuntos cada vez maior desta revista [...]”
R. Sebok – Boston - U.S.A.	Leitor.	Revista Cidade Nova, ano XXXII, nº. 6, junho de 1990. p. 35.	“[...] Ao receber o último número, aconteceu algo que nunca tinha me acontecido antes [...]: resolvi ‘dar uma folheada’ e ver os artigos mais interessantes para ler, como acho que todo leitor de revista faz; não consegui... toda vez que lia um artigo e virava a página para ver o artigo seguinte, sentia-me preso pelo assunto tratado.”
Selma – Campina Grande – PB.	Leitora.	Revista Cidade Nova, ano XXXII, nº. 8, agosto de 1990. p. 2.	“Sou leitora assídua desta revista. Ao ler a reportagem ‘O homem defensor da Criação’ (C.N. nº. 3/90), fiquei aliviada por saber que existem pessoas conscientes e sensibilizadas pelo problema ecológico [...]”.
Genilda – Manaus – AM.	Leitora.	Revista Cidade Nova, ano XXXIII, nº. 6, junho de 1991. p. 2.	“Impressiona-me a universalidade dos assuntos da revista e a linguagem clara com que se apresentam seus conteúdos [...]”.
Oziel Lima de Sousa – Imperatriz – MA.	Leitor.	Revista Cidade Nova, ano XXXV, nº. 3, março de 1993. p. 34.	“[...] Não era assinante de Cidade Nova, mas outro dia, no meu serviço, encontrei uma revista do ano de 1990 e resolvi dar uma olhada no conteúdo. Confesso que fiquei fascinado com os assuntos ali destacados [...]”.

Tébia Onete B. Queiroz – Belém - PA.	Leitora.	Revista Cidade Nova, ano XXXVII, nº. 5, maio de 1995. p. 35.	“[...] Parabeno a equipe de Cidade Nova que, com muita propriedade e seriedade, tem tratado temas relevantes e atuais que evidenciam a realidade nacional e mundial, e nos convidam a refletir em questões tais como: a situação de extrema miséria a que se encontra relegada a educação brasileira. [...] O excelente texto proporciona uma leitura clara e objetiva a respeito da educação brasileira, fazendo importantes denúncias e apontando perspectivas que precisam urgentemente estar na ordem do dia. É preciso colocar a Educação como prioridade nacional”.
Soraia M. – Ribeirão Preto - SP.	Leitora.	Revista Cidade Nova, ano XXXVII, nº. 11, novembro de 1995. p. 34.	“Gostei muito do artigo ‘De mãos dadas’, seção de ecologia, da revista nº. 8/95, escrito por Jaime Luccas de Moraes [...]”.
Pe. Nereu dos Reis – Diamantina – MG.	Sacerdote.	Revista Cidade Nova, ano XXXVIII, nº. 7, julho de 1996. p. 5.	“Sou assinante da revista Cidade Nova e, antes de tudo, gostaria de parabenizá-los pela seriedade com que tratam dos assuntos da atualidade [...]”.
Roberto Carlos – Apucarana - PR.	Leitor.	Revista Cidade Nova, ano XXXVIII, nº. 10, outubro de 1996. p. 5.	“Em Cidade Nova, na edição de agosto, leio a respeito do descaso do governo brasileiro com a problemática da educação. Uma tragédia, sem dúvida, e a maior causa de nossos problemas. [...] Leio sobre Tristão de Athayde, sobre multimídia, política econômica e termino numa deliciosa reportagem mostrando a Salvador dos baianos e dos brasileiros. Faço turismo sem sair de casa. Percebo então que tenho em mãos uma porção de revistas inclusas numa só: Cidade Nova”.

L.C. - Três Marias - MG.	Leitor.	Revista Cidade Nova, ano XXXVIII, nº. 11, novembro de 1996. p. 3.	“Fico impressionado com a seriedade e sinceridade com que Cidade Nova trata das dúvidas de seus leitores. Escrevo porque estou com ‘medo’ da falta de amor que sinto entre as pessoas. [...] Li a reportagem sobre a educação no Brasil (CN 8/96) e estou perplexo como os meios de comunicação não reagem a tal catástrofe [...]”.
José Maria Duprat – Mogi Guaçu - SP.	Leitor.	Revista Cidade Nova, ano XXXIX, nº. 1/2, jan./fev. de 1997. p. 5.	“A revista está cada vez melhor e dentro de uma linha fantástica. No número do mês de maio de 96 consta um artigo de Igino Giordani que precisava ter uma divulgação bem penetrante. [...] Um palpite de leitor interessado: se no final dos artigos de colaboradores constassem uns poucos dados do autor, seria muito ilustrativo”.
Adair – Maceió – AL.	Leitora.	Revista Cidade Nova, ano XXXIX, nº. 10, outubro de 1997. p. 5.	“Fiquei muito feliz quando vi a reportagem sobre Paulo Freire. Finalmente uma revista reconheceu a importância desse educador e não se limitou apenas a notificar a sua morte. Tinha que ser Cidade Nova. Parabéns!”
Rosana – Vargem Grande Paulista - SP.	Leitora.	Revista Cidade Nova, ano XXXIX, nº. 10, outubro de 1997, p. 5.	“O que me faz gostar dos artigos é a maneira com que eles promovem a pessoa. [...] São notícias que nos renovam a esperança e nos impulsionam para também fazermos algo por uma sociedade melhor.”
Renato Papis Lopes – Guarulhos – SP.	Leitor.	Revista Cidade Nova, ano XXXIX, nº. 11, novembro de 1997. p. 03.	“O que mais me chamou a atenção no número de setembro foi o artigo ‘O Direito de Sonhar e Ser Criança’. Como é bom saber que no meio de tantas limitações e de tanto individualismo, ‘sinais de morte’ se transformam em ‘sinais de ressurreição’ pelas mãos de pessoas que são verdadeiros anjos [...]”.
Alexandre – Porto Alegre – RS.	Leitor.	Revista Cidade Nova, ano XL, nº. 5, maio de 1998. p. 3.	“Gostei muito do artigo sobre a Escola Aurora (CN 4/98), fiquei muito interessado pela experiência e gostaria de ter maiores esclarecimentos sobre a sua proposta educacional”.

Fernando Gonçalves – São José do Norte - RS.	Leitor.	Revista Cidade Nova, ano XL, nº. 09, setembro de 1998. p. 3.	“A propósito da excelente entrevista ao escritor Ariano Suassuna, gostaria de saber mais detalhes sobre suas aulas-espetáculos. O que são?”
José Carlos S. Duarte – Vitória da Conquista – BA.	Professor do curso de Comunicação /Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,implantado em 1998 na cidade de Vitória da Conquista.	Revista Cidade Nova, ano XLI, nº. 4, abril de 1999. p. 5.	“Na edição de janeiro/fevereiro foi publicada uma matéria (entre outras) que me chamou atenção: Alfabetização do Olhar, livro de autoria de Aline Grego. Gostaria que me fornecessem o nome da editora em que o livro foi publicado, para que eu possa obtê-lo. Aliás, também gostaria de sugerir que assim fosse feito com todas as matérias que citassem livros/autores, a exemplo do que foi feito na matéria ‘Um novo agir na economia’. Implantamos um curso de pós-graduação em jornalismo e temos como objetivo contribuir para mudar a face do jornalismo na cidade e na região.”
Farao de Souza – Arapiraca – AL.	Leitor.	Revista Cidade Nova, ano XLI, nº. 11, novembro de 1999. p. 5.	“[...] O que mais me motivou a escrever para vocês da Redação foi a linda matéria sobre este grande nome do Nordeste e de todo o Brasil: Patativa do Assaré. Nós nos orgulhamos muito de ser nordestinos justamente devido a nomes como o de Antônio G. da Silva, o Patativa. Esta é a primeira vez que escrevo para uma revista. Parabéns pelo trabalho de vocês e continuem assim, mostrando ao Brasil o Brasil que existe aqui no Nordeste.”
Ademir Moraes – PB.	Deputado Estadual – 2º Secretário da Assembléia Legislativa.	Revista Cidade Nova, ano XLII, nº. 1/2, jan./fev. de 2000. p. 4-5.	“Senhor Editor, comunico a Vossa Senhoria que foi aprovado o Requerimento nº. 2317/99, de autoria do Deputado Rômulo Gouveia, propondo que seja registrado nos Anais desta casa a entrevista intitulada “O sertão em verso e prosa” – Patativa do Assaré, publicada nesta revista, edição de setembro do corrente ano (1999)”.

Rosângela P. Rezende – Formosa – GO.	Leitora.	Revista Cidade Nova, ano XLII, nº. 3, março de 2000. p. 5.	“Sou uma assinante da revista Cidade Nova e não me arrependo por isso. É gratificante ver o quanto somos valorizados como leitores. [...] Não posso deixar de agradecer o amor de vocês, que podemos sentir em cada matéria”.
José Lucas – Recife – PE.	Historiador.	Revista Cidade Nova, ano XLII, nº. 7, julho de 2000. p. 3.	“O artigo da edição de abril/2000 sobre os 500 anos do Brasil, intitulado “Olhar para o futuro sem esquecer o passado”, tem o mérito de ser crítico em relação ao evento não assumindo ‘o tom triunfalista e ufanista das comemorações oficiais’. Parabéns ao autor Jaime Luccas [...]”.
Miguel Gomide.	Engenheiro Elétrico.	Revista Cidade Nova, ano XLIII, nº. 9, setembro de 2001. p. 3.	“Acompanho sempre o que é publicado pela imprensa geral e especializada sobre a questão da energia. A matéria publicada sobre a crise energética pela Cidade Nova foi uma das melhores que já li, pela clareza, objetividade, abrangência e concisão. Parabéns [...]”.
Alexandre Postal – Porto Alegre – RS.	Deputado Estadual.	Revista Cidade Nova, ano XLIV, nº. 5, maio de 2002. p.3.	“A edição de março/2002 dessa revista traz reportagem sobre o Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre no início do ano. O artigo deixa transparecer um encontro plural e democrático, o que não corresponde à realidade. [...] Não há como negar que o Fórum teve muitos méritos, como a busca de uma distribuição mais solidária das riquezas do planeta e a necessidade de globalizar atitudes em favor do ser humano. A diversidade geográfica dos participantes foi exaustivamente comemorada pelos idealizadores do fórum, mas não houve a necessária diversidade ideológica ou de opiniões que daria ao encontro matizes democráticas que dele se esperava [...]”.

Umberto Francisco Gabbri.	Professor.	Revista Cidade Nova, ano XLVI, nº. 09, setembro de 2004. p. 5.	“Há muitos anos (em 1968), eu e um amigo resolvemos ingressar na UFSM, ele em Física e eu em Matemática, para sermos professores. Ambos formados, nossas vidas tomaram rumos diferentes: ele ingressou como professor da UFSM e eu ingressei no Banco do Brasil. No ano passado (2003), ambos aposentados, voltamos a conversar sobre o nosso projeto, e resolvemos programar-nos para dar aulas de curso pré-vestibular para carentes, com o objetivo específico de desmistificar o “horror” que as disciplinas causam na maioria dos estudantes. Foi com grata satisfação que, na primeira revista ‘Cidade Nova’ recebida (julho 2004), deparei-me com o artigo de Marcello Riella Benites, referente ao ensino de Matemática através da música. Método criado pelo ‘inspirado’ professor Ernane Muniz de Lima. Assim sendo parabeno essa revista e de modo especial o professor Ernane.”
Selmara C. Santos - Varginha – MG.	Psicóloga Educacional.	Revista Cidade Nova, ano XLVII, nº. 1 e 2, jan./fev. de 2005. p. 4.	“Foi com indescritível interesse que li, na edição de setembro desta revista, o depoimento Actipan, uma escola de igualdade, uma experiência educacional realizada numa comunidade pobre do México, em que a interação e o cuidado mútuo transformaram dificuldades em sucesso. É espetacular descobrir um projeto desta natureza no campo educacional. Uma escola preocupada com a formação de valores, organizando uma integração da comunidade, com o objetivo de promover a dignidade humana, desperta em nós educadores, uma grande motivação para transformar também os nossos espaços de educação [...]”.

Vânia Teixeira.	Uma das professoras do projeto.	Revista Cidade Nova, ano XLVII, nº. 5 maio de 2005. p. 5.	“Depois que li o artigo sobre a escola Roger Cunha na revista Cidade Nova, confesso que cheguei até a me emocionar, sinto cada vez mais que o trabalho que realizamos aqui não é simplesmente uma rotina que acontece durante o dia e sim algo de novo que nasce, cresce e permanece para sempre. Assim estou convicta de que, se estou mergulhada nessa aventura, devo continuar com toda dedicação, fazendo com amor, sendo uma contribuinte na formação de ‘homens novos’ e de bem.”
Rosana Moraes – São Paulo – SP.	Leitora.	Revista Cidade Nova, ano XLVII, nº. 8, agosto de 2005. p. 4.	“Interessante o artigo sobre o programa Escola da Família (CN nº. 7 de 2005), que fala da abertura das escolas estaduais para as famílias dos alunos durante os finais de semana. [...] Durante a leitura da matéria, sempre me vinha em mente o CEU, programa de formação educacional da gestão municipal da ex-prefeita de São Paulo Martha Suplicy. O CEU segue nessa mesma linha do Programa Escola da Família?”

Quadro elaborado pela autora. Fonte: Coleção da revista “Cidade Nova” – arquivo particular e acervo das bibliotecas do Colégio Arquidiocesano (SE), da Escola Santa Maria (PE), bem como, acervo de assinantes.

ANEXO 22

Quadro D

Cartas dos leitores sobre a utilização da revista, na Prática Pedagógica de professores e outros Eventos Formativos

REMETENTE	ÁREA DE ATUAÇÃO	ANO/ EDIÇÃO/ PÁGINA	CONTEÚDO
Uma professora.	Professora.	Revista Cidade Nova, ano XXX, nº. 5, maio de 1988. p. 35.	“O último número de ‘Cidade Nova’ do ano passado divulgava uma iniciativa muito interessante... a coleta de assinaturas em prol da paz. [...] Também eu e meus alunos realizamos um trabalho semelhante pedindo aos chefes das grandes potências Reagan e Gorbachev, e também à ONU, que salvem a terra das guerras, poluição, fome, violência, droga [...]”.
Antonio Carlos – Jundiaí - SP.	Leitor.	Revista Cidade Nova, ano XXXIII, nº. 4, abril de 1991. p. 2.	“[...] Tenho usado a revista em vários tipos de reuniões, cursos e palestras [...]”.
Marilene Alves – Carapicuíba – SP.	Leitora.	Revista Cidade Nova, ano XXXV, nº. 2, fevereiro de 1993. p. 35.	“[...] Ela sempre me ajudou em pesquisas para elaboração de aulas expositivas [...]”.
Verônica Leal – PI.	Coordenador a Pedagógica – Escola PRO - CAMPUS.	Revista Cidade Nova, ano XXXV nº. 5, maio de 1993. p. 34.	“Gostaria de agradecer-lhes pela enorme contribuição que Cidade Nova tem dado às nossas aulas e aos nossos professores de maneira geral, através de temas atualíssimos. [...] Já se tornou um hábito entre os professores ter Cidade Nova como uma rica fonte de pesquisa para suas aulas [...]”.
Adão S. – Diamantina – MG.	Leitor.	Revista Cidade Nova, ano XXXVII nº. 9, setembro de 1995. p. 34.	“[...] Da revista extraí um texto que muito contribuiu para a reflexão de alunos, professores, funcionários e pais de alunos, durante um curso que tivemos sobre Gerência de Qualidade Total”.

Eugênia – Belo Horizonte – MG.	Professora e presidente da associação de negros de Belo Horizonte – MG.	Revista Cidade Nova, ano XXXVIII, nº. 3, março de 1996. p. 5.	“[...] Participei também de um curso na universidade, em que um dos temas era Zumbi, só que com uma visão totalmente deturpada. Para minha surpresa, ao chegar à casa encontrei a revista (CN 11/95) e vi justamente o artigo “Palmares, uma história que continua”. Tomada de alegria, no outro dia levei a revista para o curso (do qual participavam advogados, pedagogos, políticos, etc.) e convenci o professor a ler para a classe. Todos ficaram muito interessados e pediram uma cópia da matéria. Não encontro palavras para agradecer a esta revista, simplesmente ‘maravilhosa’. Não há dúvidas de que ela faz parte de um projeto divino. Hoje, tornei-me uma promotora de assinaturas, por minha conta.”
Deusiana F. da Silva – Cachoeira – BA.	Professora de Português.	Revista Cidade Nova, ano XXXVIII, nº. 9, setembro de 1996. p. 5.	“Os professores do Colégio Santíssimo Sacramento congratulam-se com Cidade Nova que tanto está contribuindo na área educacional. Na disciplina que leciono, português, tenho utilizado os diversos artigos, realizando debates e aplicações gramaticais, entre outras atividades. A aceitação pelos alunos não poderia ser melhor [...]”
Marta Maria de Sousa – Guaramiranga – CE.	Monitora de Batismo	Revista Cidade Nova, ano XXXIX, nº. 6, junho de 1997. p. 5.	“A revista se transformou numa fonte de pesquisa para os meus filhos. Como sou também monitora de batismo, pego os artigos riquíssimos que são publicados na revista para serem debatidos na reunião entre pais e padrinhos dos batizando.”
Maria Ercília - Volta Redonda – RJ.	Atividade em Assessoria de Comunicação e Orientação Religiosa em Escola Católica.	Revista Cidade Nova, ano XXXIX, nº. 8, agosto de 1997. p. 5.	“[...] Essas historinhas têm sido muito úteis: em dinâmicas para falar de certos temas com os alunos, nos momentos de oração, nos conselhos de Classe ou reuniões com os professores... E a “clientela” gosta muito”.

Rita Aguiar – Igarapé-Mirim - PA.	Professora de Língua Portuguesa, Técnicas de Redação e Literatura.	Revista Cidade Nova, ano XL, nº. 6, junho de 1998. p. 4-5.	“Os alunos, em contato com a revista, escolhem os artigos para lerem, meditarem, discutirem entre si, e depois transmitem à turma o que leram, finalizando com suas opiniões oral e escrita. Este é o terceiro ano em que trabalho com a revista. Com isso, os alunos estão adquirindo o hábito da leitura”.
Francisco Osvar Martins – Londrina – PR.	Médico em Londrina, também trabalho numa escola para crianças e jovens com deficiência mental e física da Apae em Ibiporã.	Revista Cidade Nova, ano XLI, nº. 7, julho de 1999. p. 5.	“A psicóloga da escola me convidou para falar a um grupo de 35 rapazes e moças, a respeito de afetividade e sexualidade e sobre os problemas e perigos aos quais eles estão expostos nessas áreas. [...] Deparei com a Revista Cidade Nova de abril passado, mais precisamente com o artigo ‘Geração quero mais’, que continha depoimentos de adolescentes justamente sobre esses assuntos. Foi como se um facho de luz iluminasse tudo. Entendi como e o que doar àqueles jovens”.
Sônia M. de Oliveira – Goiás.	Professora.	Revista Cidade Nova, ano XLII, nº. 4, abril de 2000. p. 4-5.	“Sempre tive a vontade de vencer, mas me sentia muito desinformada, apesar de fazer cursos de atualização na área em que trabalho ou seja, na pré-alfabetização. Eu não tinha hábito da leitura. Sou assinante da Cidade Nova há três anos e estou muito feliz por isso.[...] Por meio de todos os seus números me mantenho bem informada e graças às reportagens que transmitem grandes valores, estou cursando uma faculdade com muito otimismo [...]”.
Eliana Q. Moraes – Belo Horizonte – MG.	Professora.	Revista Cidade Nova, ano XLII, nº. 5, maio de 2000. p. 4.	“Eu sou professora e amo os personagens Pepê e Jotapê. Eles são lindos, alegres, divertidos... Tenho quase todos os desenhos publicados na Cidade Nova. Sempre os recorto e coleciono porque acho que eles têm um grande significado para nós. [...] Eles partilham muita alegria.”

José Wilson N. Fernandes – Belém – PA.	Professor do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal do Pará – UFPA.	Revista Cidade Nova, ano XLIV, nº. 11, novembro de 2002. p. 5.	“Nas disciplinas que leciono, a maioria de conteúdo técnico, busco desenvolver debates sobre a realidade do Brasil, seus problemas e soluções. Neste sentido, a revista Cidade Nova tem apresentado excelentes matérias. Na edição nº 9 (setembro de 2002), foi publicada matéria com título “Contabilidade, números e comunhão”, que apresentou relação direta com o nosso curso. Distribuímos cópias da matéria aos nossos alunos e desenvolvemos debate sobre a formação ética e cristã do contador”.
Suely Fernandes – Anápolis – GO.	Catequista.	Revista Cidade Nova, ano XLV, nº. 09, setembro de 2003. p. 5.	“[...] Gosto muito de trabalhar com as crianças o ‘Espaço Criança’. Gosto de pedir à minha turma que pesquise sobre o que está acontecendo no mundo e a revista Cidade Nova nos proporciona formação e informação [...]”.
Ana.	Leitora.	Revista Cidade Nova, ano XLVI, nº. 01/02, jan./fev. de 2004. p. 5.	“Leio Cidade Nova da 1ª à última página e depois a levo ao meu ambiente de trabalho e fico feliz quando vejo que meus pacientes estão lendo. Eu e meus filhos recortamos algumas páginas que nos interessam de modo especial e estamos elaborando um livro que pode ser útil também a nossos amigos. Mas esses dias andei pensando: talvez eu veja ‘Cidade Nova’ como um dom para mim e minha família, mas nunca me coloquei como um dom para ‘Cidade Nova’. Sinto que preciso colaborar mais com a revista por meio de divulgação, sugestões, críticas, experiências.”

Marta Basile Canaan – São Paulo – SP.	Professora.	Revista Cidade Nova, ano XLVII, nº. 3 março de 2005. p. 5.	“Em junho de 2004, comecei a trabalhar em uma escola de educação infantil. [...] Tivemos a idéia de preparar um teatro em que nós professores seríamos os personagens. Mas qual história contar? Decidimos que cada professor levaria uma história que falasse da alegria, do amor, do respeito ao próximo, entre outros valores importantes em nossa vida. [...] Chegando em casa abri a revista Cidade Nova na esperança de uma luz... Fui direto para as páginas do Espaço Criança, onde encontrei o texto: ‘O ladrão de sorrisos’; li e reli e decidi que era o melhor texto que havia encontrado. Levei para escola aquela história e foi aceita, com isso tinha a responsabilidade de adaptar a história à nossa realidade escolar, onde todos os professores participaram.. [...] Foi um trabalho muito agradável, as crianças gostaram muito. [...] Mais uma vez a revista Cidade Nova, colaborando com a educação infantil e com as professoras (assim como eu)!”
---	-------------	--	--

Quadro elaborado pela autora. Fonte: Coleção da revista “Cidade Nova” – arquivo particular e acervo das bibliotecas do Colégio Arquidiocesano (SE), da Escola Santa Maria (PE), bem como, acervo de assinantes.

ANEXO 23

Quadro E

Cartas dos leitores sobre a utilização da revista, na Prática Escolar de estudantes

REMETENTE	ÁREA DE ATUAÇÃO	ANO/ EDIÇÃO/ PÁGINA	CONTEÚDO
M.G.N. – São Paulo – SP.	Estudante de Pedagogia e professora primária.	Revista Cidade Nova, ano XXVI, nº. 2, fevereiro de 1984. p. 2.	“[...] a revista tornou-se a minha primeira fonte de pesquisa para assuntos relacionados com educação, psicologia, medicina, teologia, atualidades, etc”.
Futuro assinante – Terezina – PI.	Estudante.	Revista Cidade Nova, ano XXXV, nº. 8, agosto de 1993. p. 34.	“[...] Pretendo fazer vestibular para Comunicação Social. Gosto muito da linha da revista e pretendo com o curso seguir a mesma realidade de vocês. [...] Fiquei muito contente com a matéria ‘Falando de Amor...’ Fiz questão de mostrar aos meus colegas da escola e vizinhos [...]”.
Lara Batista – Bom Jesus – RJ.	Leitora.	Revista Cidade Nova, ano XXXV, nº. 9, setembro de 1993. p. 2.	“Parabéns pelas reportagens fantásticas sobre a Austrália e o Japão. As matérias que vocês escrevem me atraem particularmente, pois não são carregadas de sensacionalismo [...]”.
Patrícia – Tobias Barreto – SE.	Leitora.	Revista Cidade Nova, ano XXXVI, nº. 11, novembro de 1994. p. 35.	“Quero parabenizar todos vocês da Cidade Nova. Estou cursando a 8ª série. Sempre leio Cidade Nova, principalmente os temas sobre namoro, rock, aborto, casamento, etc. A revista traz muita cultura, eu aprendo muito”.
Flávia S. N. Pinheiro – Ibatinga – SP.	Estudante.	Revista Cidade Nova, ano XXXVII, nº. 3, março de 1995. p. 34.	“[...] No final do ano passado, quando estava prestando os exames vestibulares, um dos artigos me chamou a atenção [...] era a edição de novembro de 1993 e trazia uma reportagem sobre a Campanha contra a fome e a miséria, iniciada pelo sociólogo Herbert de Souza, li não só a reportagem mais a revista toda. [...] No dia seguinte, quando estava fazendo a prova, surpreendi-me ao ver que o tema da dissertação era justamente sobre a campanha contra a fome e a miséria. Graças à Cidade Nova fui aprovada na primeira fase do exame [...]”.

Adelaide – Brasília – DF.	Estudante.	Revista Cidade Nova, ano XXXVII, nº. 6, junho de 1995. p. 34.	“Estou me preparando para o vestibular e no cursinho percebo que muitos jovens ainda nem decidiram qual a profissão que pretendem exercer. Os poucos que já se decidiram têm idéias muito vagas e por vezes errôneas em relação ao curso [...]. Como podemos ter mais clara esta escolha, sendo que as afirmações recebidas a nível de 2º grau e de cursinho, são extremamente limitadas?[...]”
Melquisedeque C. Feitosa – Porto Calvo – AL.	Leitor – estudante.	Revista Cidade Nova, ano XXXVII, nº. 7, julho de 1995. p. 34.	“Tenho 17 anos e faço segundo ano do 2º grau e também computação e inglês. Meus pais são assinantes da Cidade Nova há três anos e quatro meses. Antes eu já vinha lendo as revistas de minha tia.”
Gelson Bolzan – S. Carlos – SP.	Leitor.	Revista Cidade Nova, ano XXXVIII, nº. 12, dezembro de 1996. p. 3.	“Mensalmente eu arquivava os exemplares, pretendendo encaderna-los um dia. Mas aconteceu que, em minha cidade, houve uma campanha de doações de livros para montagem de uma biblioteca. Foi quando eu pensei que poderia doar meus exemplares de Cidade Nova. [...] Muitos estudantes já recorreram à revista para fazer pesquisas escolares”.
Gisela – Itu – SP.	Estudante.	Revista Cidade Nova, ano XXXIX, nº. 11, novembro de 1997. p. 3.	“Decidi escrever-lhes logo que acabei de fazer um trabalho para a faculdade com a ajuda de Cidade Nova. [...] Fiquei muito feliz em poder dispor desse material, pois o assunto é muito polêmico, gera muitas discussões”.
André Lins – João Pessoa – PB.	Leitor.	Revista Cidade Nova, ano XXXIX, nº. 12, dezembro de 1997. p. 5.	“Há anos leio a revista ‘Cidade Nova’, lembro de quando eu a abria nas últimas páginas, só para ver os quadrinhos; quando eu a usei nos meus trabalhos escolares... hoje em dia, ela me ajuda tanto no lado acadêmico, como no espiritual, pois fornece subsídios para a verdadeira vida cristã.”

Marcela Vieira Lima – Vargem G. Paulista – SP.	Estudante.	Revista Cidade Nova, ano XL, nº. 4, abril de 1998. p. 3.	“[...] As matérias que antes não tinham valor ou pareciam difíceis para mim, passaram a fazer parte do meu conhecimento a partir dos trabalhos de escola que eu precisava fazer. [...] Recebi as melhores notas em todos os trabalhos. Agradeço a vocês por tudo e espero que meu ano escolar continue sendo, com a ajuda de Cidade Nova, igualmente informativo e formativo.”
Cirana Raquel Vasconcelos – Caruaru - PE.	Estudante.	Revista Cidade Nova, ano XLI, nº. 5, maio de 1999. p. 5.	“Sempre gostei muito de ler os artigos de Cidade Nova. Intensifiquei a leitura e a pesquisa da revista à medida em que se aproxima o dia do vestibular, analisando sempre os temas polêmicos que ela abordava. Quando fiz o vestibular, o tema da redação era muito abrangente, dando o espaço para escrever sobre a valorização da vida, recordando alguns artigos da revista. Fui bem sucedida. Agradeço a vocês por tudo. Obtive uma visão mais crítica e parablenizo a Cidade Nova pelos tão bem elaborados artigos”.
Cleamy M. de Albuquerque – Manaus – AM.	Estudante.	Revista Cidade Nova, ano XLI, nº. 11, novembro de 1999. p. 5.	“[...] A leitura da revista Cidade Nova, tornou-se indispensável no meu dia-a-dia e agora na faculdade de Comunicação Social, tenho o prazer de tomar como base seus artigos, bem escritos e ricos de conteúdo [...]”.
Mariele Prévidi – Itu – SP.	Leitora.	Revista Cidade Nova, ano XLII, nº. 1/2, jan./fev. de 2000. p. 4-5.	“[...] Em uma certa disciplina eu deveria apresentar um trabalho no qual deveríamos comparar como as notícias são tratadas em dois meios de comunicação de massa [...] Na edição de maio de 1999 Cidade Nova publicou uma excelente entrevista com o presidente da Fundação Padre Anchieta, Jorge da C. Lima, que foi fundamental para a formulação do trabalho. [...] No final da apresentação muitos vieram nos parabenizar e quiseram saber qual a origem daquela entrevista [...]”.

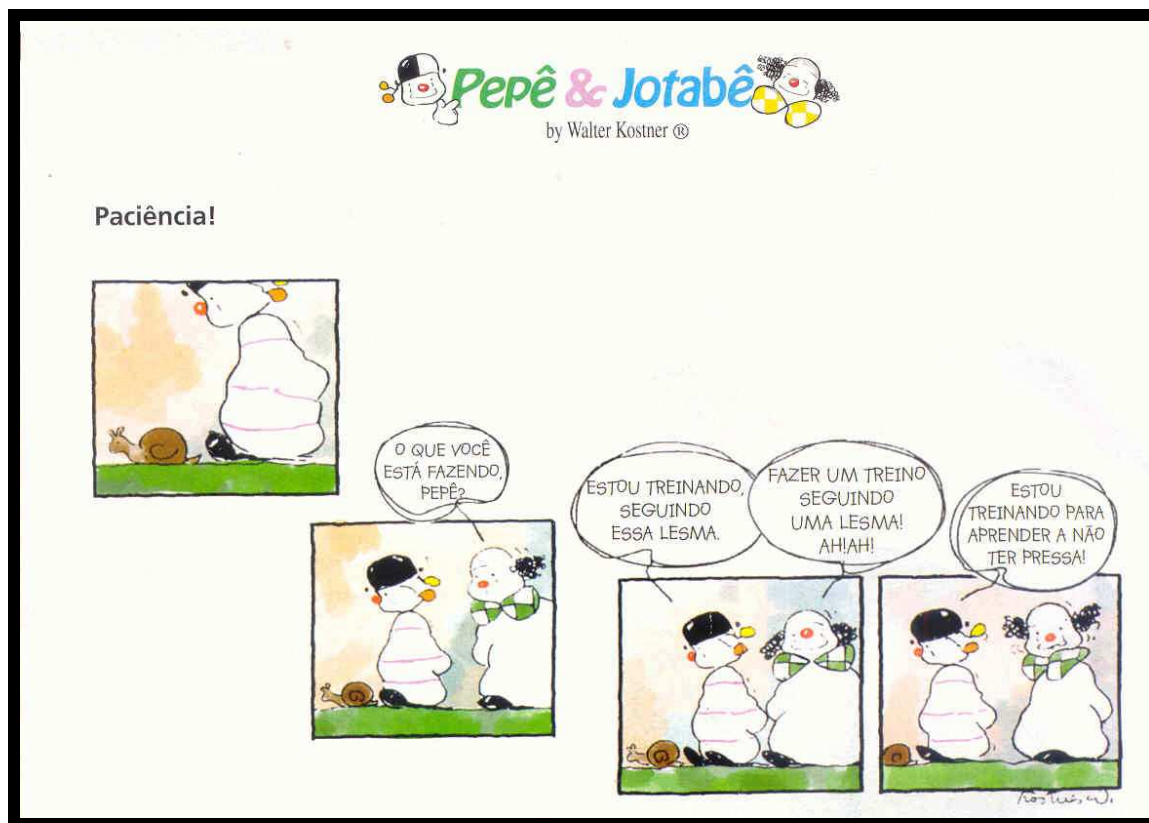
Arlindo Santos – Vitória de Santo Antão – PE.	Estudante.	Revista Cidade Nova, ano XLIII, nº. 1/2, jan./fev. de 2001. p. 5.	“Estou escrevendo para agradecer-lhes pelas matérias, que estão me ajudando nos concursos que venho fazendo. Nos últimos anos li muitos artigos e graças a eles consegui desenvolver a redação. No ano passado, eu estava em uma aula de revisão e a professora distribuiu vários textos e possíveis temas para o ano. Dentre os temas estavam dois extraídos de Cidade Nova”.
Robinson Willie – Fortaleza – CE.	Estudante.	Revista Cidade Nova, ano XLIII, nº. 4, abril de 2001. p. 5.	“Parabéns a todos da Redação de Cidade Nova, no ano passado, em particular, a revista me ajudou bastante por exemplo, quando eu estava estudando para o vestibular. Muitos assuntos abordados pela revista caíram nas provas [...]”.
Pilar Farias.	Estudante.	Revista Cidade Nova, ano XLIII, nº. 5, maio de 2001. p. 5.	“Os textos de Cidade Nova – além da overdose de esperança que transmitem – têm me ajudado bastante nos trabalhos escolares, dando subsídios importantíssimos [...]”.
Amanda, Andreza, Daiane, Edmilson, Isamares, Júlia, Karla, Névito, Rafael, Raiane, Suellen, Thais, Wagner, Willamy e tia Nilva (professora) – Turma ‘E’ da Associação de apoio a Família, ao Grupo e a Comunidade – AFAGO. Brasília – DF.	Alunos.	Revista Cidade Nova, ano XLIV, nº. 9, setembro de 2002. p. 4.	“Somos uma turminha de 18 alunos, pertencemos à Afago (Associação de apoio a família, ao grupo à comunidade) e estamos na cidade do Gama no Distrito Federal. Nossa idade varia de 6 a 9 anos. Queremos agradecer pelo “espaço criança” de Cidade Nova do mês de agosto. Fizemos um trabalho maravilhoso em sala, com a historinha “Os três guerreiros de Waikás” e concluímos que não chegamos em lugar nenhum sozinhos; precisamos de ajuda uns dos outros para vencermos os obstáculos, sejam eles grandes ou pequenos. Todo mês temos uma aula baseada no “espaço criança”, que é cada vez melhor e mais emocionante. Aprendemos muito. Obrigado pelo carinho de vocês pensando em nós, crianças, nosso abraço com carinho”.

Eliari Rodrigues da Silva – Guarabira - PB.	Leitor estudante.	Revista Cidade Nova, ano XLVI, nº. 03, março de 2004. p. 5.	“Amigos de ‘Cidade Nova’, tenho 7 anos e faço a 1ª série, mas já leio a revista ‘Cidade Nova’. Todo mês, quando a minha tia recebe a revista, eu vou logo procurar o Espaço Criança para ler as historinhas.”
Cláudia Herrero Martins.	Estudante.	Revista Cidade Nova, ano XLVII, nº. 5, maio de 2005. p. 5.	“Primeiramente os parabéns pelo excelente trabalho que vocês realizam. A Cidade Nova é uma revista de ótima qualidade. Utilizei vários números como bibliografia da minha monografia de conclusão de curso [...]”.
Ana Eliza – Parnamirim – RN.	Leitora estudante.	Revista Cidade Nova, ano XLVII, nº. 12, dezembro de 2005. p. 5.	“Primeiramente gostaria de elogiar a revista pela seção Jovem, e dizer que os artigos desta seção vêm me ajudando muito. [...] já me ajudou muito em pesquisas do colégio. [...] Quando ocorreu o Tsunami na Ásia, meu professor passou um trabalho sobre as causas desse fenômeno. [...] Encontrei o que procurava na revista Cidade Nova, na matéria “Uma onda de solidariedade”. [...] O resultado foi um 10, os parabéns do professor e o elogio dos colegas.”

Quadro elaborado pela autora. Fonte: Coleção da revista “Cidade Nova” – arquivo particular e acervo das bibliotecas do Colégio Arquidiocesano (SE), da Escola Santa Maria (PE), bem como, acervo de assinantes.

ANEXO 24

Pepe & Jotabê – Walter Kostner



Fonte: Revista “Cidade Nova”, ano XLVII, nº. 06, junho de 2005. p. 50. Acervo da Pesquisadora.